

JOSÉ VERISSIMO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

MENS E COUSAS
ESTRANGEIRAS

I

1899-1900

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1902

HOMENS E COUSAS

ESTRANGEIRAS

DO AUTOR

Estudos Brazileiros. — 1.ª série : Pará, Tavares, Cardoso e C.ª, 1859. — 2.ª série : Rio de Janeiro, Laemmert e C.ª, 1894, in-8º, 2 vol.

A Educação Nacional. — Pará, Tavares, Cardoso e C.ª, 1891, 1 vol.

A Pesca na Amazonia. — Rio de Janeiro, Alves e C.ª, 1895, 1 vol.

Scenas da Vida Amazonica, nova edição. — Rio de Janeiro, Laemmert e C.ª, 1899, 1 vol.

Estudos de Literatura brazileira (1895-1899). — Rio de Janeiro, H. Garnier, in-18, 2 vol.

JOSÉ VERISSIMO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

HOMENS E COUSAS

ESTRANGEIRAS

I

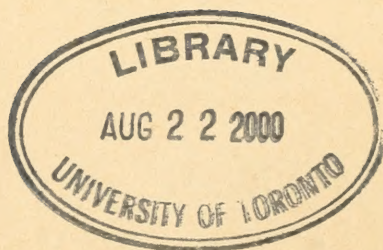
1899-1900

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1902



HOMENS

E COUSAS ESTRANGEIRAS

O DUQUE DE PALMELLA

Vida do duque de Palmella por Maria Amalia Vaz de Carvalho, vol. I, Lisboa, 1898.

Os que lêram o quadro, admiravel pela riqueza do colorido, que do *Portugal contemporaneo* traçou Oliveira Martins, não esqueceram de certo a figura de Palmella, com o seu eterno charuto, com a sua frieza de aspecto, com a sua superioridade de educação e de cultura sobre os seus companheiros ou adversarios na obra, por muitos respeitos consideravel, da implantação do regimen moderno em Portugal. Oliveira Martins não é favoravel a Palmella. Historiador a Carlyle e a Taine, a fantasia e a imaginação entram por muito no seu processo historico, feito principalmente pela applicação da psychologia á historia. Essa applicação encerra em si

mesma um motivo de erro, é a necessidade para o historiador de tudo explicar no caracter, no temperamento, nos actos dos individuos historicos. Tarefa difficil entre todas é o conhecimento dos homens, e os psychologos da historia ou do romance são inconscientemente e de boa fé levados por essa mesma, frequentemente quasi insuperavel difficuldade, a se facilitarem a sua tarefa simplificando a psychologia das suas personagens. A observação directa sendo impossivel aos primeiros, como muitas vezes o é tambem aos segundos, são ambos obrigados a um trabalho de imaginaçôo em que, por mais penetrante e imparcial que seja a sua observação indirecta, feita no estudo dos documentos e dos actos, entra por muito o elemento subjectivo. O homem (todos nós sabemos disto pela observação de nós mesmos, si temos o espirito critico necessario para fazel-a) é um ser eminentemente complexo; os mais inteiriços não o são tão totalmente como aos psychologos por via de regra se affigura, e si nós pudessemos applicar os raios Röngten á alma de cada homem recuariamos talvez de horror descobrindo a mistura incongruente que ella é. Certo dessa mistura se póde quasi sempre tirar uma média que constitue o caracter individual na sua generalidade; mas a propria observação e discriminação deste caracter é dif-

ficilima e quasi sempre contrariada por elementos subjectivos do observador e do observado, que prejudicam a verdade da operação. Dahi principalmente a enorme discrepancia que ha entre os historiadores no juizo que fazem das personagens historicas e dos seus actos. A psychologia applicada á historia tem porém a vantagem de explicar tudo e de tornal-a mais interessante. Si a torna mais exacta e verdadeira, é duvidoso.

O Palmella, do livro de D. Maria Amalia é muito differente do Palmella de Oliveira Martins. Qual dos dous é o verdadeiro? Difficil é dizel-o a quem apenas leu os dous livros com attenção, sem ter por si mesmo examinado, *sine ira ac studio*, as peças do processo. No que são concordes ambos os historiadores, não menos o detractor que o apologista, é em lhe reconhecer a superioridade intellectual, de cultura, e de « civilidade » entre os homens que com elle se acharam empenhados na vida politica portugueza da primeira metade do seculo.

Oliveira Martins, que apezar da largueza do seu espirito tinha bem mal occulto o preconceito, tão portuguez, contra o estrangeiro, faz do facto de ter Palmella nascido na Italia de familia de ascendencia estrangeira um dos elementos com que ha de julgal-o. Palmella para elle não comprehendeu jamais Portugal porque

não era um Portuguez de sangue estreme, e demais não tivera, por fórma alguma, educação portugueza. Como theoria, o criterio é seductor e, dentro de certos limites, póde ser verdadeiro. Até que ponto havemos de assentar nelle a apreciação do caracter e dos actos de um homem é questionavel. O abuso ou mau emprego do criterio ethnico é um dos defeitos capitaes da obra de Oliveira Martins. De facto esse criterio só tem decidido valor nas civilizações rudimentares. A cultura reduz de muito a sua importancia nos periodos mais adiantados de civilização, da qual um dos aspectos é justamente acabar pela cultura com os preconceitos ethnicos e patrioticos, unificando num mesmo sentimento a familia humana. No Occidente esta obra, apezar das reacções em contrario, já está muito adiantada.

Si Palmella houvesse comprehendido Portugal e o povo portuguez, como o quizera Oliveira Martins, elle não se teria empenhado na obra da modificação das suas instituições no sentido moderno, porque de facto, como o demonstra excellentemente o autor do *Portugal contemporaneo*, o povo portuguez todo era pelo antigo regimen contra o novo, por D. Miguel contra D. Pedro, pelo absolutismo contra o constitucionalismo. Mas nessa obra, e contra o sentimento geral da nação, não se empenhou sómente

Palmella, o estrangeiro como lhe chama Oliveira Martins, sinão o seu admirado Mousinho, Saldanha, Silva Carvalho, os Passos e mil outros, Portuguezes de lei. Todos não comprehenderiam, portanto, a sua gente e o seu meio querendo impor-lhes um regimen que lhes era antipathico, para o qual não estavam preparados e que repelliam. A conclusão seria a condemnação dessa obra a que, seja qual for a nossa opinião do moderno constitucionalismo, Portugal deve, como com razão reflecte a senhora D. Maria Amalia, « uma vida tranquilla, civilizada e sã ».

Essa obra foi a de uma minoria contra a maiori a do paiz. Mas quando obras taes não foram das minorias? Sómente essas minorias, obedecendo ao determinismo historico, nada mais fizeram que procurar realizar o pensamento geral da civilização contemporanea, e D. Maria Amalia tem ainda razão mostrando como a transformação de Portugal era principalmente a consequencia das idéas do tempo, e, poderia accrescentar, que a despeito da vontade do povo portuguez, ella se havía de fazer, como com effeito se fez, mais dia menos dia.

D. Pedro de Souza e Holstein, ao depois Conde, Marquez e Duque de Palmella, era um civilizado e, no bom sentido da palavra, um aristocrata. Nascido em Turim em 1781, de

pais portuguezes, era sua avó paterna uma filha do Duque reinante de Holstein, casada com o fidalgo portuguez D. Manoel de Souza. Sua familia soffrêra as perseguições do Marquez de Pombal. Ha na historia della um curioso e tocante episodio referido no livro de Camillo sobre aquelle Marquez e recontado agora mais desenvolvidamente pela Sra. D. Maria Amalia. A probidade pessoal não era uma das qualidades eminentes do famoso ministro, por demais zeloso dos seus interesses e dos da sua casa. Assim procurou, com abuso do seu poderio, casar bem os filhos, e não obstante haver perseguido a familia Souza, exigiu, é o termo, uma das suas filhas, D. Izabel de Souza Coutinho, « herdeira de uma das mais opulentas casas de Portugal », para mulher de seu filho José, ao depois Conde da Redinha.

A familia não resistiu a esta ordem, acaso até lhe sorriu, aviltada como se achava a fidalguia portugueza, a uniao com a familia do ministro omnipotente. A menina, porém — pois era uma menina, quinze annos apenas — oppoz ao marquez e ao pai e á avó, em cuja companhia vivia, a mais heroica resistencia. Ella amava desde annos mais verdes, com essa precocidade de amor que é tao portugueza, seu primo Alexandre. A sua resistencia foi, porém, inutil e o casamento celebrou-se. E só. Tres annos e

alguns mezes mais tarde o proprio Marquez seu sogro viu-se obrigado a patrocinar o divorcio, para não deixar o filho sem prole, que da mulher não houve como tel-a, tal a opposição que resistindo a todas as pressões da familia, do confissionario, do sogro poderosissimo, do ridiculo marido, ella oppoz a cohabitar com este. Para vingar-se della mandou-a Pombal recolher por ordem de El-Rei em um convento cuja abbadessa era irmã sua, e desse recolhimento fel-a passar para outro em Evora, de onde ella saíu dahi a seis annos, quando morto D. José Portugal respirou desafogado da oppressão pombalina, e ella poude então casar com o seu amado Alexandre. Esta admiravel mulher foi a mãi do Duque de Palmella.

A educação de D. Pedro foi muito cuidada e feita a dos primeiros annos sob a direcção da mãi. Sobretudo foi feita differentemente da dos moços fidalgos portuguezes do tempo, sem padres ou frades. Viajou cedo com o pai, empregado em commissões diplomaticas, viveu na sua adolescencia nas rodas mais aristocraticas e civilizadas da Europa, e só veiu a conhecer a sua patria legal com quatorze annos. Com vinte achava-se elle de novo fóra della, na Italia, em um emprego diplomatico, e ahi travou relações intimas com Mme. de Staël, cujo amoroso coração chorava ainda o abandono de Benjamin Constant.

Em Portugal suspeitava-se vagamente que o Duque de Palmella, então simples D. Pedro de Souza, fôra amado por Mme. de Staël e que *Corinna*, onde D. Pedro figurava sob o nome de Oswald, recontava esses amores. O livro da Sra. D. Maria Amalia esclareceu este ponto da vida da illustre escriptora, sem deixar mais plausibilidade á duvida. D. Pedro de Souza foi, as ardentes cartas de Mme. de Staël publicadas agora pela primeira vez neste livro o provam, uma das paixões dessa apaixonada que foi a autora de *Corinna*, e o lord Oswald Nelvil do romance é indubitavelmente elle (1).

Por Mme. de Staël relaciona-se D. Pedro com os homens mais illustres da época, Alexandre e Guilherme de Humboldt, Gay Lussac, de Barante, Schlegel, Sismondi e vem a fazer parte da gloriosa roda de Copet, onde, depois que Napoleão, irado e invejoso, a prendeu, a Staël reinava pelo talento, pela graça, pelo espirito em uma côrte na qual se reuniam os mais altos espiritos do tempo. Della fez parte —

(1) Esta asserção é demasiado absoluta. Que Palmella foi amado ou querido par Mme. de Staël, não ha duvida, mas não é certo que o Oswaldo Nelvil do romance seja elle, quando muito haverá nessa personagem alguma parte d'elle. Veja o livro de D. Claudia de Campos, *Mme. de Staël e o duque de Palmella.*

e nella teve talvez a melhor parte — o futuro Duque de Palmella.

Foi com esta educação e com estes habitos de vida social e espiritual, fino amador de coisas de arte, que elle voltou ao bronco Portugal dos frades e desembargadores de D. João VI e de Carlota Joaquina, para assistir á invasão e á occupação franceza, contra a qual se bateu depois em um dos corpos anglo-lusos. Dessa triste época ha nos *Apontamentos biographicos* do Duque de Palmella um animadissimo quadro, revelador das fortes capacidades de observação e até de escriptor que havia no joven fidalgo, Marchando contra o inimigo, foi elle nomeado logo Ajudante General do pequeno corpo, no qual, informa-nos naquelles *Apontamentos*, as funcções de quartel-mestre general forão confiadas « ao Major do corpo academico José Bonifacio de Andrada e Silva, bem conhecido desde aquelle tempo pelo seu saber, e posteriormente pelo papel politico que representou no Brazil ».

En 1809, já vencidos os Francezes em Portugal, vai D. Pedro de Souza em missão á Hespanha, onde se demora até 1812, vindo apenas a Lisboa uma vez para casar-se. Á missão da Hespanha segue-se a do Congresso de Vienna, o laboratorio em que Metternich, o Tzar e outros preparavam a reacção contra o

regimen moderno. Em Vienna, a força de habilidade e auxiliado pelas boas relações que soubera conquistar na sua vida pelos differentes paizes da Europa e mesmo na sua estada em Coppett, elle consegue que Portugal seja tratado no mesmo pé de igualdade que as grandes potencias e que assigne tambem o acto final daquelle celebre Congresso, que aliás de facto não existiu. Dali passa á embaixada de Londres. Quando a occupava, recebeu a nomeação de Ministro dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. Esse lugar só o veiu a exercer tres annos depois, partindo para o Brazil, transformado em metropole, em fins de 1820.

Já então estalára a revolução de 20, que tão fecunda devia ser na transformação da monarchia portugueza, incluindo o nosso paiz. O Brazil estava de facto independente, desde o estabelecimento da monarchia aqui e das medidas posteriores, como a abertura dos seus portos, outorgada por D. João, que se tomou de amores pelo paiz. A metropole era effectivamente aqui, e era o Rio de Janeiro, os « Brazileiros », como em Portugal se dizia e repetem Oliveira Martins, a Sra. D. Maria Amalia e os demais historiadores portuguezes, quem governava o reino. Dahi principalmente, talvez, a animosidade que as Cortes de 20, a despeito do seu liberalismo, tiveram contra o Brazil, que

quizeram irracionalmente recolonizar. Palmella adivinhára a revolução, e, a crermos o seu biographo, quizera aproveitar a energia nacional posta em movimento depois de tanto marasmo para iniciar uma nova éra de legalidade e de actividade politica. A sua idéa era que se convocassem as antigas Côrtes e que destas viessem as reformas, com a dynastia á frente dellas. A idéa era sem duvida de um estadista. Não vingou então, principalmente pelo emperramento da dynastia e dos seus aulicos, para vingar já um pouco tarde, dez annos depois.

Em 23 de dezembro de 1820 chegou elle ao Rio. O que diz á mulher da nossa cidade em uma carta intima não é de todo desagradavel. Fala, naturalmente, do calor que é ainda hoje — e ai de nós! sê-lo-á por toda a eternidade, — assumpto obrigado dos nossos principios de conversa na estação em que aqui chegou Palmella. Alojou-se fóra da cidade, a meio caminho da Quinta de El-Rei, de S. Christovão, numa boa chacara em um sitio nada feio, e cujo unico inconveniente é estar afastada do mar e ter por conseguinte menos viração.

Ha sitios lindissimos muito perto da cidade e onde moram muitas pessoas da sociedade, e por exemplo o que chamam a Bahia de Botafogo é sem exageração comparavel aos mais bellos sitios da Italia ou da Suissa. Falta gente branca,

luxo, boas estradas, emfim, faltam muitas coisas que o tempo dará, mas não falta, como em Lisboa e seus arredores, agua e verdura, pois mesmo nesta estação, a peior, temos tudo aqui tão verde como na Inglaterra. Jantava ás 3 horas, ia á Opera italiana, que não era « de todo pessima ».

Na crise que atravessava a Monarchia, aggravada pela irresolução e imbecilidade — no lidimo sentido portuguez — de D. João VI, indeciso entre Portugal e o Brazil, os conselhos de Palmella parecem ter sido sempre que a dynastia se não deixasse assoberbar pelos acontecimentos, antes tomasse a sua dianteira e direcção.

Palmella era um liberal, dynastico, conservador, aristocrata á ingleza. D. João, não querendo deixar o Brazil, Palmella queria que fosse para Portugal D. Pedro. As revoltas da Bahia e do Rio, em fevereiro de 1821, adherindo á revolução portugueza, obrigaram o Rei a demittir o ministerio de que Palmella fazia parte. Ha uma carta intima delle ao seu cunhado Conde de Linhares, de muito interesse para este ponto da nossa historia, que ainda então se confunde com a portugueza. Elle e o Conde dos Arcos apressavam a ida do Principe D. Pedro, sobretudo depois dos acontecimentos da Bahia, mas Thomaz Antonio, « o mais inepto e o mais lison-

jeiro de todos os homens », mantinha o Rei na sua inacção. Palmella propoz não só a ida do Principe, acompanhado do Conde dos Arcos á Bahia mas que levasse um manifesto do Rei, que tambem se devia publicar no Rio, annunciando as bases fundamentaes de uma constituição outorgada por elle aos seus povos « sobre os principios os mais liberaes e só com a condição de se dividir o Corpo Legislativo em duas Camaras ». Para applicar taes bases no Brazil ajuntar-se-iam no Rio « os procuradores das Camaras das principaes cidades e villas do Reino (do Brazil) e para Portugal ia o Principe tratar de desenvolver com as Côrtes as sobreditas bases e de as ordenar em um Codigo Constitucional ». Palmella propoz mais ao Rei outras medidas e reformas, de ordem politica, administrativa e até domestica, como o afastamento do Targini e outros serviçaes, que se tinham « feito odiosos ». D. João não adoptou estas idéas « que tinham entre si um nexo necessario », e por conselho de Thomaz Antonio resolveu-se « a publicar só e isoladamente o chamamento dos procuradores das Camaras do Brazil » do que « seguiu-se o exasperar o partido europêo, que pensou que uma tal medida tendia á separação dos dous reinos. » O Principe, por não separar-se da mulher, « recusou-se a partir immediatamente », a fermentação cresceu, Palmella pediu

a sua demissão que lhe foi negada, e quando por ordem de El-Rei, dada já tarde, a 25 de fevereiro á noite, devia elle redigir aquelle manifesto promettedor da constituição, não era mais tempo de lançar mão deste remedio « porque a tropa instigada por tres ou quatro botafogos appareceu formada no Rocio na madrugada seguinte e dictou a lei como quiz ». Com os acontecimentos ia « surgindo um partido brazileiro », que se julgava lesado pelas ultimas medidas tomadas e que ameaçava uma reacção. Entretanto dizia-se que El-Rei voltaria para Portugal com seu filho « e nesse caso, escreve Palmella, Deus sabe o que será deste paiz ».

O pensamento de Palmella era primeiro que fosse o Rei quem tomasse a frente á revolução e effectuasse elle proprio a evolução politica da sua patria; depois, que fazendo participar o Brazil do novo regimen, se mantivesse a integridade da monarchia. Pelo conselho dado ao Rei de se pôr elle á frente do movimento que Palmella comprehendia irresistivel, ficou elle mal visto dos liberaes doutrinarios, meio jacobinos, a quem a idéa de Palmella parecia uma sophisticação da propria idéa que os dirigia.

O livro da Sra. D. Maria Amelia termina com a relação do ministerio de Palmella em 1823 e ahi ainda se encontram especies uteis para a

nossa historia no periodo da separação do nosso paiz de Portugal.

A impressão que deixa Palmella depois da leitura deste livro é melhor que a que delle nos deixára Oliveira Martins, e em muitos pontos confirma a que tinhamos através dos bellos versos de Garrett :

« ... era grande, um grande homem devéras,
Aquelle Duque — ali maior ainda,
Áli no seu Lumiar...

. . . .

As suas cartas intimas, e até as que recebe de sua mulher, revelam nelle um coração bondoso e affectivo. Talvez um pouco sceptico, mas do scepticismo amavel, mais exterior que profundo, do homem do mundo, um pouco obrigado pelos preconceitos como quer que seja ridiculos da « sociedade », e despresando no fundo, e com razão, a gente com quem vivia, o seu Rei e os seus ministros e còrtesãos, os seus socios na obra da restauração do paiz sob o regimen moderno, todos mais ou menos grosseiros comparados a essa flòr de civilização que elle era.

HISTORIA CONTEMPORANEA

Foi assim que o Sr. Anatole France denominou a série dos seus tres ultimos romances *L'Orme du Mail, Le Mannequin d'Osier* e o derradeiro, que acaba de chegar a estas plagas, *L'anneau d'améthyste*. Gosta o leitor do romance historico? Sei que é um genero que já teve a sua época, uma voga enorme, muitos adoradores e cultores entre os maiores nomes das literaturas deste seculo. Não o estimo todavia sinão mediocremente e, sobretudo, não creio nessa especie hybrida. Ora, me parece que sem essa crença ingenua o romance historico perde a metade pelo menos da sua razão de ser, si alguma tem. No fim de contas o romance historico, como o drama historico, é um genero falso, cujo valor, por maior que seja o talento do autor, acaba por cifrar-se no de uma vista panoramica, quando imaginamos que o pintor nol-a desenhou e coloriu conforme a realidade retrospectiva. É

manifesta a incompatibilidade entre a historia e a imaginação. Uma erudição profunda e minuciosa póde conseguir, e com um Walter Scott, com um Herculano, com um Ebers, e ainda com o Flaubert da *Salammbo*, haverá acaso conseguido, reproduzir com relativa fidelidade quadros da vida material, rasgos de costumes, vestuarios, lances e accessorios da existencia, scenas imaginarias e até factos historicos do passado já descriptos pelos escriptores coevos. Mas o que a nenhum é dado é animar o quadro que fez sinão com a sua propria alma, com os mesmos sentimentos e paixões do seu tempo, que digo eu? do seu momento, na impossibilidade invencivel em que estamos de penetrar a alma, os motivos de acçao, em uma palavra a psychologia dos individuos mais distantes de nós talvez pelo sentir, pelo querer e pelo entender, por tudo emfim que faz a personalidade humana, do que pelo tempo.

Nao comporta demais o romance, que é a epopéa da vida moderna e burgueza, a idealização que no poema e até no drama, resgata de alguma fórma a incoherencia entre a realidade que é a historia e a imaginaçao que é a novella. Por qualquer lado que o encaremos, portanto, o genero é falso, mesmo quando o levanta até ás maximas alturas da arte a genialidade de um Walter Scott. Mas entao os seus

livros são admiraveis poemas em prosa, idealizações de épocas idas a que a sua e a nossa propria imaginação emprestam um prestigio de lenda e poesia, que só nol-os faz estimaveis e alguns deliciosos. Não é o serem historicos que nos apraz nelles, mas o serem obras de consumada arte e de excelsa inspiração. É por isso talvez que nos aprazemos tanto nos menos historicos dos romances historicos do velho Dumas. Quem ha ahi que em annos mais verdes, e ainda depois, quando começam a embranquecer os cabellos ou branquejam de todo, não se deixou, e porventura se não deixa ainda, em um momento necessario de repouso intellectual, de folga á imaginação e ao espirito, prender e enlevar pela imaginação maravilhosa, pela veia endiabrada, pelo genio assombroso de contador, pela facundia homerica do autor dos *Tres Mosqueteiros*, da *San Felice* e de mil outros livros em que a historia é por elle tratada com a semceremonia e a desenvoltura de um hagiographo?

Os romances ultimos do Sr. Anatole France não são romances historicos no sentido commum desta expressão; mas o autor não exorbitou cognominando-os de « historia contemporanea ». Elles são com effeito, sinão a historia contemporanea, um pedaço della, e o mais interessante, que foi, é, e continúa a ser, a da França. O romance moderno, será um precioso subsidio

com que os vindouros reconstituam a nossa sociedade, assim como o são o drama e a epopéa antigos nas restaurações que tentamos das velhas sociedades. Nenhum historiador, nenhum chronista, darão jámais um quadro tão exacto, tão vivo, tão real da França da Restauração ou da França do segundo Imperio, como os de Balzac ou de Zola. Mas nesses romances a descrição, o estudo da sociedade, são antes o accessorio que o principal, que mesmo em Zola e nos da sua escola, é um drama, embóra simplificado até o extremo, quiçá até o excesso, que serve de motivo ou pretexto á descrição dos homens e das cousas do tempo.

O Sr. Anatole France levou mais longe a simplificação e, desmentindo a sentença attribuida a Salomão — que talvez não escreveu jámais nenhuma, — deu á nossa literatura contemporanea, que envereda em busca do novo até ás raias do insano, alguma coisa de novo.

Nem eu preciso explicar, julgo, o que se entende por novo neste caso. Certo não seria difficil descobrir em Balzac, em algumas tentativas de Flaubert, e ainda em paginas dialogadas de Renan, ou nas ficções de Taine, para não sair da literatura franceza, o germem longinquo e vago onde o Sr. Anatole France hauriu e de onde desenvolveu a concepção da sua obra. Não é ella por isso menos nova, pois que tem no estylo,

na composição, nas idéas, na fórma, toda a originalidade de que somos capazes. Quem escapou de boa foi um eminente escriptor nosso; o autor do *Braz Cubas* e do *Quincas Borba*, cujo pensamento subtil e delicado relembra a cada passo quando lêmos a « historia contemporanea » do Sr. Anatole France. Imaginem que elle não tem saido com os seus livros alguns annos antes! Não obstante o encontro entre os dous escriptores não ser sinão de pensamento, da mesma ironia desabusada, do mesmo humor sceptico, da mesma desillusão de tudo « com que se o povo nescio engana », e de certas maneiras identicas de sentir e dizer, resultantes da conformidade do mesmo temperamento literario, nao faltaria talvez quem accusasse o Sr. Machado de Assis de plagiario. Por bem delle, os seus livros — que aliás não são mais que o desenvolvimento do seu genio literario desde as suas primeiras obras manifestado — precedêram de muito os do escriptor francez. E eu não duvido dizer que do estricto ponto de vista de literatura e de arte, são porventura superiores aos deste. *Braz Cubas*, *Quincas Borba*, são dous romances de um genero peculiar, mas são dous romances, duas obras puramente artisticas e literarias. *L'Orme du Mail*, *Le Mannequin d'Osier*, *L'anneau d'améthyste*, são quasi pamphletos, são pelo menos satyras, disfarçadas com uma

arte suprema sob a enganosa apparencia de uma novella, menos que isso, de um conto, que não existe.

Redizer este conto é extremamente difficil e não o tentarei, sentindo de ante-mão que a minha incapacidade trairia e prejudicaria a obra do Sr. Anatole France. Nem ha nella um só conto sinao muitos, e o mesmo episodio domestico do professor Bergeret, o mais romanesco do livro, nao tem de facto, nem o autor lhe dá, maior importancia que os outros. Os tres livros da « historia contemporanea » sao feitos de episodios que nao tem siquer, como exigia a rhetorica da epopéa antiga, um centro commum. Mas todos esses episodios servem, admiravelmente dispostos, combinados, tratados para dar á obra a unidade, e fazerem della um todo completo e perfeito.

Nunca deu talvez o escriptor francez, o mais legitimo herdeiro das graças de Renan, prova maior das suas excepcionaes qualidades, e, sob uma forma leve e encantadora, da sua força. Nenhum assumpto mais escabroso e nao sei si tambem menos esthetico, a vida contemporanea sob o seu aspecto politico principalmente, sem nenhum elemento romanesco, na sua banalidade e chateza. Havia nelle muitos perigos, dos quaes não era talvez o menor o ridiculo para o qual seria facilimo deslizar pela declamação, pelo

tom oratorio, pela parcialidade, pela intervenção inoportuna ou impertinente do autor. Foi com uma arte extraordinaria que o Sr. Anatole France evitou estes percalços dos quaes o seu genio verdadeiramente attico, elegante e claro, o seu bom gosto e a sua consummada sciencia de escriptor o livraram deixando ao leitor uma impressão de facilidade, *d'aisance*, que é assombrosa quando se considera a difficuldade do livro. É essa a desesperadora superioridade dos Francezes, entre os quaes é o Sr. Anatole France hoje um dos primeiros.

Não podendo recontar o livro, eu quizera dar delle ao menos uma pallida idéa ao leitor. Dá-lhe o titulo o annel de bispo, annel de amethysta, traz qual corre, intriga, desmancha-se em adulações, multiplica-se em enredos durante os tres volumes, o Padre Guitrel. É um padre mundano, esperto, ambicioso, com a sciencia de se fazer amizades em todos os campos, facil, e que para ser bispo adora as potestades mundanas, adula os poderosos, faz a sua côrte assidua á judia, mulher do Prefeito, por amor de cuja mania de *bibelots* e *bric-à-brac* despoja as velhas igrejas, e ao mesmo tempo frequenta os realistas, os adhesistas e os republicanos, mesmo radicaes. Typo exacto, sem nada de caricatural, sem nada de já visto nos centenares de padres do romance francez. Graças ao concurso de mundanas, de

viveurs, de politicos gamenhos, de mulheres faceis, é, emfim, o Padre Guitrel nomeado bispo; mas o annel que uma das suas devotas amigas tinha preparado para offerecer-lhe, ella o esquece no camarim em que recebia o amante, um Raul Marcier, que é o Esterhazy de romance. Quando a justiça dá uma busca neste esconderijo de amores, arrecada tambem o annel destinado a « monseigneur Guitrel ». Por onde andam annéis de bispos!

Com este terceiro volume da « historia contemporanea » estamos em plena questão Dreyfus. E a arte do Sr. Anatole France reproduz em episodios e incidentes diversos a situação moral criada á França por essa questão em um quadro que será um dos mais acabados deste doloroso momento da vida franceza. Neste delicioso livro, como nos que o precedêram, são pequenos episodios, trechos de conversação, reparos de um ou outro personagem, o principal encanto.

Estamos no castello do Duque de Brécé :

« — Repito, disse o Duque, a agitação feita em torno desta questão não é nem póde ser sinão um manejo execrando dos inimigos da França.

— E da religião, accrescentou mansamente o Padre Guitrel, e da religião. Não se póde ser um bom Francez sem se ser um bom christão. E vemos o escandalo principalmente le-

vantado pelos livres pensadores, pelos mações e pelos protestantes.

— E judeus, tornou o Duque, Judeus e Allemães. E que inaudita audacia de pôr em duvida a sentença de um Conselho de guerra! Pois não é admissivel que sete officiaes Francezes se tenham enganado.

— Não, certamente, não é admissivel, disse o padre.

— Em these geral, disse o Sr. Leroud (é um magistrado), não ha cousa mais inverosimil que um erro judiciario. Direi mesmo que é impossivel, taes as garantias que a lei offerece aos accusados. Digo-o tambem da justiça militar. Si o accusado perante os conselhos de guerra não encontra todas as garantias nas formas um tanto summarias do processo, acha-as no caracter dos juizes. A meu ver, é já uma affronta ao exercito a duvida posta á legalidade de uma sentença pronunciada em Conselho de Guerra.

— Tem perfeitamente razão, disse o Duque. Póde-se aliás admittir que sete officiaes Francezes se tenham enganado. Póde-se admittil-o, general?

— Difficilmente, respondeu o General. Eu, por mim, mui difficilmente o admittiria ».

Em outro meio; no salão de uns adventicios de grande fortuna, Judeos allemães Gutenberg,

transformados em Condes de Bonmont em França :

« — Ainda a questão, diz um dos presentes abrindo o jornal, ainda professores que protestam. Parece-me que quando sete officiaes...

— Certamente, disse o Padre Guitrel, habituado tambem daquella casa, quando sete officiaes se pronunciaram, é temerario, direi mesmo inconveniente, oppôr uma duvida á sua decisão. »

Numa livraria da cidade provinciana o professor Bergeret, que tinha o espirito especulativo, exprimiu idéas que não correspondiam ao sentimento geral :

« — O julgamento a portas fechadas é uma pratica detestavel.

Um interlocutor objectou-lhe a razão de Estado, elle replicou :

— Nós não temos Estado. Temos administrações. O que chamamos razão de Estado é a razão das Secretarias. »

Um jacobino declara que admitte que se guilhotinem os generaes, mas não que se discutam as decisões da justiça militar, o que aquelle interlocutor apoiou :

« — Tem razão, porque si ha uma justiça respeitavel é essa.

Bergeret, porém, replica :

« — Si o exercito é uma administração como a agricultura, as finanças ou a instrucção pu-

blica, não se concebe que exista uma justiça militar quando não existe nem justiça agricola, nem justiça financeira, nem justiça universitaria. Toda a justiça particular é opposta aos principios do direito moderno. Os tribunaes militares parecerão aos nossos descendentes tão gothicos e barbaros quanto a nós nos parecem as justiças senhoriaes e clericaes.

— Mas si tocarem nos conselhos de guerra é o fim do exercito, o fim do paiz, exclama o mesmo interlocutor. » Não custou a Bergeret responder que quando os padres e senhores foram privados do direito de enforcar os villaos tambem se acreditou que era o fim de tudo. Mas o teimoso interlocutor perguntou-lhe si elle, de boa fé, cria que sete officiaes francezes se puderam enganar.

— Quatorze! gritou o jacobino.

— Quatorze, repetiu o questionador.

— Creio, respondeu Bergeret.

— Quatorze officiaes francezes? exclamou o interpellante.

— O', disse Bergeret, foram Suissos, Belgas, Hespanhóes, Allemães ou Hollandezes, poder-se-iam enganar da mesma maneira.

— Não é possivel, bradou o outro. »

Bergeret, o professor, homem de reflexão e critica, espirito fino e observador, abunda em theorias originaes. A do « heróe » no *Mannequin*

d'Osier é percuciente de espirito e finura. Eis o que elle pensa da mentira e da verdade, contra o seu collega Leterrier, que acreditava, com Ernesto Renan, que ha na verdade uma força que lhe garante o triumpho definitivo : — « Eu ao contrario penso, dizia elle ao collega, que a verdade está frequentemente exposta a acabar, obscuramente, sob o desprezo e a injuria. Comparada á mentira, a verdade tem caracteres de inferioridade que a condemnam a desapparecer. Em primeiro lugar é uma. Sendo multipla a mentira, tem a verdade contra si o numero. Não é o seu unico defeito. É demais inerte. Não é susceptivel de modificações : não se presta a combinações que lhe facultariam penetrar facilmente na intelligencia ou nas paixões dos homens. Tem a mentira, ao envez, maravilhosos recursos. É ductil, é plastica. E de mais a mais (não tenhamos medo de dizel-o) é natural e moral. É natural como producto ordinario do mecanismo dos sentidos, fonte e reservatorio das illusões ; é moral porque concorda com os habitos dos homens que, vivendo em commum, fundaram a sua idéa do bem e do mal, suas leis divinas e humanas, sobre as interpretações mais antigas, mais santas, mais absurdas, mais augustas, mais barbaras e mais falsas dos phenomenos naturaes. A mentira é entre os homens a origem de toda a virtude e de toda a belleza. Por isso

figuras aladas e imagens extranaturaes afor-moseam seus jardins, seus paços e seus templos. Só ouvem de bom grado as mentiras dos poetas. Quem vos impelle a refugar a mentira e a bus-car a verdade? Tal empenho só o póde inspirar uma curiosidade de decadentes, uma culposa temeridade de intellectuaes. É um attentado á natureza moral do homem e á ordem social.

« É uma offensa ás affeições como ás virtudes dos povos. O progresso deste mal seria funesto si o pudessem apressar. Arruinaria tudo. Mas de facto, vemos, que é muito pequeno e muito lento, e que a verdade não faz móssa sensivel na mentira. As proprias verdades scientificas são sem força para destruirem erros e preconceitos. Os povos vivem de mythologia. Das fabulas tiram todas as noções de que carecem para vi-verem. »

Fòra, porém, um nunca acabar trasladar para aqui as opiniões do Sr. Bergeret, professor de literatura latina em uma Faculdade de pro-vincia, espirito de critica e de reflexão. E não é um *poseur*, antes homem simples, natural, sincero, modesto, convencido de suas idéas, sem as querer impòr aos outros e soffrendo obscuramente por amor dellas.

Esta obra do Sr. Anatole France, da qual, peza-me a certeza, fui inhabil para dar uma idéa, é uma riquissima galleria de figuras do mundo

contemporaneo francez, todas vivas, todas caracteristicas, todas transpirando verdade.

Não é bello nem puro esse mundo, essa sociedade da terceira republica, nelle pintada com um singular vigor de desenho e de colorido; mas não nos apressemos, com pouca philosophia e reflexão, a concluir contra ella sómente. O Sr. Anatole France disse-nos um pedaço da historia contemporanea do seu paiz, com um alto desprendimento de philosopho e a arte de um artista completo. Mas o que elle fez para a França, outros podiam fazer, si tivessem o seu talento, para cada um dos paizes do Occidente. O mal do mundo é commum e geral e as miserias sobre que philosophava o bom Bergeret não são exclusivamente francezas...

AUGUSTO COMTE E STUART MILL

Lettres inédites de John Stuart Mill à Auguste Comte, publiées avec les réponses de Comte, Paris, 1899.

A correspondancia de Stuart Mill e Augusto Comte, recentemente publicada na integra, abona igualmente as altas qualidades de espirito, coração e caracter dos dous eminentes pensadores. Si se póde achar o segundo talvez um pouco menos sympathico que o primeiro, mais inteiriço, mais pontificante, mais *tranchant*, mais egoista, ou melhor egotista, mais duro nas suas idéas e na sua expressão, fòra inintelligencia esquecer o differente estado da alma dos dous. Um é um simples pensador, opportunista, transigindo, ao menos *pro formula,* com o seu meio, numa situação material invejavel, sem preoccupação, sinão vagamente theorica, de reformar e emendar o mundo, quasi um puro intellectual, eman-

cipado como nenhum homem o foi jámais de quaesquer preconceitos ou siquer crenças theologicas, a quem o pai ensinou desde menino a não crer em Deus e em nada sobrenatural; outro se dá uma missão reformadora, é o creador não só de um methodo philosophico, mas de uma philosophia, de uma sociologia, de uma religião, de uma moral, profundamente convencido da verdade indiscutivel da sua obra, e da sua missão pessoal. E, por sobre isto, infeliz na familia, pobre, com preoccupações domesticas e economicas e a convicção que acabam por ter todos os apostolos de uma lei nova, todos os reformadores, de que o perseguem invejosos do seu valor e temerosos da sua obra.

No fundo a amizade, certamente profunda e sincera, nao obstante ephemera, entre os dous, proveiu de um equivoco de ambos, principalmente de Augusto Comte. O pensador inglez não adheriu jámais sinão á parte puramente philosophica, melhor diria ao methodo nessa parte contido, da obra de Comte. Esse methodo elle o admira com enthusiasmo e aceita-o sem reservas. Para o resto elle conserva o direito, que Comte chamará mais tarde de anarchico, de ter idéas e opiniões proprias. Mill vai ao ponto de propor a Comte discutirem as suas opiniões reciprocas. Era desconhecer completamente a natureza deste philosopho. E o Sr.

Lévy-Beuhl, editor e prefaciador desta correspondencia completa entre elles, pondera judiciosamente : « Comte, porém, não tem « opiniões » no sentido em que Mill toma este vocabulo, sinão um corpo de doutrina, um systema. Este systema o construiu elle expressamente para acabar com o fluxo e refluxo das « opiniões » instaveis entre as quaes fluctuam os espiritos do nosso tempo, e que impedem as convicções firmes de se fixarem. »

Comte consentiu, todavia, em discutir com Stuart Mill a opinião de ambos sobre a mulher; mas em toda essa discussão, que occupa algumas cartas longas como artigos, sente-se claramente que é uma concessão que lhe pesa e a que não cede sinão na esperança, na segurança diria eu melhor, de acabar por convencer Mill do seu erro, de obrigal-o a uma adhesão completa. Movia-o ainda a importancia extraordinaria que elle dava á consideração de Mill por sua obra, da qual ha exemplos abundantes na sua correspondencia, alguns quasi pueris, como a insistencia com que elle se empenha para que na traducção franceza da *Logica* do pensador inglez se não omittissem ou alterassem as palavras de elogio com que Mill se referia a elle e áquella obra.

Sabe-se quão differente era respeito á mulher o pensar dos dous. Para Comte não póde ter a

mulher outra funcção que a de mãi de familia, sujeita ao marido. Sómente pela sua influencia affectiva domestica lhe cabe agir indirectamente sobre a sociedade. Mill, basta dizer que é o autor de um livro favoravel ao que se chama a emancipação da mulher.

Mill começa a discussão na sua carta de 13 de julho de 1843, a proposito de umas observações de Comte sobre as suas divergencias em questões sociaes, especialmente no que concerne á associação domestica. Protestando nenhuma sentimentalidade van, pensa Mill que a affeição de um ente de certa superioridade por outro de facto subordinado á sua autoridade, tem sempre alguma coisa de imperfeito. É possivel que neste juizo entre por muito o seu caso pessoal, mas julga não poder enganar-se acreditando que, para decidir questões taes, tem a philosophia necessidade da experiencia das mulheres, tanto quanto da dos homens, e essa experiencia não a tem ainda. De muito pouco tempo começaram as mulheres a pensar, de menos tempo ainda entraram a dizer o que pensavam, e, o que mais é, a declarar a sua experiencia da vida. A maior parte das que escrevem, escrevem para os homens ou pelo menos com receio da sua desapprovação, e não podemos fiar-nos no testemunho dellas, como não podemos confiar no daquellas que se acham em estado de

plena revolta. Parece-lhe que a influencia sobre a vida intima e moral de uma relação qualquer de dependencia, não se póde decidir unicamente pelas idéas e experiencias das mulheres superiores.

Como veremos em toda essa interessante discussão, Comte estabelecia sua theoria da mulher sobre o criterio biologico e responde ligeiramente a Mill que por imperfeita que a todos os respeitos seja ainda a biologia, lhe parece entretanto apta para poder estabelecer solidamente a jerarchia dos sexos, demonstrando anatomica e physiologicamente ao mesmo tempo que em quasi toda a série animal, na nossa especie sobretudo, o sexo feminino é constituido em uma especie de estado de infancia radical que o torna essencialmente inferior ao typo organico correspondente. Sob o aspecto directamente sociologico, a vida moderna, caracterizada pela actividade industrial e o espirito positivo, não deve desenvolver menos, embora de modo diverso, estas diversidades fundamentaes do que a vida militar e theologica das antigas populações, posto que a novidade desta situação não tenha permittido ainda uma sufficiente manifestação dessas differenças finaes, quando as primeiras pareciam apagar-se. A idéa de uma *rainha*, mesmo sem ser *papisa*, tornou-se hoje quasi ridicula, tanto precisava do estado theo-

logico; ha apenas tres seculos não era assim. Quanto á imperfeição necessaria das sympathias fundadas sobre a desigualdade, convinha Comte com Stuart Mill, e sobre isto pensava que a plenitude das sympathias humanas não poderia existir sinão entre dous homens eminentes cuja moralidade fosse bastante forte para impedir toda impulsão grave de rivalidade. Esta especie de união lhe parecia muito superior ao que se poderia jámais obter entre os dous sexos. Este, porém, não poderia ser o typo normal das relações mais elementares e communs, cujo laço mais energico é a jerarchia natural dos sexos e depois das idades.

Mill replica-lhe: que comprehende o seu pensamento comparando a constituição organica do sexo feminino a um prolongado estado de infancia. Não ignora o que muitos physiologistas disseram a respeito, e sabe que não só pelos systemas muscular e cellular mas tambem pelo systema nervoso, e mui provavelmente pela structura cerebral, estão as mulheres menos afastadas que os homens do caracter organico das crianças. Mas isto lhe não parece decisivo. Para que o fosse, fôra preciso provar que a inferioridade das crianças em relação aos homens depende da differença anatomica do seu cerebro, quando depende principalmente, sinão totalmente, só da falta de exercicio. Si podessemos

conservar o nosso cerebro de criança, desenvolvendo-lhe entretanto as funcções pela educação e pelo exercicio bem feito, certo não ficariamos crianças, seriamos homens, podendo ser até homens superiores, embora apresentando differenças notaveis do typo humano ordinario. Não nega que o typo moral feminino não offereça em média divergencias consideraveis do typo masculino. Physiologistas eminentes pretendem que o cerebro das mulheres é menos grande e menos forte por conseguinte, porém mais activo que o dos homens. Deviam, pois, as mulheres ser menos aptas para o trabalho intellectual, continuo e prolongado, embora mais capazes que elles de fazer melhor o que exige uma grande presteza de espirito. Ella seria assim mais bem dotada para a vida pratica e para a poesia. Arriscariamos exagerar o grau dessa diversidade real si não attendessemos a differença de educação e de posição social, por que sejam ou não as mulheres intellectualmente inferiores aos homens, nada na sua educação foi disposto para desenvolver-lhes a capacidade do esforço intellectual prolongado, ao contrario do que acontece com a dos homens. As occupações diarias dos homens exigem ou permittem em geral um trabalho seguido do pensamento; para grande numero de mulheres a continua obsessão dos cuidados minuciosos da vida do-

mestica, que lhe distrahem o espirito sem occupal-o, não consente nenhum trabalho que necessite isolamento physico ou attenção seguida. Tambem os homens privados de estudos na infancia não revelam grande aptidão para o trabalho intellectual, emquanto as necessidades da sua vida posterior não substituiram as falhas da sua educação primeira. Nas cousas communs da vida, nas quaes a intelligencia das mulheres se exerce tanto ou mais que a dos homens, as mulheres, mesmo mediocres, mostram por via de regra mais capacidade que os homens mediocres. Um homem vulgar quasi não tem intelligencia sinão na sua especialidade, e uma mulher tem-na para interesses mais geraes. Si a vida effectiva predomina nas mulheres sobre a intellectual, isto se não deve entender sinão da vida sympathica. O egoismo puro é maior nos homens, e si a sympathia torna-se frequentemente nas mulheres um egoismo de muitas pessoas, o mesmo acontece com os homens, salvo naquelles que uma educação, rarissima ainda, desenvolveu eminentemente o ponto de vista do conjunto e o habito de considerar os effeitos mais geraes de um qualquer procedimento. É isto justamente que mais falta á educação das mulheres, de modo que até se lhes conta como um defeito dar preferencia ao interesse geral sobre o da sua familia ou dos

seus amigos. Não nega que as mulheres, como todos cuja excitabilidade nervosa excede á normal, não devam approximar-se mais pelo caracter aos homens moços que aos mais idosos, nem que tenham mais difficuldade que os homens de primeira ordem de fazer abstracção dos interesses presentes e individuaes; mas este defeito tem uma espontanea compensação na carencia de outro particular aos philosophos, que frequentemente abstrahem não só dos interesses immediatos, mas de todo o interesse real. As mulheres, collocadas sempre no ponto de vista pratico, raro são sonhadoras especulativas, e quasi não esquecem que se trata de seres reaes, da sua felicidade e dos seus soffrimentos. Não se trata de fazer governar a sociedade pelas mulheres, mas de saber si ella não seria melhor governada pelos homens e pelas mulheres, do que sómente por elles.

Comte responde sustentando o seu ponto de vista biologico, e persistindo em assentar a sua theoria da condiçao e destino da mulher sobre a sua inferioridade organica. É longa a sua resposta; basta conhecer-lhe a parte essencial: « A sua inaptidao caracteristica, diz elle das mulheres, para a abstracção e a contensão, a impossibilidade quasi completa de afastarem as inspirações apaixonadas nas operações intellectuaes, embora sejam, em geral, as suas paixões

mais generosas, devem continuar a vedar-lhes indefinidamente toda a direcção superior immediata dos negocios humanos, não sómente em sciencia ou em philosophia, como vós mesmo reconheceis, mas ainda na vida esthetica, e até na vida pratica, tanto industrial como militar, em que o espirito de continuidade constitue a condição principal de um successo demorado. » Elle crê as mulheres tão improprias para dirigir uma grande empreza commercial ou manufactureira como uma operação militar; com mais forte razão as julga radicalmente incapazes de qualquer governo, mesmo domestico, mas apenas de administração secundaria. Em genero algum, não lhes convém nem a direcção, nem a execução; só são aptas para a consulta e a modificação, em que a sua posição passiva lhes permitte utilizar vantajosamente a sua sagacidade e o seu espirito caracteristico de actualidade. » Tambem não lhes acha aptidões estheticas. Ha dous ou tres seculos que muitas mulheres encontraram-se nas mais favoraveis condições de revelal-as, sem terem jámais produzido nada de realmente superior em musica, em pintura ou em poesia. As condições de sujeição da mulher lhe parecem dispostas a favorecerem o desenvolvimento proprio das qualidades femininas e facilitar-lhes um exercicio judicioso da sua doce intervenção moderadora, como espontaneas au-

xiliares domesticas de toda a potencia espiritual e modificadoras moraes do reinado da força material. Si a igualassem socialmente aos homens ella perderia as suas qualidades proprias sem adquirir outras. A sua sujeição social será, por motivos de ordem biologica e sociologica, necessariamente indefinida, porque repousa directamente sobre uma inferioridade natural que nada póde destruir, mais pronunciada no homem que nos outros animaes superiores.

Esta discussão se dilatou ainda em muitas cartas por mais de um anno. Poz-lhe ponto Augusto Comte em maio de 46. Da sua carta resalta que elle a não aceitou e prolongou sinão na esperança de reduzir Mill á sua opiniao. Desde que a experiencia lhe mostrou a impossibilidade de um accordo entre ambos, elle não insistiu nella. Mill, aliás, tinha feito muitas concessões á theoria de Comte; inutil é dizer que este não cedeu um ponto da sua.

Desta contenda resulta avigorar-se a nossa convicção de que em todas as theorias dos philosophos ha uma parte pessoal, que ella mesma deriva do meio, nacionalidade, educação, costumes sociaes, a qual torna toda a philosophia, por mais geral e universal que se presuma, um conceito nacional. O que distingue as philosophias são principalmente as idyosincrasias nacionaes, á luz das quaes são os phenomenos

considerados. Dahi as philosophias nacionaes caracteristicas: allemã, escoceza, ingleza, italiana, franceza.

No fundo a theoria de Comte sobre a mulher é a systematização da opinião franceza, como a de Mill da opinião ingleza. Lembremo-nos que discutiam entre 43 e 46, quando mais extremada do que hoje era a situação respectiva da mulher franceza da ingleza. Si para Comte a inferioridade da mulher era organica e, portanto, sem modificação possivel, para Mill, que acabou cedendo neste ponto da sua inferioridade biologica, era ella principalmente devida á educação dada á mulher e á falta de exercicio das suas faculdades intellectuaes. É impossivel não reconhecer que a argumentação de Comte é mais forte e mais convincente, como não me parece razoavel desconhecer o merecimento da objecção de Mill, principalmente quando, si a experiencia do passado favorece Comte, não é licito prever até onde a do futuro concorrerá contra a sua theoria. É certo que elle não se esqueceu de oppor a esta razão de Mill, com a sua costumada energia de argumentação, que nada sociologicamente impediu a mulher de tomar a par do homem uma situação de igual, sinão a sua mesma inferioridade organica. O exercicio e a educação a modificarão um dia, como pretende Stuart Mill, até estabelecer a igualdade com-

pleta? Eu de mim confesso que o não creio, e que neste ponto me inclino mais á opinião do philosopho francez. Mas longe de mim a pretenção de decidir entre os dous eminentes pensadores.

Esta correspondencia, que mostra que profundas e admiraveis amizades se podem estabelecer entre homens de pensamento, que sejam tambem homens de sentimento, interrompeu-se em maio de 47, tendo começado em novembro de 41. Interrompeu-a bruscamente Comte não respondendo á ultima carta de Mill daquella data. Já conheciamos por varias biographias e noticias de Comte a razão do resfriamento das relações dos dous philosophos, depois da effusão fraternal de uma correspondencia, não só philosophica, mas intima, de seis annos.

Quem foi o moralista azedo que notou que os favores obrigam mais a quem os faz que a quem os recebe? A maxima cruel encontra uma comprovação no caso de Mill e Comte. Quando este se achou pela sua demissão da Escola Polytechnica, sem recursos, Mill obteve de dous Inglezes (ao depois forão tres) ricos e admiradores de Comte um subsidio annual de seis mil francos, até que cessassem as difficuldades em que se achava o philosopho. Este subsidio foi religiosamente pago durante dous annos, cessando depois. Comte era uma natureza affectuosa.

mas dominada pela convicção da sua doutrina e não perdoando jámais os que theorica ou praticamente a contrariavam. Elle escreveu que seriamos todos julgados pela posteridade conforme o nosso procedimento respeito ao positivismo, comparando a sua philosophia ao catholicismo. Mas quantos perseguidores e inimigos do catholicismo forão sempre e são ainda hoje estimados e admirados? Basta o exemplo de Marco Aurelio.

Nestas disposições, que é preciso perdoar-lhe, mas que o tornam antipathico, elle, proclamando o seu reconhecimento pessoal aos tres Inglezes e a Mill que suscitára a sua generosidade, criticou acerbamente a suspensão do subsidio que lhe davam, a qual violava a sua theoria dos deveres dos ricos para com os pensadores. Mill respondeu-lhe que elle se enganava suppondo aquelles tres sujeitos adeptos completos do positivismo, e portanto obrigados a concorrer para a manutenção do fundador da doutrina. Erão apenas admiradores do philosopho, e de partes da sua philosophia; e concorrendo com aquelle subsidio por dous annos não entendiam continual-o indefinidamente. A defesa que assim tomava Mill dos seus amigos, não agradou, antes contrariou, a Comte, e o resultado foi desatarem-se as relações dos dous pensadores, deixando elle de responder a ultima

carta de Mill. Mas talvez para isso contribuisse tambem a convicção que se foi pouco a pouco fazendo no espirito de Comte, de que Mill não era, como elle de primeiro pensára, um discipulo inteiro, e que elle não chegaria a trazel-o ao aprisco da sua doutrina. E, desapontado, a sua affeição, desbordante de effusão, a Mill transformou-se em malquerença e odio. Porque o Pontifice da Humanidade era terrivel para os que lhe desagradavam. O modo por que nestas cartas se manifesta contra Arago, Guizot e outros lembra as diatribes dos pamphletistas mais desaforados. « Augusto Comte, escreveu algures Stuart Mill, foi em geral injusto para com todos que haviam deixado de agradar-lhe. » E o foi depois com Stuart Mill, a quem nas suas cartas e no seu mesmo *Curso* de philosophia começára por qualificar de eminente pensador.

Desta correspondencia, ouvidas ambas as partes, resulta a convicção que no caso do subsidio não é a posição de Comte a mais sympathica. Mas si nesta delicada questão de dinheiro não andou elle com o melindre, ou siquer o tacto, desejavel, deve-se attribuil-o menos ao seu caracter, por muitos respeitos cavalheiroso e nobre, que á sua doutrina. Foi o mallogro do « nobre ensaio de um digno patronato systematico », conforme qualifica o subsidio em sua

carta de maio de 46, que o irritou, como uma negação da sua theoria das relações entre os ricos e os pensadores ou entre estes e seus discipulos.

UM AMERICANO E A LITERATURA AMERICANA

Pouquissimo sabemos nós brazileiros das literaturas americanas, e não sei si eu não poderia, generalizando, affirmar que pouquissimo sabemos nós americanos da literatura uns dos outros. Nesta nossa commum e reciproca ignorancia, os Estados Unidos, não obstante a sua supremacia no Continente, não têm quinhão consideravelmente menor que o Mexico ou a Venezuela, por exemplo. Ignoramol-os intellectualmente quasi tanto como ao Chile ou á Argentina. Creio não ser indiscreto contando que quando a Academia Brazileira tratou de eleger os seus correspondentes estrangeiros nenhum de nós presentes á sessão foi capaz de dizer mais de dous nomes de escriptores vivos norte-americanos. Todos sabiamos mais ou menos da existencia de uma literatura americana, ou antes — anglo-americana, que certamente se

haverá desenvolvido com o paiz; todos conheciamos os nomes famosos dos seus historiadores, poetas, romancistas, pensadores da primeira metade do seculo e ainda alguns, raros, mais recentes. Ao passo, porém, que todos repetiamos aquelles nomes, Prescott, Ticknor, Bancroft, Fenimore Cooper, Longfellow, Bryant, Beecher Stowe, Bret Harte, Emerson, para o momento presente não nos acudiam outros que os de Mark Twain, e de algum mais.

Não deixa de ser curioso que conheçamos, de simples nomeada ou de leitura, não importa, uma duzia de nomes da literatura americana de vinte annos para traz e ignoremos por completo até os nomes dos seus escriptores nossos contemporaneos. Ou estes têm muito menos valor que aquelles e não lograram conquistar a fama européa, mediante a qual nossos pais e nós viemos a conhecel-os, ou o nosso apregoado americanismo tem se ido de facto arrefecendo, a ponto de nenhum interesse ligarmos á vida intellectual da grande nação americana. Ha talvez ambas as causas em a nossa ignorancia. Mas uma razão basta para justifical-o, não só em relação aos Estados-Unidos mas a todas as demais nações americanas.

E que, sem embargo da identidade das origens historicas, de similhança, ao menos para a America latina, do regimen colonial, e das

affinidades de raça, de lingua e de religião, da vida no mesmo Continente [e de interesses politicos, aliás mais futuros que presentes, nada ha de commum, ou melhor, nada estabelece entre as nações americanas uma corrente de sympathia, de interesse, de necessidades materiaes ou espirituaes que as levem ao desejo de se conhecerem reciprocamente, E, do ponto de vista intellectual pelo menos, nada lhes serviria conhecerem-se, que nenhum proveito ou lucro de tal conhecimento lhes viria. Sob este aspecto mais prestadio nos é o conhecimento da ultima das nações do Occidente europeo que a da primeira nação americana. Sem a conhecermos, temos a intuição justa de que a sua literatura, não nos poderia ensinar nada e que ella não é, como a nossa, sinao um pallido reflexo do pensensamente europeo, como o são a sciencia, a philosophia, o pensamento americanos. Em tudo nós somos ainda obreiros de segunda mão, copistas, imitadores. Não nós pode, pois, envergonhar a nossa ignorancia, nem temos que dissimulal-a, quando espiritualmente não podemos deixar de sentir-nos mais europeos que americanos, mais Francezes, Italianos ou Allemães que Yankees, Chilenos ou Venezuelanos, Não só mais, porem muito mais.

Essas literaturas americanas, entretanto, podem começar a ter o seu interesse, nacional em

principio, continental e universal depois. Haverá nellas por força, apezar da subserviencia do pensamento, da fórma, da lingua, que tambem não é propria e independente, os primeiros traços de nacionalidades que se desenham ou que pelo menos esboçam um ainda vago, indeciso, indistincto caracter. Por mofina que seja uma literatura é uma definição espontanea da gente que a fez, um elemento inductivo, pois, da nacionalidade, e mais, um estimulo della. Mas si a gente que nella se define e representa não merece de si mesma grande interesse, não vale certamente a pena de indagar como se ella interpreta. E é o nosso caso das nações americanas, respeito não só á Europa, nossa creadora e educadora, mas ainda umas ás outras.

Nem os Estados-Unidos, com a sua a todos os respeitos incomparavel superioridade na America e a sua posição de igualdade industrial e politica com as grandes nações da Europa, escapam a esta situação secundaria. Nada obstante a sua admiravel organização do ensino primario, exemplo e inveja da mesma Europa, as suas numerosas universidades, academias, collegios e institutos de instrucção de toda a ordem, a cópia assombrosa das suas sociedades de estudos, instituições scientificas, estabelecimentos didacticos de todo o genero, dotados al-

guns como não ha outros no mundo, da producção maravilhosa e unica da sua livraria em revistas, magazines, jornaes scientificos, literarios e artisticos, do numero sem igual das suas bibliothecas, do progresso sempre crescente dos estudos classicos e desinteressados, da cultura da erudição e da cultura scientifica nesse paiz que a muitos se affigura apenas como um bronco e vasto armazem, não conseguiram elles fazer excepção notavel ao legitimo desapreço em que, neste particular, os temos nós mesmos americanos. É que nós sentimos bem que tudo isso não é ainda sinão um reflexo da Europa, uma obra apressada da sua energia, da sua riqueza e da sua industria, o producto artificial, incaracteristico — ou com caracteristicos antipathicos — de uma vontade poderosa, admiravel, mas ao qual faltam de facto as qualidades de bom gosto, de ordem, de rythmo, de profundeza, de verdade, que são a obra lenta e apurada das civilizações de onde viemos. Nas nossas proprias literaturas nacionaes, com alguma rara excepção, que não invalida a regra, sentimos essas falhas. Os proprios Yankees as verificam na sua.

Em um dos numeros deste anno da revista americana *The forum*, um escriptor, que talvez nenhum dos leitores conheça, do qual informa, entretanto, uma nota biographica que « é um

dos mais conhecidos e mais versateis escriptores e conferencistas de assumptos literarios » dos Estados Unidos, co-director de um magazine e autor de meia duzia de livros de critica e literatura, o Sr. Hamilton W. Mabie, estudando a literatura americana em relação com a nacionalidade, escreve :

« Nestas duas decadas a nossa literatura não fez impressão muito funda na imaginação do paiz, nem influenciou tambem profundamente o seu caracter, porque, na maior parte, carece de profundeza de sentimento e de uma intima sinceridade. Parece ter recuado perante as fundas convicções, os fortes sentimentos, as grandes emoções. Mostrou-se admiravel na fórma, sã de aspecto e muitas vezes encantadora no estylo ; mas faltou-lhe na maxima parte a força elementar. Não pintou as grandes paixões, nem revelou as forças productoras, sempre em trabalho, no mais profundo da consciencia popular. Uma parte consideravel desta literatura parece haver participado do receio convencional de mostrar sentimentalismo, o vexame convencional de dar mostras de grande emoção...

« Entre a grandeza e a seriedade da vida americana e a leveza, a graça, o toque furtivo de quantidade de escriptos americanos ha um abysmo. O afastamento entre aquella vida e os mais deliciosos livros aqui escriptos seria ridi-

culo, si não fosse doloroso. Pareceria que nós fugimos do reconhecimento real de nós mesmos, e tememos o contacto material com as tremendas materialidades da vida. A nossa literatura perdeu grandemente a nota da invenção, a audacia do espirito de aventura, a coragem das grandes crenças e paixões; e está em risco de tornar-se um desenfado da sociedade polida, em vez de ser uma expressão da experiencia vital e uma força dominante na vida nacional. Ella vibrou algumas notas profundas, com grande clareza e sonoridade; mas deve continuar a vibral-as; e sob a clareza de sua visão pôr a vitalidade e a pura força humana da rica e profunda experiencia. O idealismo do caracter americano, desconhecido por muitos observadores estrangeiros, porque tomou fórmas de expressão mais praticas que artisticas, é a materia prima na feitura de livros commoventes; mas cumpre haja tambem fundo e talento.

« O que Emerson chamou « finezas de constituição » é ainda muito evidente nas letras americanas. A literatura que apraz e pule é agradavel e bem vinda, mas não póde tomar o lugar da literatura que revela e estimula. Não quer isto naturalmente dizer que a literatura se faça didactica, mas que ella não achará os mananciaes que a alimentam nem na cultura

nem no gosto, porém nas profundezas da experiencia e nas fontes occultas da emotividade. Grande parte da literatura das duas ultimas decadas seria admiravel como literatura subsidiaria; é deficiente como literatura representativa. Teve graça, requinte e encanto; faltou-lhe profundeza, força, conjuncto, paixão. »

Parece-me excellente e feliz esta distincção do Sr. Mabie entre literatura subsidaria e literatura representativa, para as nossas incipientes literaturas americanas. Mas, continúa o escriptor americano :

« Nós precisamos desta literatura mais ligeira, porém carecemos ainda mais da substancia e força da literatura da nossa emoção nacional ou de raça a qual, por virtude das suas qualidades representativas, se torna uma verdadeira revelação da nossa vida. »

Reconhece o escriptor que o povo americano não adquiriu ainda a inteira consciencia de si mesmo, que existem consciencias seccionaes, mas não ha a consciencia geral, nacional. « A nação como nação não alcançou ainda um conhecimento claro de si propria; não sabe o que ha no seu coração, embora responda com apaixonada intensidade a cada appello aos seus instinctos e ideaes. » Destes instinctos e ideaes achou expressão poderosa pelo lado da acção; do lado da arte apenas lh'a deram parcial e

muito deficiente. « Approxima-se, comtudo, rapidamente o tempo em que ao homem de letras se deparará a primeira opportunidade na madureza desta vasta população para a expressão; e a literatura encontrará uma voz para esta grande vida muda, ou falhará inteira e desastradamente á sua funcção e á sua obra. »

Dizendo depois a funcção util da literatura de dar á vida interior a sua expressão clara e predominante, faz o Sr. Mabie estas considerações, que o leitor achará, talvez, em muitos pontos, applicaveis ao Brazil :

« Carece o povo americano desta adequada expressão da sua vida. Acha-se espalhado em um immenso territorio. Seus centros industriaes e sociaes são separados por grandes distancias. É o corpo nacional tão vasto, que a sua segurança depende de uma vida espiritual superiormente organizada. Mais de uma vez enfrentou o perigo dos equivocos e dos antagonismos seccionaes tornados possiveis pela extensão de territorio que elle occupa. Em nenhum paiz compacto seria possivel a espessa ignorancia do caracter e dos recursos reciprocos que existia no Norte e no Sul antes da guerra civil. Em nenhum paiz compacto seria possivel a falta de conhecimento de uns e de outros revelada no ultimos annos entre o Este e o Oéste, Em um pequeno paiz como a Inglaterra, o fluxo

do pensamento e do sentimento da capital ás mais remotas porções delle é tão rapido e constante, que os mais largamente separados districtos nao estão jamais apartados em pensamento e sentimentos.

« Podem manifestar grandes differenças de opiniões ; não podem permanecer na ignorancia do movimento geral da opinião, nao podem desgarrar da corrente do sentimento nacional. Por muito tempo haverá neste paiz serio perigo de fenda entre secções que, em razao das distancias que as separam, poderiam provavelmente fluctuar á parte. Boston e Nova Orleans estão quasi tão afastadas como Londres e S. Petersburgo : Nova York e S. Francisco estão mais separadas uma da outra que Pariz e Damasco. A distancia de Portland, no Maine, a Portland, no Oregon, é consideravelmente maior que a da Grecia á Noruega. A magistratura do Continente é trazida constantemente á frente como uma das grandes vantagens da Republica na sua competencia, ou para falar a linguagem do futuro, na sua cooperação com o mundo. Dada a igualdade de outros elementos, as condições de superioridade territorial são tambem condições de superioridade moral ; a vastidão, porém, do territorio nacional, como toda a grande faculdade, envolve graves perigos. »

Mostra o escriptor americano, com exemplos

da historia dos Estados-Unidos, que não são imaginarios estes perigos. Diz como os americanos cultos conhecem melhor « e mais sympathicamente » a Europa que o seu paiz, e como este, por sua vez, se ignora a si mesmo. E prosegue :

« Nestas condições, que são permanentes e serão computadas na historia do futuro, necessita fortemente o paiz de grandes forças unificadoras ; sua unidade espiritual deve tornar-se clara em sua consciencia e a solidariedade da sua obra e influencia no mundo deve ser accentuada com emphase. Duas cousas, segundo o Sr. Brunetière, embaraçam uma civilização mais alta dos Estados-Unidos : as grandes distancias entre os centros de actividade social e industrial e o espirito de commercialismo. E esta sagaz generalização, de um dos mais intelligentes observadores que visitaram o paiz nos ultimos annos, encontra confirmação no juizo dos melhormente informados americanos. Os mais altos interesses nacionaes são ameaçados pela falta de coordenação dos typos e designios intellectuaes e pela tendencia de deixar o desenvolvimento da alma nacional á espera do desenvolvimento das suas terras, seus recursos mineraes e seu commercio. A magnitude das seus recursos materiaes fez de uma vida espiritual intensa e superiormente

organizada uma suprema necessidade na America. É questão aberta si nós seremos fabricantes de objectos ou creadores de idéas e de ideaes. Si o caracter final da nossa civilização deve ser materialista, nós occuparemos um grande lugar no mundo moderno, mas nada faremos pelo seu successo espiritual ; encheremos paginas de estatisticas nas encyclopedias, mas pequeno espaço teremos na historia da arte, da cultura, da religião. O radical idealismo da indole americana, preservar-nos-á provavelmente da desgraçada sorte de sermos ricos sem sermos significativos ou interessantes ; mas esse idealismo necessita de constante classificação e apoio. Precisa de expressão clara e dominadora. »

« E esta expressão, conclue o escriptor americano, deve encontral-o na literatura, porque a literatura é nas suas grandes fórmas, não só uma revelação do caracter nacional, mas uma força para formal-a. A sua influencia, comquanto não computavel em registros materiaes, diffunde-se na atmosphera que um povo respira ».

Demonstrando estes ultimos conceitos, termina o seu artigo o Sr. Hamilton Mabie, para quem a literatura, como vimos dos trechos citados, é uma funcção da sociedade, a obra séria e grave que representa o espirito e impul-

siona o caracter nacional. Elle conta com a literatura para acabar de constituir ao seu vasto paiz, occupado por tão diversas gentes, a unidade moral que, parece-lhe, ainda lhe falta. Essa foi a tarefa das literaturas em todos os povos, e lhe está naturalmente reservada nos povos americanos. Mas como quer que seja, do seu mesmo artigo se deprehende que nós, brazileiros — ou quaesquer outros americanos — pouco teriamos a lucrar com o conhecimento da literatura do seu paiz, ainda facticia e, quem sabe? talvez ainda menos original que a nossa.

A FRANÇA INTELLECTUAL

Agitando profunda e largamente a França social e politica, teve a questão Dreyfus sobre toda a vida moral do paiz uma repercussão acaso unica na historia dos mais celebres processos. Em má hora afastada do terreno juridico, que era o seu, creou uma atmosphera especial de paixão onde toda a nação acabou por se engolphar. E á França intellectual coube por ventura a parte principal no movimento da opinião de todo o paiz pró ou contra o militar julgado como traidor. A « questão », desde já famosa, é sobretudo obra sua, obra dos literatos, scientistas, poetas, jornalistas, romancistas que após Zola deixaram os seus calmos gabinetes de estudo, os seus laboratorios tranquillos e laboriosos para virem á rua com as suas convicções suscitar, inflammar, mover ou combater as alheias.

Traz o titulo de *A França intellectual* um livro recente de um novo escriptor francez, o

Sr. Henrique Bérenger. Não é propriamente um livro, mas, como tão commum é hoje, um conjuncto de artigos apenas ligados pelo pensamento e intuitos do escriptor. Nesse livro, porém, sente-se, desde o titulo, a influencia da « questão », influencia que em mais de um lugar delle se manifesta e se accentua. O Sr. Bérenger é evidentemente um moço, não haverá excedido muito os trinta annos. É um intellectual tambem, mas preoccupado dos aspectos sociaes da vida, como o seu livro anterior *A consciencia nacional* já o mostrava. Litterariamente é ou suppõe-se um independente, isento de preconceitos de escolas, de influencias de camarilhas, livre, equitativo e imparcial. Em literatura, como na vida, nada é mais difficil que a independencia completa. Mas desejal-a sinceramente e procurar pratical-a, de boa fé, já é um grande merito. É esse o tem o Sr. Bérenger. As tendencias do seu espirito o levam aos « novos », ás tentativas que lhe parecem capazes de renovar o fundo e a fórma da literatura e fazer entrar nella as emoções sociaes, mas elle não tem pelos que ficaram atraz os despresos de encommenda com que as jovens gerações alardeiam tratal-as. As excellentes paginas que consagrou a Zola, — a Zola escriptor sómente, — dizem bem qual é de facto a independencia grande dos seus juizos e sentimentos. O Sr. Bérenger é um Francez

segundo Michelet, por quem mostra uma grande e merecida admiração, um Francez da França uma e unica de Carlos o Calvo até o Sr. Loubet, de Joanna d'Arc á Revolução, da *Imitação de Christo* á *Declaração dos direitos*, de Notre-Dame ao Arco do Triumpho. E quer na historia politica, quer na historia literaria, elle comprehende e aceita todas as suas obras e os seus autores, apenas com as reservas moraes ou estheticas que a sua consciencia ou a sua sciencia lhe ditam. Confessa-se um patriota, — o que é bem francez, — mas refuga e combate o nacionalismo e os nacionalistas que, a reflexão é sua, quereriam fazer voltar a França para além da Revolução. E principalmente, essencialmente um critico, mas ataca a critica e os criticos, especialmente o Sr. Brunetière, por elle maltratado desapiedadamente em em um artigo especial, tecido de boas observações e de injustas apreciações, e onde o dreyfusismo do escriptor empanou talvez o bom juizo do critico.

O caso Brunetière, como lhe chama o nosso autor, isto é, a importancia e proeminencia que tomou o celebre critico nos grupos mais consideraveis da mentalidade franceza contemporanea, na *Revista dos Dous Mundos*, na Academia, nos salões literarios, nos elementos conservadores da sociedade, mesmo entre escripto

res e intellectuaes de grande valor, explica-se facilmente. É que o Sr. Brunetière, além do seu incontestavel merecimento literario, do seu vasto saber no seu dominio especial, da sua potencia e capacidade do trabalho, cujo resultado nunca é mediocre ou banal, de ser autor de numerosos artigos de critica penetrante e reveladora, é, segundo a qualificação ingleza, um caracter, isto é, uma vontade, uma convicção energica, decidida, resoluta, corajosa, antipathica talvez, mas admiravel. Certo a questão Dreyfus desvairou por tal fórma o juizo ao poderoso escriptor que elle, cuja obra é toda preoccupada dos aspectos sociaes que agem sobre a literatura e sobre que ella reage, não trepidou em escrever a frase imbecil com que defendia a Emilio Zola romancista intervir na questão Dreyfus e o condemnava por isso. Aliás todo o seu famoso artigo *Après le procès*, é, em todo o rigor do termo, um artigo tolo, no qual se não reconhece uma só das eminentes qualidades de polemista do Sr. Brunetière. Mas quem não desvairou a questão em França? Que é da limpidez, da liberdade, da isenção, do renanismo de espirito de Sr. Julio Lemaitre? Onde a piedade, a sentimentalidade, a compaixão pelos que soffrem de François Coppée, o poeta dos *Contos parisienses*, o autor de um romance quasi anarchista, *Le Coupable?* A um tal desvairamento

não poderia resistir a natureza inteiriça do Sr. Brunetière, desde que, entrado na reacção idealista, — triste idealismo ! — e conservadora dos ultimos tempos, achou-se arrastado pela estreita logica que é uma das caracteristicas da sua intelligencia, em plena reacção. É da sua celebre visita ao Papa que data a sua evolução conservadora e reaccionaria, e a sua estupefaciente declaração de um catholicismo sem fé. Provava isso que, fóra da critica e dos estudos literarios, não havia no Sr. Brunetière, como elle ingenua ou vaidadosamente cuidaria, um pensador, e menos um philosopho. Essa reviravolta do Sr. Brunetière, pouco affectara, porém, a sua obra literaria, sinão em desenvolver a sua hostilidade ao individualismo, elle o mais individualista dos homens e dos criticos. Foi a questão Dreyfus que completou a evolução nesse sentido e acabou por atiral-o na contenda a elle que escrevera a série de calinadas e prudhomismos, — não me arreceio de assim dizer, — do seu miseravel artigo *Avant le procès*, e levou-o a condemnar desabridamente a intervenção dos intellectuaes na questão. Não poderia haver maior incoherencia. Elle, parece, não a sentiu siquer, e fez parte de « ligas » como qualquer Déroulède ou Rochefort.

Que era elle, entretanto, sinão um intellectual como os que maltratava por haverem abando-

nado o seu labor literario, as suas investigações, os seus estudos por amor de uma causa que lhes parecia justa? Um intellectual? Menos ou mais que um intellectual, um cerebral, cujo ponto de vista social e moral não o creou o « leite da ternura humana », sinão puras intuições da intelligencia. Porque quaesquer que sejam as suas preoccupações ultimas de um socialismo catholico, vago, incomprehensivel, indeterminado, como de homem que quer conciliar o dogma, a disciplina da Igreja, a theologia de Bossuet, com o evolucionismo de Darwin e Spencer, o positivismo de Comte, o idealismo protestante de Balfour, o catholicismo americano dos Gibbons e Ireland, a impressão forte e distincta da sua obra, é que elle é um cerebral, um puro intellectual, uma razão extranha e alheia ao sentimento.

Que é, porem, um intellectual? A coisa é mais facil, como muitissimas outras, de comprehender que de definir. Não o tentarei, pois. Mas da palavra, nas suas diversas accepções e empregos, resultaria o sentido de um sujeito que, na vida, não tivesse outras preoccupações que as da intelligencia, e que todas as cousas submettesse ao criterio della. Entendido assim o intellectualismo — perdoem-me a feia palavra — excluiria o sentimentalismo, e seria a mais antipathica, e acaso despresivel cousa do mundo. O que real-

mente engrandece e eleva o homem é o sentimento, a fonte de tudo quanto possa haver nelle de grande e de bom. Nem ha na historia dos individuos e dos povos nada de realmente grande e util á especie que o não inspirasse o sentimento. Do coração, disse-o profundamente o moralista francez, derivam os altos pensamentos. Tristes daquelles que deixaram morrer a flôr do sentimento ao calor ardente da sua razão. Esses poderão talvez melhor comprehender a vida e o mundo, si é verdade que um e outro são apenas uma luta e uma arena em que a victoria pertence aos mais habeis, aos mais fortes, aos mais desabusados. Mas, ai! delles, privaram-se das mais gratas, das mais generosas, das mais bemfazejas emoções humanas.

A cultura exclusiva da intelligencia, a sua constante applicação ao exame, ao estudo, á analyse das coisas sómente sobre o seu aspecto racional, póde acabar, e é quasi certo acaba, por dar-lhe uma absoluta preponderancia nas nossas faculdades. É o simples cumprimento de uma lei physiologica. Mas não só da predominancia do exercicio da intelligencia procede o intellectual, sinão tambem da immoral primazia dada ao ponto de vista intellectual sobre o ponto de vista moral. A creação da chamada aristocracia intellectual resultou desta falsa apreciação das relações mentaes e moraes do homem com o

mundo. E vai favorecendo a vaidade de uns e o snobismo de outros, como a decadencia mental e moral das altas classes sociaes nas quaes, nas nossas democracias, cumpre incluir os politicos, não obstante a sua origem plebéa.

Com effeito, si os politicos não são contemplados entre os denominados intellectuaes — e por toda a parte são a porção menos culta do paiz — é por um simples defeito de apreciação, Applicando a sua intelligencia a fins exclusivamente praticos e interesseiros, maior é nelles a perversao do sentimento que nos intellectuaes de gabinete. A estes pelo menos eleva-os, e mui frequentemente enleva-os, a contemplaçao dos aspectos estheticos e desinteressados da vida, a idealização della, como tambem a ambição de uma influencia espiritual, incomparavelmente mais nobre que a de um prestigio baseado nos elementos materiaes das competencias politicas. Nem essas competencias são nos dous casos as mesmas, antes differem profundamente nos moveis, nos meios, nos resultados. E o incentivo de renome, de gloria, de fama e até de immortalidade, que é a principal determinante de uma é que só excepcionalmente é a causa da outra, bastariam, com a impossibilidade de proventos materiaes immediatos, e o afastamento dos inevitaveis contactos degradantes da politica, para colocarem a competencia puramente intellectual,

quaesquer que sejam as suas deficiencias, em uma atmosphera mais elevada e mais pura.

Não só politicos, por se desforçarem do menospreso dos intellectuaes, mas philosophos e moralistas, accusaram-nos de egoismo e de indifferença pelos interesses nacionaes e sociaes, de falta de « ardor civico », como dizem aqui, na sua linguagem estereotypica, os positivistas. E intellectuaes houve que se não doêram do reproche, antes fizeram delle um titulo de gloria. São os esthetas, os puros cerebraes, os sequazes dos prégadores do homem superior de Nietzche e quejandos philosophos, si ás suas divagações incoherentes, artificiaes e equivocas não é demais chamar philosophias. Á colla desses puzeram-se alguns decadentes ou decadistas, mysticos sem mysticismo, religiosos sem fé, artistas cujo cerebro poude imaginar uma arte sem contacto com a vida e com o mundo. O Sr. Brunetière não deixaria de attribuir o facto, e aliás o tem já feito com insistencia — ao execrando individualismo, cujo fez e a quem trata como um inimigo pessoal.

Os intellectuaes têm, entretanto, perfeita razão, penso eu, de se apartarem do campo onde a pretexto de patriotismo, e outras cousas praticas em ismo, se manipulam todas as transacções, se preparam todas as capitulações de consciencia, se apparelham e accommodam todos os inte-

resses, que constituem o fundo da vida politica moderna. Os que lh'o censuram confundem grosseiramente politica, eleições, jornalismo, briga por empregos e posições, o parlamentarismo, com todas as suas mentiras, as ficções desmoralizadas do constitucionalismo, com os altos interesses humanos e sociaes, quando nada ha de commum entre uns e outros. Si ha entre os intellectuaes quem se alheia desses interesses e quem sendo homem fique estranho ao homem, a esse é preciso lastimal-o.

Os intellectuaes francezes, os mesmos que pareciam não ter outras preoccupações que os seus livros, as suas imaginações, o seus estudos, os seus versos, acabam de demonstrar mais uma vez que o retrahimento da acção deleteria da politica não é incompativel com um nobre ardor humano, infinitamente mais estimavel que o ardor civico.

Não é este o aspecto do assumpto que estuda no seu livro o Sr. Bérenger. Mas o assumpto reflecte sobre todo o seu livro. Elle é, notei-o já, um patriota e um humano. Combatendo em nome da tradição humana franceza os nacionalistas, mantém ingenua e ardente a fé na França como directora da humanidade, qual a tiveram os seus maiores filhos. Individualista, é entretanto pela literatura e pela arte social e humana, e do seu livro, — cuja estimação não

deve, entretanto, ser exagerada, — sobresai a influencia no seu espirito e no seu sentimento da nobre acção desses intellectuaes que se puzeram com toda a sua intelligencia e todo o seu coração ao serviço de uma causa, que tinha contra si o paiz inteiro, e que á opinião da patria antepuzeram galhardamente a sua convicção da justiça.

O MELHOR DOS MUNDOS...

Le jardin des supplices, par Octave Mirbeau.

Com as suas infinitas bellezas naturaes e artificiaes, com os seus multiplos encantos, com as suas delicias, com quanto a arte e a industria humanas puzeram nelle de bello, de aprazivel, de deleitoso, com todas as suas voluptuosidades da intelligencia e do sentimento, este mundo não é, no fim de contas, sinão um formoso jardim de supplicios. Por toda a parte o homem, besta féra ainda mal amansada sob as falsas apparencias de uma domesticação muitas vezes secular, por um requinte de maldade original ou adquirida, transforma cada canto do delicioso jardim em horto de tormentos, e das combinações mais explendidas, mais peregrinas, mais imprevistas de fórmas, de côres, de perfumes faz elle, por um refinamento de crueldade, um scenario de afflicções.

E a vida percorre este jardim, onde se casam todas as formosuras da natureza e da arte, num ancioso ardor de existencia e de gozo, soffrega de volupias raras e embriagada de amor, tonta e estonteante, sómente occupada e preoccupada de possuir, de desfrutar, de gozar.

Qualquer que seja o sitio, o recanto, a porção do magnifico prado, embalsamado das essencias mais exquisitas e povoado das aves mais raras e mais canóras, lá achareis o Homem soffrendo e fazendo soffrer, victima e algoz. Podeis percorrel-o em todos os sentidos e esquadrinhar-lhe todos os recantos, o mesmo espectaculo hediondo, infinitamente variado no seu feitio e enscenação, se vos deparará. Nem as suas porções mais e melhormente cultivadas vos darão outro. Aquella mesma exuberancia da vegetação, o raro, o singular, o inaudito da flora, o extraordinario das flôres e das suas fórmas e perfumes, é um producto dos supplicios. Essa terra feracissima estrumaram-na a carne e o sangue e os ossos das victimas, consoante as propriedades chimicas de cada uma dessas partes.

Neste nosso mesmo seculo, tão vaidoso dos seus progressos e das suas luzes, tão filaucioso em se gabar, não cançaram os carrascos, nem escassearam as victimas. No explendido horto onde somos alternativamente algozes e suppli-

ciados, a vida sorri horivel e execravel na sua immoralidade, na sua desfaçatez, na sua impudicicia. E todos sem excepção a acompanham, apenas com movimentos momentaneos e inconsequentes de revolta, mas presos della, escravos dos seus encantos e das suas graças, captivos dos seus feitiços, vencidos pelas suas promessas de gozos incomparaveis e unicos. E quando,como envenenada pelo espectaculo e pelas emoções malsans, ella parece nos vai faltar, nós, miseraveis, divididos entre o horror que a sua hedionda volupia nos causa e os encantos, e os desejos, e os appetites que a ella nos subjugam, ao mesmo passo que estimariamos fosse o seu desfallecimento a morte, gritamos-lhe desde o fundo da nossa alma que viva, que viva, que viva...

É esta a significação do livro estranho e horrivel do Sr. Octavio Mirbeau : *Le Jardin des Supplices*. Não sei até que ponto este romance pertence á arte na sua accepção mais geral e mais commum. Sei que é escripto com rara mestria de linguagem e um prodigioso vigor de estylo descriptivo, uma poderosa capacidade de representação. Sei que elle é o livro de um homem penetrado da dor humana, apaixonado da justiça e do bem, revoltado contra o mal que os satisfeitos, os indifferentes, os scepticos ou os parvos dizem necessario e insanavel. Sei que

sob a sua fórma pungente, mesmo atroz, ha nelle, com uma idéa profunda e um sentimento generoso, uma fraternal emoção humana, uma intenção sincera de bondade.

O Sr. Octavio Mirbeau é um dos mais distinctos escriptores da mais nova geração literaria da França. Mas em arte, como em politica, é principalmente um independente. Não obedece sinão aos seus instinctos estheticos, aos seus sentimentos, mais talvez que aos seus pensamentos, politicos e sociaes. É um anarchista. Poeta, autor dramatico e romancista, o Sr. Octavio Mirbeau, sem embargo das suas idéas, da sua independencia literaria, da irregularidade da sua obra, tem no seu paiz um lugar distincto entre os « novos » e a estima, o apreço, sinão a admiração, do mundo literario. O seu novo romance é mais symbolico que symbolista, não se amarrando o poeta á rhetorica da escola. E essas « paginas de Morte e de Sangue », como elle mesmo lhes chama, dedica-as. « Aos Padres, aos Soldados, aos Juizes, aos Homens, que educam, dirigem, governam os homens ». A dedicatoria diz claramente a intenção do escriptor, e a sua attitude em face de uma sociedade que se compraz ou fica indifferente ao espectaculo de horrorosos soffrimentos neste jardim delicioso e hediondo que é o mundo.

Todo elle repete em grande, multiplicado e

e variado, aquelle horrido jardim da China em que Miss Clara e seu amante, a Vida e o Homem, passeiam a sua volupia uma, a sua miseria e cobardia outro. Nem carecemos remontar ás épocas barbaras ou descer ás gentes brutas e selvagens, para assistirmos ao drama sombrio da maldade, dos preconceitos, do egoismo, das más paixões humanas. Elle se representa ainda no nosso tempo e nas mais adiantadas e policiadas nações. Olhai : a Inglaterra paira por toda a parte como uma ave de presa, guarda ciosa tormentos de outras éras como a roda do *hard labour* a que atou não ha muito um artista morbido e insano, trucida os negros na Africa, onde Stanley e os seus companheiros experimentam nelles o alcance e o effeito de suas carabinas aperfeiçoadas, e os guizam com uma curiosidade refinada de *gourmets* do sabor da carne humana; a catholica Hespanha faz morrer friamente de fome e de miseria em Cuba duzentas mil pessoas, prendendo-as sob pena de morte em cidades onde não ha alimentos para vinte mil, renova nas Filippinas as torturas inquisitoriaes, do mesmo passo que as emprega ineditas no seu proprio paiz com prisioneiros accusados de varios crimes ; a França assassina barbaramente em Madagascar e no Amapá, velhos, mulheres e crianças inermes e supplices, e a sua rival, a Allemanha, faz o mesmo na Africa e

deixa assassinar impunemente pelos officiaes o burguez pacato que os não venera bastante; o Brazil supplicía en Santa Catharina, no Paraná e em Canudos, com barbara crueldade, e os algozes execraveis são transformados em heróes; os Estados-Unidos lyncham, queimam, trucidam miseraveis negros ou forasteiros e continuam nas Filippinas a crueza hespanhola; na Russia donzellas morrem sob o knut e homens apodrecem nas prisões da Siberia, a coroação de um novo tzar custa a vida a milhares de pessoas; na Italia fuzila-se o povo que a penuria amotina; a guilhotina, a forca, o fuzil, a faca do degolador, as prisões tetricas e lobregas, o supplicio, a morte sob todas as fórmas funcciona por toda a parte. Os Francezes, fazendo da Patria um Moloch sangrento e execravel, sacrificam-lhe, em uma orgia delirante de odios de religião e de raça, um Judeu, descobrindo para elle supplicios raros. Os Yankees fazem experiencias de physica com os condemnados á morte. Os Brazileiros amontoam os seus prisioneiros e queimam-nos, préviamente embebidos de petroleo. Os Turcos, com o assentimento da Europa, dilaceram Armenios. Familias inteiras suicidam-se para não morrerem de fome, e numero dellas, infinitamente maior, perecem á espera de uma pitança que não chega ou entre si se estrafegam, na disputa bravia do bocado nojento,

como aquelles condemnados da prisão chineza que o romancista do *Jardin des Supplices* nos pinta com o realismo sombrio de um Goya. A humanidade em summa compraz-se no espectaculo do soffrimento e da morte; a nossa piedade de facto é de superficie, como a nossa civilização. Ao menor ensejo a nossa animalidade arrebenta a tenue casquinha que reveste em nós o ovo da animalidade de que viemos. Nem sciencia, nem leis, nem artes, nem letras, nem religião conseguiram ainda matar em nós a besta, a féra que em nós dorme. Em todo homem ha talvez um assassino.

Era esta these que discutiam em roda da mesa de um celebre escriptor francez, após um excellente jantar, alguns moralistas, poetas, philosophos, medicos e homens de letras. Um dos convivas, abundando naquellas idéas, sacou do bolso um manuscripto, que era a historia da sua vida, com que as corroborava, e leu-o.

A primeira parte era a sua vida infame de vadio, de desclassificado caipora que não consegue, como o seu amigo e collega Eugenio Mortain, fazer carreira na politica, e vive de chantage, do jogo, de mulheres e de quejandos recursos. Mortain, ministro, por se desembaraçar de um amigo compromettedor, com quem levára igual vida, dá-lhe uma commissão scientifica em Ceylão. Elle parte e a bordo apaixo-

na-se por uma bella Ingleza, rica e excentrica, que o prefere entre outros adoradores. Em vez de ficar em Ceylão, a estudar em seus mares a geléa pelasgica, elle seguiu-a enamorado.

Miss Clara, a formosa e singular Ingleza, era uma gozadora depravada e insaciavel. No mundo não via, nem procurava outra coisa sinão o prazer, as extremas excitações do amor que, por um excesso de perversão que no mundo real seria do dominio da pathologia, alliava á idéa do soffrimento e da morte. São poucas no romance moderno as figuras tão originaes como a de Miss Clara. Sómente Miss Clara, nos explica o proprio autor, é a Vida, que se repasta tambem de amor e de morte. Ei-los juntos, ella e o narrador. O amor que neste nascêra o purificára, e, na sua idolatria dessa mulher, parece-lhe um sacrilegio continuar a enganal-a, fingindo de illustre scientista. Confessa-se o canalha que foi, a immoralidade da sua missão, a sua completa ignorancia das sciencias naturaes. Essa confissão franca, sincera, eloquente era para elle uma dura prova; podia custar-lhe a affeição da mulher que era o primeiro verdadeiro amor da sua vida, mas a continuar a mentir e enganar a mulher amada, preferia a sua repulsa agora ao seu desprezo mais tarde. Nem uma cousa, nem outra lhe veiu. Ao contrario, ella o amou, e não por pie-

dosa emoção de mulher, mas pela affinidade da corrupção. Amou nelle o vicio, a depravação, o cynismo. E foram viver juntos na explendida residencia della na China. Ali ficava, junto á tetrica prisão de um atroz regimen de tormentos continuos, um jardim, de desenho, de disposição, de modelo unicos. Ali o genio chinez da jardinagem alcançára o seu maximo exito. Desse horto, que o Sr. Octavio Mirbeau descreve com incomparavel mestria, com uma força de desenho e de colorido verdadeiramente assombrosa, a dar-nos a sensação da realidade, a crueldade requintada dos Chinezes fazia o lugar dos supplicios. É de uma imaginação macabra a descripção desses supplicios com uma minucia technica e horripilante. Dir-se-ia que o escriptor se compraz nella. Mas o proprio horror que nellas põe, não sei si lhes não diminue o effeito moral, sinão o material. Aquella successão de tormentos acaba por cançar, enervar e embotar a nossa imaginação, e não sei si com ella, tambem não o nosso sentimento. Si para o paciente, segundo physiologistas, a dor tem um limite que não póde ser ultrapassado, a emoção por ella provocada no espectador deve ter igualmente um termo. Aliás o escriptor o comprehendeu, o seu heroe, arrastado pelas supplicas e caricias amorosas de Miss Clara, acaba por saciar-se do horrendo espectaculo e á emoção

do principio succede nelle o cançasso, a fadiga physica entorpecendo o apparelho psychico do sentimento. E o leitor cança com elle, e o que sente ao cabo dessas paginas crueis é o horror physico, o desgosto nauseabundo de taes scenas de soffrimento e de dôr.

Áquella prisão e a este jardim arrasta um dia Miss Clara o seu amante. Ella procura no soffrimento e na morte uma excitação de volupia, um elemento de luxuria. A morte é para ella uma irmã do amor. Que gozo haverá neste mundo que não venha da morte? Todo este passeio dos dous amantes, que forma a mesma essencia e interesse do livro, é uma mistura, deveras admiravel como simples processo literario, dessas duas idéas : a morte e o amor, o gozo e a dôr, o soffrimento e a sensualidade, a angustia suprema e a suprema lascivia.

« — Então, pouco a pouco, — diz o amante de Clara, — meu pensamento despega-se do jardim, dos circos de tortura, das agonias sob os sinos, das arvores testemunhas de dôr, das flôres sangrentas e devoradoras. Quizera rasgar o scenario deste matadouro, penetrar na luz pura, bater, emfim, ás Portas da Vida... Ai de nós! as Portas da Vida se não abrem jamais sinão para a morte, não se abrem nunca sinão para os paços e os jardins da morte... E

o universo me apparece um immenso, um inexoravel jardim de supplicios... Sangue por toda a parte e onde mais vida ha, por toda a parte, atormentadores horrorosos, que escavam as carnes, serram os ossos, revolvem a pelle, com sinistras faces de alegria...

« A sim! o jardim dos supplicios?... As paixões, as appetites, os interesses, os odios, a mentira; e as leis, e as instituições sociaes, e a justiça, o amor, a gloria, o heroismo, as religiões, são as suas flores monstruosas e os hediondos instrumentos do eterno soffrimento humano. O que hoje vi e ouvi, existe e clama e brame além deste jardim que para mim é apenas um symbolo, na terra inteira... Busco embalde uma parada no crime, um descanço na morte, e não se me deparam em parte alguma... » Tudo lhe parece fazer essa obra de morte : « São os juizes, os soldados, os padres que, em toda a parte, nas igrejas, nos quarteis, nos templos de justiça se affervoram nesta obra de morte. É o homem-individuo, é o homem-multidão, é o animal, a planta, o elemento, a natureza inteira emfim que, impellida pelas forças cosmicas do amor, se atira ao assassinio, crendo assim achar fóra da vida uma satisfação aos desejos furiosos de vida que os devoram e que esguicham della, em jactos continuos de suja escuma! »

Miss Clara se deixa por fim arrancar aos encantos morbidos daquelle jardim de afflicções. Um barco a leva pelo rio que ali corre a uma casa de prazeres. Como lhe succede sempre depois de um daquelles passeios, em que procura a excitação amorosa na contemplação dos horrores que acolá florescem como rebentos da maldade humana, tem uma crise hysterica. Naquella casa nefanda, cuja habituada era, levam-na para um leito, onde se prolonga a coma, cortada apenas, de tempos a tempos, pelo seu protesto de ha pouco, quando alcançada finalmente pelo horror de hediondo espectaculo, ella protestava jamais lá voltar :

— Nunca mais ! nunca mais !...

E o amante, á sua beira, a um tempo angustiado e enternecido, ao passo que, no mais profundo de si mesmo, desejava horrorizado e piedoso, com um mixto de amor e odio, que ella jámais pudesse despertar, gritava ancioso, apaixonado, chamando-a á vida :

— Clara !... Clara !... Clara !...

Tal é o livro que qualifiquei de estranho e horrivel do Sr. Octavio Mirbeau. Qualquer que seja a minha admiração pelo forte talento com que foi pensado e concebido, pela fórma por que foi executado, pela intenção generosa e humana que o inspirou, não me conformo em aceital-o como uma obra d'arte, qual uma longa

e ininterrupta evolução literaria obrigou-nos a concebel-as. A arte, é o meu credo, deve ser social e humana, mas sem perder a sua qualidade de arte. E a emoção que a obra d'arte deve produzir, intellectual ou sentimental, não se ha de confundir com a sensação physica, por assim dizer material, que nos fazem livros como o *Jardim dos supplicios*. Este romance, de tão excellentes qualidades de imaginação e de escripta, sôa ás vezes como uma fantasia macabra, sem realidade nem ideal. É uma mistura de naturalismo e symbolismo, da arte ás vezes a mais pura e de concepções apenas artificiaes. Mas como obra intencional, o seu principal defeito é um defeito logico, o autor prova de mais, como se dizia nas escolas, e a sua maior falha, do ponto de vista esthetico, é que a emoção que consegue dar-nos é primeiro toda physica e depois puramente intellectual.

O MUNDO ROMANO E O CHRISTIANISMO

Quo Vadis? a narrative of the tîme of Nero, by Henryk Sienkiewicz, traducção ingleza.

Dos recentes e exoticos romancistas é Henrique Sienkiewicz, escriptor polaco, um dos mais em voga e gabados na Europa. Está sendo por toda a parte traduzido e lido com avidez e admiração. « *Quo Vadis* » é o primeiro livro que delle leio e infelizmente não é talvez o mais proprio para apreciar devidamente um novellista, cuja reputação começa a emparelhar com a dos mais afamados escriptores exoticos, scandinavos, russos e mesmo italianos, como d'Annunzio e Fogazzaro. Não é um romance do nosso tempo e da nossa vida, no qual, com conhecimento de causa, pudessemos apreciar as capacidades de observação do autor, mas uma evocação do passado, uma narrativa do tempo de Nero, um

romance historico em summa, sinão pelo drama e protogonistas, pela sua acção geral, pelos personagens de segunda e terceira ordem, pelo meio physico e social em que se desenvolve a acção.

Tive já, perdoem-me lembral-o, ensejo de dizer o meu conceito do romance historico (1). Não é em absoluto condemnatorio do genero, mas tambem lhe não é favoravel. As duas palavras mesmo, romance e historia, se não casam e accordam, e, ou a narrativa é rigorosamente exacta, e deixa de ser romance, no sentido que todos damos a esta palavra, ou admittindo uma certa porção de fantasia, por minima que seja, cessa de ser historia. Como, porém, não é possivel supprimir ou relegar das literaturas modernas o genero hybrido chamado « romance historico », que com Walter Scott, seus discipulos e seguidores teve uma grande voga na primeira metade do seculo e ainda no começo da segunda, e deixou obras memoraveis, devemos admittil-o como o que chamarei um facto literario natural. E, como tal, cumpre-nos comprehendel-o e explical-o.

O romance não é sinão a transformação da epopéa, passando pelas canções de gesta. Democratizando-se a sociedade, fazendo-se burgueza

(1) V. neste livro *Historia contemporanea.*

e popular, a representação da sua vida se fez, e se não podia deixar de fazer, tambem popular e burgueza. O Romantismo completou essa evolução dando tambem o interesse do drama não só aos grandes, ás altas personagens, mas tambem ao povo, aos pequenos, aos miseraveis. Os poetas, porém, se não podiam contentar com cantar ou idealizar sómente a vida contemporanea. Remontaram ao passado para cantal-o e idealisal-o, e ao romance da vida moderna juntaram o romance da vida passada, que procuravam penetrar com a sua intuição do passado, intuição, disse Herculano, ás vezes mais difficultosa que a do futuro. Esse romance, porém, ainda era uma fórma do poema, uma representação mais ideal que exacta do passado, quaesquer que fossem os cuidados de exactidão do escriptor. A sua fidelidade historica era forçosamente externa, material, porque, si os seus personagens historicos e as suas acções publicas, podiam ser estudados, apreciados e reproduzidos segundo delles se sabia pelos contemporaneos, o seu caracter, deduzido dos seus actos, a sua natureza, a sua psychologia, para falarmos a lingua de hoje, escapava aos mais perspicazes.

E isto não é só verdade dos individuos, mas de toda a vida passada. E o proprio Shakespeare, apezar da sua genialidade unica, e da

sua larga comprehensão, adivinhação melhor fôra dizer, de Roma, está cheio de clamorosas incongruencias. Racine, esse deu a todas as suas personagens historicos as feições moraes da côrte de Luiz XIV.

É preciso reconhecer que essa impotencia dos poetas para reproduzirem o passado com a exactidão que pretendiam, tinha uma causa estranha ao seu genio : a erronea ou imperfeita concepção que até ainda a metade deste seculo se tinha do passado.

Data realmente de cerca da metade do seculo para cá o conhecimento exacto, quanto é possivel, não só dos factos da historia interior, ainda a mais remota, mas do caracter da vida e do individuo nas épocas idas. Tem-se chamado o seculo XIX o seculo da historia. Certo elle não fez uma obra só, sinão muitas, grandes e complexas. Uma das maiores, porém, será a sua obra historica, que póde ser estendida e aperfeiçoada, mas cujos resultados capitaes são por ventura definitivos. E assim não é impossivel que com os novos elementos por elle accumulados e vulgarizados tenhamos nós hoje adquirido tambem a faculdade de conhecer o passado no que elle possa ter de mais intimo, de mais proprio, de mais estranho ao nosso pensar e viver. Mas, respondam os psychologistas, será permittido á intelligencia humana comprehender

além daquillo que ella directamente observa, experimenta, compara, verifica? Ser-lhe-á licito abstrahir-se a ponto de não transportar a outras intelligencias e consciencias, de seculos afastados e differentes, as suas proprias impressões e sensações? Com esta só restricção, quero admittir que de tudo o que a erudição moderna accumulou póde o poeta, ajudado das forças intuitivas do seu genio, tirar uma representação do passado, tão perto da realidade quanto possivel inaginar. E sobretudo póde, e este é ao cabo e seu fim, dar-nos a illusão completa da verdade da sua representação.

O romance do escriptor polaco que acabo de ler é parte, confesso-o, nesta minha conclusão. « *Quo Vadis* » não é propriamente o que se chamou um « romance historico », ou antes, é um romance historico com uma nova esthetica do genero. O exemplar conhecido de que mais se approxima é a *Salammbo* de Flaubert, sendo-lhe por mais de uma feição superior. O que se dramatiza aqui não é uma acção historica descripta e interpretada ao sabor do romancista, como no classico romance historico, mas um momento historico, uma época e um grande facto da historia da humanidade. O poeta é erudito, conhece a fundo o periodo historico que nos representa, sabe-lhe por miudo os aspectos individuaes e geraes, mas aponta sobretudo a repre-

sentar-nos, com o maximo de realidade, o estado da alma da sociedade romana e dos homens que a constituem, na época de Nero, a reproduzir com a maxima exacção, não só as exterioridades dos seus costumes, dos seus vestuarios, das suas maneiras, do seu falar, mas o seu mesmo sentir, pensar e agir. O que elle quiz foi, como um photographo, em que houvesse tambem um artista, apanhar num dado momento, rapido e fugaz, um grande facto social, não sómente com toda a exactidão material, mas com as feições moraes que o caracterizam.

A sua alta e nobre ambição, unica digna de um verdadeiro poeta, é menos fazer um quadro historico, technica e eruditamente perfeito, que realizar, sob a fórma objectiva da sua arte, o principal momento do conflicto solemne entre o christianismo nascente e o imperio romano, entre o mundo antigo e o mundo moderno. O seu romance é a idealização desse momento, do primeiro arranque dessa luta, do encontro inicial das idéas moraes que os discipulos de « um certo Chrestos », como diz Tacito, propagavam entre a gentalha romana, com a civilização, a philosophia, a religião, a concepçao social do mundo romano.

Vinicio, tribuno militar, moço bello e rico, apaixona-se perdidamente por Lygia, joven formosissima, que elle conheceu em casa de Aulo

Plautio, personagem consular. Lygia ou Callina era filha de um Rei da Lygia, que a deu aos Romanos como refem. Não respeitando o chefe barbaro o tratado, ficou Lygia em poder do general romano, aquelle Aulo, cuja mulher a acabou de criar e educar, nos principios dos christãos, pois a veneravel matrona era uma daquellas, ainda muito raras na alta sociedade romana, já influenciadas pelo christianismo. Ella e o marido tinham pela joven uma affeição paternal. Vinicio confessa a um tio e amigo seu, o famoso Petronio, o seu amor e desejo de Lygia.

O *arbiter elegantiæ*, certo de que os Aulos jámais entregariam ao seu joven parente a sua filha adoptiva, não querendo este casar com ella, lembrou um estratagema. Conseguiria de Nero, cujo favorito era nesse momento, que elle mandasse buscar para o seu palacio, a titulo de refem que era, a formosa Lygia e de lá a entregasse ao moço e ardente tribuno militar. Assim se fez, mas Lygia encontrou em palacio a protecção de Actea, ex-amante de Nero, christã tambem ou pelo menos sympathica aos christãos, que a alentou. Entre o sequito de escravos e servos que acompanharam Lygia da casa de Plauto iam alguns christãos, entre elles uma especie de gigante do Norte, Urso, seu compatriota e servidor de seu pai. Nero dá uma das suas celebres festas. No meio da orgia Vinicio

embriagado quiz violar Lygia no triclinio. E a sua resistencia seria inutil si Urso, que vigiava, não apparece subitamente e não a arrebata a Vinicio. Ella, porém, soubera por este que por ordem de Cesar ser-lhe-ia entregue na tarde proxima. Resolve evitar aquella deshonra fugindo do palacio, e nao podendo voltar á casa dos seus pais adoptivos, o que lhes acarretaria a colera de Nero, resolveu com Actea e Urso que iria para os christãos. Urso obtém o concurso destes e quando ella era carregada na liteira de Vinicio para a sua casa, toma-a aos portadores e leva-a para o bairro miseravel onde habitavam aquelles. Vinicio cae em desespero. Elle amava realmente a Lygia, ou, como era o amor então, desejava-a ardentemente. Revoltam-se nelle o seu desejo da formosa rapariga e o seu orgulho de patricio romano. É preciso descobrir Lygia e que ella lhe venha para a sua casa. São ao principio vãs todas as pesquizas da policia imperial e sua. Anciava elle tanto mais por havel-a quando por Actea soube que Lygia, embora fugindo-o, o amava. E não podia comprehender que a donzella o amasse e lhe fugisse. Logra por fim, mediante um Grego que se empregava tambem nestas pesquizas, descobrir que Lygia estava entre os christãos e que provavelmente assistiria ás predicas do apostolo Pedro, ha pouco chegado á Roma. Com o Grego e mais

um gladiador, que devia effectuar o rapto de Lygia, vai ao antigo cemiterio onde se reuniam os christãos para ouvirem o apostolo. O ensino do apostolo, as suas palavras ungidas de piedade e fé, tão novo tudo para um nobre romano, o impressionam. A sua mente estava cheia das accusações correntes contra os christãos, que adoravam um idolo com cabeça de burro, que faziam encantamentos com sangue de crianças por elles mortas, que envenenavam fontes, que praticavam toda a sorte de torpezas, como inimigos do genero humano que eram. O contrario se lhe depara ali; aquelle velho venerando ensina, com uma grande doçura de palavra e uma forte e penetrante convicção, o amor e o perdão, fala de um Deus de piedade e de ternura, préga a submissão, a resignação e a humildade. A intelligencia do cavalleiro romano mal podia perceber o que ouvia — tudo tão estranho á sua educação, a quanto fazia a sua personalidade moral. Parecia-lhe, entretanto, que o apostolo condemnava o seu amor, e separava-o para sempre de Lygia que elle via ali, embevecida, extactica, sorvendo as palavras do prégador.

Finda a predica, elle e os seus assalariados acompanham de longe Lygia e os christãos e penetram após ella, com o intento de arrebatal-a, na casa onde se escondia no seio de uma pobre familia christã. Quando o tentam, Urso mata o

gladiador e mataria tambem a Vinicio si Lygia lh'o não impedisse. Vinicio, porém, saira ferido da luta. É recolhido e carinhosamente tratado por Lygia e pelos chistãos. Naquella atmosphera de uma vida para elle absolutamente tão nova e siquer suspeitada, no leito em que jazia reflecte e pensa. Já tivera uma amostra da vida christã na alta dignidade de Pomponia Grecina, a digna matrona esposa de Aulo, na graça casta de Lygia, no lhe fugir ella não obstante amal-o e na scena da predica do cemiterio abandonado. O seu espirito de Romano luta ainda com os proprios preconceitos. Mas vê e observa. Na sua mesma casa teria mais conforto, jámais, porém, tanto carinho. É Lygia a sua dedicada enfermeira, os seus colloquios têm uma rara e exquisita doçura; ella acaba por confessar-lhe que o ama, mas que o não acompanhará ainda á sua casa, que só será sua mulher, quando elle fôr christão.

É uma das partes mais perfeitas do romance, o estudo delicado e fino da penetração em uma alma romana desabusada e sceptica das idéas christãs tão profundamente não só diversas, mas oppostas ás suas. É por gradações quasi insensiveis que o Sr. Sienkiewicz nos mostra a metamorphose do augustil de Nero, o brilhante tribuno militar, no christão capaz de todas as humildades. Não é sem luta que essa transformação se faz. Ella começa pela do seu

amor que exaltando-se faz-se entretanto casto, puro, differente inteiramente do amor que elle conhecia. Os seus idyllios com Lygia durante a convalescença são de uma alta e suave poesia.

Não contarei todo o romance que é longo e cheio de peripecias. Por intrigas de Popea, mulher de Cesar, a qual requestara debalde a Vinicio, Nero põe-se de novo a perseguir Lygia e Vinicio, a quem antes, num momento de bom humor, a pedido de Petronio, consentira que casasse com a donzella, perdoada da sua fuga. E mbusca de novas sensações d'arte, o monstruoso cabotino manda queimar Roma e accusando os christãos de serem os incendiarios inventa contra elles as mais crueis torturas e faz da perseguição desses infelizes uma série de espectaculos publicos. Lygia é presa, Vinicio enta tudo para libertal-a e, por convite, que é uma ordem, de Cesar é obrigado a assistir áquelles hediondos divertimentos, esperando sempre, em angustias, ver num delles a sua bem amada. No ultimo dia ella apparece — e este é um dos quadros mais horrivelmente bellos de um livro onde abundam quadros desses — núa, atravessada e presa por ataduras na cabeça de um touro selvagem da Germania. Urso estava já na arena, ignorante do supplicio que se lhe depararia. Os christãos morriam todos em prece, sem resistencia, o que lhes valia as vaias dos cem

mil espectadores do amphitheatro, aos quaes privavam da sensação da luta. Urso, porém, se não contém á vista da sua querida ama, que o touro devia esmagar de encontro ao chão e ás paredes e cujo corpo abriria com os cornos. Atira-se á féra. Ha entre elles uma luta terrivel, um momento em que homem e besta, parecendo ambos fincados no chão, o grupo se não move e o circo inteiro, de pé, offegante, espera, mudo e tomado de commoção, o desfecho do combate. Ao cabo de minutos, que parecem seculos, o homem, conseguindo torcer a cabeça á féra, joga-a morta no chão. Os espectadores cairam em delirio: uma ovação tremenda, tonitruante, unanime encheu o circo, indo desde a plebe aos senadores, augustaes, tribunos. Urso tomára de Lygia nos seus robustos braços e mostrava-a ao povo pedindo-lhe o seu perdão. Vinicio saltára na arena e, cobrindo com a sua toga o corpo immaculado da sua amada, rasgára a veste e mostrava ao povo, implorando por ella tambem, as cicatrizes das suas feridas de guerra. Cem mil dedos se elevavam em todo o circo em signal de perdão. Nero entretanto ainda hesitava: elle quizera não perder o espectaculo de ver romper e dilacerar pelos chifres de um touro furioso aquelle corpo de virgem, bello como uma Venus de Praxitelles. Pensou nos pretorianos, mas o proprio commandante destes tinha o dedo er-

guido, e foi-lhe forçoso ceder ao povo, que já começava a insultal-o. E Lygia, Vinicio e Urso deixam a arena no meio de uma verdadeira ovação.

O romancista polaco revela neste livro possuir as duas qualidades mais necessarias em uma obra destas : o sentimento do passado, a capacidade de represental-o nas suas feições materiaes e moraes, e a de penetrar nas almas das personagens historicas e nol-as pintar com a mesma exactidão, como si elle as houvesse creado, segundo moldes contemporaneos. Ha nelle um erudito forrado de um artista, e um psychologo. Os seus quadros da vida romana, as festas de Nero, a casa de Petronio com os seus refinamentos de existencia, o incendio de Roma, os espectaculos do amphiteatro, as scenas da vida christã primitiva, pareceram-me de uma exactidão impeccavel e são seguramente de uma grandeza que só encontra comparação em alguns de *Salammbo*. Ainda os do romancista francez são talvez mais minuciosos e detalhados, o que lhes diminue acaso a impressão de conjunto. Mas Sienkiewicz excede, ao meu ver, o romancista francez no desenho, figuração e estudo das personagens. Lygia é uma creação mais finamente acabada que Salammbô. S. Pedro é tal qual o representa a tradição christã. Nero e Petronio são dous admiraveis retratos. Sómente

S. Paulo me não pareceu o duro e secco apostolo das gentes. Ha mesmo uma occasião em que as suas palavras não estão de accordo com a sua conhecida doutrina do casamento e da virgindade — quando um christão fanatico condemna o amor de Lygia por Vinicio.

Mas é sem duvida Nero a figura mais viva deste livro. O autor com um grande tacto de artista não lhe faz um retrato ao apresental-o, não o descreve numa vez só. Pinta-o repetidas vezes pelos seus actos e palavras, apresenta-o em situações diversas, nos seus melhores como nos seus peiores momentos, alegre, irado, bonachão, feroz, risonho, triste, audacioso e cobarde, e o conjunto que destas diversas feições resulta é admiravel e parece assombroso de verdade. Já Renan, no mais perfeito talvez, como obra de arte, dos seus livros das *Origens do Christianismo*, no *Antichristo*, traçára um retrato de Nero que ficou celebre na historia literaria pelo vigor da pintura e pelas polemicas que levantou. Nao sei si o Sr. Sienkiewicz se inspirou de Renan. Como quer que seja, a sua interpretação do odioso Cesar não differe sensivelmente da do glorioso escriptor francez. Nero não amava talvez, como observa Renan, o mal pelo mal, era melhor que Domiciano ou Caligula. É um cabotino todo poderoso, um intellectual sem alma, um artista excessivamente vaidoso, um

comediante louco pela gloria ruidosa das platéas e sinceramente convencido do seu papel. E com isto cobarde, mesmo para o bem, incoherente, fantasioso como um homem a quem a vileza humana tornára tudo licito. O poder dos Cesares, só limitado pela morte, era quasi impossivel que não acabasse, como acabou, por desvairal-os.

Não ha natureza humana que resista ás tentações da omnipotencia, favorecida pela vilania e bajulação de todos. Eu imagino que um homem como Guilherme II da Allemanha, com suas pretenções artisticas e literarias, suas velleidades de omnisciencia, a sua tendencia instinctiva para o mando e o dominio, daria facilmente um Nero, si se lhe deparassam as condições do tempo e meio deste. A vaidade de artista e de literato, com a abjecção do povo romano, foram talvez os principaes factores da perversidade de Nero. Quando foragido, perseguido, elle vai morrer, sem ter aliás a coragem, vulgarissima em Roma, de matar-se, accumula citações consoantes ao seu caso. Nunca um remorso, talvez siquer uma duvida, atravessou a sua consciencia. Aliás elle acharia sempre uma razão literaria, uma citação, um bom dito, uma *boutade* de artista, com que desculpar-se ou explicar-se. Vestir a sua infamia de frases é commum nessa especie de gente, cuja vaidade acaba por confundir o bem e o mal. Demais Nero era um

sujeito de mau gosto, educado por um homem de mau gosto, Seneca, e vivendo numa época de mau gosto geral. Isto poz perfeitamente em evidencia Renan, e o romancista do « *Quo Vadis* » deixa-o claramente perceber. Ora o mau gosto, segundo o dito espirituoso, e porventura profundo, de um admiravel escriptor francez, leva ao crime.

Como quer que seja, Nero é abominavel e não é talvez bom estarmos a exculpal-o com as nossas especiosas psychologias; podiamos talvez com isso animar os Nerosinhos, mais ou menos *en herbe*, que por este mundo todo existem...

UMA ROMANCISTA PORTUGUEZA

Elle, por Claudia de Campos, Lisboa. Tavares Cardoso e Irmão, editores, 1899.

Cleontina Fratel, Cléo, como lhe chamavam as amigas e todos quantos de pequenina a haviam conhecido, vivêra até fazer-se moça — moça no nosso sentido brazileiro — na villa alemtejana de Sutil, a vida de uma rapariga rica, bem educada, querida, amimada e voluntariosa, qual a permitte viver um acanhado meio provinciano. Tinha ella quinze annos quando uma irmã de sua mãi — Cléo era orphã de pai — a Condessa de Miranda, da alta vida de Lisboa, escreveu-lhe que fosse passar na Capital algum tempo com a filha. « Não ha meio para Cléo — assegurava ella — de se tornar uma mulher distincta e verdadeiramente prendada, continuando a viver nesse ermo. Uma menina do seu nascimento e da sua fortuna merece que

se lhe dê uma educação condigna. Não sacrifiques, portanto, Luiza, a um imperdoavel egoismo, o futuro de tua filha. » Relutava, entretanto, a mãi de Cléo, senhora simples e domestica, em deixar a sua villa e velhas relações e amizades. « Sonhando com os horizontes novos que ante os seus passos se abriam, incitada pelo que havia de inesperado e mysterioso na mudança que a tia propunha, Cléo insistiu com a mãi, derrubou sem difficuldade um a um os frageis obstaculos que a pobre senhora accumulava para se oppôr áquella resolução, que a ia arrancar á sua casa, á sua gente, aos seus habitos, a tudo quanto lhe era querido. » E a mãi acabou por passar-se com ella para Lisboa.

« Cléo disse um adeus alegre, um adeus sem pranto, um adeus ingrato » á sua terra natal, ás suas velhas relações de familia, ás suas amigas de infancia, e ao seu primeiro namorado. Porque Cléo amava, do primeiro amor, um bello rapaz, Frantz Lentz — ha muito nome saxonio nesta novella provinciana portugueza — que a amava tambem. Tinham-se declarado um ao outro, trocado beijos, erão quasi noivos. Nada obstante, partiu jubilosa sem olhar para traz. « A proposta da tia, — explica a romancista — acordára nella alguma coisa até ali dormente, alguma coisa apenas presentida durante a leitura de certas paginas dos raros romances e dos jor

naes que lhe chegavam ás mãos. Parecia-lhe só começar de véras a viver, quando no trem que a levava ia vendo perder-se na fluidez dos longes o perfil da sua terra, diluir-se a melancolica paizagem scenario da sua infancia. » Lisboa foi para ella um deslumbramento; transformou-a. « A rapariga turbulenta e meiga, simples e activa, que na provincia se entretinha dias inteiros com brinquedos infantis, sem exigencias, sem requintes de luxo, despreoccupada e alegre, contente da sua sorte — perguntava a si mesma a mãi de Cléo — seria a mesma de Lisboa, artificiosa, *coquette*, estudando *poses* no espelho, fria para com as amigas, só occupada em *toilettes* e em futilidades mundanas, ambiciosa de grandeza, de agitação, de variedade? » Em breve, emulava Cléo ás mais famosas mundanas da Capital, e achava um marido, o marido que ella desejava, no Visconde do Mello, « rico, bem relacionado, distincto, muito conhecedor do mundo, de educação irreprehensivel, vestindo bem, sabendo valsar, conversar, jogar... » Ella sentia-se feliz com o casamento. « Amava, ou julgava amar, o marido, sem sentimentalismos nem exageros... comprazia-se na liberdade que lhe outorgavam, sentia-se no seu elemento, podendo viajar, gozar e gastar á vontade. » Tiveram um filho que morreu aos seis mezes a quem ella não deu extremos amorosos e por

quem não chorou muito, não lhe dando successor. « Pensou que a maternidade não se alliava bem com o seu temperamento. » Morto o primeiro filho e certa de não ter outro, começou a « época mais brilhante para ella, a época da florescencia luxuriante de todas as idéas, de todos os pensamentos, de todos os desejos, de todas as sensações, que jazem latentes num recanto do ser feminino. » Jamais « se manchou » entretanto, « como tantas da sua roda, no adulterio, que condemnava por grosseiro, humilhante e despoetizador. » Morreram-lhe a mãi e depois o marido ; ambas as mortes « apenas á superficie » sentidas. « Imaginação amiga do sonho, idealizadora de sentimentos, Cléo amava o amor, mas não amava ninguem. » Uma doença, a anemia, obrigou-a, muito a contragosto seu, e por ordem do medico, a deixar Lisboa e as villas de elegancia e villegiatura e voltar á terra natal, ha treze annos deixada e esquecida.

Assim como a simples idéa de ir para Lisboa fizera esquecer a Cléo sua terra, suas amigas, e seu amado, e a vida de Lisboa inteiramente e de subito a transformára, a volta á terra natal, o achar-se de novo entre a gente e as cousas della, a mudou repentinamente. Já na estrada alemtejana entra ella a perceber que « as cousas não eram o que se lhe tinham afigurado, que

aquelles sitios possuiam alguns encantos, por ella levianamente olvidados. » Essas coisas fazem uma forte impressão « no seu espirito mobil — onde as idéas se sobrepunham, passavam, deslizavam umas sobre outras, deixando, as que iam desapparecendo, projectada a sombra sobre as que lhes succediam. » O meio onde se passaram os seus primeiros quinze annos, as velhas e boas relações de familia, as amizades de infancia, os familiares da sua casa, a mesma paizagem, que tudo a recebe carinhosamente, sinceramente alegre com a sua vinda, fazem nella o seu effeito. E ella acaba por achar que ama ainda a final tudo aquillo e acha-se outra, a mesma provinciana simples de ha treze annos, com a experiencia e a intelligencia das cousas a mais. Ao entrar na sua villa natal, a sua lembrança vai ao seu primeiro amor e ao seu primeiro amado, esse Frantz Lentz que ella, com a sua leviandade de menina abandonou, e com a sua futilidade de mundana esqueceu. E quando pensava nelle, e recordava uma scena dos tempos dos seus amores : « O que nós dissemos naquella tarde, o que eu lhe prometti e o que fiz... julgava amal-o tanto, e depois... tudo mudou em mim, nem sei como! » elle passa-lhe a cavallo pelo carro que a trazia, comprimentando-a friamente, com um meio sorriso. Ambos ao depois notavam comsigo que um e outro estavam pouco mudados.

A pequenez da terra e as relações communs puzeram Cléo e Frantz em communicação, e em ambos renasceu com força o amor antigo, que si em Cléo chegára a desapparecer, em Frantz não morrêra jámais de todo. É certo que elle tambem casára, mas sem amor, por conveniencias de familia, com uma rapariga nulla e inculta, por fórma alguma comparavel a essa bella Cléo que lhe voltava agora no viço da mulher, seductora, espirituosa, distincta. E, com tudo isto, amavel, querida de todos, surprendidos pelos seus modos estimaveis, carinhosos, meigos — quaes na villa ninguem mais esperava encontrar na afamada mundana do grande mundo lisboeta.

Com excepção da mãi e da mulher de Frantz, as suas boas maneiras, a sua graça, conquistaram a todos, desvanecendo-lhes as prevenções contra ella, cuja transformação de mundana futil em uma Cléo amorosa, sentimental, sedenta de affeições sérias e sinceras aquella terra e aquella gente boa e amiga completaram. Nessa mudança era por muito o seu amor renascente e o objecto delle, Frantz. Este ao principio evita-a e resguarda se; ella apenas tenta fazel-o. Por fim, não lhes foi mais possivel esquivarem-se mutuamente, e a paixão explode em ambos, si não violenta, forte, profunda, dominadora. E é ella agora, arrependida do passado, comprehendendo

que estragára a propria existencia, abandonando esse primeiro e puro amor e esse homem tão amante e tão digno, que vai para *elle*, louca por *elle*, numa obsessão apaixonada do amor d'*elle*. Tudo se prepara para um desfecho fatal, tragico, a sua vergonha della, a dissolução de um casal, a desgraça de uma familia, o escandalo numa pequena sociedade provinciana, quando intervem, como um *Deus ex machina*, um medico, um desses medicos que na ficção contemporanea substituiram os padres, na que lhe precedeu. Com a sua autoridade de velho clinico e amigo, e a sua sciencia do mundo e do coração, o Dr. Macedo removeu a catastrophe impendente, obrigando Cléo a deixar precipitadamente a villa em demanda de outros ares.

Tal é, na sua acção principal, desacompanhada dos necessarios episodios e circumstancias, o novo romance de D. Claudia de Campos, o primeiro que della tive a satisfação de ler. O seu nome não me era, aliás, de todo desconhecido; sabia-o de referencias, e de ter-lhe visto o retrato, si não me engano, em uma publicação franceza consagrada ao feminismo. Um outro retrato seu, em postura um tanto theatral, acompanha este seu livro. Ha neste, além daquelle drama que lhe constitue o enredo central, uma porção de cousas secundarias, que não sei si não valerão mais, como romance, como arte, como pintura

de gentes e costumes, que o entrecho e as personagens principaes da novella. A vida de uma villa portugueza, os usos, a paizagem, tudo é nelle pintado ou descripto naturalmente, sem artificio, sem deficiencia nem excesso, sinceramente e com sympathia que nao falsifica a verdade. Por este aspecto, a romancista me parece de todo o ponto bem dotada e o seu romance muito apreciavel. Não sei, porém, si nao deva fazer alguma restricção quanto ás suas capacidades de analyse e de generalização. Expuz com toda a boa fé o caso de Cléo, como o li no romance com toda a attenção e sympathia. Não sei o que julgará o leitor; eu de mim achei demasiado complicada e inconsequente a psychologia da heroina. Não desconheço que ser complexo e vario é o ente humano, quão mudavel e incoherente é frequentemente em seus sentimentos e acções. Na mulher, pela predominancia e maior excitabilidade nella do systema nervoso, e do sentimento sobre a razão, é talvez maior essa complexidade e incongruencia. Vária como a onda, chamou-lhe o excelso poeta que nos deu della as mais bellas representações. A physica, porém, conhece a razão da variabilidade da vaga ; cumpre á psychologia do romancista explicar-nos a das suas creaturas. Na arte, como na vida, tudo é possivel, tudo se deve admittir, apenas com a condição de nol-o fazer

aceitar. Comigo não o conseguiu quanto era preciso a autora de *Elle*. A Sra. D. Claudia de Campos explica muito a sua personagem, explica-a talvez mesmo um poucochinho de mais; seria superflua a explicação si eu a sentisse viver. Si Cléo fosse uma grande hysterica (e, então, confesso, deixava de interessar-me), eu comprehenderia facilmente as suas successiveis transformações da menina simples e amante dos quinze primeiros annos de provincia, da estouvada e leviana qual a faz a idéa sómente de ir para Lisboa, da mundana futil e indifferente depois de ali estar, e finalmente da doce, meiga, bondosa e apaixonada Cléo, de volta á terra natal. Não é o seu amor por Frantz que me surprende, era natural que elle resuscitasse, mas a mudança geral que se nella opéra e, sobretudo, a natureza delicada desse amor apaixonado.

Não sei, mas parece-me que as mulheres se comprehendem menos e se explicam peior que os homens. A psychologia das mulheres dos seus romances é menos exacta, menos penetrante, menos aprofundada que a por aquelles feita. Será pela incapacidade organica que ainda as faz mentalmente inferiores ao humem, ou porque, mau grado seu talvez, as escriptoras de romances não sejam inteiramente sinceras e repugnem instinctivamente a confessarem-se? Como quer

que seja, as suas analyses da alma feminina, mesmo em uma George Sand, não têm o vigor e a justeza das de um Beyle, um Balzac, um Flaubert, mesmo de um Daudet ou de um Bourget.

D. Claudia de Campos é o que se chama uma feminista, isto é, uma mulher preoccupada com a situação da mulher na sociedade, reivindicadora dos seus direitos, uma revoltada contra o que um autor francez chamou recentemente *la loi de l'homme*. Não fôra uma pagina, de duvidoso bom gosto, em que Cléo discute como uma *bas bleu* o seu caso com o Dr. Macedo e cita-lhe textualmente a *Francillon* de Dumas Filho, isso sentir-se-ia mais que se perceberia do contexto do seu livro. E si neste tom ficasse, lhe levantaria o merito. Mas não sei si é uma feminista bem convencida; si o fosse, parece-me, o seu romance não acabaria como acaba, e Cléo não consentiria em deixar o Sutil sem levar comsigo Frantz. É verdade que talvez este romance não finde de facto neste livro, e que outro venha completal-o.

Ama a romancista as reflexões, no que se mostra uma nobre ambição de pensadora. Não me parece a realize, nem que haja ao seu talento, com o dom de observação, a penetração, a finura, a comprehensão que juntam ao romancista um pensador. Não lhe descubro tambem o dom de expressão necessario para vasar numa

bella frase, as mais das vezes curta, incisiva, exacta, o conceito, e de fazel-o realçar pela palavra que o veste. Frases como estas não são precisamente distinctas, nem siquer pouco vulgares : « O amor — a paixão fecunda em emoções, até de ordem esthetica, pois que representa um papel predominante na propria origem da arte, e põe mesmo na alma obscura dos animaes uma claridade vaga, esboço do sentimento do bello ». — « Ha homens versateis por natureza, que mudam de affectos com a mesma rapidez com que o cameleão muda de côr. » — — « Ah! só poderiamos tornar bem comprehensiveis os nossos sentimentos, se pudessemos abrir o peito e mostral-os. » — ... « as creaturas não se medem... pela formosura, pela fortuna, pela elegancia e pela intelligencia ; mas tambem eprincipalmente pelas qualidades moraes que possuem e pela dedicadeza dos sentimentos que revelam. »

Muitos mais trechos iguaes poderia eu citar em abono do meu conceito. Estes bastam. A sua leitura e de outros antes transcriptos, mostraram ao leitor a feição literaria da escriptora sob o aspecto da lingua. Pareceu-me frouxa, sem relevo, ou siquer elegancia. Como em geral os Portuguezes, mantendo melhor que o commum dos escriptores brazileiros a indole syntactica da lingua, não tem D. Claudia de Campos sinão a correcção, a pureza de um bom escriptor.

Abusa de expressões francezas escusadas, e, destemida, nao foge ao gallicismo de palavras e frases. Este peccado não é porventura mortal numa lingua que não attingiu ainda a sua completa exactidao grammatical e lexica, e que queiram ou nao os puristas, tem de submetterse á influencia daquella pela qual vem a cultura aos povos que a falam. Os nossos gallicismos de hoje serão purismos amanhã, como são hoje os dos nossos avós. Mas que isto não nos leve a abusar. As linguas sabem defenderse, e nao incorporam de facto sinão o que tem uma razão de ser. Só esta convicção devia bastar para acautelar o escriptor amante e respeitador da sua arte e da materia prima della que é a lingua.

Na romancista portugueza, reparo menos aquelle senão que a ausencia de um estylo mais pessoal, mais seu, mais nervoso, que melhor indicasse uma personalidade. Para uma obra que traz para a literatura portugueza os problemas sociaes, de preferencia familiares, si me é permittido dizer assim, um tal estylo era necessario, talvez mesmo uma condição de successo.

Nao tiram, porém, estas restricções o merecimento ao romance de D. Claudia de Campos. De parte a these, que se resolve aliás de um modo burguez, e a contento do honesto leitor, é um livro interessante e que se lê com agrado.

A VIDA LITERARIA NOS ESTADOS UNIDOS

James Russell Lowell and his friends by Edward Everett Hale, Boston, 1899

Os mais consideraveis (não sei si os maiores ou os melhores) poetas norte-americanos são talvez Bryant, Longfellow, Lowell. Naturalmente a opinião americana divide-se ainda entre estes e Holmes, Whittier, o mesmo Emerson, o illustre pensador, o Platão *yankee*, como lhe chamava Lowell, Aldrich, Edgard Poe, Walt Whitman, um catalogo de nomes que não nos dizem a nós Brazileiros, a mim pelo menos, grande coisa. Com excepção de Bryant, de Lowell, de Walt Whitman, e sobretudo de Poe e de Longfellow, traduzido em nossa lingua pelo Srs Franklin Doria (Barão de Loreto) e Americo Lobo, os mais são-nos quasi, sinão de todo, desconhecidos. A Poe conhecemos através

do francez de Beaudelaire e da magnifica versão em verso do *Corvo*, pelo Sr. Machado de Assis. Emerson é apenas considerado entre nós, pelos que o não ignoram, como um pensador.

Entre os sujeitos citados, James Russell Lowell é reputado pelos seus, não só um notabilissimo poeta, — « o principe dos poetas americanos » chama-lhe o Sr. Hale, — mas o principal homem de letras americano, o *leader*, como a gente de lingua ingleza gosta de dizer, da literatura americana contemporanea.

O Sr. Edward E. Hale, que foi um dos seus amigos e conserva-se um dos seus admiradores, consagrou-lhe este anno um grosso e bello volume com retratos, fac-similes e illustrações, verdadeiro monumento erguido á gloria de Lowell, e cujo conhecimento devo á obsequiosidade do fino literato a quem deveres officiaes de longos annos nos Estados Unidos não fizeram esquecer, antes augmentaram e desenvolveram, o gosto das boas letras. Já este livro *J. R. Lowell e seus amigos* é um rasgo da vida literaria americana, sabendo-se que não é uma excepção, sinão uma pratica ordinaria nos Estados Unidos a publicação de estudos criticos memorias, recordações e reminiscencias sobre os seus homens illustres na politica, nas letras, nas sciencias ou em qualquer outro digno campo de actividade. Taes livros, aos quaes se

juntam as memorias autobiographicas e as correspondencias, formam já ali uma vasta literatura ao lado da literatura de creação.

Lowell foi além de poeta, ao que parece eminente, ensaista, professor, conferencista — que nos Estados Unidos é uma profissão — critico, publicista e « editor ». isto é, director de revistas literarias e porfim politico theorico e diplomata, tendo sido embaixador na Hespanha e na Inglaterra. Na Republica Americana, como se sabe, não existe a carreira diplomatica. Os governos nomeiam para os cargos de diplomacia, principalmente para os de chefes de Legação, a quem lhes apraz, e isso não tem, parece, mostrado nenhum inconveniente. Não é raro, antes frequente, que essas nomeações tenham recaido em literatos de reputação, como Lowell, Hay, o actual Secretario de Estado, tambem poeta estimado, ex-embaixador em Londres, Motley, o historiador da Republica neerlandeza e da guerra dos trinta annos, Bancroft, o celebre historiador dos Estados Unidos, Eduard Everett, hellenista notavel, professor de grego em Harvard, Washington Irving, o famoso romancista e historiador, James Taylor, copioso poeta, viajante, novellista e traductor do *Fausto*, e muitos outros, ministros plenipotenciarios ou embaixadores em Londres, em Madrid, em Vienna, em Haya, em Berlim e em outras côrtes.

Quaesquer que sejam as animosidades e desavenças havidas entre os Estados Unidos e a sua mãi patria, o certo é que no fundo de todo o bom Americano, como da mesma alma yankee, ha o respeito, a conservação, o orgulho da sua origem ingleza e das suas tradições, que elles entroncam decididamente nos Inglezes. Já o notou um bom observador nosso, o Sr. Oliveira Lima, como o notavel escriptor americano John Fiske vai buscar nas velhas tradições anglo-saxonicas e ainda germanicas as origens da vida social e moral da sua patria. A principal preoccupação do Norte-Americano é talvez a Inglaterra, os seus costumes, a sua politica, a sua vida em summa, e ainda na vida literaria norte-americana esta preoccupação é evidente, no cuidado, no amor com que ali se estuda e cultiva a lingua e a literatura ingleza. Shakespeare, Milton e porventura o mesmo Chaucer e Spencer, o velho poeta, são ali tão seriamente estudados e tão amorosamente lidos como na Inglaterra; nem o culto *yankee* do grande tragico e poeta é menor que o que lhe rendem os seus nacionaes. O professor Eduardo Everett, que foi ministro americano na Inglaterra, dizia que « um Americano considera a abbadia de Westminster e Stratford-on-Avon (o berço de Shakespeare) com um enthusiasmo que os Inglezes mettem á bulha como uma

candidez provinciana ». Affirma o Sr. Hale que, comquanto decidido Americano, foi com estes sentimentos de enthusiasmo pela Inglaterra que James Lowell, já celebre, foi tomar conta do seu posto diplomatico ali. E quando elle enceta a sua vida de conferencista, em 1839, as suas doze conferencias são consagradas á literatura ingleza, sendo uma aos romances metricos, outra ás balladas, outra a Chaucer, e as outras a Spencer, a Milton, a Butler, a Pope, a Wordsworth.

Lowell formára-se em Harvard, um grande collegio fundado, á imitação dos grandes collegios universitarios inglezes, em 1636, em Cambridge, no Massachussetts. Destinava-se Lowell ao direito, mas estudou literatura. Aquelle collegio, que em 1886 celebrou o seu 250° centenario, parece ter tido uma grande e util influencia na vida literaria americana. Entre esses collegios inglezes e americanos e os nossos collegios latinos, nada ha de commum sinão o nome. Aquelles são realmente estabelecimentos de educação intellectual, moral e physica, factores efficientes na formação do caracter, na vocação dos seus escolares; estes, mistura perniciosa de convento e quartel, apenas distribuidores de instrucção, mais aptos a destruir que a desenvolver os nobres estimulos, são taes que todos quantos tivemos a infelicidade de

passar por elles cordealmente os detestamos. Em Harvard, além do direito, da medicina e da theologia, que formavam faculdades distinctas, constituindo com o collegio a Universidade, estudava-se principalmente, como base de toda a educação liberal, segundo o molde inglez, grego, latim e mathematicas, nas quaes, conforme a mesma pedagogia, incluiriam a astronomia e a physica. Ensinavam-se tambem as linguas modernas da Europa Occidental, inclusive o portuguez. Dellas escolhiam livremente os alumnos ao menos uma, que eram obrigados a estudar durante quatro séries ou periodos lectivos. Além destes estudos havia os de rhetorica, logica, philosophia moral, economia politica, chimica e historia natural, seguidos com mais ou menos applicação pelos alumnos ao sabor dos seus gostos e inclinações. Não se estudava então especialmente a litteratura ingleza, mas exigia-se muito no estudo da lingua, e de escrevel-a principalmente. Era dividido o collegio em quatro classes, sommando todas nuns duzentos e cincoenta moços, de quatorze aos trinta e cinco annos; a maior parte, porém, entre dezeseis e vinte dous. Dispunham elles de uma escolhida bibliotheca de cincoenta e cinco mil volumes, que podiam ler á vontade e retirar para leitura fóra. No collegio havia tres ou quatro sociedades literarias, cujo principal

fim era fornecer leitura de romances aos seus associados. Confessa o biographo de Lowell que por sua parte teria lido seus oitenta romances por anno, durante o seu curso collegial, o que parece, lhe não fez muito mal, pois é um respeitavel pastor, um reverendo doutor e estimado escriptor. Os alumnos deviam assistir ao serviço religioso na capella de manhã e á tarde. Os methodos de estudo não eram áquelle tempo os melhores, mas havia professores de grande valor, como Eduard Channing, o irmão do grande theologo protestante, ao qual, no dizer do Dr. Hale, devem Emerson, Holmes, Sumner, Clark, Bellows, Lowell, Higginson, a excellencia do seu inglez.

Estava Lowell no segundo anno, quando Longfellow veio ensinar linguas modernas, substituindo George Tiknor, o famoso historiador da literatura hespanhola. Era em 1836, tinha Longfellow então 29 annos, mas já era um nome conhecido, quasi illustre na literatura norte-americana. Elle despertou em Harvard o gosto da literatura allemã e teve uma grande influencia na vocação literaria de Lowell e das gerações de rapazes que durante 25 annos succederam-se na sua classe. Lowell, seu discipulo e emulo, foi quem lhe succedeu na cadeira em 1855.

Em Harvard já se ensinava alguma lingua

estrangeira, como o francez, mas foi graças a uma doação de um dos seus antigos alumnos, um tal Abiel Smith, que se estabeleceu ali desde 1815 o estudo regular das linguas modernas. O ensino propriamente grammatical, a instrucção da lingua, era dada por professores adjuntos; o professor era apenas um conferencista sobre assumptos mais importantes, épocas e typos literarios. Longfellow, por exemplo, fizera lições sobre Dante, como Lowell sobre a historia da lingua e da literatura ingleza.

É nos collegios como Harvard, com seus estudos livres, suas ricas bibliothecas, seus jornaes e magazines, suas sociedades literarias, o estimulo de alguns eminentes mestres, elles proprios literatos, poetas, criticos, publicistas, directores de revistas, scientistas, como foram Ticknor, Longfellow, Lowell, Peirce, Agassiz, Felton, que se faz a elaboração primeira da literatura americana, que as academias e as universidade hão de apenas desenvolver e aperfeiçoar. Por outro lado, a activa — não lhe quero dar outro epitheto — vida literaria americana, e a emulação existente entre os grandes estabelecimentos de ensino nos Estados-Unidos o proprio estimulo do ganho em uma terra onde as letras são uma profissão rendosa, livram o professorado ali, daquillo que o Dr. Hale chama com razão « o grande perigo para um

mestre ou professor de saber pouco do que se passa fóra do seu proprio casulo » e de pensar « que a metade do mundo cabe no cercado que rodeia o territorio onde elle ouve a campa do seu collegio ». O professorado fornece aos Estados Unidos crescidissimo numero dos seus escriptores de toda a ordem ; e será certamente raro achar ali um professor sem livro, como um homem politico, um estadista, um sujeito da alta administração ou da diplomacia, que não seja mais ou menos, e com maior ou menor distincção, um escriptor de revistas e magazines, sinão tambem de livros.

As revistas e magazines são uma parte consideravel da literatura americana, e seriam a parte caracteristica si não fôra a Inglaterra, onde essas publicações têm o desenvolvimento, a importancia, a autoridade e a variedade, de todos sabido, e que os Americanos, pelo numero ao menos, estão quasi a igualar, sinão a exceder. Nos Estados-Unidos, taes publicações, fundadas desde o primeiro quartel do seculo, entram a desenvolver-se com os da geração de Lowell, saida de Havard ou de outros collegios e universidades.

Já ali redigira elle um magazine collegial, « Havardiana » chamado. Quando, depois de graduado, elegeu a profissão de homem de letras, si não é muito chamar profissão uma car-

reira da qual se não vivia ainda nos Estados-Unidos — foi para as revistas que voltou as suas ambições de neophito. Nos magazines do tempo, escrevia-se por amor da gloria. « Seria considerado uma maravilha que a primeira *New England Magazine* e a *North American Review* pudessem pagar um dollar por pagina. » O mesmo Longfellow não era ainda então pago. Quando Lowell quiz publicar, em 1841, o seu primeiro volume de versos, *A Years Life*, perguntava a pessoa a quem se dirigia quanto poderia custar a impressão de 400 exemplares, ou sómente de 300, si o seu correspondente não pensasse que tantos se pudessem vender, a um dollar o volume. Queria-o bem impresso, mas sobretudo queria-o impresso, porque, elle diz na mesma carta, por mais que estivesse certo de que havia escripto algumas coisas boas e se achasse satisfeito comsigo mesmo, « é, todavia, uma grande satisfação para todos nós sermos conhecidos e comprehendidos de outros ».

Pela metade do seculo a vida literaria dos Estados Unidos era principalmente vivida em Boston, chamada a Athenas americana. Dali irradiava a Cambridge, o celebre centro universitario onde ficava Harvard College; para Concordia, onde habitavam ou viveram Emerson Channing, Alcott, Thoreau, Hawthorne; para

Philadelphia e para o resto do paiz. Nova-York procurava rivalizar com Boston.

Nesta pequena cidade, de quarenta mil habitantes, onde todos se conheciam e « onde em dez minutos se ia a toda a parte », viviam os homens de letras e poetas mais famosos do tempo e publicava-se a primeira das grandes revistas americanas, fundada em 1825, e ainda hoje existente, a *North American Review*, da qual Lowell seria mais tarde director, succedendo, em 1864, a outros notaveis homens de letras, como o Dr. Palfrey e os dous Everetts. Esses literatos e poetas viviam entretanto, de outras coisas que não as letras. Aquella revista apezar dos seus quinze annos, ainda não pagava. Emerson era o unico pago, mas elle mesmo dizia ao Dr. Hale em 49 que jámais recebera um dollar por qualquer das suas obras. Elles reuniam-se em uma livraria da cidade, e da sua reunião sairia uma associação meio mercantil, meio literaria e o augmento do instituto de educação livre, fundado annos antes por um parente de Lowell. Aquella se transformou em bibliotheca publica, a cargo da cidade, e o instituto ainda existente, com a denominação de Instituto Lowell, é uma das grandes instituições literarias de Boston. Alguns dos homens eminentes já citados, Webster, Holmes, o grande medico e notavel poeta,

Wenthrop, fizeram ali conferencias, com honorarios, « cousa de que antes jámais se tinha ouvido falar. » Holmes, convidado para as conferencias do Lyceu, tempos antes, conta humoristicamente que o foi, com modesto pagamento, « quinze dollars e as despezas, quarto e fogão em uma pensão e uma enxerga, — não uma cama de pennas — para dormir ». Nasceram tambem ali ou por influencia dali os estudos historicos que deviam produzir um Tiknor, um Prescott, um Sparks, um Palfrey, um Motley e outros.

Uma das feições da vida literaria dos Estados Unidos é a sua descentralização, que só encontra similhante na Allemanha. Ali tal vida se não concentra, como em todos os demais paizes, em uma grande cidade, por via de regra a capital. Boston, Philadelphia, Chicago, Nova-York, Washington, Baltimore, têm cada uma os seus homens de letras, os seus editores, as suas revistas, a sua vida literaria emfim. Na Allemanha, a formação do imperio tende a acabar, com protesto talvez inutil de alguns, como Hœkel, com o particularissimo literario e scientifico que caracterizava a vida espiritual allemã. Berlim absorve e monopoliza cada vez mais essa vida. Nos proprios Estados Unidos a descentralização literaria já foi talvez maior do que é hoje. Distribue-se ainda por alguns

grandes centros, mas é evidente que Nova York, a verdadeira capital da Republica, a « cidade imperial » tende a ser a sua capital intellectual tambem. Não actuando para isso ali a vontade official, como na Allemanha, essa evolução se fará, porém, muito lentamente.

Dessa vida são outras feições o periodicismo literario, em revistas e magazines de toda a ordem, caracter e genero, e as conferencias. O que salvou e deu vida e fortuna ás revistas foi o annuncio. As primeiras que não os tinham, não puderam viver ou viveram mal. Com elles e com o progresso da instrucção e o sempre crescente gosto da leitura no povo, ellas se tornaram, talvez mais que os jornaes quasi apenas de noticias e informações de fidelidade e criterio duvidosos, uma força na vida social do paiz. As revistas americanas, á imitação das inglezas, se não parecem com as francezas, allemas ou italianas. Occupam-se mais de questões sociaes e politicas que de literatura propriamente dita. Esta é reservada aos magazines, geralmente illustrados, que publicam versos, contos, romances, historias e outros artigos de literatura amena. Não é raro vêr, entretanto, nas grandes revistas, como a *North American*, o *Forum*, a *Arena* e outras, estudo literarios e criticos, memorias, correspondencias, e até muito excepcionalmente, porém, algum poema

de um poeta celebre. A collaboração das revistas norte-americanas é a mais variada, e feita por publicistas ou escriptores profissionaes. Escrevem nellas todos que, tendo alguma cousa que dizer ou informar, sabem dizel-a com clareza e correcção. O « editor » e o publico não exigem mais, sómente o director concerta as redacções menos perfeitas. Fazia-o Lowell quando director da *North American*. Os directores destas grandes revistas, diz-nos o Sr. Hale, empenhavam-se mais em fazel-as dignas dos seus dez leitores inglezes que dos seus milhares de leitores americanos. É talvez este estimulo e esta emulação intelligente um dos segredos do progresso americano. Nessas revistas collaboram, com toda a liberdade e isenção, escriptores estrangeiros, alguns até de somenos valor, inglezes, allemães, francezes, hespanhóes, de toda a parte em summa. E por vezes dizem aos Americanos que os pagam e lêem verdades bem amargas. Em um artigo da *North American* de annos atraz, o Sr. Max O'Rell, que é um assiduo collaborador della, mostrava que, a julgar pelo numero dos divorcios, a mulher americana é menos honesta que a franceza. Escriptores estrangeiros, como o Sr. Goldwin Smith e muitos outros, discutem nas revistas americanas as questões mais melindrosas da politica da republica. Essas revistas publicam

dezenas e algumas centenas de milhares de exemplares, que acham saida e leitores, graças á extraordinaria capacidade de leitura do Anglo-saxão. Esse não tem, como de nós disse com espirito e verdade o Sr. Ruy Barbosa, a dispepsia literaria. Consome milhões de volumes, sendo aliás o povo mais activo e occupado da terra. Em nenhum outro se publica mais, se paga melhor os escriptores e estes ganham mais hoje. O livro aliás é caro, sendo as revistas em compensação baratissimas.

São as conferencias ou leituras, como lhes chamam lá, outro aspecto da vida literaria americana. Feitas ao principio como propaganda de instrucção do povo, por amor da arte e da gloria, são hoje um meio corrente de ganho, continuando entretanto a ser um modo de propagar idéas, noções e doutrinas. Não só as fazem por conta propria literatos e scientistas, como as grandes corporações literarias, as academias, os collegios, as universidades, as fazem fazer por nacionaes ou por estrangeiros illustres, especialmente contratados para esse fim. Ha 3 ou 4 annos o Sr. Brunetière fez uma serie dellas em Baltimore, a convite da universidade de Hopkins.

Todos sabem como nos Estados Unidos ricos e generosos particulares contribuem para acoroçoar e desenvolver a vida espiritual do paiz.

Um destes no meiado do seculo deixára 250 mil dollars ao Instituto Lowell, fundado por um primo de James Lowell, para começo de um fundo destinado a diffundir a instrucção por meio de conferencias. Este fundo, hoje muito accrescentado, tem servido para pagar conferencistas de todo o genero não só norte-americanos, mas estrangeiros. O « fecundo Lowell », como lhe chama um historiador da literatura americana, foi um dos mais apreciados.

Lowell morreu em 1891, cercado de gloria e de admiração do seu povo. Elle foi, com Bryant, com Longfellow, com Emerson, com Holmes, um dos educadores literarios dos Estados Unidos. As proprias finas maneiras do seu grupo contribuiram para afinar os costumes e a vida literaria americana, fazer dos seus homens de letras *gentlemen*. Com os escriptores da sua roda e do seu tempo, Lowell, que erguèra em verso um protesto contra a iniqua guerra do Mexico, foi um dos bons combatentes, nas revistas que não pagavam, da campanha abolicionista.

Nao sei bem qual é o valor exacto da literatura norte-americana; mas a vida literaria nos Estados Unidos, a julgar pelo que nos conta o Dr. Hale e pelo que do seu bom livro se deduz, mostra uma vitalidade intellectual e moral de que ha talvez muito a esperar.

CHATEAUBRIAND E NAPOLEÃO

Mémoires d'outre-tombe. par Chateaubriand, nouvelle édition, par Edmond Biré, Tome IV, Paris, Garnier Frères.

Nenhuma impertinencia ha em emparelhar estes dous grandes nomes. Si eu não desadorasse as comparações e os parallelos das antigas rhetoricas, diria que não ha talvez neste seculo moribundo dous sujeitos cuja acção geral, de parte a differença da sua funcção ou do seu objecto, mais se pareça. A obra de Napoleão, tomada em bruto, si me permittem o termo, não é preciso dizer qual foi : primeiro o restabelecimento da ordem e da autoridade em França, mediante a dictadura e pelo amor egoistico do dominio absoluto, depois a resurreição anachronica da idéa do imperio universal, qual o sonhou Alexandre e o realizou Carlos Magno, mediante o renascimento, já no

seculo XIX, das vastas guerras de conquistas ou avassallamento das nações e povos submettidos, e, como consequencia, a restauração irracional de um regimen politico, que a grande revolução, de que o mesmo autor dessa obra maravilhosa e fragil era filho espurio e continuador inconsequente, tinha para sempre acabado. Obra collossal como as dos barbaros, e como as delles tambem inutil, segundo o foram a grande muralha da China ou as pyramides do Egypto, a de Napoleão terá sido mais, attendida a grandiosidade da sua fabrica e do seu aspecto, precaria e fragil. Menos de um seculo bastou para lhe demonstrar a imbecilidade e o vasio. De facto, na sua obra o que era propriamente delle pereceu, algumas partes ainda em antes delle.

A França, que elle alargára e estendera do Tibre ao Mar do Norte e ao Rheno, e á qual avassallára metade da Europa, achou-se, quando se viu delle livre, menor do que se lhe entregára em um desvairamento de gloria militar e em um grande anhelo de ordem. O regimen que elle fundára, imaginando um contubernio vicioso da revolução de onde vinha com o antigo regimen por ella extincto, mal viveu o tempo da sua vida.

A liberdade de que elle foi o mais forte adversario o derrubou. E assim ella e o espirito dos

tempos, que elle jámais comprehendeu, destruiram a sua obra de politico retrogado e de guerreiro illustre, mas deslocado no seu seculo, como um condottieri do XVI, que, mostrou-o Taine, elle era. Justamente da sua obra de guerreiro, a menos contestavel e a menos contestada da sua vida, nada ficou, sinão o profundo odio da Europa pela França conquistadora, assaltadora dos seus campos e das suas cidades, devastadora dos seus povos, odio que teria um ultimo éco e uma desforra tremenda em Sedan, a pouco mais de meio seculo de Waterloo. Sem reaes capacidades de estadista, elle trabalhou no fim de contas ao envez dos seus propositos. Foi elle que, mau grado seu, preparou contra a França, contra a sua dynastia e contra si mesmo a unidade da Italia e da Allemanha e a grandeza da Inglaterra. E ao cabo do seculo, cuja primeira parte foi enchida pelo seu nome, o espirito que inspira e dirige o mundo, não é mais o da França, o latino, pervertido por elle, mas o anglo-saxonio e o germanico. As instituições politicas, os institutos juridicos, as leis, os costumes, os usos do mundo, da industria e do commercio, os systemas do governo, tudo vem dessa Inglaterra que elle odiou ou do seu viçoso rebento, os Estados-Unidos, e tambem dessa Allemanha que elle subjugou, offendeu, maltratou, sem perceber

que da unidade do seu odio sairia a unidade dos seus sentimentos e desta a unidade dos seus povos, em uma nação só, que se levantaria como a rival e a inimiga da França e do seu genio.

Vencida, mais que vencida, humilhada na sua soberba e vaidade de nação invicta, a França depois de 71 julgou desforrar-se da sua derrota, ou pelo menos consolar-se della, revivendo pela imaginação a epopéa guerreira de Napoleão, e procurou intencionalmente resuscitar de sob o desbarato do segundo imperio a lenda napoleonica, para contrastar a victoria allemã. Recurso pueril, a que recorrem os povos, eternas crianças. E não sei si tambem não recurso irracional, numa nação que de um segundo despotismo napoleonico saía para uma democracia republicana, que buscava a sua filiação e assentava a sua legitimidade na tradição de 89 e 92, e de 48, já neste seculo. Irracional ainda porque a epopéa napoleonica e o mesmo Napoleão não vingam nem podem consolar de Sedan, e de duas provincias, justamente aliás, reivindicadas pela Allemanha. Apenas explicam e justificam a desforra allemã. Com o que se publicou após a guerra de 70-71 sobre Napoleão e a sua época se faria uma copiosa bibliotheca ; mas no cabo essa massa enorme de papel não diminuirá de um ponto o conceito que a posteridade fará delle e

dos seus feitos : um politico de curta intelligencia, um estadista sem descortino, « um despota retrogrado », como admiravelmente o qualificou Augusto Comte ; autor de uma obra immensa, enorme, colossal, quanto quizerem, mas falha, imbecil, ephemera.

Esse homem, a quem na Europa, durante quasi um quarto de seculo, tudo se dobrou, os mais poderosos monarchas, os mais altivos fidalgos, os mais bravos guerreiros, povos e reis, achou dous adversarios que jámais pòde angariar ou submetter. E por honra da intelligencia, do pensamento, das letras, esses seus quasi unicos antagonistas foram dous escriptores, dous poetas, dous pensadores, Chateaubriand e Mme. de Staël.

A época napoleonica, apezar destes dous grandes nomes, que longe de lhe pertencerem são um protesto contra ella, é sinao de decadencia, de profunda estagnaçao espiritual em França. Os poetas chamam-se Delille, Parny, Fontanes, Andrieux ; os escriptores dramaticos Ducis, Lemercier, Pixérecourt, Picard, de Jony ; os romancistas, Mme. de Genlis, Mme. Cottin, Pigault-Lebrun ; os criticos, La Harpe, Geoffroy, Morellet, Dussault, de Feletz ; os philosophos, Maine de Biran, Laromiguière, Azaës. De parte Chateaubriand, Staël, Benjamin Constant e Jaubert, estes ultimos muito abaixo dos

dous primeiros, não apparece no catalogo da literatura franceza da éra um grande nome ou uma grande obra. No seu dizer empollado e desagradavel, nota Latino Coelho com razão que « refuge o estro onde a servidão impera ». A época napoleonica corrobora o asserto do polygrapho portuguez.

Com Napoleão, o seu inimigo, como o foi de facto de toda a grandeza e de toda a superioridade que se lhe não curvava, Chateaubriand teve tambem um renascimento da estima e do apreço do seu nome e da sua obra. Essa obra da restauração do seu credito como grande escriptor, seguramente um dos maiores da França e das literaturas modernas, começou para Chateaubriand, ainda antes da queda do segundo imperio, com a critica dos Sainte-Beuves, dos Scherers, dos Taines. Mas foi com os escriptores, romancistas principalmente, desertores do romantismo, os Flauberts, os Goncourts, os Zolas, os Daudets, e ainda os Renans e seus pares, que a reputação de Chateaubriand reviveu de todo da especie de esquecimento que a velava, sem escondel-a, e que a sua acção se fez de novo poderosamente sentir nas letras francezas. E póde-se talvez dizer sem exagero que quando as victorias de Waterloo e de Sédan, davam a primazia politica, na direcção do mundo moderno, ás gentes

anglo-saxonicas e germanicas, Chateaubriand renovando a lingua franceza e creando-lhe uma nova literatura, o romantismo, enriquecia o genio francez de novos e opulentos materiaes para aquillo que faz a sua indisputada superioridade, a sua força, a sua universalidade, e explica o seu dominio intellectual, a sua suprema e incomparavel capacidade de expressão. Diminuida politica e moralmente por Napoleão, seria na renovação espiritual de Chateaubriand que a França encontraria a consolação, quando delle, da sua influencia directa ou indirecta, saisse o romantismo francez, os Hugos, os Lamartines, os Thierrys, os Michelets, os Renans, os George Sands, todos estes admiraveis escriptores que fizeram da lingua franceza o mais admiravel instrumento de communicação de pensamento que jámais existiu. Parado o impulso dado com o apogêo do romantismo, com o desenvolvimento da personalidade de cada um dos seus grandes escriptores, e a sua consequente independencia da força inicial, produzido o grande mas passageiro effeito moral do seu *Genio do Christianismo*, que foi um dos acontecimentos do seculo, Chateaubriand vivia apenas na memoria dos literatos e dos eruditos, como passado de moda.

Os naturalistas, ou antes alguns naturalistas, como Flaubert, que o adorava, começam de

novo a pol-o em voga, e na sua religião da escripta artistica, da frase, do estylo, collocaram-no em o mais alto do seu culto como o mestre, o inspirador, o deus supremo da fórma. Principalmente sob este aspecto, foi que Chateaubriand, que já havia dominado litterariamente a primeira metade do seculo, resurgiu no ultimo quartel delle. É, porém, preciso reconhecer que a restauração de Chateaubriand na estima e na admiração do publico contemporaneo, não o fez sómente o amor das novas escolas literarias, á sua lingua, ao seu estylo, mais que ao seu pensamento, sinão tambem a reacção espiritualista, e em certo sentido, reaccionaria e retrograda, dos derradeiros vinte annos, e da qual o néo-napoleonismo é tambem um producto.

Na obra copiosa do grande escriptor, as *Memorias d'além tumulo* são a parte mais controvertida.

Uns fazem della uma obra prima, mesmo a sua obra prima, outros a julgam um monumento de vaidade, onde apenas algumas paginas, não poucas aliás, são dignas do grande escriptor. Ambos os juizos são talvez extremos, mas o primeiro está, penso eu, mais perto da verdade. A obra de Chateaubriand, afóra o seu valor propriamente literario, vale, principalmente, por ser uma obra de iniciação, de impulso, de creação. São os seus romances *Atala*, *Natchez*

e *René*, os creadores, após Bernardin de Saint Pierre e Rousseau, porém com mais vigor, virtuosidade e intensidade que elles, do sentimento da natureza no mundo moderno, e os precursores do romance psychologico contemporaneo. O *Genio do Christianismo*, não obstante nos pareça hoje falso, mesmo pueril em muitos pontos, de uma philosophia secundaria e de fraca erudição, foi talvez o livro mais consideravel do seculo, na sua primeira metade ao menos.

Mas foi um livro de occasião, de grande exito e effeito no momento em que Napoleão desfazia pela concordata a obra da secularização completa do Estado, uma das principaes da Revolução, e restaurava a religião e a igreja para lhe servirem de *instrumentum regni*. Com trechos admiraveis, e que farão sempre as delicias dos amadores da boa literatura, essa obra perdeu com o seu effeito passado o melhor do seu merito, e neste seculo de exegese christã ella parecerá superficial á propria critica orthodoxa. Aliás, a mesma Igreja pol-a, si não erro, no Indice. Os *Martyres*, que o o autor considerava a mais perfeita das suas obras, são, por assim dizer, um prolongamento do *Genio do Christianismo*, a pratica da theoria nesse livro famoso exposta, a demonstração de que o christianismo aprofundou e melhorou os sentimentos

humanos e da capacidade esthetica do maravilhoso christão. Com razão nota Scherer que a prova do primeiro acerto era escusada, e o segundo não é verdadeiro; e o eminente critico poderia accrescentar que ao genio de Chateaubriand escapou o motivo da capacidade esthetica especial da mythologia grega — que ella não foi, como o maravilhoso christão, quasi uma creação consciente e systematica da igreja primitiva, uma adaptação de mythos e crenças judaicas e outras, mas o proprio desenvolvimento do pensamento hellenico, a interpretação candida e profunda ao mesmo tempo que da natureza e da vida deu o espirito grego. Essa mythologia era mais que um conjunto de crenças, uma linguagem, uma fórma de pensamento e de expressão. E os *Martyres*, poema em prosa, producto de um compromisso do poeta comsigo mesmo, são para nós hoje, sem embargo do encanto do seu estylo, uma obra postiça. O que se lhes não contestará, como a todas essas obras de Chateaubriand, e a quanto finalmente escreveu, é a sua influencia enorme sobre os espiritos do seu tempo e dahi, com eclypses, e sob outro aspecto, até aos do nosso. Mas a sua obra mais humana talvez, ou pelo menos a que conserva mais actualidade, são as suas *Memorias*.

Dellas estão os Srs. Garnier Frères, de Paris,

fazendo uma nova edição, cujo quarto tomo acaba de sair, com uma introducção, notas e appendices do Sr. Edmond Biré. Esta edição será sem duvida a melhor e mais perfeita do livro de Chateaubriand.

O Sr. Edmond Biré é um sabidissimo conhecedor da historia literaria e politica da França, um erudito sem philosophia, nem talento, mas esquadrinhador infatigavel, minucioso e exacto de factos, datas, episodios, nomes, casos, anedoctas, em summa de todas as miudezas da historia.

É principalmente conhecido pela sua vida de de Victor Hugo em cinco volumes, uma obra de pesquiza implacavel e má, de odio e, o que é peior, de pouca intuição critica. Quanto se mostrou intolerante, mesmo inexoravel com Hugo, foi o Sr. Biré, que é o que politicamente em França se chama um reaccionario, benevolo e condescendente com Chateaubriand, que não tinha nem menos vaidade, nem menos versatilidade, nem menos impostura, nem menos paixões pessoaes que o poeta das *Contemplações,* o qual teria, porventura, mais sinceridade e mais profundo amor humano que o dos *Martyres*. Sem embargo, a collaboração do Sr. Biré com o texto de Chateaubriand dá-lhe um sabor de novo, que será apreciado devidamente pelos leitores do admiravel livro,

sem duvida, sinão o melhor ou o mais perfeito, o mais interessante de quantos escreveu o illustre fidalgo escriptor.

É neste volume que Chateaubriand, contando o fim do imperio napoleonico, o fim do mesmo Napoleão, e a segunda restauração, nos dá, como em synthese, o seu juizo do grande homem, por elle julgado já em detalhe nos tomos precedentes. Sabe-se que Chateaubriand, depois de ter servido entre os emigrados contra a Republica, adheriu ao Consulado e aceitou de Bonaparte um posto diplomatico em Roma e outro, superior, na Suissa. Quando foi do assassinato juridico do Duque d'Enghien, elle enviou com estrondo ao primeiro Consul a sua demissão e foi-lhe desde então sempre hostil. Não indagarei si essa hostilidade vem sómente do terror á tyrannia, como o escriptor procura fazer crer, ou si não se lhe mistura tambem algum despeito de não se ver ao depois requestado por Napoleão, cujas palavras e actos a seu respeito Chateaubriand sente evidentemente prazer e vaidade em registrar. Prevendo talvez esta accusação, relembra desvanecido mais de uma vez que foi elle quem rompeu com o omnipotente despota, por um nobre sentimento de revolta contra o seu crime.

Depois de haver referido os Cem dias em Gand, na Côrte exilada de Luis XVIII, re-

conta-os Chateaubriand em Paris, e mostra com agudeza como a legitimidade destruiu de facto o encanto que sustentava o poder napoleonico. « Os poucos instantes que durou a legalidade bastaram para impossibilitar o restabelecimento do arbitrario. O despotismo açaima as massas, e em um certo limite liberta os individuos ; a anarchia solta as massas e escraviza as independencias individuaes. Por isso, o despotismo, quando succede á anarchia, assemelha-se á liberdade ; ficando o que verdadeiramente é quando a substitue : libertador após a Constituição dictatorial, Bonaparte era oppressor após a Carta. Sentiu-o tanto que se julgou obrigado a ir mais longe que Luis XVIII e de volver ás fontes da soberania nacional. Elle, que calcára o povo como senhor, achou-se reduzido a se fazer tribuno do povo, a cortejar os favores do populacho, a parodiar a infancia revolucionario, a balbuciar uma velha lingua de liberdade que lhe trejeitava os labios, e da qual cada uma das syllabas enchia de colera a sua espada. » Chateaubriand tem razão de dizer que nos Cem dias não se reconhece mais o genio de Napoleão, e o mais informado historiador de Waterloo, o Sr. Henry Haussaie, prova no seu recente livro *1815* que elle não era mais ali o homem de Austerlitz ou de Wagram.

Tinha evidentemente chegado para elle o de-

clinio, e, voltando da ilha de Elba, achou a situação tão mudada que sem ter a audacia antiga de desfazel-a, pretendeu contra o seu genio adaptar-se-lhe, e contra a razão, fazel-a servir aos seus interesses e designios. « O seu genio era o do triumpho e da ordem, não o da derrota e da liberdade : ora, elle nada podia pela victoria que o traira, nem pela ordem, que existia sem elle ». Chateaubriand mostra a inconsequencia, a contradicção, a incoherencia dos actos de Napoleão querendo rehaver a França, que lhe escapava, restabelecendo a guarda nacional, « cujo nome só lhe dava outr'ora vertigens », cedendo de parte do seu poder, acceitando o *acto addicional* ás constituições do imperio, e medidas taes que « annunciavam a agonia do despotismo. » Essa raça de aventureiros meios guerreiros, meios politicos, meios bandidos, que são os Bonapartes, estava fadada a acabar pelas catastrophes : Waterloo, Sedan e não sei que obscuro sitio da Zulúlandia.

Waterloo tem alguma cousa do *factum* tragico antigo, mas o que completa e lhe acaba a similhança são as consequencias da derrota para Napoleão, a traição dos seus generaes, a alguns dos quaes fizera principes e reis, o abandono dos seus amigos, o desprezo dos seus servidores, o vacuo das affeições, respeitos, homenagens, obediencias, fugitivas, abrindo-se em

torno delle, alargando-se, estendendo-se até lhe fazerem um horizonte de indifferença tão vasto com o horizonte physico que o cercaria em Santa Helena.

Ali o poz a Inglaterra, eu diria como um vulgar malfeitor de direito commum, si ella tomando desta vez todas as precauções para que elle não pudesse voltar a assolar o seu proprio paiz e a Europa, não o elevasse acima dessa categoria.

Entre os eminentes serviços que a humanidade deve á Inglaterra, não sei si esse não será um dos mais relevantes, ter feitoa guerra mais implacavel a Napoleão e havel-o por fim impedido de continuar as suas malfeitorias no continente.

Intimamente o odio de Chateaubriand a Bonaparte, conforme como bom legitimista prefere chamar-lhe, mistura-se de admiração, e o Francez accusando-o de todos os males de sua patria, não póde esquecer a gloria militar de que os recobriu.

« Bonaparte, julga-o Chateaubriand, era um poeta em acção, um genio immenso na guerra, um espirito infatigavel, habil e sensato na administração, um legislador laborioso e prudente. Dahi o seu poder sobre a imaginação dos povos e a sua autoridade sobre o juizo dos homens positivos. Como politico, porém, será sempre um homem defeituoso aos olhos dos homens de Es-

tado. Esta observação, que a maior parte dos seus panegyristas deixam escapar, tornar-se-á estou convencido, a opinião definitiva sobre elle, e explicará o contraste das suas acções prodigiosas e dos seus resultados miseraveis. » Na sua generalidade, este juizo é justo, e o que os mais conceituados julgadores fazem hoje do homem do seculo, como a Napoleão se chamou. A fama desse homem mau e funesto não é, creio-o firmemente, dessas que crescem com o tempo, ao contrario. Fôra a França victoriosa contra a Allemanha, não se fizera a reacção napoleonica em França e Napoleao continuaria a dormir socegado e meio esquecido no seu tumulo marmoreo sob a cupola resplandecente dos Invalidos. A sua obra caduca antes de tempo, já caduca ao nascer, parece-nos hoje mais velha que a de Frederico II ou a de Luiz XIV, que essas ao menos eram consoantes ao seu tempo e os seus effeitos ficaram. Uma das glorias de Chateaubriand, é tel-o sentido e comprehendido, como é tambem ter affrontado o despota e podido escrever estas altivas palavras : « Jámais talento algum, superioridade alguma não me levará o consentir no poder que póde com uma palavra privar-me da minha independencia, do meu lar, dos meus amigos ; si não digo da minha fortuna e da minha honra, é porque a fortuna me não parece valer a pena de a defendermos ;

quanto á honra, essa escapa á tyrannia : é a alma dos martyres ; os liames a envolvem mas a não prendem ; ella vára a abobada dos carceres e leva comsigo o homem. »

São de ler todas essas paginas, em que muitas vezes a intuição do poeta, servida pela alma do liberal, e alliada á intelligencia do politico, traça com mão poderosa conceitos, alguns porventura definitivos, sobre o seu grande inimigo, e nas vesperas dos Thiers, dos Hugos, dos Bérangers e menores lhe prepararem a lenda, reivindicava contra elle os direitos primaciaes e superiores a tudo da liberdade, da dignidade, da humanidade em summa.

A obra de Napoleão passou definitivamente, ou vive apenas parte della, a mais odiosa, como uma illusão franceza, consoladora nos dias de derrota e tristeza; passará tambem a de Chateaubriand? Não me atrevo a dizer sim ou não, mas qualquer que seja a sorte que os fados reservem aos seus livros, a sua acção, essa se conservará eterna, como a de um Pascal, de um Bossuet ou de um Molière, nessa admiravel lingua e literatura franceza — pela qual a França conserva a supremacia que Napoleão arriscou no campo de mil batalhas e nas combinações irracionaes e desastrosas da sua politica inintelligente e deshumana.

EMILIO ZOLA

Fécondité, par Émile Zola, Paris, E. Fasquelle, 1899.

Quando o grande escriptor, com primorosa coragem, coragem moral muito mais difficil e rara que a bravura guerreira, interveiu na questão Dreyfus, não faltou quem lhe malsinasse o acto, taxando-o pelo menos de impertinente. E na terra cuja literatura se distingue mais que nenhuma outra pelo seu caracter social e humano, na terra de Voltaire e de Victor Hugo, se estranhou que um simples literato, um méro romancista, um puro homem de letras deixasse o remanso do seu gabinete de trabalho, a commoda tranquillidade do seu lar, o goso egoista da sua gloria e da sua fortuna para vir á praça protestar, em nome dos seus sentimentos de justiça e humanidade, contra o que se lhe afigurava uma iniquidade nacional. Nem siquer, no seu odio bruto, lhe levaram em conta, que elle

arriscava tudo o que, em uma campanha de todos os dias, com os preconceitos estheticos, com o officialismo literario e academico, com o meio hostil, com a imprensa adversa, com a opinião malevola, invejosa ou simplesmente indifferente dos seus confrades, ganhara em trinta annos de luta : a fortuna, a gloria, a popularidade, e, como os factos mostraram depois, a propria vida. E a respeito disseram-se palavras sandias, escrevèram-se, « no povo mais espirituoso do mundo », parvoices que Bouvard e Pécuchet teriam recolhido com devoção e gaudio.

Que desvairadas pela paixão patriotica e religiosa as multidões tivessem insultado a Zola pelo seu bizarro procedimento, não estranhará nenhum philosopho. É eterno o ingenuo matuto que traz lenha á fogueira de João Huss. Mas do ponto de vista simplesmente literario se não desculpa ou explica tal postura em homens de intelligencia e espirito. O estudo da vasta obra de Zola convence que era quasi tão natural que elle escrevesse essa maravilhosa pagina do *J'accuse*, como que escrevesse um dos seus artigos de polemica literaria e social, por ninguem jámais achados dissonantes do seu officio de romancista. Era mesmo tão natural e proprio como si elle escrevesse um romance, como são todos os seus romances, preoccupados de questões sociaes e de interesses humanos. Porque, si

a dominante esthetica de Zola, como primeiro mostrou o Sr. Julio Lemaitre, é o genio épico, a sua caracteristica geral como escriptor é ser um escriptor social, um grande poeta para quem a sua arte é apenas um meio de descobrir e revelar o que na sociedade e na vida lhe parece necessario mostrar em toda a sua hediondez ou em toda a sua belleza, mas com a maxima potencia de idealização e de representação, para a melhoria do mundo. Não sendo um puro estheta, um simples fazedor da arte pela arte, um dilettante literario, mas um homem e não sómente um literato, Zola desde os seus primordios revelou uma tendencia moral e social, que a sua obra não faria sinão desenvolver. Essa obra, ao principio no fundo e ao depois evidentemente, é doutrinal, e quando depois do *Assommoir* e de *Germinal* o Sr. Brunetière reprochava ao naturalismo francez, que oppunha ao inglez, a sua pouca sympathia humana, parecia esquecer ou desconhecer Zola. Certo, Zola, ainda então sob a influencia de Flaubert, procurava praticar, contra o seu proprio genio, as theorias da arte pela arte, que o soberbo romancista devia elle proprio desmentir na pratica. Si Zola é chronologicamente um dos primeiros naturalistas, é certamente o ultimo romantico. Elle entrou na literatura de facto abeberado do leite romantico, cujo resaibo lhe ficaria por toda a vida, e ao

qual voltou nos derradeiros volumes dos *Rougon-Macquart*, na serie das *Tres Cidades* e neste seu ultimo livro *Fécondité*, que abre a dos *Quatro Evangelhos*. E do romantismo quem mais influiu nelle foi sem duvida esse outro forte e outro épico como elle, Victor Hugo. Não obstante todos os ataques de Zola contra Hugo, na sua obra critica, é verdade que o autor do *Assommoir* deriva pela tendencia geral da sua inspiração do autor dos *Miseraveis*.

E são ambos na prosa os dous poetas, os dous creadores mais fortes e mais parecidos, apezar da grande diversidade de estylos, da França contemporanea.

O genero épico é o genero social, sociologico diria um comtista, por excellencia. Não se applica, nem cabe, sinão a grandes factos sociaes, historicos ou lendarios, mas tendo ainda neste caso uma significação sociologica. A existencia do genio épico em um escriptor o levará forçosamente ao aspecto social dos seus assumptos, e a só verificação da feição épica no genio de Zola bastava para indicar que á sua inspiração de poeta se misturava em forte dóse a preoccupação dos aspectos sociaes. Si ao principio a reacção contra o romantismo, as influencias da fallaciosa theoria da « arte pela arte », posta em voga por Theophilo Gautier e perfilhada por Flaubert, a acção do seu grupo literario, espe-

cialmente dos puros artistas, ou que taes se julgavam, como Flaubert e os Goucourts, puderam desviar ou sopear este pendor do genio de Zola, não só não o conseguiram completamente, mas este se foi gradualmente libertando desses influxos até á evolução completa do seu genio, alcançada, sinão erro, com as *Tres cidades* e com este admiravel livro *Fecundidade*. Poucos escriptores haverão tido como Zola a singular fortuna de levar a cabo com tanta sequencia, regularidade e methodo, uma obra tão consideravel como a sua. Duas cousas andam sempre no seu espirito, o poder do trabalho e a fé da sciencia. A este aspecto elle é bem homem do seculo, em que essas duas crenças, sobrevivendo ás outras, tornaram-se quasi uma nova superstição. Contra esta superstição a respeito do trabalho escreveu Tolstoi razões excellentes em curtas paginas dirigidas justamente a Zola. O illustre romancista, porém, não parece havel-as escutado, pois este seu livro *Fécondité* é uma nova repetição, eloquente e seductora, desse hymno que, desde longe, elle vem entoando, paulatinamente precisando as palavras e elevando a voz. Com estas duas fortes convicções elle fez a sua obra extraordinaria, por um trabalho assiduo e regular, como o de um artesão laborioso, sustentado por uma fé candida de ignorante nos resultados e nas promessas de

sciencia. E ingenuamente, na pureza da sua crença, dessa crença que os sabedores como Berthelot e Claude Bernard e os literatos como Renan e Taine tinham missionado á sua patria, elle pretendeu que a sua obra de poeta fosse tambem uma obra de sciencia, cujos methodos imaginou poder transportar dos laboratorios dos scientistas para o seu gabinete de romancista.

Não o motejemos por isso. O seu erro bastou o seu genio para diminuil-o e desfazel-o. Á realização da obra sonhada valia-lhe muito mais o proprio engenho que esses methodos descabidos e impertinentes na creação artistica. Mas o seu equivoco levou-o a uma concepção mais larga da importancia e da utilidade da sua arte, deu-lhe a elle mesmo a fé na sua obra e a esta animou-a de um largo sopro de verdade. Não a banal verdade photographica, que parecia a procurada pela esthetica da escola de que foi talvez o mais eminente corifeu, mas a realidade viva, muitas vezes crúa e mesmo baixa e ignobil, mas transfigurada pela sua poderosa visão — outro ponto de contacto com Hugo — e pela sua opulenta imaginação épica. E o seu romance naturalista fazia-se, mau grado seu, mas consoante ao seu genio, uma especie de epopéa, que será para a segunda metade do seculo o que a obra de Balzac foi para a primeira. Ao mesmo tempo um fundo sentimento da grande

dòr humana, das angustias da terra, dos sonhos de um futuro melhor penetravam a sua obra de um largo sentimento de amor e de esperança. Si na *Faute de l'abbé Mouret*, em *Eugène Rougont*, em *Nana*, no *Bonheur de vivre* e outros era licito não enxergar senão grandes quadros de uma intensa vida e um intenso colorido a Rubens, vastos e animados frescos, sem outra intenção que a de pintar com verdade e força, os livros que os seguiram, a começar pelo *Assommoir*, entravam a revelar outra preoccupação que a da simples representação da verdade, qual em these a concebia a escola. Nem ha escola que valha contra o talento pessoal e verdadeiro, e é proprio delle, e a sua marca, quebrar os liames que a ellas o prendem. Talvez, e apenas faço uma hypothese, á intuição social que mal se esconde nas primeiras obras de Zola, e que derivava da feição épica do seu talento, a amizade de Affonso Daudet contribuisse para juntar a sympathia humana.

No *Assommoir* todo o horror da vida da plebe e da populaça pariziense, da existencia miseravel do operario, do artesão, do empregadinho, era contado ainda com a frieza crúa e indifferente, sem participação do autor, como o queria Flaubert; mas sentia-se o esforço do poeta para conter-se e percebia-se-lhe a incapacidade de fazel-o. Da propria terrivel realidade daquelle

sombrio quadro resaltava, em meio das maximas opulencias da civilização, a profunda desgraça physica e moral de toda uma população vivendo aviltada pela miseria, pelo crime, pelo vicio, pela perversão de todos os sentimentos, uma vida separada e diversa ao lado da outra, cujo egoismo, favorecido pela organização social, a explorava e repulsava. Mais corajoso, com mais intelligencia mesmo, que Eugenio Sue, Victor Hugo, George Sand ou outro qualquer pintor romantico do infimo povo francez, não procurou idealizar-lhe qualidades que através da sua miseria o fizessem amavel. Mostrou com maior somma de razão que a miseria, de que o christianismo fizera um estado de felicidade, com mira no céu, só produz miseraveis, material e moralmente. Que é ella a fonte da degradação do homem e da mulher, a fecunda mãi do crime, do vicio, da maldade. Que não póde produzir senão monstros como os que formigam no *Assommoir*, que é o mal supremo e devastador, a que nem os melhores resistem por muito tempo. A hediondez daquella gente no cabo resulta-lhes sympathica, porque elles são não algozes mas victimas, as victimas de uma sociedade que cria e desenvolve a miseria. No *Germinal*, talvez o livro capital da sua obra, pelo menos a obra prima dos *Rougon-Macquart*, começa a accentuar-se esta tendencia social.

O quadro é de um realismo empolgante e pungentissimo, mas a sympathia do poeta, como que o recobre da atmosphera da esperança de uma germinação fecunda de bens.

E, signal de que o poeta é o vidente, elle viu tão claro na vida desgraçada dos centros de mineração do carvão de pedra, que mezes depois de apparecer *Germinal*, no de Anzin, si me não falta a memoria, reproduziam-se fielmente as scenas de revolta do livro, com tal paridade que se diria tinham precedido o romance e o escriptor as copiára. E nenhum daquelles mineiros o teria lido. Toda a sua obra evolve desde então nesta direcção social e humana, sempre animada por um grande amor da verdade, que se faz logicamente no poeta o amor da justiça tambem. Do seu naturalismo o que fica nelle é esse amor, que determinará a sua acção heroica na questão Dreyfus. Consequente e logica era portanto a sua intervenção no caso famoso, e os seus moveis resumem-se na frase celebre : « *A verdade caminha, nada a deterá* », que ficará como a coroação moral da sua obra literaria.

Essa obra foi muitas vezes, e em tons diversos, acusada de pessimista, de immoral, de obscena mesmo, de monotona e falta de variedade. Pessimista foi sem duvida, e é a sua gloria, por ter visto quão pessima é esta vida e este mundo, qual a nossa sociedade os fez. Sómente o seu

pessimismo não é o pessimismo da desesperação dos diletantes da philosophia allemã, dos transplantadores para a Europa das doutrinas nihilistas do nirvanismo budhico. É o pessimismo daquelles que desejam e procuram melhor, o pessimismo fecundo que é a mais forte causa do progresso. O optimismo, sobre ser bobo, para repetir uma palavra que não é minha, é egoista. Achar tudo bom é desobrigar-nos de qualquer esforço em prol de melhor. A evolução de Zola para uma arte banhada de piedade humana foi acompanhada de um desenvolvimento correspondente da sua fé no esforço, no trabalho, na sciencia — que elle proprio confunde neste seu livro *Fécondité* com o optimismo. Chamar-lhe assim é baralhar as noções, porque de facto elle continúa a achar pessimo o mundo e a vida actual, confiando apenas firmemente que a vontade e o esforço humano a hão de melhorar. Tambem Nietzche se considerava um optimista por amor da sua profunda crença que a vida poderia ser recreada segundo a vontade humana.

Chamar de immoral á obra do Zola é esquecer o valor dos termos e das cousas. Em primeiro lugar a arte não é nem moral, nem immoral; é a arte, a representação, a definição, a idealização da vida na sua maior amplidão e complexidade. Tudo o que, qualquer que seja o seu valor technico, não couber nesta definição,

penso eu, não é arte. E como o que interessa á vida, ao homem, á sociedade é moral, a arte é sempre e de essencia moral, reflectindo os costumes e ao mesmo passo influenciando-os, elevando a natureza humana pelas emoções de belleza com que exalta a nossa sensibilidade. A moralidade na arte entendida neste sentido, que se me afigura o verdadeiro, está no fim e não nos meios, na emoção final que logra provocar em nós, no resultado da sua influencia sobre os nossos sentimentos. Na execução da obra de arte, porém, ha uma parte quasi externa que varia conforme o artista e a sociedade a que elle pertence, e cujo é um producto, a qual actúa sobre elle e o verga á sua influencia. Não é descabido o apodo de obscenidade e indecencia posto á obra de Zola. Partes della o merecem com effeito, e infelizmente é talvez a essas que deve a elle a maior porção dos seus leitores. Para confirmal-o basta ver que dos seus livros os de maiores edições são os que mais incorrem naquella taxa : a *Terre* 123 mil, o *Assommoir* 139 mil e por fim *Nana*, 182 mil. O *Rêve*, é certo, alcança 105 mil e a *Débacle*, o maximo, 196 mil, mas o primeiro algarismo traduz a curiosidade das mulheres, a quem se prohibia a leitura dos outros livros de Zola, o segundo a curiosidade patriotica de ver como elle recontava a guerra franco-allemã.

Não havia razão para Zola, forçando a nota do naturalismo como um desafio de artista á affectada pudicicia burgueza, macular a sua obra de feições obscenas, absolutamente dispensaveis mesmo sob o aspecto da pura arte, alheia a qualquer preoccupação de moral. Foi um grave erro de esthetica, de bom gosto, e direi mesmo do officio. O uso desse processo de realçar a verdade e de dal-a inteira não lh'o permettia nem indicava a sociedade a que pertence. Certo, acham-se no nosso Gil Vicente, em Shakespeare, em Molière, para não falar em Rabelais, expressões tão ou mais cruas que as de Zola, mas o tempo e a sociedade as consentiam e as usariam na sua conversação ordinaria. Esse peccado é, entretanto, em Zola resgatado pelo merito geral da obra, grande, apezar desses senões. Si lh'os tirassem, o que seria facil, pois de facto não se integram plenamente com a parte superior della, esta nada padeceria na sua grandeza e valor, que ficaria intacta. Tirem á obra da maioria dos seus discipulos mais chegados aquella porção, que restará della? O contraste exprime bem a differença entre uma obra cujas altas qualidades sobrepujam os defeitos mais graves e o trabalho de fancaria da imitação servil. Aliás só no Brazil, e talvez na America hespanhola, se continúa a fazer naturalismo zolista, uma cousa morta como escola literaria já vai perto de vinte annos.

A monotonia de que se accusou Zola como escriptor procede menos da sua maneira fixa e invariavel de compôr, do rigor com que obedece á sua propria rhetorica, da immutabilidade dos seus processos de escripta, que da sua prolixidade. Claro e simples, sem complicação nenhuma de pensamento ou de estylo, falta-lhe, entretanto, sobriedade. Isto, alliado á rigida symetria da sua composição, á falta de graça que é sensivel, á invariavel construcção da sua frase, em longos periodos amplos e cheios, dando á sua lingua uma robustez de architectura severa e grandiosa, causa com effeito a impressão da monotonia. Tambem o oceano, o Amazonas, a floresta virgem são monotonos, como o é o pampa infinito. Monotono é o Homero da *Illiada* com as suas infindas enumerações, Camões com as suas longas narrações da historia portugueza; de monotonos podem ser tambem acoimados Dante, Hugo, Taine, Herculano, grande parte dos fortes escriptores que, não reunindo á força a graça, a finura, a elegancia mundana, vasáram o seu estylo em uma fórma determinada, invariavel e definitiva. Como escriptor o qualificativo que a Zola cabe é o de forte. Elle é um latino á maneira de Tacito, de Seneca, do mesmo Cicero moralista e orador e não um grego, e no meio da leve, da graciosa, da elegante, da espirituosa

literatura franceza do seu tempo e do seculo, elle se destaca por qualidades differentes como Balzac, como Hugo, como o mesmo Flaubert.

Mas si a sua rhetorica, os seus processos de composição e de estylo, não variam, a sua esthetica não tem a immutabilidade que lhe attribuem. A evolução do seu pensamento é evidente como acima disse, desde a metade da serie dos romances dos *Rougon-Macquart*; accentúa-se na das *Trois Villes* e se completará sem duvida na que ora enceta com *Fécondité*.

Essa evolução tem aspectos diversos; dous principaes, que explicam as modificações secundarias da sua esthetica e da sua philosophia. Passa do seu primeiro pessimismo desesperado, misturado de indifferença e propositalmente despido de sympathia, a um pessimismo esperançoso, que elle toma por optimismo, não já simplesmente curioso da vida, embora indifferente aos seus effeitos e condições, sinão cheio de sympathia humana, animado de um largo e generoso sentimento altruista, sonhando sonhos deliciosos de uma humanidade rica de todas as venturas « o alargamento sem fim, um povo unico e irmanado dos tempos realizados, quando a terra inteira fôr uma só cidade de verdade e justiça ». O outro é a successiva diminuição do obsceno na sua obra.

Não abandonou de todo e de chofre o realismo crú da esthetica naturalista por elle doutrinada, mas nos seus ultimos livros é notavel como essa nota se apaga e desfallece, e tem muito menor intensidade que nos primeiros. Em *Lourdes*, *Roma* ou *Paris*, é menos perceptivel já, e sempre mais velada que de principio; em *Fécondité*, onde o mesmo assumpto a reclamava, não tem mais a crueza das scenas do *Assommoir*, do *Pot-Bouille* ou da *Terre*, e uma reprovação do artista a infama. Tambem não escolherá mais exclusivamente ou com predilecção, como lh'o censuravam, as suas personagens, os seus typos, nos peiores e mais ignobeis representantes da especie. Os bons entram a tomar na sua galeria os melhores logares.

É uma evolução completa, pois, mas não é uma negação, nem da sua esthetica, nem de seu passado. A sua rhetorica ficou a mesma. *Fécondité* completa até este momento essa evolução, que acaba, sinão no romantismo propriamente, no idealismo romantico e no romanesco. O assumpto é o conhecido facto do despovoamento relativo da França pela diminuição da natalidade. Propositalmente os Francezes não fazem filhos. O vicio começou pelas altas classes de Pariz, estendeu-se ás das provincias, e dellas á burguezia, ao povo, ao camponez, a todos,

ameaçando o futuro da França, de população quasi estacionaria em face da Allemanha, da Inglaterra, da Italia, cujas populações crescem em proporções muito mais consideraveis que a della. Este facto, denunciado e discutido desde vinte annos ali, não se poderia pensar désse de si mais que uma memoria de demographia ou de economia politica ; nas mãos de Zola deu um romance de grande interesse e de superior emoção. E tirando delle uma obra de arte de tanta intensidade de vida, mostra Zola um poder de imaginação e creação verdadeiramente maravilhoso. *Fécondité*, porém, não é a representação de um facto real ou de factos reaes, « um canto da natureza visto por um temperamento » de artista creador.

Sobeja nelle ainda a realidade, mas no seu todo este romance é por completo uma pura obra de imaginação e de creação romanesca. Um largo vôo para o ideal, para o sonho, como já o havia em *Roma*, e em *Paris* especialmente, porém talvez mais solto, arranca verdadeiramente o poeta á realidade e á terra. E com o seu escabroso e difficil assumpto, o livro é em summa, pela sua inspiração e pelos seus intuitos, um livro casto. Não da castidade menineira que lhe permitisse a leitura ás raparigas solteiras, mas de um sentimento mais alto e consciente. Nunca o amor, como o funda-

mento mesmo da conservação e da propagação da especie, como o creador fecundo e abençoado, foi porventura cantado em estrophes mais eloquentes, sinão mais bellas, que a de algumas paginas deste livro, em que o poeta idealista que dormia no fundo do romancista naturalista se desembaraça e desprende finalmente em um alto vôo de imaginação fecunda e de risonhas e vastas esperanças.

EUGENIA DE GUÉRIN

Eugénie de Guérin, Journal et Fragments, publiés par G. TRÉBUTIEN, Pariz, 1899.

Mauricio de Guérin, um genio que a fraqueza physica, a doença e a melancolia de ambas derivadas fizeram gorar, viveu triste, debil e enfermo, apenas 29 annos, de 1810 a 1839. A sua obra fragmentaria consta de um diario da sua vida, de cartas e de poemas, em verso uns, em prosa outros. As suas poesias, julga-as Scherer de pouco valor, « pastiches inconscientes ». Não assim, segundo o mesmo critico, os seus poemas em prosa, nos quaes Mauricio não tem nem modelo, nem rival. Desses poemas os mais celebres e estimados são o *Centauro* e a *Bacchante*, nos quaes, ao dizer de Scherer, revela Mauricio o mesmo sentimento da antiguidade que André Chénier, porém com maior profundeza, com alguma coisa de mais mystico e de

mais embevecido. A meio seculo de distancia elle precede Leconte de Lisle e os symbolistas. « Para emoções desconhecidas, achou uma lingua nova. Dirá que — os deuses ciosos enterraram algures os testemunhos da descendencia das cousas. — Pintará a occulta morada onde reinam os rios, — com o ouvido farto da abundancia dos borbulhões e o olhar fito no destino das suas ondas. Lendo estas paginas, sente-se a magestade da natureza primitiva, contempla-se uma ordem de existencia mais segura e mais simples. Tudo se reveste ahi de grandeza e gravidade. » Resumindo a sua impressão do mal aventurado poeta, escreve finalmente o critico : « Em summa, Mauricio de Guérin nos deu algumas bellas paginas, mas deixou-nos sobretudo um exemplo. Ha duas maneiras de consolarmo-nos da vida : uma é a sabedoria, que aceitando o direito soberano do que existe, priva o mal dos seus estimulos ; a outra é a arte, que transformando a emoção interior, reduzindo-a á medida e á harmonia, della tirando o elemento ideal e poetico, obriga a alma a sair do circulo de suas sensações e a viver uma vida mais larga e mais sã. Neste caminho acabava de entrar Mauricio, quando uma morte prematura o arrebatou á nossa literatura. »

Sainte-Beuve não o julga diversamente. Acha os seus versos naturaes, faceis, abundantes,

porem mal acabados. Como artista, prefere-o em prosa.

A vida não foi, entretanto, de todo madrasta para o mallogrado poeta. Si nem o seu talento, nem a sua imaginação, nem o seu amor, acharam a completa expansão e a inteira correspondencia que são o desespero, e anhello e a consolação suprema para as almas de escolha, como era a sua, teve entretanto, para compensar-lhe a melancolia da existencia, um grande intimo e profundo affecto de irmã, ardente como o de uma amante, discreto como o de uma noiva, terno, solicito e apprehensivo como o de uma mãi. Felizes os que foram amados, como elle o foi por sua irmã Eugenia de Guérin! Um amor desses basta ao cabo para nos indemnisar de todas as agruras da vida.

Para um homem de pensamento e coração, o amor de uma irmã, qual o de Eugenia por Mauricio, é porventura de maior preço que qualquer outro. Tem sobre o da esposa ou amante a primazia da castidade na intimidade, e sobre o da mãi a do abandono na familiaridade. Alguma coisa, o respeito, o proprio receio de affligir o coração sempre prompto a assustar-se de uma mãi, creará do filho para ella uma impossibilidade de confiança completa, de camaradagem intima, de confidencia absoluta. A mesma superioridade de hierarchia domes-

tica, que elle sente nella, será um obstaculo a uma inteira communicação entre elles, sobretudo em materias de imaginação e sentimento. Por motivos contrarios, esta mesma impossibilidade nasce da intimidade conjugal ou amorosa. O pensamento, a emoção intellectual ou sentimental, têm tambem o seu pudor, mais desconfiado e recatado talvez que o pudor physico. E aquelle se arreceia á lembrança das violações deste. Uma irmã, quando ella reune, como Henriqueta Renan ou Eugenia de Guérin, as excellencias do coração ás da intelligencia, é o melhor amigo, o mais seguro confidente, o mais facil camarada, o mais desinteressado conselho, para um daquelles homens. O egoismo masculino acha tambem na affeição docil e humilde de uma irmã, na sua adoração sem protecção, como a da mãi, e sem exigencias, como a da esposa ou da amante, uma satisfação. Si essa irmã, como as duas admiraveis mulheres citadas, se conserva solteira, elle encontra nella o suprasummo do amor, uma mistura ideal do carinho, da ternura, do desvelo maternal e dos affectos femininos, que se não tendo podido empregar normalmente, voltam-se e resumem-se todos num grande amor fraternal, exclusivo, unico, ardente, solicito e de uma infinita doçura e pureza. Tal foi o de Eugenia de Guérin por seu irmão Mauricio.

Elles eram filhos de uma antiga familia fidalga, do centro da França. Pobres, o seu velho castello senhorial, meio arruinado, era antes uma herdade que um solar. A vida ali era frugal, simples, mais que modesta. Animava a familia um profundo sentimento religioso, um grande amor reciproco dos seus membros, e altos sentimentos de honestidade.

Eugenia era mais velha que Mauricio cinco annos. Justamente quando este tinha sete morreu-lhes a mãi, incumbindo no seu leito de morte á Eugenia, que apenas tinha doze, de velar pelo seu irmãosinho. A natureza affectiva de Eugenia achou nesse emprego de mãisinha um grande contentamento e um exercicio que mais devia fortificar e desenvolver os seus instinctos affectuosos. « Houve assim alguma cousa de maternal, diz o editor do *Diario e fragmentos* de Eugenia de Guérin, na ternura de Mlle. de Guérin por seu irmão. Com que fidelidade cumpriu ella durante vinte annos a sua promessa ! Segue com o pensamento Mauricio por toda a parte, vela sobre os progressos do seu espirito, sobre todos os perigos da ausencia, para a sua saude e para suas crenças; interroga-o, admoesta-o brandamente, consola-o e anima-o. Quando elle deixa de ser um estudante, e faz-se homem, redobram as suas esperanças e cuidados, approxima-se de Mauricio,

liga-o a si mais estreitamente, como si sentisse que, fraco e rodeado de novos perigos, precisa elle mais que nunca de não extraviar a sua confiança e as suas affecções. Então as cartas que trocam já não bastam. Mesmo passando noites inteiras a escrever-lhe, não lhe diz tudo; nesse dia, como em todos os dias, seu coração transborda; quanto sente, quanto pensa, quanto passa em torno della dil-o ao caderno, que acompanhará as cartas desde que esteja cheio, e porá sob os olhos do exilado, para defendel-o contra a tristeza e o esquecimento, os dous perigos do exilio, a mais ingenua e acabada imagem daquella vida de familia que lhe falta a elle e á qual elle falta tambem. Este diario torna-se pouco e pouco a sua grande preoccupação, o segredo e a alegria dos seus dias; ameniza o amargor da separação; pondo nelle toda a sua alma, chegou ella a não viver mais sem seu irmão, a viver unicamente para elle; para ella não ha outro futuro que o delle; o objecto dos seus votos, é sentil-o feliz, é de se fazer ella propria sua parte na felicidade e na gloria de Mauricio, pois nada ha que ella não espere delle e de que, a seus olhos, não seja elle digno. »

Em busca de instrucção e uma futura carreira deixa Mauricio aos onze annos o lar paterno, primeiro por Tolosa, depois por Pariz. Foi em La Chenaie, na Bretanha, durante algum tempo

um dos discipulos do celebre Lamennais. Varias vezes voltou ao Cayla, que assim se chamava o castello dos Guérins, sendo a ultima para morrer nos braços da irmã muito amante e muito amada — mal tendo começado a realizar os sonhos ambiciosos de gloria que ambos, ella talvez mais do que elle, sonharam.

Por um tocante sentimento, ella continuou o seu diario, ainda escripto para elle, « para Mauricio no céu », e cheio delle como si vivo fòra. No seu pensamento, esse diario endereçado agora a um intimo e verdadeiro amigo de Mauricio, apontava a inspirar a confiança, o apreço, a admiração pelo irmão morto, a ser um testemunho do seu valor e um incentivo a que o reconhecessem, para que amigos fieis salvassem do esquecimento os escriptos de seu irmão, para perpetuar o nome do poeta prematuramente morto.

O *Diario* completo, afóra as partes que não se encontraram, abrange os annos de novembro de 1834 a outubro de 1841. Mauricio fallecera em 1839. Acabo de lel-o na quadragesima quinta edição, e a sua leitura deixa-me sob a sensação deliciosa e rara do encontro com uma verdadeira alma de eleição.

Eugenia de Guérin parece ter recebido uma boa educação elementar lá no fundo da sua provincia. Era uma intelligencia viva, prompta,

séria, ajudada por uma grande sensibilidade, e uma intuição, quasi adivinhação feminina, das cousas. O que realça o seu talento, torna encantador o seu commercio e adoravel a sua pessoa, é que poetisa, ledora infatigavel, mais sabedora que o commum das mulheres naquelle tempo em França, ella não tem nada de literata, de *bas bleu*. Permanece mulher, modesta, boa, domestica, irmã, filha, amiga amantissima, devota sem crendice nem biòcos hypocritas, dona de casa diligente e cuidadosa, occupando-se com satisfação, com delicia, nos mais intimos encargos caseiros, a criação dos pintos, a lavagem de roupa, a cozinha. Escreve no seu diario, na data de 5 de janeiro de 35 : « Meu caro amigo, passei dous dias sem nada dizer-te. Isso me succederá frequentemente, por uma coisa ou por outra; mas si a palavra emudece, o pensamento trabalha sempre, roda girante, e bem rapida hoje. Pergunto-me de onde provém todo este movimento, que me espanta, ás vezes mesmo me contrista, porque eu amo tanto o repouso, não a inacção, mas a calma de uma alma feliz! S. Stylita, o santo de hoje, é admiravel na sua columna. Julgo-o feliz por se haver feito assim uma alta morada, e por não tocar a terra mesmo com os pés. São maravilhosas, deliciosas de ler, estas vidas dos santos, cheias de ensino para as nossas crenças. —

Ouço cantar uma franga, preciso ir procurar aonde fez o ninho. » E em 9 de maio de 37 : « Um dia passado a pôr a roupa no corador, não deixa muito que dizer. É entretanto bem bonito estender a roupa branca no capim ou vel-a fluctuar nas cordas. É a gente, se quizerem, a Nausica de Homero ou uma das princezas da Biblia, que lavavam as tunicas dos seus irmãos. Temos uma lavanderia, que não viste, na Maulinasse, bastante grande e abundante de agua, que embellece aquella depressão e attrae os passarinhos gostosos de cantar ao fresco. »

O *Diario* de Eugenia de Guérin foi escripto exclusivamente para o irmão. Mesmo seu velho pai, que ella amava com um grande e carinhoso amor, os seus outros irmãos e os seus mais intimos, o não conheceram. Ella o esconde ciosamente, e declara nelle : *isto não é para o publico, é intimo, é da alma*, É PARA UM. E a proposito do resguardo em que o tinha conta que disfarça esta occupação com os pretextos de uma carta a escrever, uma nota a tomar, mas quasi sempre com o caderno das suas poesias que o pai lhe pediu, e no qual, á imitação de Penelope com a sua teia, copiava tres ou quatro versos por dia. Quando o pai entrava no seu quarto e lhe perguntava o que fazia, ella respondia que o caderno. « Não é mentira, diz

ella com os seus escrupulos ingenuos de devota, apenas faço dous cadernos e um me prende mais que o outro. »

Lê muito, sobretudo livros de piedade e edificação e os grandes autores christãos, Santo Agostinho, Fenelon, Bossuet, *A Imitação*, mas lê tambem Platão, Leibnitz, Lamartine, Sainte-Beuve, Molière, V. Hugo, Shakespeare, W. Scott e até Rousseau. Tem mais de uma observação fina sobre cada um delles que ella comprehende ou adivinha. A sua forte e ao mesmo tempo ingenua fé não lhe obscurece o espirito claro, nem a sua alma candida de provinciana. As suas tristezas vêm da sua saudade e da sua imaginação. Com o véo de melancolia com que ambas ensombram, sem a escurecerem, a sua alma, a sua *fé* é alegre, como sem isso ella mesma seria. Tem maneiras verdadeiramente raras e encantadoras de interpretar, sem sair do dogma, as coisas da sua religião.

Falando de confessar-se a um padre veneravel, seu confessor, amigo da familia, escreve estas bellas palavras : « Quando estou a seus pés, não vejo nelle sinão Jesus ouvindo a Magdalena, e perdoando-lhe muito porque ella muito amou. A confissão é uma expansão do arrependimento no amor. » E a proposito de uma medalha da Virgem enviada por uma amiga como preservativa do cholera, e que ella, sem lhe

crer na efficacia, põe entretanto no pescoço : « Não é artigo de fé, mas não faz mal crer nella. Creio pois na santa medalha, como a imagem sagrada de uma mãi, cuja vista póde fazer-nos tanto bem. » E sobre uma procissão contra a saraiva, « restos da fé antiga » : « A credulidade abunda onde desappareceu a fé. »

Para as almas femininas verdadeiramente religiosas, não da religião da moda, da elegancia, da mundanidade, que parece uma condição da alta vida, um distinctivo de aristocracia, o diario de Eugenia de Guérin será uma fonte de edificação piedosa e mais intelligente que o commum dos nossos livros religiosos. Para os espiritos sem fé, mas capazes ainda de comprehender esse grande sentimento humano, apreciar e sentir as emoções que a piedade religiosa põe na alma de uma mulher sentimental e intellectualmente superior, ainda é um livro muito estimavel e cheio de encantos. É porém um livro delicioso para os que amam o pensamento, a fórma suprema do talento, manifestando numa formula simples, rapida, despretenciosa, o seu juizo, o seu criterio das cousas.

E será justamente o pensamento de Eugenia de Guérin, pensamento feito de intelligencia e sentimento, fino, delicado, penetrante, que impressionará a esses e mostrará o real valor dessa mulher, em quem se realiza o dito admi-

ravel do moralista de que vêm do coração os grandes pensamentos. É a explicação da excellencia dos seus, que lhe partem do coração.

E, reparai, são bem femininos, mas femininos como os de uma mulher de grande e bom coração, que não deixa jámais de ser mulher :

« Uma mulher bonita adora-se. »

« Perdemos tudo quanto fazemos pela creatura, quando lhe não misturamos a caridade. »

« Nada mais variavel que o céu e a nossa alma. »

« A vida e a morte são irmãs, nascem juntas como duas gemeas. »

« Ha dias de desfallecimento em que a alma se retira de todas as suas affeições e recolhe-se em si mesma como que fatigada. »

« O amor é a alma que não morre, que cresce e sobe como a chamma. »

« Quando voltamo-nos para o passado, apagamos. »

« Grandes e pequenas affeições, tudo deixa-nos e morre por sua vez. Nosso coração é como uma arvore cercada de folhas mortas. »

« Entre as mulheres a amizade se faz depressa : um agrado, um dito, um nada, basta para uma ligação ; tambem são de ordinario nós de fita, o que faz dizer que as mulheres se não amam. Não sei ; póde-se amar um dia, dous dias, mais ou menos, porém perfeitamente ;

affeições ephemeras que sempre receei para mim e para as minhas amigas. Nada tão triste como uma cousa morta no coração, como fazer do coração um ataúde. »

« O bello não é o que se procura, mas o que se acha. »

Destacados assim das reflexões que rematam, das considerações que resumem ou completam, estes pensamentos, que podiam ser multiplicados, perdem talvez alguma coisa, sinão da sua belleza, da sua intensidade e do seu aproposito. O *Diario* de Eugenia de Guérin, é todo elle de um espirito em que o pensamento é quasi tão vivo como o sentimento, é todo elle de reflexões em que com a agudeza, uma exquisita sensibilidade e uma emoção sincera sempre e frequentemente transbordante, não falta siquer o espirito e o bom humor.

Ella assiste a um enterro : « O que mais me impressionou, escreve, foi ouvir o caixão caindo na cóva; ruido surdo e lugubre, o derradeiro barulho do homem. » Contando a visita de tres curas da vizinhança : « um sem espirito, outro que o mostra, e outro que o esconde. Disseram-nos muitas coisas da igreja, que interessam apenas para falar e responder; mas em geral as variações agradam na conversação, o entretenimento de mil coisas diversas, que faz a conversa coisa rara. Cada um não sabe

falar senão da sua especialidade, como os Auvernhezes da sua terra. O espirito fica tambem em casa como o coração. » Ao contrario de Henriqueta Renan, que parece ter tanto contribuido, — da maneira mais delicada possivel — para que o irmão se não fizesse padre, Eugenia — talvez por um inconsciente egoismo do seu amor — quizera que Mauricio o fosse. Que prazer lhe seria confessar-se a elle, passar com elle, como ella diz com a sua natural excellencia de expressão, « da confiança do coração á da alma ! » — « A mãi de S. Francisco de Salles se confessava a seu filho; irmãs confessaram-se a seus irmãos. É bello ver a natureza perder-se assim na graça. » Para as festas da visita do Bispo, o cura pede-lhe divisas para as bandeirolas e emblemas : « ... não pude dizer não, confessa ella. Não gosto de recusar. Aborrecia-me isto um pouco; não gosto das divisas, que todas são tolas. Fil-as em patuá para salvar a honra do francez. De resto, é a lingua dos camponezes. »

Não dão estas linhas, apezar das citações, sinão um reflexo amortecido do livro encantador que é o *Diario* de Eugenia de Guérin, um livro que se deve ler aos poucos, de vagar, saboreando o exquisito perfume que por elle se desprende de uma alma de mulher, grande pela intelligencia e pelo coração, na sua natural sim-

plicidade de provinciana, e poderia bem dizer, de matuta.

« Eu vivi, diz ella no ultimo caderno do seu *Diario*, felizmente longe do mundo, na ignorancia de quasi tudo o que leva ao mal ou o desenvolve em nós. Na idade em que são as impressões tão vivas, apenas as tive de piedade. Vivi como num mosteiro; deve pois a minha vida ser incompleta sob o aspecto mundano. O que a este respeito sei, me vem quasi por instincto, por inspiração, como a poesia, e bastou-me para apparecer em toda a parte convenientemente. Um certo tacto adverte-me, dá-me o senso das cousas e ares de habito, onde me acho as mais das vezes estranha, como nas rodas sociaes. Falo, porém, pouco. Tenho mais o espirito de comprehender que o de exprimir. Para isto a pratica é necessaria. Quando converso, sinto-lhe a falta, falha-me o aproposito... Aos comprimentos fico indifferente, menos já ao gracejo, sem duvida porque elle estimula o espirito. »

O PAIZ EXTRAORDINARIO

Nos Estados-Unidos, Impressões politicas e sociaes, por Oliveira Lima, da Academia Brazileira, Leipzig, F. A. Brockhaus, 1899.

A impressão que as minhas leituras me deixaram dos Estados-Unidos, e que o livro do Sr. Oliveira Lima confirmou, é de alguma coisa extraordinario, jámais vista, unica, original, nova. Extraordinaria e maravilhosa, diz tudo. Eu imagino que a contemplação desse paiz singular por gente como nós, sem o seu vigor, a sua energia, o seu espirito de empreza e de luta, a sua actividade febril e a sua desmarcada ambição, deve causar um deslumbramento, que ha de por força tirar-nos a calma para julgal-o com isenção. Ou nos subjuga e domina, e então tudo admiramos sem restricções e talvez sem reflexão, ou nos offende os habitos e offusca o animo e dá-nos, pois, a vontade de negar e deprimir. Uma opinião média será dif-

ficil de ter, ao menos aos primeiros contactos com essa nação singular. Mas ainda o melhor meio de acertar, de comprehender esse povo extraordinario, é talvez pôr-se no diapasão delle, é ter por elle o enthusiasmo e a admiração que elle a si mesmo ingenuamente e de boa fé se consagra. A sympathia é tambem uma condição de comprehensão e intelligencia. Como os homens extraordinarios, tambem os paizes extraordinarios precisam talvez de indulgencias extraordinarias no modo por que os havemos de julgar.

Si assim é, o Sr. Oliveira Lima collocou-se no ponto de vista conveniente para ver e apreciar os Estados-Unidos. Elle, é evidente, soffreu-lhes tambem o deslumbramento, mas passado este ficou-lhe viva e forte a admiração, mesmo o enthusiasmo. Mas o Sr. Oliveira Lima é um observador, e um observador intelligente e de boa fé, incapaz de esconder que no sol ha manchas. Apenas não lhe parecerão tão grandes e sensiveis, como a outros se afiguram. E ganho pelo optimismo yankee, essas mesmas lhe parecem faceis de ser desfeitas e apagadas. Mas do seu excellente livro resulta afinal o sentimento que é verdadeira e exacta a sua impressão dos Estados-Unidos. Essa impressão, porém, não é apenas visual e de relance; o Sr. Oliveira Lima não só viu e observou, mas estu-

dou o seu assumpto e o tornou mais interessante para nós Brazileiros, mais pratico, mais util pela comparação ou approximação entre as nossas cousas e as americanas. É com effeito um dos caracteres do seu livro, ser, como gostam e praticam os Anglo-Saxões em assumptos taes, um livro pratico, um livro de idéas, de observações, de sensações, mas tudo apoiado sobre factos — o melhor manual existente em portuguez para conhecermos os Estados-Unidos. O Sr. Oliveira Lima é, aliás, um dos nomes preclaros das letras brazileiras contemporaneas; um dos seus obreiros mais laboriosos, mais serios e mais capazes. Nestes cinco ultimos annos deu-nos elle tres livros de real merecimento, *Pernambuco, Seu desenvolvimento historico*, *Aspectos da literatura colonial brazileira* e este sobre os Estados-Unidos, além de estudos e ensaios diversos publicados na *Revista Brazileira*, ou em avulso. Collaborou com um *Manual dos Estados-Unidos do Brazil*, em via de publicação, para as Secretarias das Republicas americanas de Washington, tem prompto o *Elogio de Varnhagen,* seu patrono na Academia Brazileira, e prepara uma historia do nosso Romantismo, e um estudo sobre D. João VI no Brazil (1).

(1) O Sr. Oliveira Lima publicou depois (1901) *O Reconhecimento do Imperio*.

O maravilhoso progresso, que já não é só, como ainda a muitos se afigura, material, mas tambem mental dos Estados-Unidos, é devido a causas diversas, das quaes tres, porém, são porventura as principaes : a raça nova, forte, energica e numerosa ; a condição social dos primeiros immigrantes da Nova Inglaterra e os mesmos motivos que os fizeram emigrar ; a immigração posterior, o aproveitamento completo do paiz pelo seu povoamento. Si as duas primeiras causas explicam o vigor moral com que se fez a grande nação, a virtude que serviu de base á sua construcção, e que ainda hoje serve de anteparo á corrupção que a ameaça, bastaria talvez a terceira, como até publicistas americanos o reconhecem, para explicar o seu prodigioso desenvolvimento material, o que, mais que outros aspectos da sua vida, assombra nella o mundo. « A grandeza dos Estados-Unidos, diz o Sr. Oliveira Lima, tem sido, como é corrente, constituida pela consideravel immigração européa, além do genio activo e inventivo da propria raça colonizadora. » É com effeito de primeira intuição que o progresso de regiões vastas e novas como são as americanas depende quasi exclusivamente da sua exploração, ou explotação, como dizem os nossos engenheiros, e que esta se não póde fazer sem gente, e que o povoamento destes esten-

sissimos territorios é, pois, uma condição *sine qua non* do seu desenvolvimento. Isto não escaparia ao Sr. de La Palice ou ao nosso Conego Felippe; não parecem todavia percebel-o os nossos politicos, imbuidos, talvez mau grado seu, dos velhos preconceitos portuguezes contra o estrangeiro, desenvolvidos aqui nas lutas contra Francezes, Inglezes, Hespanhoes e Hollandezes, e peiorados pelo odio do gentio ao forasteiro. Sabe-se que esse odio, ainda não ha cincoenta annos, alcançava nas nossas provincias o proprio nacional de outras, e o bairrismo é um phenomeno vivo no Brazil. Os Estados-Unidos, ao contrario, fizeram todos os esforços e sacrificios para ter o immigrante, e ao depois para assimilal-o e transformal-o em americano, primeiro pela sua forte e solida organização da instrucção popular, depois pelo tratamento igual que lhe deram, fazendo-o intervir quasi logo desembarcado na sua vida politica. Ainda hoje, conta o Sr. Oliveira Lima, no prodigioso movimento de reclamo eleitoral que ali se faz preparatoriamente á escolha do Presidente, publicam-se brochuras, pamphletos e annuncios em todas as linguas para angariar tambem os eleitores que ainda não sabem inglez. « A immigração, assevera o escriptor, ha sido o nervo do progresso americano, não só pelo que diz respeito ao augmento da população e á possibi-

lidade para esta de conservar-se afastada de misturas degradantes (refere-se o autor ao contacto com os negros e outras raças inferiores), como pelo que toca á disseminação civilizadora e á adopção enthusiastica pelos forasteiros da nova patria. »

No meio dessa população, que no principio do seculo mal alcançava 4 milhões de habitantes e que attinge hoje a cêrca de 75 milhões, uns oito milhões ha que, apezar da Constituição emendada e das leis, jámais se puderam fundir na massa da população branca, jámais ella os quiz assimilar ou incorporar, e que, a despeito das suas universidades, das suas escolas de toda a ordem, das suas bibliothecas, do progresso intellectual e moral que possam haver feito, continuam ainda acampados no meio de povo americano, que os odeia, despreza e repelle. São os negros e seus descendentes, até á quarta, quinta ou decima geração, qualquer que seja em summa a dóse, mesmo infinitesimal, de sangue africano que tenham. Nós, Brazileiros, quasi não logramos comprehender esse sentimento. A verdade, porém, é que elle é ali intenso e, o que mais é, crescente, e, por assim dizer, tão palpavel que nem um só observador das coisas norte-americanas deixa de sentir-se impressionado por elle e pelos seus effeitos e de occupar-se da questão por elle creada ali, a

questão do negro. Desse problema trata em um capitulo especial o Sr. Oliveira Lima, e é curioso que Brazileiro, certamente sem os preconceitos de raça que aqui, quando existam, são superficiaes e insignificantes, o observador entrou tanto no ponto de vista americano, soffreu tanto a influencia do meio, que se não escandaliza por fórma alguma, antes aceita como naturaes e normaes, os termos em que os *yankees* puzeram a questão.

Não lhe parecerem repugna mesmo os lynchamentos atrozes com que os brancos do sul castigam não só os crimes ou simples delictos dos negros, mas até a sua teimosia de, confiados nas leis, aceitarem cargos publicos ou pretenderem, contra a vontade dos brancos, exercer qualquer funcção publica. É assim que escreve calmamente em um appendice do seu livro : « Os dous elementos não podem existir aqui com attribuições e destinos iguaes : um ha de manter o outro em dependencia e o vencedor tem de inquestionavelmente ser o elemento branco, dispondo de mais intelligencia, mais experiencia, mais decisão e mais recursos. Nesse dia desapparecerão por desnecessarias as atrocidades dos lynchamentos, produzidos pela incerteza no futuro e, em ultima analyse, pelo temor do sacrificio dos interesses da civilização de origem européa. » Não noto o estado

de esiprito do Sr. O. Lima nesta questão para censural-o, sinão para mostrar até que grau se compenetrou elle dos Estados-Unidos, e, ao mesmo passo, qual é a fortaleza e intensidade do sentimento americano na questão do negro, para captar a opinião dos estrangeiros menos dispostos, por educação e habitos nacionaes absolutamente contrarios, a participar delle. Pouco antes de ler o livro do Sr. Oliveira Lima, tinha eu lido na revista ingleza *Nineteenth Century* um artigo sobre esta questão, *The American negro and his place*, que me parece, na sua concisão, a melhor, a mais clara, a mais exacta e a mais concludente exposição do problema negro nos Estados-Unidos de quanto sobre o assumpto conheço, sem excluir o livro já classico de Bryce. E o seu autor, uma mulher, Miss Elizabeth L. Banks, que estuda o caso com a indifferença, a calma, a imparcialidade de um naturalista estudando um mineral, conclue que não ha lugar nos Estados-Unidos para o negro e para a gente de côr, mesmo que esta já seja perfeitamente branca e que lhe disfarcem a raça cabellos louros e olhos azues. Um romance, *Madame Delphine,* de um dos mais reputados novellistas americanos, George W. Cable, já me havia antes dado esta impressão, que o artigo tão documentado e evidente de Miss Banks transformou em convicção.

Outra não é, sem embargo da differença da exposição, a conclusão do Sr. Oliveira Lima. Eu disse que os Estados-Unidos o empolgaram, e citei por prova o seu juizo, absolutamente verdadeiro no ponto de vista americano, nesta questão do negro. E, repito, si não fôra assim, elle não houvera, talvez, comprehendido o paiz extraordinario que observou com tanta sagacidade e sem rebuscadas psychologias. Mas por outro lado isso tirou-lhe, raras vezes, é certo, a liberdade espiritual no ajuizar dos proprios factos americanos e de alguns nossos. Assim, parece lastimar que respeito ao negro não houvessemos procedido como os Americanos : « A indulgencia das nossas opiniões e desmazello dos nossos costumes, escreve elle, impedem-nos de hostilizar o negro em qualquer terreno, mesmo no da mistura das raças. Não seria no Brazil que poderia decretar-se e executar-se uma lei como a que prevalece em varios Estados do Sul da America do Norte, prohibindo os casamentos entre pessoas de differente còr. » Em que pese aos que comprehendem demais os Americanos, deve o Brazil rejubilar-se disso. Melhor do que eu sabe o atilado historiador de Pernambuco que não era possivel mesmo que no Brazil a questão do negro não fosse logo resolvida, em antes de surgir, pelas mesmas condições da nossa evolução historica e social.

Estou convencido, como o Sr. Oliveira Lima, que a civilização occidental só póde ser obra da raça branca, e que nenhuma grande civilização se poderá levantar com povos mestiços. Quero mesmo crer que a civilização dos Estados Unidos deve o seu rapido e seguro desenvolvimento á sua pureza ethnica; mas pergunto a mim mesmo, si para obtel-a com o avanço de um seculo, valia a pena sacrificar milhões de entes humanos, e reproduzir já ao findar do seculo XIX, em meio do scenario da mais moderna, da mais alta civilização, com uma Biblia na mão ou no bolso, e o nome de Deus nos labios, os rasgos mais crueis de que os civilizados, esses mesmos Americanos, accusam horrorizados os Dahoméanos e outros barbaros africanos, e de que ha pouco culpavam em Cuba os Hespanhóes de Weyler. Um Americano, certo, não comprehenderá estas palavras, porque o seu sentimentalismo pratico, mercantil, como é de facto o fundo do seu caracter, elle apenas o applica ao sabor dos seus interesses. Não ha receio, como suppõe, desta vezes com menos intelligencia, o Sr. Oliveira Lima, de que surja o problema negro no Brazil. Antes de surgir, foi aqui resolvido pelo amor.

O cruzamento tirou ao elemento negro toda a importancia numerica, diluindo-o na po-

pulação branca. O mulato aqui, desde a segunda geração, quer ser branco e o branco mesmo, ainda sem deixar-se illudir, e salvo excepções insignificantes, recebe-o, estima-o, liga-se com elle. A mistura das raças tendendo, como asseguram os ethnologos e póde á primeira vista ser reconhecido exacto, a fazer prevalecer a raça superior, acabará forçosamente, em periodo mais ou menos curto, por extinguir aqui a raça negra. Já isso vai evidentemente acontecendo, e quando a immigração, que penso é o problema capital do Brazil, vier numerosa, apressará, com misturas novas, que aqui se farão sempre, a selecção. Em quanto nos Estados-Unidos oito milhões de negros parecem aos seus nacionaes brancos um perigo e uma ameaça, contra o qual só se lhes antolham meios violentos de defeza, aqui ninguem cura delles, que desapparecem simplesmente pelo crescimento da população branca, não pura em sua maioria, é verdade, mas cuja mescla vai tambem ganhando do lado branco e aproximando-se cada vez mais, segundo a regra da anthropologia, do typo superior. Sem nenhum preconceito patriotico, penso, (é verdade que tenho razões pessoaes para isso), que mais demorada que a americana, a nossa evolução é, sob este aspecto, mais justa e mais humana, si posso dizer assim. Mesmo nos duros tempos

coloniaes, não dividimos jámais a humanidade em duas partes.

Outro aspecto interessante da evolução americana nos ultimos vinte annos é o desenvolvimento do catholicismo nos Estados-Unidos. Vota-lhe o Sr. Oliveira Lima um capitulo. Os Estados-Unidos são a terra das religiões; 145 seitas existem ali e se disputam reciprocamente a clientella das consciencias. Dellas é hoje a catholica a mais numerosa, com perto de nove milhões de adeptos, mais de 10 mil sacerdotes e cerca de 15 mil igrejas. O catholicismo ali affeiçoou-se segundo as condições do paiz, não sei si não poderia dizer até que se modificou conforme o meio. Aliás as religiões, productos sociaes, se fazem á imagem das sociedades onde nascem ou que as adoptam. O mesmo catholicismo é o mais flagrante exemplo disso. O que elle deve ao mundo greco-romano é mais talvez do que lhe veiu da Judéa. Grande differença separa o catholicismo allemão do iberico, ou o inglez do italiano ou do francez. Mas na Europa, por virtude da menor differença no aspecto geral das nações feitas por uma civilização sem profundas divergencias, essa discrepancia é em todo o caso menor do que entre o catholicismo americano e qualquer outro do mundo catholico. Ao Sr. Oliveira Lima parece, « sem sombra de duvida », que o catho-

licismo americano « é o catholicismo do futuro ». E dá a razão : « Os Estados-Unidos são o ponto onde a doutrina romana, dezenove vezes secular e essencialmente progressiva na sua immutabilidade, apresenta-se menos eivada de reaccionarismo, mais liberal e mais evangelica, em uma palavra, mais *christan*. »

Póde ser tenha razão o escriptor, mas a mim não se me affigura justa a sua concepção do catholicismo liberal e progressista. Escreve ainda o Sr. O. Lima : « O verdadeiro catholicismo deve igualmente progredir nas democracias, porque é a religião dos humildes e dos pobres... » Tambem me não parece exacto. O verdadeiro catholicismo não é outro que o que a igreja de Roma, isto é, o Papa, define, e esse não é liberal, nem progressista, e de parte as encyclicas, a que allude em outro trecho o Sr. Oliveira Lima, do pontifice actual, aliás anodinas, sobre a questão social, não é tambem a religião des humildes e dos pobres, ou não o é mais que qualquer outra. Para elle passaram de muito os tempos de S. Francisco de Assis ou de S. Francisco de Paula. O catholicismo liberal é apenas uma recordação, mal vista da igreja, que não cessa de condemnal-o, e dos orthodoxos. A tentativa dos Lamennais, dos Lacordaires, dos Montalemberts e outros grandes, mas, ao parecer da igreja, transviados espiritos, falhou com-

pletamente, nem a igreja, e esta é ainda a sua força, admitte outros interpretes do seu sentimento sinão ella, que deu delles o melhor compendio no *Syllabus* de Pio IX. E apezar do genio florentino, do espirito diplomatico, da feição politica de Leão XIII, o que governa a igreja catholica hoje, o seu roteiro, é a famosa encyclica de 8 de dezembro de 1864. O catholicismo teria horror áquelle *mais christan* do Sr. Oliveira Lima; basta-lhe a elle ser catholico, e todas as tendencias do catholicismo americano, que, não sem motivo, tanto admira o escriptor, cheiram-lhe a heresia. O catholicismo europêo, o catholicismo latino sobretudo, que é de facto o verdadeiro catholicismo, o que se integra no temperamento, na mesma indole da raça impropríamente chamada latina e faz, por assim dizer, corpo com ella, lhe é manifestamente adverso, não o comprehende siquer. Quando os americanos, ou padres francezes inspirados por elles, pretendèram levar para a futura Exposição de Pariz, como mais um *clou* offerecido á admiração dos basbaques, uma repetição do famoso Congresso das Religiões que em Chicago concorreu com outras maravilhas da invenção *yankee*, foram geraes os protestos do catholicismo francez e a idéa extravagante gorou em germen.

Na mesma corrente de opinião contraria ao

catholicismo americano publicou este anno um padre do clero francez, o conego Delassus, um livro a que deu o titulo muito significativo de *L'américanisme et la conjuration antichrétienne*. A respeito desse livro escreve um collaborador da celebre revista catholica de critica, *Polybiblion*: « Sujeitos famulentos de reclamo, e pouquissimo instruidos em theologia para comprehenderem o verdadeiro alcance de suas idéas, esforçaram-se por amesquinhar as santas exigencias da religião catholica ás vulgares ambições de um naturalismo e de um liberalismo philosophico mal disfarçados. Era tanto maior o perigo que incredulos e impios, sempre á cóca do que póde enfraquecer a Igreja, gostosos destes avanços feitos com grande barulho do seu lado, favoneavam o imprudente movimento por mil reclamos da imprensa quotidiana, dos enthusiasmos facticios de algumas revistas mundanas, e das seducções dos seus faceis elogios. De lados diversos partiu o grito de alarma; primeiro daquelles que verificaram o mal *de visu* e se haviam abeirado dos protagonistas do erro novo, ao depois por outros theologos que não podiam conceber os progressos das doutrinas anti-christães mostrando-se em plena luz, desavergonhadamente, sem provocar reprovação sufficiente. Após uma longa e paternal paciencia, impressionou-se finalmente o

Santo Padre, e, por uma carta magistral, na qual a sua firme vontade se vela sob termos da maior caridade, condemnou as temerarias doutrinas. »

Eis o que é bem catholico, e bem significativo contra o catholicismo *yankee*. O mais é o americanismo com o seu forte individualismo, absolutamente contrario ao espirito do catholicismo; o seu amor da liberdade, a sua tolerancia, antipathicos tambem a esse espirito. E o liberalismo catholico, como dizia o Cardeal Nina a Pedro Froment na *Roma* de Zola, é literatura, pura literatura.

Os Americanos, é uma observação verdadeira feita pelo Sr. Oliveira Lima, não temem as experiencias, e fazem-nas sempre de boa fé, conscienciosa e confiadamente. Os chefes da igreja catholica americana, em uma obra que tem a sua grandeza, feita com enthusiasmo e sinceridade, acreditam ingenuamente na pureza absoluta das proprias intenções. Tomado do seu optimismo, o Sr. Oliveira Lima crê como elles, e prognostica ao catholicismo americano larga victoria sobre as multiplas seitas do paiz. Eu, me parece que o contrario seria a verdade e que o catholicismo americano prepara um novo scisma, desde que um Papa mais catholico que politico, um Pio IX por exemplo, se assente na cadeira de S. Pedro e queira pôr entraves

ao seu individualismo e ás suas innovações.

É lendo o interessantissimo capitulo do Sr. Oliveira Lima, que se sente a profunda differença entre esse catholicismo e o latino, o verdadeiro, penso eu, e se lobrigam os germens das dissenções futuras e inevitaveis.

Não são menos interessantes as partes do livro sobre o povo americano, sobre a influencia da mulher, sobre a sociedade, sobre a literatura, sobre a politica interna e externa e colonial e sobre outros aspectos da vida americana. Todos elles nos revelam um mundo novo, não parecido por fórma alguma com o nosso, nem com os que nos são mais familiares; todos elles nos mostram uma sociedade profundamente diversa da nossa, dotada de uma seiva de vida material e moral, como nem siquer podemos imaginar.

O escriptor viu bem a apparente contradicção do caracter americano, pratico e idealista, mercantil e mystico, ganancioso e liberal, cupido e generoso.

Ha ás vezes nelle, já o observei, excesso de optimismo e de benevolencia. Assim quando attenúa, pois não a esconde, a profunda e larga corrupção da politica e da administração americana, ou quando admitte que essas colossaes fortunas que se ali fazem, e que estão creando um novo feudalismo *sui generis* nessa republica modernissima, possam não ser sómente o pro-

ducto de trapaças e de uma rapina organizada em grande. Nem podem ser outra cousa; taes riquezas não as accumula jámais o trabalho honesto, mesmo servido por uma indefessa actividade, quaesquer que sejam as facilidades do meio. Como as dos barões medievaes, essa opulencia é, necessariamente, filha do roubo e da violencia. « E eu pergunto aos economistas politicos, aos moralistas, se já calculáram o numero de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralização, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta, para produzir um rico ! » A pergunta quem a faz não é nenhum socialista ou anarchista, mas um grande poeta amoroso e lyrico, que tambem foi deputado, senador, ministro, bom monarchista e moderado liberal, o divino Garrett. Que diria elle se pudesse adivinhar, no seu mofino Portugal, as futuras riquezas dos nababos americanos, apenas sonhadas nas *Mil e uma noites*?

Paiz decididamente extraordinario, maravilhoso, monstruoso mesmo, os Estados Unidos são tambem o paiz dos mais estupendos contrastes de opulencia e miseria, de virtude e deshonestidade, de alta e espalhada cultura e de simplicidade popular, do mais aspero trabalho e do goso mais intenso, do mercantilismo desalmado e egoista e das maiores e mais raras

manifestações de altruismo e solidariedade humana e social; certamente o campo da mais bella, e até agora, a mais bem succedida experiencia, que a humanidade tem feito nos ultimos seculos.

UM ROMANCE MEXICANO

Metamorfosis, por Federico Gambôa, Mexico, 1899.

Commetti, uma vez — e, ai de mim ! não foi certamente a unica, nem será a ultima — um erro grave, dizendo fosse talvez a nossa literatura a mais antiga do continente. O asserto, apezar da dubitativa, e das restricções de que o acompanhei, é de toda a maneira erroneo, e aproveito alvoroçado o ensejo que me dá um livro americano de confessal-o e rectifical-o.

Precedendo-nos em colonização e em cultura, precedeu-nos tambem a America hespanhola em literatura. Ao passo que a nossa data apenas dos primeiros annos do seculo xvii, a sua vem dos primeiros da segunda metade do XVI, no Mexico, e do começo do ultimo quartel delle no Chile. Ali entrou a funccionar a Universidade em 1553, e poucos annos antes uma imprensa, a primeira da America, donde saía em 1539 o

primeiro livro neste continente impresso, não sendo menos de 116, segundo os mais seguros bibliographos, os publicados no Mexico naquelle seculo, notando-se entre elles uma edição de Ovidio, *Tristes e Ponto*, de 1577. Além de eruditos, lentes da Universidade, poetas e prosadores hespanhóes passaram-se ao Mexico e ahi influiram poderosamente na cultura e no gosto da poesia e das letras. É curioso que em um certamen poetico realizado na cidade do Mexico em 1585, na presença de sete bispos reunidos para um Concilio provincial, concorressem 300 poetas. Não ha talvez a admirar, sinão a differença dos tempos, que nós hoje não forneceriamos porventura menos, si ainda estivessem em moda os outeiros poeticos. Vejam-se as polyanthéas indigenas. Contou o Mexico no seculo XVI como poetas Francisco de Tarrazas, Saavedra Gusman, Lasso de la Vega, Ruiz de Leon, Gonzalez de Eslava, e outros muitos nomes que apenas significam a existencia da poesia, da cultura literaria e de poetas no Mexico logo no primeiro seculo da conquista hespanhola.

No Chile as primeiras manifestações literarias foram tambem do XVI seculo, imprimindo-se ali a primeira edição da *Araucania* de Ercilla em 1578. O mesmo aconteceu no Perú. Em todos esses paizes a imprensa entrou primeiro que no

Brazil, onde é deste seculo. No que se chamou o Vice-Reinado do Rio da Prata, o Paraguay, a Argentina e o Uruguay a cultura atrazou-se á nossa e as primeiras manifestações literarias na Argentina, ou melhor em Buenos-Aires, são do seculo passado, como nos Estados Unidos.

Foi o Mexico, no mundo latino americano, o principal fóco de cultura e producção literaria nos seculos de regimen colonial. Qual o valor dessa cultura e dessa producção, só o poderia julgar por informações dos criticos e historiadores della. Qual o valor actual de ambas, lisamente o confesso, não sei. Comparativamente á brazileira, a literatura hispano-americana — podemos designal-a no singular — pelo pouco que della sei não penso seja superior á nossa. Tambem lhe não insinúo a inferioridade. O homem talvez mais competente em assumptos literarios hispano-americanos, o Sr. Ménendez y Pelayo, um erudito de nome universal, faz duas observações que dariam á poesia brazileira uma certa distincção sobre a poesia hispano-americana em geral. Uma, que « ella é quiçá a mais americana de toda a America, sem deixar por isso de ser essencialmente portugueza », e outra é que, conservando a poesia hespanhola transplantada para a America a sua castidade nativa, a brazileira é, entretanto, desenfreadamente erotica. Em outra parte o

eminente critico hespanhol nota como os hispano-americanos se conservaram fieis á tradição classica e á castelhana, a que os movia uma cultura classica mais forte que a que jámais tivemos, e que por sua vez explica que a nossa podesse, mais que a dos outros povos latinos da America, tomar uma feição mais americana e um maior ardor sentimental e amoroso.

Não sei, déclarei acima, qual a situação espiritual e literaria do Mexico neste momento. E este livro *Metamorfosis* não basta para dizel-a. Póde, quando muito, vagamente indical-a, si não é arriscado induzir de um unico livro o estado literario de um paiz. Este romance é visivelmente um reflexo do romance e do pensamento francez. O seu autor um discipulo das penultimas correntes literarias da ficção franceza, principalmente de Flaubert e Zola. Mas um discipulo de talento e, quasi estou em dizer, com originalidade propria. Não me enganei notando atrás (1) que o romance naturalista, desapparecido já de toda a parte, sómente ainda está em voga aqui e nos paizes hispano-americanos. *Metamorfosis* confirma este asserto. É ainda um romance naturalista, á maneira daquelles dous mestres do genero, mas penetrado de um sopro lyrico que, pessoal embora, não

(1) V. neste livro *Emilio Zola.*

revê menos a influencia da ultima fórma do autor das *Trois villes*. Nenhuma pagina do livro tambem, salvo a final, tem a ousadia das cruezas que se reprocharam sempre á escola. Mas pela composição, pela « poetica », pela concepção, este romance mexicano pertence-lhe inteiramente. Chamo-lhe mexicano, porque se passa no Mexico e mexicano é o autor. O qualificativo não corresponde, porém, ao que se aqui chamava « romance brazileiro », do qual os seus proprios autores excluiam quanto não fosse o romance da vida sertaneja ou mestiça do nosso interior. O romance do Sr. Gamboa, de parte scenas episodicas na fazenda do protagonista, não tem nada de especial e caracteristicamente mexicano. Passa-se na capital do paiz, grande cidade de vida européa, como Madrid ou Barcelona, entre tres ou quatro pessoas da alta vida e duas ou tres de um collegio de religiosas francezas frequentado pelas filhas da aristocracia, um padre jesuita e raras e apagadas figuras accessorias. Transferida a acção a qualquer outra parte, isso lhe não alteraria a feição, nem a deslocaria. Teria tanta verdade em Lisboa, aqui ou em Bruxellas, quanta tem no Mexico, porque o romance não é ethnographico e descriptivo, sinão, como o comporta o naturalismo, psychologico, mais psychologico que outra coisa, e si não fossem presumidas e tam-

bem fallazes estas classificações, psycho-physiologico, pois na psychologia do autor se mistura, como na dos seus mestres Flaubert e Zola, muita physiologia.

D. Rafael Bello, filho de um rico fazendeiro de nobre familia, bem dotado de intelligencia, belleza e força, faz a sua educação na Europa. Voltando á patria, é por algum tempo o mimoso da boa sociedade mexicana, até que se casa com uma joven que o amava de toda a sua alma ingenua e meiga, e pela qual elle não tinha outra affeição que o desejo. O casamento foi para ambos infeliz; para ella, que não foi amada como merecia ser e como amava; para elle, que não se deixava tocar por esse amor, não o apreciava e, arrastado pelo seu temperamento de gosador, corria aos amores faceis e venaes. A natureza, a physiologia de D. Rafael Bello, é de um sensual, incapaz verdadeiramente de amor, mas sequioso das apparencias delle e saciando-se com pouco. Um D. João modernizado, e como o da immortal creação hespanhola, um homem de jogo e de orgia. Sua desamada mulher deixa-lhe uma filhinha, e morre ao tel-a. Muitas vezes mordem-no os remorsos da sua vida marital, perseguem-no as saudades da boa e meiga creatura que elle não soube querer e estimar, é um pai carinhoso e terno, mas remorsos, saudades, amor paterno nada tem na sua

cabeça de homem de prazer, de delicioso, como diria o nosso Manoel Bernardes, força bastante para desvial-o da vida de estroina rico, a que se afizera e a que o votava o seu temperamento. A filha de D. Rafael é uma das pensionistas do Collegio do Espirito Santo, dirigido por senhoras religiosas francezas desta invocação. Chamam-lhe Nona, é uma graciosa e gentil figura de *keepsake*, fina e lindamente descripta pelo romancista. Uma das religiosas, moça e bellissima, a irmã Noeline, toma-se de uma grande affeição por Nona, que lhe corresponde com o affecto exclusivo de certos amores de criança. A menina cai doente de uma molestia grave, um croup. Tratada em uma enfermaria especial do collegio, tem a irman Noeline por dedicada enfermeira. Á cabeceira da filha doente a encontra Rafael, e a filha lh'a apresenta nestes termos : « Irman Noeline, irman Noeline, este é o meu papai, o meu papaisinho; não é verdade que é muito bonito? accrescentou acariciando-lhe a barba. — Deteve-se a monja sem saber o que dizer, ruborisada até os cilios; volveu o rosto para Nona e seu olhar, o casto olhar dos seus olhos encantadores encontrou com o de Rafael, um instante, só um segundo, que bastou para enrubecel-a ainda mais e fazel-a sair apressadamente. »

Contando a um amigo — um certo Chinto, typo desprezivel, mas agradavel pelo espirito e

pelas originalidades de parasita e bohemio — a visita á filha doente, Rafael Bello surprende-se a falar longamente da bella religiosa : « De pronto — peço permissão para transcrever em hespanhol — preciso, neto, le devolvió la retina el principal asunto del quadro, el grupo que formaban sor Noeline y la Nona, com sus rostros tan cerca, que los alborotados rizos de la chiquilla manchaban aqui y alli la blanquissima toca de la religiosa, vió sus mejillas color de concha nácar, su cuerpo todo en una incómoda postura, en una inclinación de madre de verdad.

« — Al pronto, no la vi bien, pero después si, cuando acomodó a mi hija, cuando dejó los medicamentos ; y te juro Chinto, que me entraran ganas de arrodillármele ; parece una virgen de las que hay en los museos italianos, una *madonna*. Mira, su cara es ovalada, grandes los ojos, negros ; la boca... Y retrató á la monja con una municiosidad que a él mismo le asombró ; donde habia guardado los exactos pormenores, si hubiera podido asegurar no haber visto á sor Noeline sinó muy por encima, á la lijera? Sin malicia alguna acabó el retrato. Quizá la miró inadvertidamente con mayor atencion y por eso le salia tan parecido, tan identico al original ; y sus facciones desfilaran á marabilla, todas sin faltar una ; la monja estaba ahi : por

inaudito prodigio, saliale del cerebro y por los labios le resbalava, cosa más rara!

« — Pues hijo, si es tal como la pintas, vale tu monjita un Perú antes de la guerra del Pacífico que fué cuando valió mucho.

« Lejos de festejar Rafael el inocente chiste de Jacínto, púsose fuera de si; dió un manazo en la mesa, largó dos ó tres insolencias, derribó su silla al levantar-se :

« — Hazme favor de no ser indecente y respeta lo que es respetado hasta por los salvajes, pues vamos á incomodar-nos. »

O trecho é caracteristico da maneira do autor e delicado e fino.

Rafael volta a visitar a filha e ao entrar na enfermaria vê de relance a irman Noeline e a superiora ao pé della ; ambas o deixam só com a menina. Cinco minutos depois sai elle deixando-a mais afflicta, encontra a religiosa em um corredor « y sin la menor idea carnal — por Dios que nó, antes al contrario ! — deslumbrado por sua belleza de *madonna*, como á una aparición celeste dispensadora de milagros, la detuvo, la tomó de las manos sin que ella pudiera evitarlo, pero muy humildemente, la imploró :

« — Madre, por favor, no deje usted á mi hija ! »

Ainda em uma crise suprema da molestia, quando a menina é salva pela injecção de um

soro especifico, acham-se Rafael e a irman Noeline juntos, chegados um ao outro, apoiando Nona para o curativo. E no espirito, talvez mais que no coração do rico fazendeiro, vai pouco a pouco, e cada vez mais, penetrando a impressão dessa mulher divina pela belleza e pela virtude. Referindo a scena ao seu comensal Chinto, demora-se ainda Rafael no pensamento da religiosa e ao cabo diz della e da superiora : — « Que mujeres, Chinto, respiran la virtud ! Yo creo que por eso se inponen, sobretodo a nosotros los perdidos que tan raramente la encontramos legitima... »

Mas a obsessão da religiosa cada vez mais se apoderava do seu espirito. Vieram as ferias, Rafael leva a filha em convalescença, para a fazenda ; a menina, na sua ingenua inconsciencia mistura a tudo o nome da irman Noeline : « — Si vieras qué buena es y como me quiere ? En el Colegio hay una niña grande que dice que parecemos novios, tú dirás ?... Y no creas, nunca nos hemos dado um beso, porque no es permitido ; pero lo que es las manos si se las cojo y se las aprieto con todas mis fuerzas, asi, mira... Y le apretaba á Rafael las suyas, que se contraiam cual si la monja, en carne y hueso, estuviera ahi, prolongando el demoniaco y sabrosissimo contacto... »

Uma luta tremenda se estabelecia na alma

catholica de Rafael, entre a sua paixão, que elle ainda negava, e as suas crenças, adormecidas, mas vivas no seu coração de libertino. Procura vencer na fazenda pelo trabalho, pelo exercicio, pelo cansaço, a obsessão da religiosa que o não larga um só momento, que o avassalla e domina, e sem o conseguir volta ao Mexico.

Uma crise igual sobreveiu á irman Noeline. Ella tivera na sua vida, em França, donde era, um puro romance de amor, um idyllio com um primo. Sobrevindo a miseria, desfez-se o noivado e foi obrigada a entrar em um convento, onde fez os votos que a ligavam hoje. Não houve nella a vocação, verdadeira e espontanea; não era, entretanto, menos perfeita na sua virtude e na abnegação com que deixara o mundo; o seu primeiro amor era apenas uma vaga lembrança no seu coração, todo cheio de Deus. Entrou, todavia, por este tempo, a chorar nervosa, indisposta, atormentada por soffrimentos incognitos. Nem ella nem o seu confessor, o austero e sizudo Padre Paulino — não sei porque o autor lhe chama ás vezes frei, quando os Jesuitas, salvo erro, não têm frades — não descobrem que mal é o seu. Essas inexplicaveis lagrimas augmentam com as melancolias outonaes. E voltam-lhe as lembranças do passado, do seu lar desmantelado pela miseria

e pela morte, do seu primeiro affecto por ellas tambem despedaçado. « Oh! nada reprobado ni nada contra natural; el idilio que todas las mujeres desde niñas persiguen y alguna vez realizan a tuertas ó á derechas: el que si resulta favorecido se le llama noviazgo y en matrimonio acaba, pero si es contrariado bautizásele de pasión y pára en adulterio, al que unicamente atajan los proprios hijos, los votos religiosos ó la muerte. »

Para fugir á tentação, pensa Rafael em não pôr de novo a filha no collegio; consulta-a, porém, e ella, por amor da irman Noeline, quer voltar para ali. Ei-las de novo juntas, a mestra e a discipula, a palestrar, a rir, a brincar. Vem á questão qual se lembrara mais de outra e Nona: « ... figúrese usted que aunque yo no la hubiera recordado, mi papá me hablaba de usted sin parar ». A sensação que as ingenuas palavras da menina fizeram na religiosa foi estranha e dolorosa. « Como si uma força intelligente e maravilhosa lhe fizesse soletrar os seus pensamentos mostrando-lhe a chave do seu enigma, do enigma que nem ella, nem o seu confessor logravam esclarecer, a irman Noeline viu claro no seu intimo e espantou-se do que via: nella morava um homem e esse homem era Rafael. » E desde então augmentam os tormentos da pobre irman, a medonha

luta de sua consciencia apavorada de religiosa e da paixão que incendeia os seus vinte e quatro annos. E o seu confessor horrorizado ao ouvir-lhe contar entre soluços, obrigada por elle, as suas noites e os seus sonhos, declara-lhe com a sinceridade brutal da sua revolta de asceta intemerato, que o seu mal é amor, que ella ama um homem, cujo contacto mesmo em sonho, a polluiu e damnou, e recusa-lhe a absolvição. Uma febre cerebral segue-se, e na convalescença levam-na, por determinação do medico, ao parque do collegio, sob as arvores, para uma cura de ar.

Pela filha sabe Rafael destes factos, da molestia de Noeline, de que ella iria passar o dia no parque, á sombra das arvores, e a filha, indiscreta como uma criança, conta-lhe mais que ha ali uma passagem para a rua, por onde as grandes, aquellas que já tem noivos, communicam-se a furto com os seus namorados violando a regra que lhes prohibe ir áquella dependencia do estabelecimento. Desvairado, mas lutando sempre nelle a sua crença religiosa, sobretudo o seu medo do inferno e das suas penas horriveis e eternas, e a sua paixão, que no fundo não é sinão o desejo no seu paroxismo, Rafael resolve raptar a religiosa, que lhe parece, pelo que lhe conta a filha, de a ter ella repellido quando delle falava, que o ama tambem. Aju-

dado por Chinto penetra no jardim; a irman Noeline, só nesse momento, surpresa e aterrada lhe desfallece nos braços, e elle carrega com ella para um carro ali junto posto adrede.

Na casa de Chinto, onde elle a occulta e onde ella ao fim de dois dias troca os seus trajes religiosos por habitos leigos, se precipita o desenlace desse drama de amor. E este final é, a meu vêr, a parte menos bem acabada do romance. Ha evidentemente nella precipitação, forçada talvez pelo desenvolvimento que o livro tomára, com o estudo e a narração de minucias, que com vantagem para elle poderiam ter sido cortadas. E esse é o seu principal defeito, ter talvez umas duzentas paginas de mais, que por assim dizer abafam o drama simples e tragico que nas suas setecentas e vinte e sete se reconta, sem ter o autor a desculpa de Zola, em cujos copiosos romances movem-se dezenas, sinão centenas de personagens, e a acção multiplica-se e subdivide-se em duzias de episodios.

E aquella precipitação enfraqueceu a psychologia do autor. Parece-nos que a irman Noeline se accommoda com demasiada facilidade á nova e estranha situação em que de subito se acha, que a sua propria consciencia de religiosa se não revolta bastante e que ella cede ao amor quasi sem luta e, o que é peior, com uma resolução de histerica ou de mun-

dana. Si a metamorphose da religiosa na mulher ao principio se faz com um desenvolvimento natural, que revela no romancista capacidade para as analyses profundas e delicadas, ao cabo se apressa de modo que nos não parece natural. Ha belleza na scena decisiva e final, em que a mulher surde do casulo da religiosa, em que o amor triumpha dos votos, da fé, das preoccupações devotas e moraes, e a natureza vence a convenção social. Mas a scena, ainda assim, me parece forçada e falsa. Ha demasiada physiologia nella, e pouca psychologia. Os preconceitos de certa esthetica, que levou para a arte as noções e tendencias scientificas do nosso tempo, e que com Zola, por exemplo, e mesmo com Flaubert, não viu na paixão sinão uma exigencia invencivel da carne, e do determinismo das nossas acções fez um puro fatalismo, taes preconceitos induziram os artistas dessa escola a não considerarem as reacções sociaes, que modificam com grande força e profundamente as determinações organicas a que porventura obedecemos. A educação, os habitos de castidade, a fé, a sua condição de religiosa, o simples pudor de virgem, tudo emfim que fazia a pessoa moral da irman Noeline podia não ser obstaculo a que em um momento de paixão desvairada, de excitação dos sentidos, de quasi inconsciencia, ella se deixasse

vencer pelo amor, mas que o fizesse na fórma descripta no romance, me parece contrario á experiencia e falso. Está claro que salvo o caso pathologico, e si o houvera de considerar, o drama perderia para mim todo o interesse.

De parte este senão, e o demasiado desenvolvimento do livro, a obra do Sr. Frederico Gamboa revela-nos no Mexico um escriptor de verdadeiro merecimento. E, certamente, não será o unico.

TOLSTOI

Résurrection, par le Comte Léon Tolstoi, traduit du russe par Teodor de Wyzewa, Paris, 1900.

I

Depois do vigoroso livro *Que é a arte?* no qual definia a sua esthetica, *Resurreição* é a primeira obra de arte do Conde Leão Tolstoi. Sabe o leitor que este nome aristocratico e illustre é o de um dos grandes escriptores do nosso tempo. E não só um grande escriptor pela potencia da invenção, pela abundancia da imaginação, pela força do pensamento, pela excellencia do estylo e originalidade da concepção, mas tambem, o que mais vale, um grande espirito e um grande coração. Em um seculo que a nossa impaciencia de contemporaneos malsinou de banal, a figura do Conde Tolstoi se des-

taca com um forte e saliente relevo. Em um tempo em que, graças ás tentações do confortavel, chegado aos seus extremos limites, e ás facilidades da moral relaxada pela victoria da democracia e pela bancarota da fé, sinão tambem pela apparente immoralidade de certas doutrinas de materialismo scientifico, raros são os que, como Tolstoi, põem os seus actos de accordo com as suas palavras, as suas acções de conformidade com os seus sentimentos e têm a assombrosa coragem de tudo sacrificar á coherencia de sua vida. Só por isso é o grande escriptor russo verdadeiramente um homem extraordinario e veneravel. Si um justo bastava para que o crudelissimo Jahvê perdoasse ás cidades malditas, bastaria porventura um homem como Tolstoi para mostrar que energias moraes, da especie mais rara e mais difficil, encerra ainda a humanidade. Quando, por falta, sinão de uma crença, de aspirações, de ideaes, de uma commum religião humana, o caracter dominante da arte moderna é o diletantismo, e ella não é, mesmo para os melhores e nos melhores, sinão um divertimento de gosadores, um prazer de desoccupados, uma delicia de refinados, Tolstoi faz della « um orgão moral da vida humana », « uma grande cousa », « um orgão vital da humanidade, que transporta ao dominio do sentimento as concepções

da razão », e dá-lhe por fim superior hoje « realizar a união fraternal dos homens ».

No dominio propriamente intellectual, me não lembra neste momento se houve no nosso seculo mais que tres homens, Augusto Comte, Ruskin e Tolstoi, cuja vida guardasse uma inteira conformidade com as suas idéas e cujas acções correspondessem plenamente aos seus ensinos. E nem o eminente pensador francez, nem o grande estheta inglez, nenhum fez tamanho sacrificio como Tolstoi, ou como elle levou tão completamente ao cabo as consequencias praticas das suas doutrinas philosophicas e sociaes. De grão senhor russo fez-se *mugick*, de grande proprietario territorial fez-se proletario, de fino fidalgo e cortezão fez-se povo, de artista delicado fez-se grosseiro artesão, e rompendo com as concepções do seu meio, com os costumes da sociedade, com os preconceitos da sua casta, com as idéas, os principios, a pratica da sua educação, poz-se, por assim dizer, fóra do seu povo, da sua nação e das suas leis e habitos, como um banido — um bandido — um *out-law* de nova especie, que saisse da Sociedade, do Estado, da Igreja official, para se consagrar, com a abnegação de um santo e a coragem de um heróe, ao bem do homem e da humanidade, e dar ás suas palavras a sancção dos seus actos.

Para taes exemplos de um tão sublime, peregrino e difficil procedimento, a nossa critica facil de satisfeitos, de covardes, de incapazes, de egoistas ou de impotentes, achou em uma pseudo-sciencia a fórmula sandia da anormalidade, da degenerescencia, do caso pathologico. Esse methodo pateta applicado ao julgamento da evolução humana teria reduzido a humanidade san a uma multidao de imbecis e excluido della aquelles que lhe são a honra e a gloria, a quem ella deve o melhor dos seus progressos na ordem moral, na ordem espiritual, na ordem material, os grandes creadores em religião, em sciencia, em arte, em literatura, em philosophia, os eminentes promotores de idéas, de concepções, de movimentos sociaes, que todos, mais ou menos, cabem em uma daquellas categorias, postas ultimamente em moda, ao alcance de todas as ignorancias, pela presumida sciencia dos Lombrosos, dos Nordaus, dos Tardes e quetaes. Esses pretensos sabios começam esquecendo-se de dizer-nos qual é o typo normal do homem, o termo da comparação, o ponto de referencia, a unidade que nos servirá de estalão. D. Quixote ou Sancho Pansa? Qual destes é o verdadeiro « homo normalis » dos nossos Linneus? Si é Sancho Pansa, precisamos então reconhecer que quanto faz o nosso orgulho de homens, e a gloria da humanidade, não é

nosso, pois tudo é obra de D. Quixote e não de Sancho Pansa. E assim a evolução humana acabaria por ser o feito justamente de uma diminuta porção de individuos que não pertenceriam á humanidade, excluidos della pela sua anormalidade organica e funccional. Tambem não inculco seja D. Quixote o typo normal do homem; simplesmente creio que tanto elle como Sancho são homens verdadeiros, humanos, reaes; sómente admiro e estimo mais D. Quixote, e, apezar de todos os contrarios desmentidos da vida, tambem creio que é elle afinal quem tem razão. Com elle está o melhor da humanidade, a capacidade do devotamento e do sacrificio, por amor de um ideal superior.

Foi esse amor que transformou o fidalgo escriptor, grão senhor filho de generaes e homens de estado illustres, o Conde Tolstoi, no anarchista evangelico que com a penna, com a palavra e com o exemplo combate ha alguns annos já, no meio da Russia autocratica, a organização actual da sociedade, a miseria, a exploração dos fracos pelos fortes, a guerra, o serviço militar, a justiça humana, o Estado, o mal emfim em todas as suas faces. Ao contrario de outros correligionarios do mesmo idéal, Tolstoi não é um atheu ou um livre pensador em materia religiosa, mas um christão convencido, ou antes um homem do Evangelho, qual o interpreta.

com a sua poderosa imaginação de poeta e de mystico.

Tolstoi foi primeiro o poderoso romancista da *Guerra e a paz*, de *Anna Keranine* e de outras narrativas, que o collocaram entre os grandes escriptores do nosso tempo, e que reveladas á França, com todo o romance russo, pelo Sr. de Vogüé no decennio de 80, tiveram tão grande repercussão e influencia no mundo literario occidental. Méro romancista, sem ainda nenhuma intenção sociologica ou religiosa, Tolstoi, entretanto, como todos os escriptores seus compatriotas, Gogol, Turguenieff, Dostoievski, não era um puro estheta ou literato, sem outra preoccupação que a de fazer literatura bem feita, dando da vida, com estylo e arte, uma representação exacta, real, perfeita como os Flauberts, os Goncourts, os Zolas, e, no geral, os naturalistas francezes e seus imitadores. O naturalismo russo, como o naturalismo inglez com uma George Elliot, menos impassivel e indifferente que o francez, ao contrario deste penetrado de sympathia, de piedade humana, distinguia-se da literatura corrente na Europa Occidental por uma comprehensão mais verdadeira e mais intima da vida, uma analyse mais profunda dos caracteres e sentimentos e uma originalidade maior de concepção e de composição. Dous elementos moraes completa-

vam a distincção da ficção russa em meio do romance occidental, o tragico, ainda forte na sociedade barbara que ella representava, e o mystico, ainda tão vivo na alma slava. E na obra dos escriptores, como na sua alma e na do povo por elles descripto, esses sentimentos se casavam intima e fundamente. Era essa obra tão viva e sincera que seu effeito não foi só moral ou intellectual, mas pratico, e o romance russo, de Gogol para cá, teve uma poderosa influencia na nova constituição espiritual e politica do grande imperio slavo. A falta de uma tradição literaria e philosophica e as ardentes aspirações de melhorias sociaes na Russia explicam a sua facilidade de recepção e aceitação de todas as correntes espirituaes que lhe pareçam satisfazer essas aspirações. Sabe-se como as theorias de Darwin, de Spencer, de Lassale, de Marx e as modernas doutrinas philosophicas, economicas e sociaes agiram poderosamente na consciencia russa contemporanea, e não só de uma maneira theorica e especulativa, mas praticamente, creando o proselytismo politico e revolucionario. Os romancistas russos mostram-nos a toda á luz esse phenomeno, e o principal personagem de *Resurreição* é um discipulo de Spencer e de Henry George, o sociologo americano que ensinou não deve ser a terra objecto de propriedade. Em contacto

directo e immediato com um povo carregado de soffrimentos e cheio de aspirações de melhoria, os romancistas russos, todos revolucionarios, pela descorrellação que sentiam entre si e o seu meio, todos pelo menos « progressistas », acharam-se em communhão sympathica com o povo e a sua intelligencia. Abrindo-se ao influxo dessa sympathia, elles puderam dar delle, da sua alma, dos seus desejos, dos seus sentimentos a verdadeira, e por vezes tragica, representação que deram. Dahi o caracter eminentemente sociologico do romance russo, que devia talvez achar em *Resurreição* a sua mais alta e completa expressão.

Ha pouco mais de vinte annos operou-se no espirito de Tolstoi a evolução que fazia do já grande romancista o apostolo de uma nova doutrina religiosa e social. E essa operação não parece insolita, antes pelo contrario, em quem como elle na *Guerra e a paz* penetrára com tão subtil e aguda analyse a miseria das maximas dignidades officiaes humanas, mostrára a enganosa artificialidade dos herόes, tirára á guerra a sua grandeza para a mostrar qual é na sua hediondez mesquinha e na sua repugnante verdade, e reduzira finalmente a lenda guerreira das grandes batalhas dirigidas por um genio militar a uma multidão de pequenos recontros que apenas o acaso e as circumstancias governam.

Refere Tolstoi, no prefacio da sua traducção dos *Evangelhos*, que, aos cincoenta annos, achando a sua vida uma cousa sem sentido e má, foi acommettido de desespero que o levou até á idéa do suicidio. Este pensamento de que a vida deve ter um sentido, um tento, uma significação, um objectivo, determinou a evolução religiosa — dando a esta palavra a sua mais larga e mais alta significação — de Tolstoi.

Foi nos Evangelhos que elle achou explicado esse sentido da vida que permitte aos homens viverem com verdade. Mas nos Evangelhos depurados da doutrina hebraica e da doutrina da igreja, que ambas lhe parecêram não só alheias mas contrarias a elles.

Pouco lhe importava, na sua indagação do problema da vida, saber si Jesus Christo era Deus ou não, de quem procedia o Espirito Santo, quem escrevera os Evangelhos, ou mesmo si esta ou aquella parabola vem ou não de Christo. Só lhe parecia importante a luz que ha dezoito seculos allumia os homens, que o allumiou a elle tambem e o allumia ainda. Tambem o não preoccupava saber que nome désse á essa luz. E cada vez, com mais ardor e sinceridade, proseguia no exame dos Evangelhos, que traduziu do grego e estudou em face de toda a exegese orthodoxa ou independente, mas que interpretou conforme lhe pareceu a verdade.

Depois deste trabalho de consciencia e erudição, chegou Tolstoi á impossibilidade de considerar o christianismo como uma pura revelação, ou como uma simples manifestação historica, e foi levado a têl-o como a « unica doutrina que dá um sentido á vida, a doutrina metaphysica e moral mais forte, a mais pura e a mais completa a que se tenha jámais elevado a humanidade, doutrina em que se apoiam inconscientemente todas as altas manifestações da humanidade nos diversos dominios da politica, da sciencia, da poesia e da philosophia. » Alongarnos-iamos, sem grande necessidade, em expôr o que um theologo allemão chamaria a christologia de Tolstoi. Basta saber que para elle « o Evangelho é a revelação desta verdade, que a fonte primordial da vida não é um Deus exterior ás cousas, como o imaginam os homens, mas simplesmente a comprehensão mesma da vida. Por isso o Evangelho substitue o que os homens chamam Deus pela comprehensão da vida. Sem essa comprehensão não ha vida. O homem não vive sinão quando tem a comprehensão da vida. Só possuem a vida verdadeira os que não vivem pela carne mas pelo espirito. Foi essa vida que Jesus Christo veiu ensinar aos homens, dando-lhes o exemplo de uma vida do espirito na carne. » « A sabedoria da vida consiste em considerar a nossa vida como pro-

cedente do espirito infinito, e em libertar-nos das preoccupações corporaes. » É a abnegação ao serviço dos nossos semelhantes que faz o razão e a grandeza da vida. « Teve um dia Jesus, refere Tolstoï, occasião de pedir um copo de agua a uma mulher de outra religião. A mulher, porém, hesitava em attendêl-o, por motivo da differença de religiões. Então disse-lhe Jesus : « Si tu conseguisses perceber que quem te pede agua é um vivente no qual vive o espirito infinito, tu te apressarias em fazer uma boa acção e em unir-te assim com o espirito infinito, que te daria uma agua junto á qual não se tem mais sède. Não é em um lugar determinado que devemos orar a Deus, devemos adoral-o por meio de actos nos quaes se encarne o espirito de Deus. »

Com esta e outras anecdotas evangelicas, explica Tolstoi a sua doutrina, o que elle chama o sentido da verdadeira vida, toda consagrada ao bem da humanidade, liberta de todas as oppressões do Estado e da Igreja, o homem livre e igual no bem, o mal extincto pela extincção de todas as instituições sociaes que o originam e de todas as concurrencias da vida que o multiplicam.

A doutrina de Tolstoi póde ser definida um anarchismo evangelico, penetrado de um largo mysticismo humanitario e de um ascetismo ge-

neroso e altruista. Ao contrario do ascetismo classico, budhista ou christão, egoista e estreito, derivado do horror dos homens, o acetismo de Tolstoi inspira-se justamente no amor do homem e tem nelle a sua fonte.

Em livros successivos, *Está em vós a salvação*, o *Espirito Christão e o patriotismo*, os *Evangelhos*, *Approximam-se os tempos*, e no mesmo *Que é a arte?* expoz Tolstoi a sua doutrina toda de amor da humanidade e do bem. Contra os abusos que o cercam na sociedade em que vive levantou muitas vezes a sua voz a favor dos fracos, dos perseguidos, dos miseraveis. O proprio Tzar ouviu-o pessoalmente taxar de insincero o seu rescripto famoso convidando as potencias ao desarmamento e á paz. Mas a sua obra de apostolado não matou nelle as qualidades eminentes de artista, antes as augmentou e engrandeceu, dando á sua inspiração, como aos grandes poetas da humanidade, um alto e generoso ideal.

É o que mostra este seu novo livro *Resurreição*.

II

Este romance tem uma pequena historia, interessante por illustrar ao mesmo tempo o caracter do apostolo e os habitos do escriptor, em Tolstoi. Contou-a no *Temps* o Sr. Theodoro Wyzewa, mais ou menos da fórma seguinte:

Ha alguns annos compuzera Tolstoi um romancesinho ou estensa novella, a que chamára *Resurreição*. Era a aventura de um sujeito rico e de importancia, que, deparando no banco dos réos, no jury, com uma mulher por elle outr'ora seduzida e abandonada, considerára que era elle o verdadeiro autor da depravação daquella mulher, e, para expiar o seu crime, casava-se com ella e a seguia á Siberia, para onde a deportaram. A sua novella tinha, como a *Sonata de Kreutzer*, o mesmo fim de mostrar o que ha de immoral e de anti-christão na maneira commum de comprehender o amor. Entregue Tolstoi a preoccupações sociaes e á applicação pratica da sua doutrina moral, foi a novella abandonada, na sua forma primitiva, na gaveta. Entre as questões que, no seu zelo de apostolo, tomou elle a peito, nenhuma lhe interessou mais que a dos *duchabors*. São os

duchabors uma seita christã da Russia, dissidente da religião orthodoxa e official do Imperio, rusticos que viviam ha longos annos conforme as suas crenças evangelicas tradicionaes e que, prohibindo a sua fé a morte de homem, recusam-se terminantemente ao serviço militar e a conformarem-se com outras leis do Estado, contrarias ás suas crenças. Tolstoi tomou calorosamente o partido delles, e fez-se seu officioso advogado, não só em escriptos, que a favor da sua causa publicou na Russia e na Europa, mas ainda perante as magistraturas locaes. Por fim abriu Tolstoi uma suscripção internacional, que permitisse á seita perseguida deixar a Russia e ir fundar alhures colonias onde pudesse viver segundo a sua fé. Teve a subscripção o melhor exito, e milhares de duchabors transportaram-se para a ilha de Chypre e para o Canadá, onde tentam a interessante experiencia sociologica de uma republica fundada no Evangelho. Mas, por grande que fosse o producto della, não bastou para cobrir as despezas dessa emigração em massa. Veiu então a Tolstoi, que desde algum tempo não tira para si proveito das suas obras literarias, a idéa de aproveitar aquelle pequeno romance em bem dos duchabors e para isso entendeu-se com o seu mais intimo amigo, o Sr. Tchertkof que, da Inglaterra, se encarregára da direcção pratica dessa obra de huma-

nidade. Tolstoi offerecia o seu romance, e bem assim outras producções ineditas do mesmo genero, tal e qual se achavam; embora não tivesse elle a seus olhos nenhum valor, por não estar conforme com o seu ideal da arte nova e verdadeira, e não ser, mesmo sob o aspecto literario, tão perfeito quanto o quizera, não se sentindo elle, entretanto, com a coragem de refazel-o, nem de corrigil-o. Apressou-se o seu amigo em aceitar-lhe o offerecimento, e por seu intermedio foi o direito da primeira publicação da novella vendido a quatro ou cinco jornaes da Europa e da America, que se obrigaram a publical-a simultaneamente. Os traductores tambem se comprometteram a abrir mão em favor dos duchabors da totalidade dos beneficios da primeira publicação, « felizes, accrescenta o Sr. de Wyzewa, que era um delles, de poderem testemunhar assim a sua veneração pela pessoa e pela obra do Conde Tolstoi ». E em março de 1898 appareceram ao mesmo tempo na Russia, na Inglaterra, na Allemanha, em França e nos Estados Unidos os primeiros capitulos da *Resurreição.* Mas não se é de balde um verdadeiro escriptor nem a tôa se tem uma alma de artista. Tolstoi não pôde enviar ao seu amigo e agente a sua novella sem a ler. Começou por corrigir um ou outro trecho, particularidades, miudezas; mas, quando os traductores lhe en-

viaram as provas impressas, outras correcções mais importantes parecêram-lhe indispensaveis, e aquelles primeiros capitulos foram completamente refeitos.

« O Conde Tolstoi é, informa o Sr. Wyzewa, o mais terrivel dos revisores ; nem Balzac, nem Villiers de l'Isle-Adam, não eram tão infatigaveis em riscar, linha a linha, as paginas dos seus escriptos que lhes davam a reler : e affirmaram-me que, desde Gutenberg, jámais typographos executáram mais difficil tarefa que os que compuzeram as primeiras edições da *Guerra e a paz* e de *Anna Karenine*. Linha por linha, palavra por palavra, põe o Conde Tolstoï a cada nova leitura tudo em discussão, o pensamento e a fórma. Cerra os seus argumentos, reforça as suas imagens, dá ao estylo um meneio mais preciso e mais vigoroso. Sobretudo, porém, sente-se que o guia nestas correcções uma verdadeira paixão de clareza e de simplicidade. As pinturas mais elegantes, as comparações mais engenhosas, mil rasgos que só um grande artista poderia imaginar, surprende-nos ao principio que elle os corte ou os substitua por outros, apparentemente mais insignificantes ; e só depois, relendo o texto corrigido, apercebemo-nos o que estas suppressões de detalhes accrescentaram ao conjunto, não só em alcance moral, mas em belleza artistica. »

Corrigindo e recorrigindo o texto da sua novella, Tolstoi acabou por fazer della um « grande romance, de vida e de paixão », que é *Resurreição*.

O romance é este :

O Principe Nekhludow encontra no banco dos réos em uma sessão do jury, em que servia como jurado, uma mulher por elle amada, seduzida e abandonada uns oito annos antes, e da qual jámais soubera ou indagára. Ella comparecia ao tribunal, com outro nome, o de Maslova, accusada de haver, de complicidade com outros, envenenado um dos seus amantes de occasião, para o roubar. Nekhludow não cria os seus olhos vendo surgir-lhe ali, de repente, inesperadamente, sob o nome de guerra de Maslova a sua amada Katucha de outr'ora. « É impossivel », dizia-se elle, mas já não duvidava, estava certo de que era ella, a pupilla-criada de quarto Katucha, que amára outr'ora, amára verdadeiramente; que mais tarde, em um momento de loucura, seduzira, e depois abandonára, e em quem, desde então, evitára pensar, porque a sua lembrança lhe era acerba, humilhava-o muito, mostrando-lhe que elle, tão orgulhoso da sua rectidão, se portára covardemente, vilmente, com essa mulher.

Correu o processo e Tolstoi nos dá do jury na Russia um quadro de uma exactidão vigo-

rosa e suggestiva, que bem pudera ser a representação exacta dessa instituição, quasi ridicula fóra do seu meio de origem, em todos os paizes que a adoptaram. Maslova negou o crime, quer o de envenenamento, quer o de furto, com um accento de sinceridade que tocou e convenceu da sua innocencia a Nekhludow. Ella, é certo, confessou, lançára um pó, que lhe deram os seus co-réos, no cognac do sujeito, mas pol-o suppondo, como aquelles lhe affirmavam, tratava-se apenas de um narcotico, cujo effeito a deixaria livre do importuno amante. Quanto ao dinheiro protestava não ter tomado nenhum, e nenhum se lhe achou. Mal defendida por um advogado *ex-officio*, foi condemnada pelo jury a quatro annos de trabalhos, na Siberia. Esta condemnação, porém, era devida a uma dessas patetices que esses tribunaes por toda a parte são prodigos em commetter, de boa ou má fé. Em conselho reconheciam os jurados que deitando o tal pó na bebida da victima, não tinha Maslova a intenção 'de dar-lhe a morte, sinão de fazel-o dormir, mas nas respostas dadas aos magistrados esqueceram de mencionar esta circumstancia e a pobre mulher foi condemnada como homicida.

Nekhludow, que, com dolorosa angustia, assistira a todos os debates do Tribunal e da sala do Conselho, quasi sem poder reflectir,

nem pronunciar palavra, com um receio covarde de que descobrissem a suas relações antigas com a accusada, meio ensandecido por aquelle encontro e por tudo quanto elle em sua alma despertava, comprehendeu vagamente o erro do jury, mas não se atreveu a protestar em tempo.

Todos no Tribunal, juizes, jurados, perceberam o desgraçado equivoco, mas por desidia, por fraqueza, ou porque se fazia tarde — um dos magistrados tinha mesmo um prazo dado amoroso para as seis horas e já eram cinco — ninguem procurou desfazel-o, quando ainda um remedio tinha lugar. Maslova protestou com vehemencia a sua innocencia e o seu grito commoveu profundamente a Nehhludow, em cujo espirito, desde que descobrira Katucha na accusada que ia julgar, se travára uma terrivel batalha entre os seus preconceitos e o dever. O seu primeiro movimento foi, acabada a sessão, entregar a um advogado a causa de Maslova para fazer annullar o julgamento. Recolhido com os demais jurados á sala das deliberações, repassaram na mente do principe as scenas da sua vida, nas quaes tivera Katucha um papel, que elle recordava com remorso e vergonha. Viu-a pela primeira vez quando, feito o seu terceiro anno da universidade, viera passar com umas tias velhas e ricas as suas

férias e preparar, no remanso do campo, a sua these de formatura. « Achava-se então na disposição enthusiasta de um moço que, pela primeira vez, reconhece, com os seus proprios olhos, toda a belleza e importancia da vida; que, mesmo apercebendo-se da gravidade da tarefa imposta ao homem nesta vida, concebe a possibilidade de trabalhar immediatamente na sua realização, e que se vota a essa realisação não só com a esperança, mas com a certeza de alcançal-a no mais alto grau de perfeição, qual a imagina. Lêra, pouco antes, os escriptos sociologicos de Spencer e de Henry George, e a impressão que recebêra era tanto mais forte quanto as questões que nelles via tratadas tocavam-lhe directamente, por ser sua mãi proprietaria de um consideravel dominio. » Herdeiro de uma grande propriedade territorial, descobria assim o que havia de cruel e injusto no regimen dessa propriedade particular. « E como, por natureza, era daquelles para quem o sacrificio feito em nome de uma necessidade moral constitue um verdadeiro gozo, decidira logo renunciar por sua parte ao direito de propriedade territorial e dar aos camponezes tudo o que então possuia, isto é, o pequeno dominio herdado de seu pai. » Assim fez e a sua these de formatura teve por assumpto a *Propriedade territorial*.

Por aqui se vê que o principe Nekhludow pertencia aos que se chamam na Russia os « liberaes », e mesmo aos chamados « revolucionarios », que se não recrutam sómente no povo ou na burguezia, sinão tambem nas mais altas classes da sociedade, e até junto do throno autocratico do Imperador. É sabido como a alta nobreza russa tem fornecido adeptos convictos e dedicados aos partidos extremados e revolucionarios do Imperio, os nihilistas, anarchistas e socialistas.

Em casa de suas tias encontrou Nekhludow, meio pupilla tratada com amizade, meio criada tratada com estima, uma bella e meiga rapariga, Katucha, por ellas recolhida e educada, e a quem, naturalmente, com a candura dos seus 19 annos innocentes — o que difficilmente admittirá um Brazileiro — poz-se a amar com um primeiro amor. Ella, quasi não precisava dizel-o, tambem o amou, sendo o amor de ambos puro e ingenuo, como o de duas crianças que eram. Não se confessáram siquer a sua mutua affeição.

Tres annos depois, já official da guarda, em caminho para a guerra com a Turquia, indo reunir-se ao seu regimento, Nekhludow, de passagem pelo dominio de suas tias, viu de novo Katucha. Não era mais o ingenuo e enthusiasta mancebo de outr'ora, que cria em si mesmo e se fazia uma alta idéa da vida. Elle

vivia como os outros, meio de ter o applauso de todos. Revendo Katucha, despertou o seu amor por ella, mas então já não aquelle amor puro e ingenuo; misturava-se-lhe o desejo. « Em Nekhludow, como em todo o homem, havia dous homens. O homem moral, disposto a não procurar o seu bem sinão no bem dos outros ; e o homem animal, buscando apenas o seu bem individual e prompto a sacrificar a si o bem do mundo inteiro. E no estado de loucura egoista em que se achava neste momento da sua vida, o homem animal prevalecia nelle de modo a suffocar completamente o outro, » E o venceu, sacrificando Nekhludow a Katucha, amorosa e indefesa, ao egoismo do seu gozo, julgando-se quite com ella mediante uma cedula de cem rublos que ao partir lhe deixou. Sinto realmente não poder dar aqui o trecho admiravel da missa do gallo, que precedeu este desenlace, nem toda a deliciosa narrativa desses dias de Nekhludow na vivenda de suas tias. E o principe parte apenas com um insignificante remorso, antes duvida se poderia contar aquillo como um bem ou como um mal que lhe succedêra, e respondendo ao leve remordimento do sua consciencia : « Ora, é sempre assim, todos fazem o mesmo. » É este um dos elementos da philosophia de Tolstoi, que nesta vida nos desculpamos dos nossos erros com a allegação de que todos

fazem o mesmo, como si a virtude não estivesse justamente em proceder diversamente de todos. « Todo o mundo procedia como elle », repetia-se Nekhludow ausentando-se. E mais tarde, quando uma poderosa reacção moral o determinar a reparar esta falta, toda a gente lhe repetirá ainda, taxando-o de original, de extravagante, sinão de doudo, que todo o mundo faz o mesmo, e nem por isso o ceu vem a baixo. Transporte-se para todas as outras relações humanas, no dominio da politica, do commercio, da vida publica ou da vida domestica, este criterio e se verá que de facto é elle que governa toda a nossa relaxada moral contemporanea.

Despedida de casa das tias de Nekhludow, por não poder occultar o signal da sua falta, como pudicamente se diz, Katucha começa a sua desgraçada odysséa de prostituição e miseria, que vem dar no banco dos réos e dali nas prisões da Siberia, como assassina e ladra. Recordando tudo isto uma revolução se opéra na consciencia de Nekhludow, e elle resolve consagrar-se exclusivamente a reparar a sua falta e a remir do inferno em que o seu egoismo a lançou aquella miseravel creatura.

E esta a parte mais difficil, direi, do romance de Tolstoi, e elle, com a sua grande convicção de apostolo, e a sua forte intuição de artista, não procurou tergiversar com ella, nem atte-

nual-a. Antes a tomou de frente corajosamente, sem buscar facilital-a por qualquer recurso romanesco, que seria uma tentação irresistivel para um artista menos consummado. Assentadas na sua consciencia a convicção do que elle chama o seu crime e a resolução de o reparar, Nekhludow decide-se a casar com Maslova e, caso não obtenha a sua absolvição em novo processo e o seu perdão, a acompanhal-a á Siberia e a sacrificar-se inteiramente por ella. Neste passo sentimos evidentemente uma grande repugnancia em aceitar a verosimilhança — na ficção mais relevante que a verdade — do caso imaginado por Tolstoi. Nós leitores communs não temos almas de heroes, nem de santos, e a nossa consciencia, relaxada por todas as facilidades da vida mundana e por todas as condescendencias das religiões em que presumimos viver, se acharia, no caso de Nekhludow, perfeitamente quite com a nossa victima, com a nossa vaga fé e comsigo mesma, interessando-nos para que aquella obtivesse outra sentença ou perdão e, si o não conseguissemos, dando-lhe algum dinheiro que na prisão e no desterro lhe pudesse proporcionar algum bem estar. Poderiamos mesmo chegar, si não receiassemos comprometter-nos, a servir-nos da nossa posição social, das nossas boas relações para mitigar á condemnada a dureza da sua sorte,

com recommendações á benevolencia dos funccionarios das prisões. Tolstoi parte de um presupposto, para nós falso, ou quasi incomprehensivel, a fortaleza de uma convicção moral, digamos a palavra, a fé, determinando triumphantemente as nossas acções. Quasi não logramos comprehendel-o, porque, de facto, não temos convicções dessas. Sobretudo não temos convicções absolutamente desinteressadas, e, o que mais é, capazes de nos moverem a sacrificios que a nossa sociedade ridicularizaria e taxaria de loucura. Olhai em torno de vós, todas essas convicções, as mais expressas e as mais ruidosas, são, no cabo, uma collocação de capital. Assim parece, não ha duvida, que na construcção da obra de Tolstoi ha um erro fundamental, e que está no seu ponto inicial, o *pretexto* do romance. Á primeira vista o motivo da acção ou da transformação do heroe seduz e encanta, pouco depois tem-se a sensação de que elle não é tão forte, tão intimo, e profundo quanto ao autor parece, e acaba-se por ter a convicção de que não passa de um pretexto para o romance ou, melhor, para a propaganda da religião do autor, pois a transformação é tão brusca, tão theatral, tão açodada, que, affigura-se-nos, para ella qualquer causa bastaria. Comprehendendo talvez a fraqueza do motivo para o commum dos leitores, Tolstoi justifica-se,

pelo despertar de Deus, na consciencia onde elle já existia e adormecera. Em arte é um recurso facil o appello ao milagre religioso, e o caso imaginado por Tolstoi ou, antes, o motivo, a determinante da acção heroica do Principe Nekhludow, seria o que o catholicismo chama a graça.

Tal é a critica, cuja justeza não contesto totalmente, que se póde fazer á concepção de Tolstoi, podendo-se accrescentar que neste ponto, o apostolo tomou o passo ao poeta. Para a grande maioria de leitores o caso de Nekhludow parecerá inverosimil, como inverosimil nos parece tudo o que exorbita do curso ordinario da vida.

É essa impossibilidade de crermos nas acções heroicas e maravilhosas que, com outros motivos, tornou impossivel a epopéa, que dellas vivia. Chamem-lhes, com os catholicos, graça, ou dêm-lhes outros nomes, aos moveis que decidem em um dado momento de certas acções, que a nós nos parecem sobre-humanas, é incontestavel que taes acções, embora excepcionalmente, existem. Que a arte tem o direito de approveital-as, não me parece questionavel, sómente com a restricção de ficar inteiramente dentro do seu dominio. Póde-se com razão arguir a Tolstoi que ás vezes, não muitas, nem muito intensamente, o seu zelo de propagandista

arrastou-o para fóra delle. Mas no caso especial da Russia, o caso do principe Nekhludow não tem talvez nenhuma inverosimilhança; e os casos do mesmo Tolstoi, de Kropotkine, que tambem é principe, e de numerosos fidalgos da melhor nobreza russa, que tudo sacrificaram por amor das suas convicções moraes, religiosas e sociaes, provam que na alma tragica e mystica dos Russos ha energias moraes quasi desconhecidas no nosso mundo occidental. Custar-nos-ia a admittir que um nobre, mesmo um burguez qualquer, allemão, francez ou inglez, procedesse como o principe Nekhludow no romance de Tolstoi. Seria outra falha ou senão do livro, que a verdade que nelle ha não é bastante geral, mas ainda aqui convem distinguir. A verdade do caso de Nekhludow e da Maslova é talvez peculiar á Russia, mas a verdade, real e ideal, de todo o romance, a vida e a paixão que o animam, é geral e humana. Um forte, um bello, um raro livro em summa, dos que, não obstante mergulharem no abysmo sem fundo das miserias da vida, levantam a alma, tal me pareceu este.

III

A terceira e ultima parte de *Resurreição*, saíu muito depois das duas primeiras. Não sei si errarei julgando que esta parte era acaso escusada, e que este doloroso poema de soffrimento e de misericordia estava porventura completo nas duas partes publicadas. O fim, a conclusão, não só da historia nelle referida, mas da idéa inspiradora do livro, achava-se implicita no primeiro volume: o leitor a sentia ou adivinhava. E sob essa fórma synthetica, lucrava talvez o romance em força e emoção. Desenvolvendo-a em mais um volume, embora seja este desenvolvimento, sob o aspecto material, obra do editor, o romancista sacrificou o poeta, o artista, ao propagandista, ao doutrinario.

O que vale é que ha em Tolstoi uma tal opulencia de verdade e de real e sincera emoção que elle póde gastal-as em desenvolvimentos dispensaveis sem disperdiçal-as; e com isso, uma arte perfeita e simples, o que chamarei uma arte honesta, sem atavios nem fingimentos, superior e ingenua, forte sem rebusca, distincta e rara, sem maneira, com que elle dá ás suas scenas e typos um intenso relevo, uma palpi-

tação de vida de que se não me depara exemplo em nenhum outro romancista contemporaneo. Nesse prodigioso poeta, o fundissimo idealismo de uma alma essencialmente mystica, não obliterou o sentimento e a percepção do real. Ao contrario, antes os augmentou, como si aos seus olhos de illuminado e vidente tomasse o real contornos mais distinctos, relevos mais altos, feições mais estremes. Como a de todos os grandes creadores na literatura e na arte, a obra de Tolstoi, sem embargo do intenso idealismo do poeta, é profundamente realista, porque, ou por isso, profundamente verdadeira e humana.

Como o primeiro, este segundo volume está cheio de quadros superabundantes de verdade e emoção no seu desenho sobrio e correcto, no seu colorido moderado e exacto. E aos nossos olhos commovidos desfilam typos, scenas, episodios que nos deixam não só a impressão, mas a sensação nitida, e em geral penosa, da vida russa. Citarei alguns tirados a essa via dolorosa dos deportados, caminho da Siberia.

Grito de homem, choro de criança, vociferações de um superior ouvem-se no pateo da prisão onde parára a leva de condemnados, em uma das suas jornadas. E vê-se o seguinte : « O official, um sujeito gordo, de compridos bigodes louros, enxugava o punho direito ver

melho de sangue com a mão esquerda, e, de catadura furiosa, vociferava sem cessar injurias a um preso que, de pé em frente delle, resguardava com uma mão o rosto machucado e ensanguentado, ao passo que com a outra apertava de encontro a si uma pequenita embrulhada em um chale, a qual, com todas as suas forças, chorava aos berros. O preso tinha a metade da cabeça raspada ; era um homem comprido e magro ; trazia uma vestia muito curta e uma calça que lhe ficava acima dos tornozelos.

— Hei de ensinal-o a discutir, dizia o official, misturando de injurias cada uma das suas palavras.

— Vamos, põe a criança no chão, e apressa-te em tornar a pôr os anjinhos.

« Fòra a este forçado concedido ter mas ãos soltas, para poder carregar sua filhinha, cuja mãi morrera de typho em uma das paradas. Mas naquelle dia o novo official, que estava de mau humor, exigira que lhe repuzessem as algemas. O forçado protestára ; agastado, o official lhe dera um sòco nos olhos.

« Do outro lado do official estava um enorme forçado de barbas pretas, que, com um anjinho em uma das mãos, olhava aborrecido ora o official, ora o seu infeliz companheiro. O official, entretanto, continuando embora a vozear injurias, repetia aos guardas a ordem de levar a

criança e de pôr as algemas no pai. Na multidão, o murmurio crescia.

— Desde Tomsk que lhe deixaram as mãos soltas, dizia uma voz rouquenha nas ultimas fileiras. Não é um cachorrinho, é uma criança.

— A pequena vai morrer, dizia uma outra voz. Não é da lei.

— O que? o que? bradou o official, voltando-se como si o mordera um bicho. Eu te ensinarei a falar de lei. Quem falou? Foste tu? Foste tu?

— Todos falaram porque... disse um preso em pé na primeira carreira.

— O que? Então foste tu?

« E o official se poz a bater para a frente dando pancadas ao acaso.

— Ah! vocês revoltam-se? Pois vou mostrar-lhes como a gente se revolta. Mato-os como a cães, e os chefes me agradecerão por lhes haver feito as contas. Vamos, levem a criança.

« A multidão calou-se. Um dos guardas pegou na criança, que berrava sem descontinuar; um outro poz os anjinhos no preso que, humildemente, estendia as mãos.

— Dêem esta criança ás mulheres para cuidarem della, disse o official ao guarda, embaraçadissimo com a incommoda carga. A pequerrucha, com o rosto vermelho sob as suas lagrimas, debatia-se furiosamente, procurando

desfazer-se do chale que a enrolava. Neste momento Maria Pauloona atravessou a multidão e aproximou-se do official.

— Senhor, si me consente, eu levarei a criança.

— Quem és tu?

— Sou da secção dos condemnados politicos.

O lindo rosto de Maria Pauloona, com seus olhos azues e cabellos negros, influenciou evidentemente o official, que notára já pouco antes a moça. Olhou-a, abaixando depois os olhos perturbado.

— Isso me é indifferente. Leve-a, si quizer. Nada lhes custa lastimarem estes miseraveis. Si elles fogem, não são vocês que respondem por elles.

— Como quer o senhor que alguem fuja com uma criança nos braços?

— Não tenho a discutir com você. Tome a criança, si quizer, e a caminho.

— Dou a criança? perguntou o guarda.

— Sim e depressa.

— Vem, disse Maria Pauloona á criança procurando tomal-a das mãos do guarda.

A pequena, porém, não queria ir sinão com o pai. Continuava a debater-se e a berrar.

— Espera, Maria Pauloona. Eu, ella me conhece e talvez consinta que a carregue, disse Mas-

lova, tirando do seu sacco um pãosinho branco.

« A criança, effectivamente, conhecia a Maslova. Logo que a avistou, cessou de gritar e deixou-se pegar. »

Agora o retrato de um revolucionario russo, Simonson :

« Os homens vivem e agem em parte segundo as suas proprias idéas, em parte segundo as idéas de outrem. E uma das principaes differenças entre elles consiste na medida differente em que se inspiram das proprias ou das alheias idéas. Limitam-se uns, as mais das vezes, a se não servirem dos proprios pensamentos sinão por desfastio ; empregam a sua razão como se faz girar as rodas de uma machina após haver tirado as correias que as ligam uma a outra ; e nas circumstancias importantes da vida, e mesmo nas miudezas de seus actos mais communs, reportam-se ao pensamento de outrem que chamam « o uso », a « tradição », as « conveniencias », a « lei ». Outros, ao contrario, em menor numero, consideram o seu proprio pensamento como o guia principal da sua conducta e esforçam-se, quanto podem, por não proceder sinão conforme os dictames da sua razão.. A esta secunda especie de homens pertencia Simonson. Elle se não aconselhava nunca sinão da sua mesma razão ; e o que decidia dever fazer, fazia-o.

« Quando estava ainda no collegio, lhe affirmára sua razão que a fortuna de seu pai, magistrado rico, era illicitamente adquirida; e immediatamente declarou ao pai que essa fortuna devia ser restituida ao povo. Mas como aquelle, em vez de attendel-o, o reprehendera, abandonára a casa paterna, renunciando gozar de quaesquer vantagens da sua posição.

« Inspirando-se sempre na sua razão, decidira depois que todo o mal da Russia tinha por causa unica a ignorancia do povo; e, conseguintemente, mal saido da Universidade, fizera-se nomear mestre-escola em uma aldeia e se puzera a explicar não só aos seus alumnos mas a todos os camponios o que julgava deviam saber.

« Foi preso e julgado.

« No momento de comparecer perante o tribunal, decidira que os juizes nenhum direito tinham de julgal-o, e lhes dissera immediatamente. E como elles, sem lhe aceitar a these, continuavam a querer julgal-o, tomou o alvitre de lhes não responder; e de facto não disse mais uma palavra até o fim do processo. Reconhecido culpado, foi condemnado á deportação em uma cidadesinha do governo de Archangelsk.

« Ali se creou uma doutrina religiosa, que desde então regulava a sua conducta. Consistia ella em admittir que tudo no universo tem vida,

que a morte não existe, que todos os objectos que nos parecem inanimados são apenas partes de um grande conjuncto organico, e que, por consequencia, o dever do homem era conservar a vida deste grande organismo em todas as suas partes,

« Disso concluia que era criminoso attentar contra a vida sob qualquer fórma que fosse ; não admittia, pois, nem a guerra, nem as prisões, nem a matança dos animaes.

« Tinha tambem uma theoria sua sobre o casamento e as relações sexuaes. Considerava taes relações como inferiores, e dizia que a preoccupação de fazer filhos (o amor, para elle, reduzia-se a isso) dava em resultado desviar-nos de um objecto mais util e digno dos nossos cuidados, que era o soccorrer os entes já vivos, e tornar assim mais perfeita a vida do universo. Segundo elle, evitando as relações sexuaes, os homens superiores tornavam-se como esses globulos de sangue cujo destino é vir em soccorro das partes fracas do organismo. E depois que inventára esta theoria, conformára a ella os seus actos, após ter procedido diversamente na mocidade.

« Mas não só se não reportava sinão á sua propria razão para decidir todas as questões theoricas, mas na pratica tambem sómente comsigo se aconselhava. Tinha sobre todas as minu-

cias da vida pratica theorias proprias, que seguia tenazmente; tinha-as sobre o numero de horas que se devia consagrar ao trabalho e sobre o numero de horas que se devia consagrar ao repouso, e sobre o modo por que nos devemos alimentar, ou vestir, allumiar e aquecer.

« Com tudo isto, era Simonson de natureza extremamente timido. Não procurava jámais pòr-se em evidencia, dar-se valor, impòr aos outros as suas opiniões. Mas, quando decidira que devia fazer uma cousa, ninguem no mundo poderia impedil-o de a fazer. »

Da infinita variedade de revolucionarios russos de ambos os sexos e de todos os matizes traça Tolstoi, com singular vigor de desenho e grande penetração psychologica, retratos destes ou simples silhuetas, rapidos escorços, méras indicações de feições, cheios de verdade, de vida e de movimento todos. E si ao traçal-os não occulta a sua sympathia, sympathia que lhe dá a possibilidade de comprehendel-os e explical-os, jámais esconde os seus defeitos e incoherencias ou falsifica a verdade para nol-os fazer aceitar, ou armar a seu favor á nossa sympathia. Sómente, segundo a sua doutrina, é a sociedade, com a sua complicada e defeituosa organização, que perverte essas naturezas e crèa no seu proprio seio o mal e o crime, que augmenta a pretexto de os corrigir ou supprimir

JOÃO RUSKIN

Ruskin et la religion de la beauté, par Robert de la Sizeranne, Paris, 1899.

Na idade de 80 annos, finou-se na Inglaterra, sua patria, a 20 de janeiro de 1900, o critico de arte John Ruskin.

Applicada a John Ruskin esta qualificação não diz nada, porque amesquinha sobremaneira o seu papel, quasi estou em dizer a sua missão, na evolução esthetica e, póde-se accrescentar sem exagero, social, da sua terra e da Europa toda no seculo findo. Critico de arte elle o foi, certo, preeminentemente, como jamais se fôra antes delle e como será difficil ser depois delle. Porque Ruskin, e é esta a sua grandeza real e a sua significação, não foi um simples estheta apenas preoccupado de belleza e de arte, um mero critico, sómente attento ás suas theorias, ou á technica, á pratica da arte ou dos artistas

cuja obra estudava, um literato, um theorico, um pedagogo de gabinete, um diletante, sinão um homem, e um homem de acção, forrado ao mesmo tempo de um estheta, de um philosopho e de um sociologo. Elle trouxe para a critica da arte, com raras qualidades de saber, de comprehensão e de intelligencia, um profundo amor do bello na natureza e na vida, e as preoccupações humanas, que deviam animar a sua esthetica, fazendo della uma força de vida e creação, em vez de ser, como as outras, um conjunto inerte de theorias. Tendo quanto tinham os seus predecessores na critica de arte, « a psychologia de Stendhal, o humor de Topffer, a technica de Fromentin, a dialectica de Winkelmann, o colorido de Th. Gautier, a pedagogia de Reynold, a generalização de Taine, o repertorio de Ch. Blanc », Ruskin teve mais que todos estes, teve como ninguem, teve de um modo unico, intimo, profundo consubstancial, o amor, primeiro da natureza, depois da arte e da vida. Ninguem, talvez, amou jamais como elle a natureza, com um amor tão intenso, tão forte, tão ardente. Ninguem a adorou com tanta devoção, a admirou com tanta veneração, a descreveu, a cantou, a desenhou, com tanto enlevo e desvelo. Toda a sua theoria esthetica, toda a sua philosophia, da arte e da vida, toda a sua emoção, póde-se dizer, vem desta fonte :

o seu amor da natureza, que foi a sua mestra, a sua guia, o seu conselho.

Os seus biographos fazem provir de seu pai que, não obstante grosso mercador de vinhos, era um amador esclarecido e apaixonado da natureza, este seu amor por ella, e uma anecdota da sua infancia nos conta Ruskin menino, levado ao campo, gritando á sua mãi, á vista de uma bella paizagem, que os olhos se lhe arrancavam da cabeça. A sua meninice veiu ao depois a passar-se na campanha, e ahi o sentimento inato da natureza que nelle havia se fez amor e paixão, que não o devia deixar mais, e que seria o inspirador do seu pensamento e da sua vida. « No jardim, confessou elle mais tarde, quando o tempo era bom, passava o meu tempo a estudar as plantas. Não tinha o menor gosto para cultival-as ou tratal-as, como não tinha para cuidar das arvores ou dos passaros, ou do céu ou do mar. Passava o meu tempo a contemplal-as. Não levado por uma curiosidade doentia, mas por uma admiração assombrada, eu despedaçava cada flòr até conhecer tudo o que me fosse possivel perceber com meus olhos de menino. » A vida de familia, — de tão poderosa influencia na vida das crianças — era calma, facil e socegada. O pai fazia todos os annos excursões commerciaes, no paiz e no estrangeiro. Ião em carro-posta, a maneira mais pitoresca de

viajar e sobretudo a melhor para ver a paizagem e apreciar a viagem. Della viria a Ruskin o seu odio aos caminhos de ferro, esses ferozes desorganizadores da natureza e violadores brutaes da sua belleza. Chegados a uma cidade ou villa, acabadas as visitas commerciaes de obrigação, o pai de Ruskin levava-o a ver as ruinas, os castellos, as cathedraes por ali existentes, ou então liam versos e desenhavam. Com cinco annos percorreu Ruskin assim a região dos lagos na Escossia, aos seis a França, onde em Pariz viu as festas da coroação de Carlos X, visitou o campo da batalha de Waterloo, tomando notas, fazendo esboços, descrevendo collegios e capellas, a musica em Oxford, o tumulo de Shakespeare, fabricas, vistas, paizagens. Estas educações precoces não são raras na Inglaterra, exemplo Stuart-Mill, que aos seis annos lia Homero. Menos raras são as educações ao ar livre, o aprendizado directo da natureza e das cousas, como foi principalmente a de Ruskin, que aos dez annos, enthusiasmado pela natureza, escreve estes versos : « Tudo o que a arte possa fazer nada é diante de ti. A mão do homem ergueu montanhas de pygmêos e tumulos de gigantes. A mão da natureza elevou o cume da montanha, jámais, porém, construiu tumulos. » Neste balbuciar da meninice se encontra já o pensamento que, na arte e na vida, ha de ser o

fundamento da existencia de Ruskin. Nessa mesma idade elle aprende, quasi com a natureza só, a geologia, fazendo collecções de mineraes, observando-os, estudando-os, comparando-os. Mais tarde tirará destes seus estudos, continuados na contemplação das montanhas, das geleiras, e de outros aspectos da terra, e ao depois completados e aperfeiçoados, elementos preciosos para as suas apreciações dos pintores da natureza, especialmente para a sua rehabilitação do grande paizagista inglez Turner, o mestre que, segundo elle, a interpretou, ou melhor a representou, com mais sciencia e consciencia, com mais genialidade e perfeição. Com seus pais, viajou ainda pela França, pela Suissa, pela Italia, desenhando, estudando, contemplando as grandes scenas da natureza e as obras primas da arte, aprendendo as linguas classicas mais que as modernas, estranho, nos paizes percorridos, a outra vida que não fosse a da natureza e da arte, e escrevendo os seus primeiros ensaios, dos quinze aos vinte annos, num magazine scientifico inglez, sobre a còr da agua do Rheno, sobre as stratificações do Monte Branco, sobre a convergencia das perpendiculares, sobre meteorologia. De volta á Inglaterra destas viagens annuaes, então estudava com mestres e livros, não só o desenho, mas o que era preciso para fazer delle um « scholar ».

Apenas com vinte e quatro annos, publica em 1843 o primeiro volume dos seus *Modern Painters*, cujo ultimo volume, o sexto, não appareceu sinão em 1860. Essa obra é um acto; marca uma data, não só no desenvolvimento da arte ingleza contemporanea, mas no sentimento esthetico do mundo civilizado onde existem preoccupações de arte. Com ella encetou Ruskin a sua carreira, poder-se-ia dizer o seu pontificado, em todo o caso o seu sacerdocio, inteiramente devotado ao culto da belleza. Quarenta livros mais, quasi todos consagrados ás bellas artes, á pintura, á esculptura, á architectura, compendiaram, com a esthetica, a propaganda de Ruskin pela natureza, pela arte, pelo bello na vida. Os mais competentes e mais sympathicos estudiosos da obra de Ruskin não escondem que neste vasto acervo de idéas estheticas, scientificas, philosophicas e sociaes, nesta massa consideravel de impressões, de observações, de suggestões, de criticas, de apreciações ha disparates notaveis, incoherencias, quiçá incongruencias, flagrantes. Desse apparente cháos, porém, surge, surgiu já para a Inglaterra e para toda a arte moderna a luz de uma grande doutrina esthetica, que creou a arte ingleza contemporanea e actuou profunda e largamente sobre toda a arte do nosso tempo e da nossa civilização.

Mas a grandeza verdadeira de Ruskin não está em ser um estheta; no sentido que de ordinario damos a esta palavra ninguem o é menos do que elle. « A arte, diz elle, não é um divertimento, uma simples distracção, a ministra de sensibilidades morbidas, uma acalentadora do somno da alma. » O verdadeiro artista, segundo elle, não faz a arte pela arte, sinão pela natureza e pela belleza. Sómente para elle na natureza e na belleza está a vida, com o que ella tem de grandeza, e com o que ella merece de bom. Restituindo ao mundo a belleza, na natureza, no corpo humano, nas almas, sonhou Ruskin restituir-lhe a felicidade. Elle, no seu exagero de estheta, protesta contra a nossa concepção economica e industrial da vida, e, com vehemente convicção ataca o nosso progresso material, os caminhos de ferro que destroem a natureza, as machinas que amesquinham o homem e são os factores da feialdade na industria moderna, os nossos edificios sem caracter, nem significação. Os economistas, com os seus sophismas, as suas illusões, os seus embustes, passam um mau quarto de hora com elle. « Não ha riqueza sinão a Vida — a Vida comprehendendo toda a sua potencia de amor, de alegria e de admiração. Enganam-se os homens si, como crianças, suppõem que cousas indifferentes, como excrescencias de conchas

ou pedaços de pedra azul ou vermelha, têm valor, e si, para descobril-as, gastam sommas consideraveis de um trabalho que melhor fôra empregado na estensão e embellezamento da vida; ou, si, no mesmo estado infantil, cuidam que cousas preciosas e beneficas, como o ar, a luz e o asseio, não têm valor; ou, si, finalmente, afigura-se-lhes que as condições da sua mesma existencia, necessarias para possuir e empregar cada cousa, como a paz, a confiança, o amor, devem ser trocadas por ouro, ferro ou excrescencias de conchas. Dever-se-ia, com effeito, ensinar que os verdadeiros vieiros da riqueza são vermelhos e não de ouro, não estão nos rochedos, mas na carne, e que a despeza e o consumo final de toda a riqueza está na producção do maior numero possivel de creaturas humanas de vida poderosa, de aguda vista e de coração alegre; que, entre as manufacturas nacionaes, a das almas de boa qualidade póde tornar-se elevadamente lucrativa. Em summa, longe de admittir que o accumulo de dinheiro em um paiz é a unica riqueza, a real sciencia da economia politica, ou melhor economia humana, devia ensinar ás nações a fazerem votos e a trabalharem pelas cousas que conduzem á vida, e desprezarem e arrazarem as cousas que levam á destruição. » A riqueza, qual a entendem os financeiros e economistas, é inimiga

não só das bellezas pitorescas da natureza, mas tambem da felicidade social, e portanto illegitima. A base justa da riqueza é que um homem que trabalha deve ser pago segundo o inteiro valor de seu trabalho, com a liberdade de guardar o que lhe sobre das suas despezas. Si trabalhando elle proprio e guardando conseguiu ajuntar dinheiro, tem a esta fortuna um direito absoluto, porque o trabalhador póde guardar o que justamente adquiriu. « Sómente não é assim que se formam as grandes riquezas. Ninguem se torna jamais muito rico unicamente com o seu proprio trabalho e economia. Ha sempre um tributo do trabalho dos outros. E intervem então uma base injusta da riqueza : o poder que exercem sobre os que ganham dinheiro aquelles que já o possuem e que o empregam unicamente para ter mais. » Ruskin neste ponto, porém, não é radical, como Tolstoi; repetindo por sua conta a condemnação socialista da « exploração do trabalho pelo capital », elle transige, entretanto, com o patronato e com o salario, pretendendo apenas, como Comte, que a moral corrija os abusos do capitalismo. Ao cabo, porém, a sua doutrina social é inimiga do capital e não está longe da formula positivista, anarchista e socialista, de que o capital tem uma origem social e deve ter um destino social. A riqueza é um mal, pensa elle, um paiz

chamado rico não é um paiz feliz, nem tão pouco bello. O culto de Mammon é tão impossivel de conciliar com a justiça social como com a belleza.

Ruskin é dos poucos que transformam as suas idéas em actos, as suas palavras em acção; um caracter em toda a significação da expressão ingleza. Estheta, poeta, critico, sociologo, é sempre o homem de uma inteira sinceridade e de uma completa franqueza. Na arte, no que especialmente concerne o desenho, uma revista especial ingleza reconhece que Ruskin nunca ensinou o que elle mesmo não houvesse praticado; é possivel generalizar o conceito a toda a vida e ensino daquelle de quem dizia Carlyle « que nenhum outro homem na Inglaterra possuia a mesma colera divina contra a falsidade. »

Para espalhar o gosto das artes nas massas este estheta, rico de cinco milhões de libras, decide-se a ensinar elle proprio desenho durante quatro annos num curso nocturno de adultos, funda musêos e escolas destinadas aos operarios, dota generosamente universidades para que instituam e mantenham o ensino artistico, e elle mesmo, durante treze annos, sem remuneração, professa em Oxford a sua esthetica e dirige ou anima e incita do grande centro universitario o movimento artistico que, com os Hunts, os

Rossettis, os Millais, os Stephens, os Hughes, os Browns, os Masons, os Burne-Jones, os W. Morris, devia fazer da Inglaterra um dos fócos da arte contemporanea, e transformar na vida ingleza, e por ella na européa, a architectura, a mobilia, o ornamento das casas, os utensilios domesticos, a decoração, pondo em tudo uma preoccupação de arte. Quando, apezar da sua opposição, os biologistas da universidade introduziram nella a pratica barbara da vivisecção, Ruskin demittiu-se do seu professorado. Mas da pratica do ensino, da propaganda oral e escripta do bello, da arte, elle passa ao dominio da vida. Crêa em plena Inglaterra a colonia communista *Saint George's Guild*, e resuscita em varias partes do paiz as industrias da esculptura de madeira, da fiação e da tecelagem a mão, numa guerra contra a machina que mata a arte, destróe a iniciativa do artifice e deixa sem trabalho o operario. Á sua acção não só renasceram industrias de arte mortas, mas crearam-se outras. Os seus livros, de que elle é o proprio editor, e cujo producto serve á sua obra de propaganda, são objectos de arte pela composição, pela impressão, pela encadernação. Doou aos muséos, ás escolas, aos institutos de ensino artistico quadros originaes dos grandes mestres, modelos, cópias, desenhos, muitissimos da sua propria mão. Levou a toda a parte o

fogo vivo da sua fé; criticou, animou, combateu, lutou, ensinou, multiplicou-se em conferencias, em livros, em brochuras, em obras, e creou no seu paiz uma geração illustre de gravadores, desenhistas, ornamentadores, esculptores em madeira, além dos pintores, esculptores, architectos, encadernadores, tecelões, artistas emfim de todo o genero. O pre-raphaelismo e o neo pre-raphaelismo, triumpharam graças principalmente a elle. E, pelas suas idéas geraes sobre a pintura e as artes plasticas e do desenho, elle influiu ainda nas modernas correntes poeticas. O symbolismo, no que elle tem de bom e são, procede tambem da esthetica ruskiniana.

Ruskin sonhou um mundo de bondade, de paz, de amor e de belleza. Combateu a guerra, o capitalismo, o industrialismo, a machina, o utilitarismo, tudo emfim que, ao seu parecer, afeiava a natureza e a vida. Foi em arte um realista embriagado de ideal, e na vida um homem do seu pensamento e da sua obra, sabendo juntar sincera e corajosamente a acção á palavra. Poz ao serviço das suas idéas a melhor lingua da prosa ingleza, segundo o juizo autorizado do Sr. Frederico Harrison, uma lingua, cuja sciencia da melodia e da cadencia, « não tem rival em toda a literatura ingleza ». Foi, emfim, um grande artista, um grande escriptor, um grande homem.

A utopia ruskiniana não se realizará talvez nunca; mas uma utopia é, como disse Victor Hugo, um berço, isto é, um assento de vida. A que já saíu da obra de Ruskin é consideravel e bella, porções do seu sonho, de Belleza e de Ventura, se hão de esvaecer e perder, outras, porém, hão de vingar, florescer e frutificar. Em todo o caso, a contemplação da obra de Ruskin é um bello espectaculo, e o Mestre ensinou que *a thing of beauty is a joy for ever.*

PEDRO KROPOTKINE

Memoirs of a Revolutionist, by P. Kropotkine, London, 1899, 2 vols.

O Principe Kropotkine, ou Pedro Kropotkine, como elle desde a juventude preferiu assignar-se, tem duas celebridades, a de scientista, no seu ramo, um dos mais consideraveis da Europa, e a de revolucionario. Foi esta, certamente, que fez famoso o seu nome, mas o que completa e distingue a sua feição de revoltoso, o que faz delle um ente á parte entre os directores dos chamados partidos revolucionarios, é, além da circumstancia do seu alto nascimento, a conjuncção intima na sua personalidade do homem da sciencia e do homem da humanidade. Amou-as a ambas com uma devoção ingenua e profunda, e como lhe pareceu sempre que a sciencia, como a literatura, como a arte, como todos os resultados da intelligen-

cia e da industria humanas, não podiam ter outro fim que servir a humanidade, si alguma daquellas suas devoções sacrificou á outra foi a da sciencia.

Nasceu Kropotkine no velho bairro aristocratico de Moscou, a cidade santa e tradicional da Russia, em 1842, e ahi passou os quinze primeiros annos da sua vida. Vinha de uma velha familia da mais alta fidalguia russa. Seu pai, militar como todo o nobre russo, pertencia de corpo e alma á antiga Russia, do tempo de Nicolau I. Imbuido de todos os, já então anachronicos, preconceitos de casta, era brutal, tyrannico na familia, despotico com os seus subalternos. Sua mãi, ao contrario, doce e meiga creatura soffredora, « era indubitavelmente — affirma o filho commovido após tantos annos passados depois da morte della — uma mulher notavel para o tempo em que viveu ». Perdeu-a quando apenas tinha tres e meio annos de idade, mas conservou della uma piedosa reminiscencia. « Muitos annos após a sua morte, refere nestas suas *Memorias*, descobri em um canto dum aposento da nossa casa de campo um masso de papeis, cobertos com a sua firme, mas linda letra : diarios em que ella prasenteira descreveu scenas da Allemanha e falava das suas tristesas e dos seus anhellos de felicidade ; livros que enchera de versos russos prohibidos

pela censura, entre elles as formosas balladas historicas de Ryléeff, o poeta que Nicolau fez enforcar em 1826; outros livros com musicas, dramas francezes, versos de Lamartine e poemas de Byron por ella copiados e muitas aguarélas ». A primeira educação de Kropotkine foi confiada a duas áias, uma russa, outra alleman. Para lhe começar a instrucção, vieram depois um preceptor francez e um estudante russo. A instrucção lhe era dada do modo mais irracional e brutal pelo francez, destroço do Grande Exercito da invasão napoleonica. A vida no palacio Kropotkine era um mixto de grandeza e miseria, como em muitissimas daquellas casas fidalgas, onde o fausto naquelles tempos se mantinha a custa das mesmas necessidades da vida corrente. A sua familia de oito pessoas occupava no serviço domestico cincoenta servos em Moscou e quasi a metade mais no campo. Ali tinham quatro cocheiros, seis cosinheiros e doze copeiros. Cada pessoa á mesa tinha um escudeiro atráz de si. Era pelo numero de « almas », isto é, de servos que possuiam os nobres que se lhes media a fortuna. Mas como de facto as rendas não correspondiam a essas « almas », a vida da nobreza era, em geral, faustosa na apparencia, e miseravel na realidade. Dessa vida, que lembra por alguns aspectos a do Harpagão de Molière, — com a

differença que ali era a pobresa real e aqui a avareza que determinava as miserias e ridicularias — faz Kropotkine um quadro magnifico de realidade e delicioso de bom humor. Concluidos os seus primeiros estudos, passou elle ao Corpo dos Pagens, instituição fidalgo-militar, da qual saíu official. Sendo o primeiro do seu anno foi, por isso, escolhido para o serviço pessoal do imperador Alexandre II, a quem tinha a obrigação de acompanhar e seguir, como si lhe fòra a sombra. Kropotkine, conforme a grande numero de moços da nobreza russa áquelle tempo acontecia, estava já imbuido das idéas liberaes, que acabavam de obter um triumpho com a emancipação dos servos. No mesmo Corpo dos Pagens alguns dos professores, estrangeiros ou russos, eram liberaes, e um delles emprestava a Kropotkine obras de livre pensamento. Seu irmão Alexandre — e é um dos encantos deste livro esta grande e terna amizade destes dous irmãos — alguns annos mais velho do que elle, espirito liberal, do matiz dos que queriam dar á Russia uma constituição, escrevia-lhe longas cartas em letra intencionalmente miuda para poupar papel, expondo-lhe e discutindo com elle questões sociaes e politicas, e fornecia-lhe tambem livros. Todavia no começo do seu serviço junto á pessoa do Imperador elle sentia por Alexandre II, « o li-

bertador dos servos », uma grande admiração : si alguem houvesse então attentado contra a sua vida, elle para defendel-o ter-lhe-ia sacrificado a sua. Uma vez, saíu Alexandre II apressurado de palacio para assistir a parada das tropas, que se fazia nos seus vastos pateos cobertos. Ali cessavam as obrigações, todo aulicas, de Kropotkine. Elle viu, porém, que no meio da multidão, os ajudantes de campo se haviam perdido do Imperador, que caminhava apressadamente, quasi só. Protestou a si mesmo que o não abandonaria, e a custo o seguiu, receioso pela vida do Tzar, e sentindo que em vez da sua boa espada de Toledo, tivesse trazido o seu sabre do uniforme, prompto como estava a investir contra qualquer perigo. O soberano caminhava sempre apressado, excitado. Chegaram assim ao ultimo pateo, tendo passado além do derradeiro batalhão. Viu então o Imperador que estava só, apenas seguido pelo seu pagem. — « Você, aqui? disse-lhe benevolo. Valente rapaz ! »

Mas vivendo na intimidade da côrte, sentiu o jovem pagem que nada havia a esperar della para o bem do paiz e que Alexandre II continuaria a tradição despotica dos tzares. Saindo official, á conclusão dos seus estudos, Kropotkine, que desadorava a carreira militar, como a vida de côrte, e começava a achar-se mal na-

quelle regimem, a que por sua casta e educação pertencia, surprendeu e desgostou aos seus collegas, a seu pai, aos seus superiores e mestres e ao proprio Imperador, escolhendo, como era seu direito, um batalhão da extrema Siberia para nelle servir. O que com essa resolução procurava era evitar a vida inutil das guarnições européas e da côrte, e poder utilizar a sua boa vontade e as capacidades que sentia em si em estudos scientificos naquella região nova do Amur, onde os Russos então operavam, e, ao mesmo tempo, fazendo parte da administração, concorrer para lhe corrigir os defeitos e melhorar a sorte dos condemnados. A sua vida na Siberia foi a de um trabalhador scientifico e de um funccionario intelligente, activo, laborioso e devotado ao bem publico. A parte em que a descreve tem um vivo interesse humano e dramatico; vem della uma sensação de mocidade forte e boa, de vida e de esperanças. Dera uma direcção nova aos trabalhos technicos e ás obras de que fôra encarregado, conseguira alliviar no seu districto a sorte dos condemnados e da população indigena, fizera, viajando disfarçado em mercador, excursões na China septentrional, das quaes resultaram importantes descobertas geographicas, estudara a structura geologica das cadeias de montanhas da Asia central e da Siberia. Mas o seu espirito e o seu

coração se não compadeciam com a vida militar e official, e de volta a S. Petersburgo deu a sua demissão do serviço do exercito.

Entrou então na Universidade, « sentandome nos bancos, diz elle, entre mancebos, quasi rapazes, muito mais moços que eu ». No entanto, tinha apenas 25 annos, quatro dos quaes passados na Siberia. A Universidade augmentou o seu duplo ardor pela sciencia e pela humanidade, desenvolvendo as suas capacidades de estudo e as suas opiniões liberaes. Saíu della socialista, mas já grandemente radical, porem, como já disse, o que distingue esta singular e extraordinaria figura de sabio e revolucionario, é a conjugação perfeita que nelle se dá do ardor e da capacidade scientifica com o fervor e a actividade do reformador social.

Estava elle em 1871 em missão scientifica na Finlandia a estudar-lhe a structura geologica. Trabalhava muito, percorreu o paiz todo e dahi passou á Suecia, colligindo um copioso material de observações sobre a glaciação da região. Mas durante estas excursões e trabalhos, achava tempo de pensar nas questões sociaes, que desde moço o preoccupavam. Elle via na sciencia, mesmo na arida geologia, a ministra possivel do bem social. Possuia os materiaes, e teve a vontade de escrever uma exhaustiva geographia physica da Russia. A sua intenção era dar uma

completa descripção geographica do paiz, baseando-a sobre as linhas principaes da structura da superficie, que começára a desenredar para a Russia européa, completando as suas descobertas anteriores sobre a orographia siberiana e, em tal descripção, esboçar as differentes fórmas da vida economica que devem prevalecer nas diversas regiões. « Tome-se, por exemplo, diz elle, as vastas planicies da Russia Meridional, tantas vezes sujeitas ás seccas e falhas de colheitas. Estas seccas e falhas não devem ser tratadas como calamidades accidentaes e são uma feição tão natural daquella região como a sua posição em um declive meridional, a sua fertilidade e o mais ; e toda a vida economica das planicies do Sul devia ser organizada prevendo-se o inevitavel reapparecimento das seccas. » E eis como as preoccupações sociaes se entranhavam, por assim dizer, nas suas cogitações scientificas. Reflecte como frequentemente são os homens, arrastados por laços politicos, sociaes ou familiares, impedidos de pensar na direcção que toma a sua propria vida.

Isto lhe aconteceu a elle, mas, ali na Finlandia, quando percorria na carreta indigena de duas rodas, a *karria*, algum trecho sem interesse para o geologo, ou quando caminhava, de martello ao hombro, fazendo uma obra geologica sem duvida interessante, trabalhava-lhe a

mente forte e incessante uma idéa. Via a somma enorme de trabalho que os Finlandezes despendiam em limpar a terra e em quebrar a dura marga pedregosa que a recobre, e disse comsigo : « Eu escreverei a geographia physica desta parte da Russia, e direi ao camponez os melhores meios de cultivar este sólo... » Mas considerando o atrazo, a ignorancia do camponio finlandez, a sua incapacidade de avaliar o emprego das machinas, a sua impossibilidade de empregal-as quando o avaliasse, pela sua profunda miseria, a sua mesma inaptidão para comprenhender os ensinamentos que lhe trouxessem os livros, que não saberiam ler, nem entender, concluia que só vivendo com elle, e ajudando-o a tornar-se o livre proprietario ou trabalhador daquella terra, poderia ser-lhe de facto util. Mas dali seu pensamento ia ás suas proprias terras, e á toda a Russia. E a sua vida inteira, toda de abnegação e sacrificio de si mesmo, será dirigída e governada por este profundo amor da humanidade, amor que vai mesmo aos que, ao seu parecer, augmentavam, com a sua maldade ou egoismo, a cópia natural de dôres e soffrimentos que a acabrunham.

As memorias de Kropotkine são um admiravel quadro da Russia nos ultimos cincoenta annos, quadro que o leitor sente verdadeiro, na placidez da narração, na sympathia geral que

o anima, na lhaneza da expressão, no intenso sentimento de sinceridade que de todo elle rescende. Os livros dos grandes romancistas e poetas russos dos Turgueneffs, dos Pushkines, dos Gogols, dos Doistoievskys, dos Tolstois, fizeram-nos familiares com a vida russa e revelaram-nos essa singular alma slava, tão profundamente differente das almas occidentaes que conheciamos. Confirmando a noção que tiveramos pelos poetas e romancistas, o de Kropotkine como que nos dá, pela descrição desornada e candida da vida real, uma representação mais graphica, sinão mais exacta, daquelle mundo e daquella vida. E ao cabo é uma verdadeira obra de arte, não só pelo merito literario de um escriptor que começou pela poesia e pela literatura, mas pela grande e sincera e intima emoção que ha nella e que ella nos communica. Mas é sobretudo a confissão sincera e honesta, « a historia, como lhe chama Brandes, de uma crise interior que corresponde ao que antigamente se chamava uma conversão ». A conversão de um filho de familia principesca, um fidalgo de velha e alta linhagem, pagem do imperador, homem de côrte, com o direito e quasi a certeza de um grande futuro e uma alta posição no Estado e na sciencia, onde tão auspiciosamente estreára, no democrata, no socialista, no nihilista, no anarchista emfim. E

esta conversão não provém do odio, da inveja, do desespero, da miseria ou de soffrimentos pessoes, sinão do amor, de uma illimitada sympathia humana, que vai dos miseraveis mais desgraçados aos seus mesmos algozes mais poderosos. Este amamentou-se realmente com o puro leite da bondade humana. A estas suas memorias poz o eminente escriptor dinamarquez, George Brandes, o critico verdadeiramente universal, um prefacio, cuja emoção diz bem o valor do homem. « Raro terá havido, diz elle, revolucionarios tão humanos e tão brandos. » A brandura, a meiguice, a suavidade de palavras e actos são, como já viramos nos romances russos, um distinctivo dessas almas ardentes de convicção em um ideal social e humano. O caso de Kropotkine, ou o de Tolstoi, não é extraordinario e extravagante na Russia. Muitos outros cita Kropotkine, de homens ricos, da alta nobreza, cheios de futuro ou já de presente, que tudo sacrificaram a esse ideal sem embargo das prisões, das fortalezas, da Siberia, da confiscação, do exilio e, não raro, da forca. Entre esses, o de uma mulher, moça, bella, da mais alta aristocracia russa, Sophia Perovskaya, filha de um antigo governador militar de S. Petersburgo, que, ás escondidas do pai, e com o assentimento da mãi, que a adorava, seguira o curso de uma escola superior e, com o auxilio de

tres outras moças, filhas de um rico industrial, fundára um circulo de educação reciproca, que se tornou depois o circulo revolucionario, ao qual pertencia Kropotkine. Era em uma casa por ella alugada, sob o disfarce de mulher de um operario, que se reuniam os do circulo. « Ninguem, diz Kropotkine, reconheceria agora, sob o aspecto da mulher de um trabalhador, com seus vestidos de algodão e botinas de homem, a cabeça coberta com um grosso lenço, e carregando nos hombros dous baldes de agua do Neva, a moça que alguns annos antes brilhava em um dos salões mais em voga da capital. » Essa mulher em toda a parte, menos na Russia, extraordinaria, morreu no cadafalso, com a coragem que todas as revolucionarias russas aliás mostravam em todas as circumstancias.

Do fundo espirito de humanidade que animava esses terroristas, dá-nos Kropotkine um exquisito exemplo no facto que reconta, da morte por uma bomba nihilista de Alexandre II. O Imperador, abandonado pelo seu sequito, jazia sobre a neve. Tudo desapparecera. Alguns cadetes de volta de uma parada, levantaram-no e puseram-no em um trenó, cobrindo-lhe o corpo com a capa de um delles. E foi um dos terroristas, Emelianoff, ainda com uma bomba embrulhada em papel debaixo do braço, quem. com risco de ser preso no lugar e enforcado,

correu com os cadetes em soccorro do ferido. « A natureza humana, pondera Kropotkine, está cheia destes contrastes. »

O nihilismo foi, no periodo agudo da sua existencía e acção, um facto do qual muitas explicações se deram e do qual innumeras descripções se fizeram. Da exacção e fidelidade de umas e de outras é licito duvidar; si a umas inspirava o proselytismo, a maioria dellas dictavam-nas os preconceitos conservadores, burguezes, reaccionarios. Na noticia que delle dá Kropotkine sente-se a sinceridade e a boa fé do homem de sciencia, acostumado a encarar os factos, sejam da natureza, sejam da sociedade, sem idéas preoncebidas, e sem outro espirito que o de descobrir a verdade. A sua sympathia pelo nihilismo, não lhe empanna, parece-me, a nitidez da visão. Eis como elle nos descreve este phenomeno social russo, que deve o nome a Turgueneff, no seu livro *Pais e Filhos* :

« O movimento é frequentemente mal comprehendido na Europa Occidental. Na imprensa, por exemplo, confunde-se nihilismo com terrorismo. A agitação revolucionaria que rebentou na Russia no fim do reinado de Alexandre II, e determinou a morte tragica do Tzar, é sempre descripta como nihilismo, o que, entretanto, é um erro. Confundir nihilismo com terrorismo é tão errado como confundir um

movimento philosophico como o stoicismo ou o positivismo com um movimento politico como, por exemplo, o republicanismo. A existencia do terrorismo foi determinada por certas condições especiaes da luta politica em um dado momento historico. Viveu e morreu. Póde reviver e morrer outra vez. O nihilismo, porem, imprimiu o seu sèllo em toda a vida das classes cultas da Russia, e este sèllo ellas o guardarão por muitos annos ainda. É o nihilismo — despojado de alguns dos seus mais duros aspectos — inevitaveis em um joven movimento daquella especie — que dá agora á vida de grande parte das classes cultas da Russia, um certo caracter peculiar que nós Russos sentimos não encontrar na vida da Europa Occidental. É mais o nihilismo, em suas varias manifestações, que dá a muitos dos nossos escriptores a notavel sinceridade, o habito de « pensar alto » que espanta os leitores europeus do Occidente.

« Primeiro que tudo, declararam os nihilistas guerra ao que se póde chamar « as mentiras convencionaes da humanidade civilizada. » A sinceridade absoluta era a sua distinctiva feição, e em nome desta sinceridade elles renunciavam, e reclamavam dos outros renunciassem, as superstições, preconceitos, habitos e costumes que a sua propria razão não justifi-

casse. Recusavam acurvar-se perante outra autoridade que não a da razão, e na analyse de qualquer instituição ou praxe social rebellavam-se contra toda a sorte de mais ou menos disfarçado sophisma.

« Romperam, naturalmente, com as superstições de seus pais, e nas suas concepções philosophicas eram ou positivistas, ou agnosticos, ou evolucionistas spenceristas ou materialistas scientificos ; e embora nunca atacassem a crença religiosa simples e sincera, que é uma necessidade psychologica do sentimento, combatiam duramente a hypocrisia que faz revestir a mascara de uma religião, que continuamente se despresa como um lastro inutil.

« A vida da gente civilizada abunda em pequenas mentiras convencionaes. Pessoas que mutuamente se não gostam, encontrando-se na rua, mostram-se de rosto radiante num feliz sorriso ; os nihilistas permaneciam impassiveis, sorrindo apenas áquelles que realmente tinham prazer em encontrar. Todas essas formas de polidez exterior, que são meras hypocrisias, lhes eram igualmente repugnantes, e elles revestiam uma certa rudeza externa como um protesto contra 'a amabilidade polida de seus pais. Esses os viam falar calorosamente como sentimentalistas idealistas, e ao mesmo tempo procederem como verdadadeiros barbaros com

suas mulheres, seus filhos e seus servos; e revoltavam-se contra aquella especie de sentimentalismo que, no fim de contas, se accommodava tão bem a tudo, menos ás condições ideaes da vida russa. Envolviam a arte na mesma negação geral. A palestra commum sobre belleza, ideal, arte pela arte, esthetica, e o resto, tão gostosamente praticada — quando cada objecto d'arte é comprado com dinheiro arrancado a camponezes estafados e a trabalhadores não pagos, e o chamado « culto da belleza » não é sinão uma mascara para cobrir a mais vulgar dissolução — enchia-os de desgosto; e á critica da arte, que um dos maiores artistas do seculo, Tolstoi, acaba de poderosamente formular (o A. refere-se ao livro do grande escriptor russo *Que é a Arte?*) o nihilista referia-se com esta varredoura asserção: « Um par de botas é mais importante que todas as vossas Madonnas e toda a vossa refinada conversa sobre Shakespeare. »

Era este sentimento e este proposito de verdade e de sinceridade em tudo que faziam o fundo do nihilismo. Não admittiam casamento sem amor, nem familiaridade sem amizade. A moça nihilista, tratada por seus pais como uma boneca ou compellida a casar por conveniencia, abandonava a casa paterna, as suas commodidades e luxo, fazia-se operaria e ia a uma

escola, afim de obter a sua independencia pessoal. A esposa que não achava no casamento a felicidade preferia a miseria á mentira de uma vida conjugal de falsidades. Assim todas as suas relações eram animadas do mesmo sentimento de sinceridade que propositalmente exageravam até a grosseria. Mesmo com as mulheres era este o seu comportamento, dizendo-lhes em face as suas opiniões sobre as suas conversas frivolas ou as suas módas ridiculas. Mas, entretanto, devotavam-se a ellas, sacrificavam-se por ellas, quando lhes pareciam que o mereceriam. « O joven — affirma Kropotkine — que não se moveria para servir a uma dama uma chicara de chá, passaria á moça que viesse estudar a Moscou ou a S. Petersburgo a unica lição que tivesse e da qual lograsse o pão quotidiano, dizendo-lhe simplesmente : « A um homem é mais facil achar trabalho do que a uma mulher. Não ha intenção de cavalheirismo no meu offerecimento, é simplesmonte questão de igualdade. » No processo de Karakózoff e seus amigos se verificou que estes moços, possuidores de fortunas consideraveis, viviam tres ou quatro no mesmo quarto, sem despenderem nunca mais de dez rublos (uma libra) cada um com todas as suas necessidades e dando ao mesmo tempo quanto tinham para associações cooperativas, officinas cooperativas (onde elles

proprios trabalhavam) e cousas simillhantes. Não tardou que a maxima e a melhor parte da mocidade russa fizesse o mesmo, e a sua divisa era « Ser povo para o povo ». Durante os annos de 1860 a 1865 uma lucta se estabeleceu em cada familia entre paes e filhos, que pensando com o poeta nacional Nekrássoff que « é amargo o pão amassado por escravos », deixavam a casa paterna, o serviço militar, o escriptorio, a loja e concorriam em multidão ás cidades universitarias. Raparigas criadas nas mais aristocraticas familias corriam sem vintem para S. Petersburgo, Moscou e Kieff, sequiosas de aprenderem uma profissão que as libertasse do jugo domestico. Este saber não o queriam para si só, sinão para espalhal-o pelo povo. Em todas as cidades da Russia, como em cada bairro de S. Petersburgo, formavam-se pequenos grupos para aperfeiçoamento e educação reciproca ; as obras dos philosophos, os escriptos dos economistas, as indagações da nova escola historica russa, eram cuidadosamente lidas nestas reuniões, e ás leituras seguiam-se discussões interminaveis. Procuravam nestes estudos e discussões como serem uteis ás massas, chegando por fim á conclusão que o unico meio era estabelecerem-se entre o povo e viverem a sua vida. Jovens foram para aldeias como medicos ou ajudantes de medicos,

mestres, escrivaes, mesmo como trabalhadores agricolas, ferreiros, cortadores de mato, procurando viver em estreito contacto com os rusticos. Moças faziam seus exames, de parteiras ou enfermeiras, e iam aos centos para as aldeias devotando-se inteiramente á porção mais pobre da populaçao. Iam sem nenhuma idéia de revolução ou de reconstrucção social, mas só de instruir as massas, erguel-as da sua ignorancia e miseria e aprender ao mesmo tempo dellas qual era o *seu* ideal popular de uma melhor vida social. Mas com estes principios, a revolta destas almas puras, ardentes até o mysticismo, convencidas até o fanatismo, devotadas até o sacrificio, não tardaria em explodir diante do despotismo governamental. »

Kropotkine multiplicava-se no ensino popular occulto, na propagação das suas idéas. De um brilhante sarao de côrte saía elle para disfarçar-se em popular e ir a algum club ou imprensa secreta trabalhar pela causa. E ao mesmo tempo que conspirava, isto é, que ensinava ao povo e propagava entre elle as doutrinas socialistas, que por esse tempo só nisso consistia a conspiração, occupava-se da redacção do relatorio dos seus trabalhos geologicos que devia ler em uma sessão especial da Sociedade de Geographia. Foram animadas as discussões nessa reunião. « Reconheceu-se que todas as velhas

theorias relativas ao periodo diluviano na Russia eram inteiramente infundadas, e que um novo ponto de partida devia ser tomado na investigação do todo o assumpto. » O chefe dos geologos russos dissera : « Com cobertura de gêlo ou sem ella devemos, senhores, reconhecer que tudo que até agora se disse sobre a acção do gêlo fluctuante não encontra base alguma nesta exploração. » « E, continúa Kropotkine, eu fui proposto naquella sessão para presidente da secção de geographia physica, quando de mim proprio inqueria si eu não iria passar aquella mesma noite na cadeia da Terceira Secção. »

Esta Terceira Secção era a repartição da Chancellaria do Imperador, instituição policial omnipotente, que desde o reinado de Nicoláo primeiro até hoje tem governado absolutamente a Russia, e que espia e vigia tudo ali, inclusive o proprio imperador. O quadro que da sua espionagem faz o nosso autor não é inferior na sua verdade á descripção pavorosa da do Conselho dos Dez em Veneza, feita por Victor Hugo, no seu *Angelo* : « Em cada provincia da Russia, em cada cidade populosa, mesmo em cada estação de caminho de ferro, ha gendarmes que relatam tudo aos seus generaes e coroneis, que por seu turno se correspondem com os chefes dos gendarmes ; e, por fim, vendo todos os dias o Imperador, referem-lhe o que julgam neces-

sario communicar-lhe. Todos os funccionarios do Imperio estão sob a espionagem do gendarme; é dever dos generaes e coroneis ter de olho a vida publica e privada de todo o subdito do Tzar, mesmo dos governadores das provincias, dos ministros e dos grãos-duques. O proprio Imperador está sob a sua estreita vigilancia, e como são bem informados da chronica interior de palacio, e conhecem cada passo que dá o Imperador fóra delle, o chefe dos gendarmes torna-se, por assim dizer, o confidente dos mais intimos negocios dos governantes da Russia. »

Kropotkine, de ha muito espionado pela gente da Terceira Secção, foi, com effeito, preso, nessa mesma noite, e recolhido á fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, « onde Pedro I torturou seu filho Alexis e matou-o com suas proprias mãos, onde a Princeza Tarakanova foi posta em uma cellula, em que, enchendo-se de agua durante uma inundação, os ratos, por salvaremse, subiam-lhe pelo corpo acima; onde o terrivel Minielo (Ministro da Policia) torturou os seus inimigos, e Catharina enterrou vivos aquelles que a arguiam de haver assassinado seu marido »; uma prisão cujos annaes são de assassinio e de tortura, onde os decembristas, os primeiros que desfraldaram na Russia a bandeira republicana e da abolição da servidão

foram martyrizados, onde estiveram prisioneiros os poetas Ryleeff e Shevchenko, o grande romancista Dostoievsky, o sociologo Bakunine, os publicistas Chernyshévsky e Pisareff e mil outros, quasi todos os apostolos da liberdade e do regimen moderno na Russia. Transferido, por motivo de molestia, para outra prisão, Kropotkine, auxiliado pelos seus amigos e correligionarios, escapou-se della. A narrativa da sua escapúla é uma pagina commovente de Dumas pai. De S. Petersburgo foi ter á Inglaterra, a terra hospedeira de todos os perseguidos da tyrannia :

> Patria da lei, senhora da justiça,
> Couto da foragida liberdade,

como della cantou Garrett.

Viveu, sob um nome supposto, de escrever em jornaes e revistas artigos e notas scientificas. Um dia o editor da revista *The Nature* deu-lhe para noticiar a propria obra de Kropotkine, que durante a sua prisão fôra publicada em S. Petersburgo. Elle levou o livro muito embaraçado sobre o que fazer, não podendo dizer nem bem nem mal do livro porque era seu. Voltou com elle no dia seguinte e revelando-se ao editor declarou isso mesmo. Respondeu-lhe este que elle não tinha que dizer mal ou bem ; dissesse apenas o que continha o livro — e ficaram desde

então e até hoje amigos. O principe revolucionario tornou-se assiduo collaborador scientifico e philosophico dos principaes jornaes inglezes, o *Times*, a *Nineteenth Review*, a *Nature* e da *Encyclopedia Britannica*. Quando mais tarde foi preso e condemnado em França, os mais eminentes escriptores e scientistas da Inglaterra endereçaram ao governo francez uma petição solicitando a sua liberdade. Entre os signatarios estavam Herbert Spencer, Swinburne, todos os collaboradores daquella *Encyclopedia*, quer dizer todos os mais notaveis intellectuaes da Inglaterra. Victor Hugo accrescentou ao seu nome palavras calorosas, como só elle as sabia escrever. A Academia de Sciencias de Paris pôz á sua disposição, para trabalhar na prisão, a sua livraria. Já a França então armava á protecção da Russia, por amor de quem prendeu a Kropotkine e deixou-o cumprir a pena de tres annos. A prisão franceza, menos apertada que a russa, permittiu-lhe occupar-se não só dos seus trabalhos scientificos, o que tambem naquella, com licença especial do Tzar, fez, mas ter classes onde, não precisa dizer que gratuitamente, ensinava aos camaradas de prisão geometria, cosmographia, physica, ajudando-os tambem no estudo das linguas. Kropotkine, como em geral todo o russo instruido, conhece diversas. Ao mesmo tempo sua mulher, pois

casára-se, fazia perante a universidade de Paris o seu doctorado em sciencias. Ernesto Renan tinha graciosamente posto á disposição della a sua livraria particular.

Cumprida a sentença, voltou para Londres, onde, com 58 annos, vigoroso e alegre, continúa os seus estudos scientificos e a sua propaganda revolucionaria. Um revolucionario, como já vimos, cheio de amor, de doçura e de misericordia. Quaesquer que sejam as nossas idéas e sentimentos nas questões sociaes, não é possivel não estimar um homem como Kropotkine, admirado pelos seus mesmos inimigos pela firmeza sem fanatismo das suas convicções, pela pureza de um santo da sua vida, pela sinceridade absoluta dos seus actos e palavras e pela doçura das suas maneiras. Comparando-o a Tolstoi, como « os dous grandes russos que sós neste momento pensam por amor do povo russo, e cujos pensamentos pertencem á humanidade », diz Georges Brandes que os enche a ambos o amor da humanidade, que são um só na severa condemnação da indifferença, da negligencia, da crueza e brutalidade das classes superiores, como na attracção que ambos sentem pela vida dos miseraveis ; vêem ambos no mundo mais covardia que maldade ; ambos são idealistas e têm ambos temperamento de reformadores ; e ambos são ainda naturezas amantes da paz,

sendo Kropotkine, porém, dos dous, o mais pacifico. Foi talvez para os revolucionarios como este que o Christo prégou na montanha : Bemaventurados os pacificos...

Como quer que seja, difficil é se nos depare uma tão bella e sympathica figura moral como a deste dôce anarchista, do qual o mesmo eminente critico não duvidou dizer que a « vida fez delle uma das pedras angulares do edificio do futuro ».

VICTOR HUGO PHILOSOPHO

Victor Hugo le poète, Victor Hugo le philosophe, par Ch. RENOUVIER, 2 vol., Paris, 1900.

A critica facciosa e desintelligente dos Birés, os desdens impotentes de parcerias poeticas, cujo só merito, aliás, provinha da revolução metrica e rythmica effectuada pelo vate da *Lenda dos seculos* na poesia franceza, e ainda o menos preço dos que se não achavam nas condições de comprehender tamanho poeta, não lograram diminuir a reputação de Victor Hugo. « A sua gloria, como affirma com razão o Sr. Renouvier, não deixou de augmentar desde o dia das exequias triumphaes onde parecia ter tocado ao seu apogèo. » Si a victoria momentanea do parnasianismo e o ruido òco do symbolismo, puderam um momento, e apenas aos ignorantes, esconder o fóco resplandecente de poesia cujo reflexo eram e donde tiravam toda a virtude

que nelles pudesse haver, foi passageiro e parcialissimo o eclipse. O vate soberano resurgiu logo dominando com a sua grandeza desmedida e o seu brilho incomparavel, como o sol no nosso mundo estellar, todos os astros, pequenos e grandes, da poesia contemporanea, não só franceza mas universal. Para Victor Hugo levantou-se presto « esse segundo sol da gloria, que se não deita mais nunca. » Logo após a sua morte, Edmundo Scherer, o austero e avisado critico, escrevia delle que « não fôra só um genio, sinão um phenomeno » e Ernesto Renan que elle lhe « parecia creado por um decreto especial e nominal do Eterno ». Outro eminente critico, o Sr. Brunetière, cujas tendencias espirituaes seriam antes antipathicas que favoraveis ao genio de Hugo, não hesitára em chamar-lhe ao depois « o mais prodigioso lyrico de todos os tempos » e successivamente os Srs. E. Dupuy, Hennequin, Guyau, Faguet, Mabilleau, analysaram-lhe o genio e a obra, reconhecendo todos a sua absoluta superioridade como poeta. O vulgar dos criticos, entretanto, e os mesmos poetas que o imitavam e que das suas abundantes riquezas viviam, como em geral o commum dos leitores, lhe não descobriam sob a opulencia da imaginação e do verbo, na riqueza incomparavel das metaphoras, nem siquer na sua constante preoccupação dos problemas

eternos da morte, da immortalidade, do castigo, da liberdade, de Deus, nem um pensamento philosophico. Ao contrario, como que offuscados pela maravilhosa virtuosidade do poeta, pela assombrosa mestria do artista e, sobretudo, pela sua eloquencia, não souberam discernir nelle o pensador, o « Sonhador » poderoso, sinão o philosopho. Renan e Scherer primeiro, e outros ao depois, o presentiram, e agora o Sr. Ch. Renouvier, um dos mais illustres mestres da moderna philosophia franceza, o chefe respeitado do neo-kantismo em França, o descobriu de todo no volume que acaba de consagrar a Victor Hugo philosopho. Terminando o seu livro de Victor Hugo poeta, certamente um dos mais notaveis da critica franceza de hoje, o Sr. Renouvier escreve do poeta : « Sua grandeza, a despeito do que pensemos do que elle acreditou, imaginou ou cantou, é, como a dos Dantes, dos Miltons e de alguns antigos, independente das idéas que o inspiraram. Podemos desde já contemplar-lhe a estatua ideal, erecta na memoria dos homens do futuro, ao lado das estatuas daquelles genios, e muito acima das dos outros poetas da nossa lingua, porque elle agitou idéas mais profundas, deu uma admiravel fórma a mais altos sentimentos e creou uma lingua poetica nova. »

Para descobrir o philosopho, que outros ape-

nas entreviram, em Victor Hugo, era preciso primeiro descortinar no lyrico extraordinario, como fez o Sr. Renouvier, a qualidade fundamental do genio do poeta, e não ficar, como ficaram os melhores dos seus criticos, na admiração assombrada da sua phenomenal virtuosidade. Admira, entretanto, que aquelles que lhe comprehenderam e estimaram em grau eminente o lyrismo, não sentissem que a intensidade desse lyrismo, a sua profundeza, não era possivel, sem que no poeta houvesse um pensador. Aliás, sómente a contemplação dos seus assumptos o mostrava. Não póde com effeito pertencer á resumida familia dos grandes poetas, daquelles que sós mereceriam acaso esse nome, os Eschylos, os Dantes, os Miltons, os Goethes, os Shakespeares, os Camões, quem nao junte á imaginação poetica as capacidades geraes que fazem os philosophos. O que faz em summa o poeta, como o escriptor, é o pensamento intimo e superior da sua obra, a sua concepção do mundo e da vida, a sua interpretação ou theoria do universo. Sem isso, nao passará aquelle de um versificador, e este de um escrevinhador.

Estudando o pensador em Victor Hugo, não pretende o Sr. Renouvier nol-o dar como um philosopho á maneira dos autores de systemas philosophicos, nem as suas doutrinas, ou melhor as suas crenças e os seus sonhos, como uma

concepção systematica da vida e do mundo. Não é esta especie de philosophia que elle busca descobrir no poeta, e de antemão sabia que não a encontraria. Ao epitheto de philosopho, prefere em toda a sua obra dar-lhe o de *Songeur*, que nós traduzindo por Sonhador ficariamos fóra, ou aquem, do pensamento do critico, como vertendo por Pensador iriamos além. Afóra a sua persistente e sincera preoccupação dos mais altos problemas humanos, das questões de causa e finalidade, que só por si indica o philosopho, Victor Hugo tem um pensamento, uma crença, uma convicção, quasi uma doutrina, constante, através de todas as suas variações, do homem e da vida. « Elle, é incontestavel, *sentio* fortemente, diz o Sr. Renouvier, os problemas superiores da vida e do destino; fortemente, e melhor, ou mais realmente, que certos philosophos que se prezam de os ter *comprehendido* e resolvido. » Aos que lhe reprocham as variações, incoherencias e contradicções, observa repetidas vezes o critico que não ha philosopho isento das mesmas pêchas, a que nao escapa, podemos accrescentar, nenhum systema philosophico, por mais rigoroso que seja.

Dualista, manichêo, mytographo, pantheista, messianico, optimista e pessimista, cheio de fé humanitaria e de crença no progresso, Victor Hugo philosopho não chega jámais, sinão nos

pontos superiores da sua fé theista, humanitaria, progressista, da immortalidade da alma e da reintegração total da humanidade no seio da bemaventurança eterna, a unificar e uniformar o seu pensamento. Sem educação philosophica, mesmo sem uma cultura solida, Victor Hugo, á força de genio e de imaginação, chega espontaneamente ás grandes doutrinas philosophicas iniciaes, ao pensamento pythagorico do numero dominando o mundo, á these de Platão da desgraça do mau, ao dualismo gnostico e manichêo. A sua força creadora, ou descobridora, em poesia, como em philosophia é o seu « potente genio das personificações e das metamorphoses » que outr'ora produziu as religiões e mythologias e que lhe permittiu recrear alguma cousa similhante no seculo XIX. Mas nem lhe falta o « talento de analyse, de espantar em tão grande imaginativo ». Nos *Miseraveis*, ao qual Tolstoi dava no seu livro sobre a arte um dos primeiros lugares no romance moderno e que o Sr. Renouvier considera « muito acima de todos os outros romances francezes ou inglezes » deste seculo, além dos pensamentos mais bellos, mais profundos, mais verdadeiros, « encontra-se uma formosa reunião de qualidades oppostas de observação e de analyse, de generalização, de idealização dos caracteres; ao mesmo tempo bem vivos e elevados á altura de typos ».

Não me é possivel compendiar, mesmo perfunctoriamente, a analyse aguda e sagaz que do pensamento philosophico do poeta faz, percorrendo a sua obra em prosa e em verso, o philosopho francez. As suas conclusões, porém, são estas :

Que no espirito de Victor Hugo, em materia de modos geraes de determinação do juizo philosophico, falta apenas o methodo synthetico dos primeiros principios e das deducções ; « é sceptico, é mystico, e deixa-se levar ao desenvolvimento de theses conhecidas de um pantheismo, ora approximado pelo emprego dos grandes termos abstractos, ora afastado por uma poderosa inspiração ou naturalista ou moral das theses orthodoxas do infinito e do absoluto. Ignora os seus emprestimos e crê sempre pensar por si mesmo, porque recebe sempre uma impressão muito pessoal e presentissima. A impressão leva á duvida, ou mesmo á negação. Uma outra vem da alma e luta contra a primeira. Depois o pensamento mystico affirma o accòrdo das cousas que parecem excluir-se. O sentimento dominante nasce do reconhecimento de um dualismo do bem e do mal na natureza ; é um horror das realidades más, um terror á idéa de mysterios e das sombrias possibilidades da vida universal, uma esperança no futuro triumpho do bem. Todas as imagens que o

assumpto póde suggerir boiam na alma do poeta, e, uma após outra, parando, offerecem os quadros donde surgem em nós as impressões diversas e os sentimentos contrarios. E nesse ponto se deve achar a philosophia quando é ao mesmo tempo poesia. »

As oscillações do pensamento do poeta não impediam entretanto a doutrina de fixar-se em pontos essenciaes, embora os criticos não quizessem ver nella sinão themas de exercicios poeticos sobre assumptos mal escolhidos. Eram contrarias ao gosto do seculo as suas opiniões pessimistas da lei natural, as suas imagens de um negro realismo, a sua insistencia sobre os aspectos sombrios ou criminosos da vida humana. O dualismo, que dominava a obra, conduzia a duas idéas formalmente oppostas ás tendencias philosophicas da quasi totalidade dos pensadores racionaes do tempo; uma á quéda antiga da creatura : homem, animalidade e mundo ; outra á reintegração final dos seres após a expiação. Embora nao tenha Victor Hugo precisado didacticamente as suas soluções, nenhum leitor sério dos seus poemas duvidará que elle, contra o que sabia ser o espirito do seu seculo, cujos progressos tantas vezes se gabára de ter sempre seguido, quiz crer naquelles principios. Elle affirmou emfim sua crença na immortalidade da pessoa e na existencia do Eu em Deus em

termos bastante categoricos para não serem prejudicados por suas grandes amplificações pantheistas, nem pelas declarações do absoluto divino de outros lugares.

« Um rasgo inteiramente extraordinario do seu genio excedeu e espantou, desta feita e de parte as opiniões, o gosto dos seus contemporaneos, e se não poderia dizer que o espanto fosse para elles uma admiração sem mescla. É, no entanto, este rasgo que melhor caracteriza em Victor Hugo a fórma poetica da linguagem, sempre tomada ás relações vivas e pessoaes, afastada das relações abstractas e dos attributos das cousas mortas. O methodo das personificações, profundamente inherente á palavra, instrumento primordial e necessario á constituição de uma grammatica, despojou-se do *realismo*, que foi na origem uma crença delle inseparavel, e que fazia corpo com a mythologia e com a poesia primitiva. O habito se estabeleceu pouco a pouco no homem antigo de, numa porção de casos, não entender por nome e pronome, signaes essenciaes da *pessoa*, senão os signaes de uma *cousa*. Voltar ao methodo de personificação e leval-o tão longe de modo a podel-o tornar intelligivel por metaphoras, dando aos substantivos de ordem material attributos de vida, e aos adjectivos significações ou valores substantivos, segundo o processo dos antigos

mythologos, foi o que fez Victor Hugo por um instincto maravilhoso, que se lhe augmentou com a idade, e que concordava com a applicação do seu pensamento a concepções do genero daquellas que occupavam a imaginação dos antigos mythographos e dos primeiros philosophos. Este dom sagrou-o *poeta* em um sentido ha muito tempo perdido de vista, e ao mesmo tempo investio-o do caracter eminente de philosopho, impondo-lhe, porém, o emprego de um methodo symbolista e realista contrario ao espirito seccamente analysta do seu seculo. »

A justeza destas considerações, longamente demonstradas no decurso do livro, sente-se bem relendo o poeta, nas suas paginas mais caracteristicas, que são tambem as mais bellas. Então vê-se, segundo a observação argúta do Sr. Renouvier, que o mesmo gosto de Hugo « da antithese e o seu constante emprego, infatigavel e fecundo, tão caracteristico, é o producto de um sentimento dualista que governa o pensamento. Não seria o processo systematico de escripta poetica que poderia ter suggerido ao poeta tantas imagens maravilhosas e surprendentes tiradas da opposição das cousas. »

Elle, porém, não é só philosopho, embora o seja principalmente assim, á maneira dos magos, dos prophetas, dos creadores de mythos ou dos primeiros que tiveram sobre o mundo e

a vida uma concepção, um conceito, e que ainda a explicaram poeticamente, mediante personificações, metaphoras e processos mythologicos. Todos os altos e perpetuos problemas do universo moral o occuparam e preoccuparam. « Elle reivindicou e justificou o titulo de poeta na sua comprehensão antiga e na sua grandeza; por isso é seu genio agora menos prezado por uma escola impotente, mesmo na technica da arte, que tem desprezo pelo pensamento e indifferença pelo bem e o mal. Elle teve a constante preoccupação da existencia da dôr, que se conserva o movel da religião séria, e a questão essencial da philosophia, no tempo em que, para estes ou aquelles, a religião se tornou uma rotina, um sport, uma politica de padres, e a philosophia uma materia controversa de puras construcções intellectuaes; e teve o sentimento, já agora tão raro, do pensador primitivo, o deslumbramento ante o espectaculo da natureza. Dahi as idéas gnosticas, brotadas do seu intimo, a revolta do coração contra um mundo de dores, e as sombrias personificações graças ás quaes a philosophia e a poesia incorporam-se na cabeça deste mago, que se enganou de momento para apparecer. »

A theoria do Sr. Renouvier sobre o grande poeta, dá-nos talvez a explicação, do simples ponto de vista da critica literaria, de dous

factos talvez ainda obscuros : — Que tendo Victor Hugo tido tantos imitadores e discipulos, nenhum se lhe approximou siquer, nenhum logrou, sinão mal, e apenas na sua parte por assim dizer material, reproduzir a sua obra; e porque essa obra, vasta e profunda, amada e admirada, ficou a muitos respeitos incomprehendida, e continúa para muitas incomprehensivel.

A DOENÇA DA VONTADE

Oltre il Mistero, romanzo di Enrico Sienkiewicz, Milano, 1900.

Quo vadis, a maravilhosa resurreição da Roma de Nero, o penetrante estudo da infiltração do christianismo no mundo romano, tornou de repente celebre o nome de Henrique Sienkiewicz. Aqui mesmo já não é elle desconhecido. Na sua terra, a Polonia, é celebre e illustre desde 20 annos, antes que as traducções dos seus livros em todas as linguas cultas o fizessem um dos escriptores universaes do nosso tempo.

A desventurada Polonia se não accommodou ainda com mais de um seculo de servidão e de dominio estrangeiro. Violentamente desmembrada e repartida pela Russia, Prussia e Austria, governada despoticamente pelos seus senhores, tratada cruelmente sempre que a sua

constante velleidade de independencia procura traduzir-se em factos, administrada mais ou menos tyrannicamente pelos seus proconsules estrangeiros, vendo postergados os seus direitos, violadas as suas liberdades elementares, humilhados os seus filhos mais illustres, achincalhados os seus sentimentos mais caros, prohibida a sua lingua, perseguidos os seus patriotas, menosprezadas as suas tradições, os seus costumes, tudo o que fórma a sua vida moral, a Polonia, que outr'ora se estendeu como nação livre e soberana, desde o Oder ao Dnieper e do Baltico ao Mar Negro, conserva inabalavel e forte a sua vontade de ser, mesmo no seu captiveiro, e contra todos os processos brandos ou asperos de desnacionalização que contra ella empregam os seus dominadores, sinão uma nação, uma nacionalidade distincta. E como, segundo um conceito exacto, é a vontade collectiva quem, mais que a raça, a lingua, a religião, os costumes, a historia, faz as nações, só esse sentimento, profundo e vivo na Polonia, faz della, embora apenas virtualmente, uma nação. E com a perenne vontade de o tornar a ser de facto, ella, contra todos os vexames com que a affligem, não cansada, mas tornada impotente pela força dos seus senhores, ajudados do egoismo europeu, não faz mais revoluções, mas de facto luta sempre por conservar intacta a

sua nacionalidade, pela cultura de sua intelligencia nacional, pelo culto vivo, tanto interno, como externo, da sua lingua, das suas tradições, da sua historia. Contra este culto tem sido vãs todas as medidas de germanização, ou de russificação a que a sujeitam, por vezes duramente, os seus dominadores. A sua vontade não cede, e affirma-se, ao contrario, constante e segura. O orgão principal dessa vontade é talvez a literatura, e na literatura polaca contemporanea nenhum escriptor porventura a exprime melhor que Henrique Sienkiewicz. Mas não é só a literatura, no seu sentido definido, que cultiva na alma polaca o sentimento fixo da nacionalidade, o representa e o define, dando-lhe ao mesmo tempo, em uma lingua que cada dia aperfeiçoa e eleva, com dotal-a de obras primas, e affeiçoal-a a par das mais cultas da Europa, o verbo necessario e condigno á sua expressão.

A arte e a sciencia lhe são ministras neste officio, creando com ella uma cultura, um pensamento, uma intelligencia polaca. A producção espiritual deste povo reduzido a subdito austriaco, prussiano ou russo, desta nação, méra provincia da Austria, da Russia ou da Prussia, é na arte, na sciencia, nas letras incomparavelmente superior, não direi á nossa, mas á de nações independentes e soberanas da Europa.

E essa producção, alimentando espiritualmente os dezoito a vinte milhões de polacos sujeitos áquellas nações, mantèm nelles e propaga e proclama o sentimento persistente da nacionalidade polaca. Para comprovar que não ha na vida de um povo elemento mais vital que a literatura, comprehendendo nella todas as manifestações escriptas da sua intelligencia, já tinhamos o Hebrèo, vivendo da Biblia; o Grego, existindo pela sua incomparavel tradição literaria e artistica; o Portuguez, conservando o seu renome, graças a um livro, os *Lusiadas*; o Francez, decaido da sua supremacia politica, mas guardando pela preexcellencia da sua literatura a sua hegemonia espiritual; o Italiano, dominado por todos os conquistadores desde os Barbaros, mas dominando-os pela cultura latina ou do Renascimento, impondo por ella a admiração e a estima a todos, ganhando a sympathia e a veneração dos povos, servindo-se della como instrumento da sua liberdade e independencia; o Hespanhol, mantendo pela sua gloriosa tradição literaria e artistica um grande nome politico ou commercialmente acabado e contrabalançando com ella, em um conflicto recente, o prestigio de uma das mais poderosas, e certamente a mais extraordinaria das nações do mundo contemporaneo. Não menos alto exemplo é o Polaco, que do seu proprio

infortunio tira força e estimulo para crear-se uma literatura que seja a expressão viva delle proprio, dos seus sentimentos, das suas aspirações, da sua vontade, e a prova de que elle existe : *cogito, ergo sum.*

Para os seus compatriotas, Sienkiewicz é, quiçá, o representante mais eminente deste espirito da literatura polaca, como é, talvez, no dominio propriamente literario, o mais illustre dos Polacos vivos. Elle mesmo tem porventura consciencia de ser uma voz da Polonia. Quando, ha pouco, os promotores de uma petição de paz dirigida á Grã-Bretanha lhe solicitaram a assignatura, elle, negando-a em nome da Polonia mais opprimida que os Boers não o serão jamais pela Inglaterra, mostrava-lhes eloquentemente que essa obra de fraternidade e de paz, que pretendiam ir fazer tão longe, a estava reclamando ali perto um povo civilizado e de alta tradição européa, cuja terra se lhe tira comprando-a á força com o producto de um imposto especialmente a este fim destinado e pago por esse mesmo povo que se expolia, cujos filhinhos são castigados nas escolas si lhes escapa uma palavra na lingua materna, e cujas liberdades cada dia se restringem.

A arte, porém, não póde ser sectaria, não póde ser patriotica, não póde ser facciosa, não póde ser particularista ou mesmo nacionalista,

sem desmerecer. Legitima embora como expressão de uma sociedade ou de uma nacionalidade, para que não se apouque, precisa ser tambem geral e largamente humana. Sienkiewicz seria um escriptor secundario, ou sómente de valia para o seu povo, si apenas fosse um patriota de syntaxe e orthographia, que, com o intuito de exaltar o animo da sua nação, de consolal-a das suas miserias presentes, recordando as grandezas passadas, de adjural-a a conservar a esperança no futuro, puzesse por escripto as cousas do paiz que a isso lhe parecessem aptas. Elle é, porém, mais que um patriota; é um escriptor na mais nobre significação do vocabulo, um artista largamente humano. Por isso mesmo a parte da sua obra mais particularmente polaca, os seus romances historicos do passado da sua patria, tem a mesma generalidade e emoção humana que os de Walter Scott, de Manzoni ou de Tolstoi. O seu traductor e critico italiano, o Sr. Domingos Ciampoli, estimado escriptor tambem, diz delle excellentemente : « Estudado singularmente e no complexo da sua vasta obra, accumulada sem pressa e sem pausa, Henrique Sienkiewicz é uma alta, nobre e verdadeira indole de escriptor artista; a sua mesma aristocracia intellectual, porém, dá-lhe aquella sensibilidade pezarosa pela vulgaridade da vida, que parece

sorriso e é dòr. Trabalhador methodico e reflexivo, acha-se elle entre o espirito scientifico-historico e a consciencia moderna, como juiz e parte, e deve em arte ficar impessoal : de onde o seu pessimismo que, analysando, interpreta as fibras mais escusas do coração, sem achar remedio. A fé no triumpho do bem não lhe tira da alma os desassocegos, os temores, a certeza do mal. » *Quo vadis?* com ser talvez o mais perfeito romance historico dos ultimos trinta annos, não sei sinão um dos raros que nos podem reconciliar com esse genero meio hybrido, é um dos livros mais bellos da moderna literatura de imaginação; de uma psychologia mais segura, de uma representação mais exacta, de uma interpretação mais intelligente dos tempos, dos homens e das cousas, que a maioria dos livros similhantes que se lhe podem comparar ; um emulo da *Salammbô* de Flaubert.

Elle tem, em um grau não inferior talvez a Michelet, o dom da adivinhação do passado, que o nosso Herculano achava com razão ás vezes mais difficil que a do futuro. Esse dom, porém, o possue igualmente para a interpretação do presente e seu livro *Rez Dogmatu* : « Sem Dogma » em polaco, ou *Oltre il misterio*, segundo esta versão italiana, é um dos mais fieis e pungentes retratos de um canto da vida

contemporanea, do homem e da mulher que a vivem em certas condições, creadas por civilizações refinadas, que a literatura de hoje tenha feito. Que quizeram dizer o autor e o seu traductor, denominando um o seu livro *Sem dogma*, outro a sua traducção *Além do Mysterio*, sinão *Fóra da Crença?* Quereria quelquer delles significar a idéa vulgar e falsa, que fóra da fé religiosa e dos dogmas civís creados pela sociedade, o homem é sem governo, sem disciplina, sem virtude e sem força? Não, porque de facto nem o livro, nem o autor, tem nada de doutrinal, e este romance não é de modo nenhum moral no sentido commum desta qualificação. Nelle, segundo a interpretação do seu traductor, apenas quiz « espelhar a consciencia moderna sob um duplo aspecto, na « doença da vontade », e no chamado « malheur d'être femme », deixando quasi de lado as crenças religiosas e civís, sobrepujando qualquer dogmatismo, preoccupando-se mais da vida que dos caracteres ».

O livro finge-se escripto pela personagem principal do romance, que se nos reconta em um diario a si e ás suas aventuras e desventuras. O resumo deste singular sujeito é admiravelmente feito pelo Sr. Ciámpoli no prefacio biographico que poz á sua traducção. Limito-me a traslada-lo, abreviando-o ligeiramente.

Chama-se Leão Ploszowski; é nobre, rico, bello, tem uma esmerada educação escolar e mundana, vive uma alta vida de arte, de prazeres requintados, de gozos estheticos, com seu pai, velho fidalgo polaco, intelligente amador de archeologia e de arte, em Roma. Sobre elle pesa como que uma fatalidade que o faz parecer uma especie de phantasma sobre neve ornada de rosas, caçador astuto, que recolhe sempre com o sacco vasio, lutador que jámais se vence a si mesmo. Nascido, educado e vivendo como fidalgo até aos trinta e cinco annos, tendo faculdades extraordinarias, não consegue sinão destruir as suas e as alheias respeitaveis illusões. Não concebe a vida sem arte, mas não poderia consagrar á arte toda a vida. Vê horizontes vastissimos abrirem-se aos desejos das suas aspirações infinitas, mas reconhendo que o querer é uma sciencia, sente em si congenita a esterilidade, a improductibilidade da sua estirpe e igualmente profunda a sua incapacidade de acção, primeiro motivo do drama de que é victima. É una alma só, que gosta de contemplar o seu pensamento, considerando-se a si mesmo como o derradeiro fim da vida. Procura a verdade, mas esta achada não a sabe gozar pela impotencia de vencer os obstaculos que elle mesmo se cria. O mundo é, pois, para elle representação, não vontade. Faz das alegrias tristezas e vice-versa; só conclue

para discutir as conclusões, e cansa-se em contradizer-se, atôa. Sceptico não fica no scepticismo, atravessa-o, ultrapassa-o, sem saber nem querer libertar-se da necessidade de crer, da fé herdada, á qual desnatura sem destruir; a sua consciencia é como o seu coração, procura um além, mesmo em todas as manifestações da belleza, para a qual tem nervos finissimos, e intelligencia sensibilissima. No seu caminho encontra (depois das primeiras armas da juventude) tres mulheres; Laura, a belleza plastica, Clara, a belleza artistica, Angela, a belleza ethica, a Beatriz dantesca : goza uma, admira outra e ama a terceira, mas não sabe conquistar deveras nenhuma. A sua analyse destróe a fascinação da triplice belleza. É como um artista impotente para a creação. Não odeia a sciencia, ella, porém, não o aquieta; a sua synthese é « ignoro » e a sua divisa « não me acordem. »

Reconhecendo que o futuro será dos laboriosos, dos voluntariosos, acaso dos violentos, esmorece, entretanto, mais na agonia de toda a sua classe, que na sua propria, procurando um affecto, um refugio onde feche os olhos longe da vulgaridade da especie « homem ». Nelle, porém, não é isto o predominio do trabalho intimo, nem a sinceridade do sentimento, nem o abandono dos instinctos : é uma sorte de moral casuistica, de chimica mental, de ma-

thematica passional, de mecanica amorosa, que intriga, decompõe, combina, edifica, rue, deixando no espectador um sentimento de angustias e tremor não isento de surprezas comicas.

Está excellentemente feito este retrato de Leão Plozowski, segundo se descreve elle mesmo no seu diario. Não amo, ao contrario desestimo, os individuos desta especie, e a literatura que os representa. Ao envez do que elles mesmos pensam de si, da sua singularidade, da sua excepcionalidade, de que fazem uma excellencia, não os acho interessantes, sinão por um lado, que não é precisamente aquelle pelo qual se apreciam, ou os apreciam os literatos que os criam e põem em scena. O unico interesse que podem ter para mim é o de serem, quando o são, productos das mesmas condições sociaes, symptomas de um certo estado da sociedade a que pertencem no tempo e no espaço. Para merecerem, sinão estima, attenção é preciso ainda que sejam um producto genuino e sincero, sem superfectação, sem fraude, sem sombra de imitação. A imitação de fundo puramente literario e livresco, o snobismo, o cabotinismo têm por tal fórma falsificado e contrafeito esta feição humana, que precisamos acautelar-nos contra as fraudulencias della. O pessimismo, o scepticismo, a acedia da vida, o «nihilismo» moral, o mysticismo

de mistura incongruente com a descrença, um individualismo egoista, o culto de si mesmo, estão de novo em moda, como com o romantismo de 1830, nas almas ociosas e em certa literatura, cujo brilho e illusoria profundeza mal esconde já o que tem de caduco e ephemero.

Com toda a nossa caridade, nada nos é mais incommodo e desagradavel do que as lamurias de um doente imaginario ou real que nos enumera longa e minuciosamente os seus achaques, as suas dores, os seus padecimentos. Sinceramente não acho menos enfadonho o doente da vontade, da alma, do sentimento, o anemico sentimental, o enfermo de esthetica ou de ideal, que em vez de se tomar o pulso, ou olhar a lingua ao espelho, como o outro, se analysa em outra occupação morbida de si mesmo, para recontar-se ao depois. Demais, para tirar a taes sujeitos e aos livros de que sao heróes quasi todo o interesse basta-nos lembrar que esses individuos bem pouco pertencem á humanidade. Si não são meros casos pathologicos, como certas personagens de Ibsen e dos seus sequazes, e, portanto, mais do dominio da clinica que da arte, pertencem a porções muito restrictas da humanidade, e de motu proprio estão muito fóra della para nos poderem interessar : são aristocratas ricos, ou homens da alta vida enervados pela vadiação e pelo gozo, ou intellectuaes vai-

desos, perdidos pela adoração de si mesmos, gorados uns, outros inutilizados na literatura extravagante, ou na degradante bohemia.

O livro de Sienkiewicz não é daquelles em que eu pensava, escrevendo estas palavras. O seu heróe tem toda a sinceridade possivel; é, sinão sympathico, humano, interessante e digno de piedade, muito mais humano e interessante sem duvida que o de D'Annunzio nas *Virgine delle rocce*, por exemplo, e todo este romance doloroso está cheio de humanidade e de vida objectiva. A analyse é fina, intelligente, ás vezes profunda sem as subtilezas que me fazem alguns psychologos contemporaneos insupportaveis. Ploszowski é um homem, um doente da vontade, mas mesmo na sua doença, na sua irresolução, um homem, e ao redor delle vivem outras creaturas bem humanas. Ha mais que psychologia neste livro, ha vida, vida individual e vida social. Ha nelle pedaços de rara belleza de pensamento e de fórma, quadros de costumes, trechos de existencia, rasgos de intelligencia de peregrino valor. O repetidissimo thema do amor que o enche todo, renova-se nelle pela concepção e pela fórma, e a paixão tem nesse livro, quer em Ploszowski, quer em Angela, accentos de uma realidade pungente, verdadeiramente humana na mesma vulgaridade do desejo sensual em que repousa, nos calculos egoisticos e

miseraveis que a propria paixão não evita. Sómente esta de Ploszowski não é commum, mesmo entre aquellas de que está cheio o romance, porque o coração delle busca alguma cousa além do segredo da vida e do amor, e morta a mulher amada que elle não soube fazer sua, vai procural-a além nas regiões obscuras da morte. « Crês, pergunta-lhe ainda na ultima pagina do seu diario, que me não atemorize morrer? Oh não; tenho medo da morte. Ignoro o que é o além : não vejo sinão treva sem fundo e tremo com calafrios em frente de tal abysmo. Não sei si é o nada, ou qualquer fórma de existencia fóra dos limites de espaço e de tempo, ou em summa um sopro interplanetario, que levando as nossas almas de estrella em estrella, as inicie para novos destinos. Não sei si acharei ahi o eterno desespero ou o repouso eterno, absoluto, infinito como a omnipotencia e a omnibondade divinas.

« Mas si tu morreste entre as duvidas crueis que me torturam, como poderei sobreviver-te?

« Assim, pois, quanto mais medo tenho, e quanto mais pavorosa é a duvida que me afoga, tanto menos te posso deixar sósinha ahi, minha Angela!

« Ou nos abysmaremos no nada, ou seguiremos juntos na mesma via eterna... « E aqui, onde tanto havemos soffrido, reine ao menos o silencio sobre os nossos tumulos. »

A LITERATURA DE GABRIEL D'ANNUNZIO

Il Fuoco, di Gabriele d'Annunzio, Milano, 1900.

São desencontradas e incoherentes as impressões que a leitura deste livro me deixou. Custa-me ainda a coordenal-as. Não sei si poderei dizer, com precisão e segurança, a sensação final que della me ficou. Sinto, porém, mais do que comprehendo talvez, que, em definitiva, esse sentimento é de ordem puramente esthetica, estreitamente literaria, mesquinhamente intellectual. Um goso de literato, não de homem, em que o espirito, no que elle tem de melhor e de mais nobre, quasi não tem parte, si alguma tem. Sinto que o que mais admiro nelle, sinão o que sobretudo nelle me impressiona e commove, é a fórma e a emoção apaixonada que ella reveste. A fórma, porém, percebo que é, na sua maravilhosa plasticidade, com todos os seus

encantos musicaes, na sua voluptuosidade harmoniosa, no seu colorido dos mestres venezianos, a maneira rebuscada, desnatural, intemperante de todos os artistas de decadencia, em que a demasia dos ornatos, o exagero dos epithetos, a procura dos effeitos verbaes, a coloração violenta, o abuso das comparações, das imagens e das metaphoras, a novidade, mais que a verdade dos conceitos, substituem a correcção, a pureza, a sobriedade, a discrição, a simplicidade, sem exclusão da força e da graça, da eloquencia e da poesia, dos mestres da litteratura e da arte. Lêde e comparai a allegoria de Veneza e do Outono, discurso de Stelio Effrena, no antigo palacio dos doges, neste livro, e a *Oração na Acropole* de Renan — dous trechos mais ou menos do mesmo genero, e que se podem confrontar — e sentireis a differença entre as duas artes, das quaes uma será sempre, creio-o eu, a grande arte e outra o artificio das épocas ou dos individuos em quem a imaginação sobrepuja a razão.

A emoção de d'Annunzio é toda e puramente sensual. Elle está na vida como numa alcova de goso perenne, mas que lhe não basta. É um insaciavel. Não ha no mundo, na natureza, na mulher, no amor, na arte voluptuosidades que o satisfaçam. A vida, na sua complexidade, tambem sómente sob o aspecto da voluptuosidade

lhe apparece. Stelio Effrena, o seu heróe, que é elle proprio e sem disfarce retratado, é um sensual mesmo nas suas relações fraternaes. Fala de sua irmã querida, gabando-lhe as fórmas, as suas lindas mãos e os seus bellos olhos, como um amante falaria da amante. Dando-se sempre por um latino, regenerador da força espiritual da raça, seu arauto esthetico, preoccupa-o incessantemente a Grecia. É evidente que se sente grego. Creio que se interprete mal. A sensualidade, dominante do seu temperamento literario, o amor do goso illimitado, completo e complexo, é menos grego que romano e italiano. Romano da decadencia, de que Petronio seria um exemplar, e de que sob o aspecto do sensualismo literario, os Catulos, os Tibulos e os Propercios, e ainda os Ovidios e os Horacios, seriam os precursores; e Italiano da Renascença, como os Medicis, como um Leão X, o Papa artista, incréo e dissoluto, como Æneas Sylvius, ao depois Papa Pio II, autor de um romance erotico, mesmo pornographico, como Angelo Policiano, o poeta predilecto dos Medicis, Lourenço o Magnifico, o poeta pagão como Lucrecio e já voltaireano tres seculos antes de Voltaire, como Leonardo de Vinci, como o Perugino. Como todos elles, sem excepção dos Papas e dos Cardeaes, d'Annunzio é um pagão sensual, e a sua arte pagã e sensual.

Dessa arte, por não sei que aberração de espirito, pretende elle fazer o ponto de partida de uma renovação latina, e houve um escriptor, francez, o Sr. de Vogüé, para lhe admittir e preconizar a immodesta pretenção. O que a desculpa em d'Annunzio é que não ha nelle um homem de raciocinio, senão um puro estheta, e que o conjunto das suas idéas é uma mistura incongruente de Nietzche, de Ruskin, do Sâr Peladan, de Metterlink, que por vezes, como já lhe provaram, copia mui desembaraçadamente. O *Fogo* é um livro nietzchessiano, com idéas de Ruskin e de Wagner. Este apparece no livro, e é causa de uma grande inconsequencia do autor. Apparece primeiro, em nome, numa palestra de artistas. Um dos esthetas do sequito de Stelio Éffrena pronuncia com louvores o nome do mestre allemão. Stelio intervem, acudindo á pergunta do outro si não admira o obra de Wagner : « — A obra de Ricardo Wagner funda-se no espirito germanico, é de essencia puramente septentrional. A sua reforma tem alguma analogia com a tentada por Luthero. O seu drama não é mais que a flôr suprema do genio de uma raça ; não é sinão o compendio extraordinariamente efficaz das aspirações que fatigaram as almas dos symphonistas e dos poetas nacionaes, de Bach a Beethoven, de Wieland a Gœthe. Si imaginarmos a sua obra

ás margens do Mediterraneo, entre os nossos claros olivaes, os nossos esbeltos loureiros, sob a gloria do céo latino, a veremos empallidecer e morrer. Pois que, segundo elle mesmo disse, ao artista é dado ver brilhar com a perfeição futura um mundo ainda informe e gosal-o propheticamente pelo desejo e pela esperança, eu annuncio o advento de uma arte nova ou renovada que, pela simplicidade forte e sincera das suas linhas, pela sua graça vigorosa, pelo ardor do seu espirito, pela só potencia das suas harmonias, continue e corôe o immenso edificio ideal da nossa raça de eleição. Glorio-me de ser um latino, e reconheço um barbaro em todo o homem de sangue diverso. » E continúa pondo acima de Wagner o maestro italiano Claudio Monteverde, e muito acima dos seus dramas, quanto á inspiração grega, as locubrações dos artistas eruditos da Renascença. Depois desta profissão de fé, que reduz Wagner a um grande artista germanico isto é, que o apouca a um genio puramente nacional, encontra-o Éffrena, e cheio de veneração, de adoração e humildade, presta-lhe serviços, como um bonzo os prestaria ao seu budha. Wagner tivera um deliquio na rua. Éffrena e amigos que ali estavam com elle na contemplação reverente do grande homem, se lhe offerecem á esposa augustiada para levarem-no á casa. E diz d'Annun-

zio : « Elles supportavam nos seus braços o peso do Heroe, carregavam o corpo desfallecido d'Aquelle que diffundira no mundo o poder da sua alma oceanica, a carne perecivel do Revelador que transformara em canto infinito para a religião dos homens as essencias do Universo. Com um calefrio ineffavel de espanto e de prazer, como o homem que vê um rio precipitar-se de um despenhadeiro, um vulcão abrir-se, um incendio devorar uma floresta, como um homem em face de uma força natural que se manifeste de improviso, e irresistivel, Stelio Éffrena sentiu em sua mão, que aguentava o busto, passada sob a axilla... palpitar o coração sagrado. »

Reparai, no primeiro trecho trasladado, aquelle annuncio « do advento de uma arte nova ou renovada. » Não ha enganar-nos, aquella arte é d'Annunzio, sob o nome de Stelio Éffrena, quem a vai crear. Este seu livro, *O Fogo*, não é sinão o programma dessa creação, a elaboração da obra no espirito do artista, o esboço e a exposição da sua esthetica. Sómente essa obra, e toda a sua obra, fulgurante, luxuriosa, magnifica, como os paços de um principe da Renascença, não tem todos os signaes da arte nova annunciada, e, sobretudo, não os tem, ou apenas os tem, nos seus aspectos exteriores. Falta-lhe a Vida, a vida na sua totalidade e

complicação, falta-lhe humanidade. A maior parte della, os seus livros mais caracteristicos, são creações fóra da vida e núas de piedade. Puro estheta, mas não á maneira de Ruskin, que era sobretudo um homem, d'Annunzio, como os fidalgos-artistas do Renascimento, é um gosador de arte, de belleza, dos aspectos simplesmente estheticos da Vida. « Seguir o impulso do meu coração, obedecer ao meu instincto, executar em mim a voz da natureza ; eis a minha suprema e unica lei, « repete o seu Éffrena com Siegfried. A dor humana, a não ser a só dòr do amor, ou a sua propria, não existe para elle; no seu esforço, na sua preoccupação dominadora e personalissima de « crear com alegria », tudo submette ao seu egoismo feroz. É de ver neste romance como tudo deve concorrer em volta delle, as cousas e os homens, as paizagens e os monumentos, como servos humildes e prestadios, á gestação, á elaboração, ao successo da sua obra. Essa mesma mulher que ama, a actriz Foscarina, ama-a apenas como um instrumento, « alguma cousa que lhe excitava o desejo ». E diz-lh'o num ardor de paixão, ao mesmo tempo impudente e ingenuo : « Tu és a minha voluptuosidade, o meu excitante. Ha em ti uma força estimuladora, da qual tu mesma não tens consciencia. O mais simples dos teus actos basta para revelar-me

uma verdade que eu ignorava... Era necessario que eu fosse livre e feliz na verdade do teu amor inteiro para crear a bella obra, tanto esperada por ti. Preciso da tua fé, preciso de gosar e crear. A tua presença sómente basta para dar ao meu espirito uma incalculavel fecundidade. Ha pouco, quando me abraçavas, senti de subito passar no silencio uma torrente de musica, um rio de melodia... » Declarações similhantes, crueis ao amor de uma mulher de genio e de paixão. que elle nos pinta numa especie de *leit-motive*, « como envenenada de arte, cumulada de saber voluptuoso, com o sabor da madureza e da corrupção na boca eloquente, com a aridez da febre vã nas mãos que espremeram o succo dos fructos enganosos, com os vestigios de cem mascaras no rosto que simulára o furor das paixões mortaes », repetem-se a cada passo. E este egoismo implacavel, proprio aos gosadores, confessa-se cynicamente em frases como esta : « eu não sei falar sinão de mim ». Emfim, o livro é o triumpho do eu e a obra de d'Annunzio o evangelho insolente do egotismo, e por isso immoral. Já lh'o disseram na sua patria, na geral reprovação que este romance mereceu.

Si a literatura e a arte são apenas um divertimento do espirito, um goso de amadores, concedo que uma e outra nada tenham a ver com

a moral. Si, porém, são, o que me parece incontestavel, um orgão da sociedade humana, manifestações naturaes da sua vida, do seu sentir, do seu pensar, do seu querer, é tão impossivel separar da arte e da literatura a moral como separal-a da mesma vida que exprimem e definem. Não fora isso, que valor teria a literatura? O mesmo que do ponto de vista da arte, têm as obras dos curiosos cheios de paciencia e habilidade manual. O que eu chamo moral na arte é a sua correspondencia com a vida social, já que a arte é eminentemente social. O que faz que a obra de arte seja moral ou immoral é o interesse humano, a sympathia, as emoções sociaes que ella contém ou desperta, e ainda o grau de verdade ob ou subjectiva que nella ha. Neste sentido um livro para meninas de primeira communhão póde ser immoral, e um livro de amor póde ser moral. E é neste sentido que, não só *Il Fuoco*, mas em geral a obra de d'Annunzio, é immoral. Nella se não realiza « o connubio da Arte com a Vida », de que elle falla, a menos que não limitassemos a vida aos sós aspectos que nella interessam os esthetas da sua casta. Muito mais vida e arte, no grande e verdadeiro sentido desta palavra, ha em todo o romance moderno dos mestres do genero, francezes, inglezes, allemães, russos e italianos, que na obra de d'Annunzio. Demais, casar a Arte

á Vida, não póde constituir um programma de renovação literaria ; é apenas e foi sempre, em todos os tempos e lugares, o fim da literatura e da arte. Sómente variaram, e continuarão a variar, os modos de realizal-o. São essas differentes maneiras de conceber e praticar tal união, conforme o espirito da época e o genio da raça, que fazem os diversos periodos e escolas literarias e artisticas.

Um dos mais reputados escriptores italianos, amigo e admirador de d'Annunzio, o Sr. Henrique Panzzachi, dirigiu-lhe pela *Nuova Antologia* uma carta aberta, em que, póde-se dizer, pelo que sabemos da impressão produzida por este livro na Italia, compendiou o sentimento italiano sobre elle. Tem um grande valor literario, e, sobretudo, de symptoma de uma reacção contra a literatura immoral e sensual de que é d'Annunzio o mais eminente mestre, essa carta, de que lastimo não poder transcrever sinão poucos trechos :

« Quer tu me creias quer não, asseguro-te que o teu Stelio Éffrena — diz Panzachi — tem em si alguma cousa que não é só immoral, mas odioso e inesthetico : a sua horrorosa gabolice, que não deixa treguas ao leitor, excedendo tudo que nos mostram de mais extravagante na especie os typos mais famosos da nossa velha comedia. Todos elles apagam-se diante de Stelio...

Um sopro de enfatuação morbida, surgindo do seu cerebro, atravessa toda a acção, transfigura os lugares, deforma as personagens accessorias, põe em toda a parte uma exageração e uma falta do equilibrio insensatas. A cada pagina não enxergamos sinão a sombra monstruosa deste Stelio, julgando ter nas mãos « as forças primordiaes das cousas. » Enche-o todo o seu sonho de dominação universal; e tu proprio, que nos falas por sua boca, pareces como elle cheio do mesmo sonho. Em face dos grandes quadros da natureza e das maravilhas da arte, em presença da mulher que ama e que se sacrifica ao contacto proximo da dor e da morte, teu « senso dionysiaco » parece não saber recolher e exaltar sinão o que se refere á « cultura » de ti mesmo e do teu prazer... E, entre nós, si queres que recomecemos a tomar-te a serio, deixa em paz a nossa raça latina, que agora te offereces para reconfortar e rejuvenescer. Deixa em paz a nossa velha raça, ó poeta do prazer!... Crê, não é com drogas da pharmacia de Zarathustra que poderá a civilização latina recobrar a saude e a mocidade. »

O rasgo final descobre aquella incongruencia, de que falei atrás, do pensamento esthetico de d'Annunzio. Elle, o presumido apostolo da regeneração latina, o philaucioso que declara barbaro tudo o que não é latino, e que do velho

fundo latino e grego quereria tirar os elementos da sua reforma, não é senão um discipulo mal aproveitado dos « barbaros », R. Wagner e Nietzche.

Aliás é uma idea pueril, e de um simples literato vaidoso que não avalia a limitada potencia das suas faculdades, essa da regeneração de uma raça como a latina, se ella precisa de regeneração, mediante romances e dramas. E a decadencia dessa raça — se ella está em decadencia — acharia justamente uma prova, ou ao menos um symptoma, nessa literatura immoral no fundo e sensual na fórma, nessa literatura deshumana.

Tal literatura, que é a de d'Annunzio e da qual é elle certamente o escriptor mais notavel, inspira-se de uma esthetica, sobre mentirosa, anti-social, pretendendo ser a literatura do « pro-homem », segundo a concepção extravagante e insana de Niëtzche. É uma arte de « entes de razão », como se dizia na velha philosophia, sem vida real, creaturas ficticias a que nem o genio de um d'Annunzio consegue dar mais vida que a dos bonifrates de uma fantasmagoria. Não são creaturas, e nem conseguem ser typos. Alguns são bellos, explendidos mesmo, como as virgens dos Rochedos, de uma poesia magnifica como a dos contos de fadas, mas tem apenas a vida brilhante e pas-

sageira das personagens de magica. Crear uma arte só de aspectos exteriores, gerada pela « só potencia das suas harmonias », mesmo quando se possue essa faculdade no grau em que a tem d'Annunzio, é uma dessas tentativas que frizam a insanidade espiritual, e sáem do mundo real, onde, sómente, a arte é possivel.

Mas contra essa literatura malsan começa em toda a Europa a reacção. Não sei si não será o prestigio da melodiosa lingua italiana, não sei si não será a mesma mestria do escriptor que a domina e governa a seu talante, do poeta que só elle, como o seu Stelio, « sabe dizer o indizivel », e sob cuja penna o verbo se faz plastico como um marmore que fosse molle, ou ainda si não será o fulgor da imaginação accesa do « animador », do « revelador », como os socios de Éffrena lhe chamavam, que nos commovem na leitura de um livro como o *Fogo*. Mas, em mim ao menos, essa sensação é toda externa, dos sentidos apenas, mal interessando a intelligencia, e repugnante ao sentimento. Foi inteiramente outra, e diversa, e funda e sã, a que me deixou, por exemplo, a *Resurreição* de Tolstoi. E nesta ingenua e sincera impressão está, como o posso dizer, o meu pensar do novo romance de d'Annunzio e da sua arte, poderosa e fascinante, sem duvida, mas tambem artificiosa e deshumana e, portanto, caduca.

O FEMINISMO NO ROMANCE

Les Vierges fortes Frédérique, par Marcel Prévost, Paris, 1900.

Não podia ser longa, nem forte, a existencia de uma arte que, sem verdadeiro ideal social e humano, não assentava tambem na realidade e não apontava sinão ao contentamento de caprichos estheticos individuaes ou á realização de uma belleza puramente subjectiva. Que a reacção de que ella — chamem-lhe symbolismo, decadentismo, esthetismo, ou como quizerem — foi orgão, era legitima, se não duvida mais; que se excedeu nella, como de regra acontece a todas as reacções, é incontestavel; que deixou resultados apreciaveis e bons, já é facil e perfeitamente verificavel. Deixou digo porque a nova escola ou movimento literario, conhecido por aquellas vagas e defeituosas denominações, começa, mal chegado ao seu apogêo, a perten-

cer ás cousas findas. O que em França, por exemplo, que é a nossa instituidora literaria, havia de melhor entre os escriptores, poetas, artistas da nova escola, se emancipou já dos cenaculos e vive, como a borboleta saida da larva, de todo o meio ambiente e por si proprio. Voam livres e livremente escolhem, em flores varias, o nectar que as ha de alimentar. O seu exemplo, symptoma do desbarato da escola, mais uma vez confirma a inanidade das pretenções das seitas literarias a um canon unico e definitivo, opposto ao criterio geral da arte, assente primeiro na mesma natureza humana, depois na evolução da propria arte, por seguramente perto de seis mil annos.

A ephemera duração, e de facto mesquinha influencia, dessa tendencia ou, se quizerem, escola esthetica, a sua mesma imprecisão e indefinição, e mais, a sua limitação, a esphera acanhada do seu desenvolvimento, são mostras sufficientes do que nella havia de errado e caduco. É cedo ainda, reconheço, para se lhe fazer o inventario, do qual aqui, por exemplo, direi de passagem, se não apuraria nada. Nenhum dos movimentos literarios europeus que no Brazil tiveram repercussão foi numca tão esteril e vasio como esse. Delle podemos já, e com segurança, affirmar, não ficou e não ficará uma obra. Mesmo o que havia de mais notavel

e caracteristico em a nossa literatura, o nosso lyrismo, elle de facto o diminuiu e amesquinhou. A razão é que foi aqui um acto de pura imitação deliberada, sem a comprehensão das causas e motivos que o suscitaram lá fóra, e imitação. quasi estou em dizer macaqueação, canhestra e indiscreta, sómente da fórma, das modalidades exteriores, do que no estrangeiro, sobretudo em Portugal e em França, se estava fazendo, sob aquellas varias alcunhas. Acolá deve-se-lhe a reintegração da idéa na poesia donde a tinha quasi banido o parnasianismo esgotado. Ainda aqui é quasi o unico effeito util que se lhe poderia, com alguma boa vontade e muito esforço descobrir, mas não tanto nos poetas que se dizem seus alumnos, mas nos independentes e até adversarios da escola, como os Srs. Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira, na sua maneira ultima. Na pintura alguns artistas privilegiados, quer na Inglaterra, quer na Allemanha, quer em França, contra a mesma natureza e destino da sua arte, substituiram o sentimento, a expressão das emoções, por idéas. Mas não só esses artistas precederam á systematização da esthetica da escola, que os quiz á força incorporar, mas a sua obra, no que ha nella de são e duravel, é apenas o producto do seu peregrino talento pessoal, si algumas vezes em correlação com aquella estheti-

ca, muitas mais em contradicção com ella.

É sabido que as tendencias philosophicas e sociaes mais diversas, e até mais oppostas, desde o mysticismo catholico até o anarchismo politico, se misturaram nella, enfraquecendo-a. A situação mental da sociedade contemporanea, tão multiplicada, sinão tambem profundamente diversificada, não permitte aliás o dominio, ou siquer a existencia de uma escola, ou theoria exclusiva e dominadora em arte. O sempre crescente progresso do individualismo tambem a não consente, e a pouca duração e a limitada influencia da novissima esthetica, sendo provas disso, não têm certamente outros motivos.

Duas causas a esgotaram cedo, a falta de verdade, si não tambem de sinceridade, e, com o abuso do individualismo, a falta de humanidade. Si é certo que uma das suas varias correntes era social e humana, essa, sobre não ser a mais consideravel, não estava precisamente nos seus principios. Derivava directamente do naturalismo e inspirava-se menos de theorias estheticas, quaesquer que fossem, que das doutrinas sociologicas dos partidos ou escolas revolucionarias. Ora, em que péze ao artificial movimento espiritualista ou idealista dos ultimos quinze annos, do qual foi o symbolismo ao mesmo tempo um factor e um producto, não diminuiu o nosso gosto da verdade, nem a nossa

sède de justiça e de humanidade. O enorme e merecido successo do romance russo — que nada tem de commum com a doutrina symbolista, que é profundamente realista e humano, verdadeiro e luminoso, positivo e claro, — não tem outra causa que haver satisfeito aquelles sentimentos. Emquanto os problemas sociaes e as questões moraes se tornavam cada vez mais presentes e instantes, os esthetas da escola, agarrando-se ás suas òcas theorias e ás suas formulas vans, recolhiam-se á torre de marfim, onde cultivavam numa inutilidade devota, a chinezice vasia da arte pela arte, a flor descolorida e sem perfume de sua metrica extravagante, a sua lingua superornada e gongorica de escriptores de decadencia e, sobretudo, o seu eu, apalpando-se, como os insupportaveis Goncourts do *Diario*, as pulsações das suas arterias, analysando a genesis e o desenvolvimento dos seus proprios sentimentos, narcisando-se no espelho do seu morbido egoismo, fazendo em fim de si o centro do universo e das suas fantasias de impotentes — qualquer que fosse o seu talento profissional de escriptores e poetas — o criterio superior e definitivo da arte. Tem a seu respeito inteiro cabimento a justa observação de um eminente philosopho : « a arte, tão apropriada a desenvolver os instinctos sympathicos, póde directamente suscitar o mais

abjecto egoismo, provocando uma inteira indifferença social, nos que puzeram a sua principal ventura em apreciar os sons ou as fórmas. » Em taes artistas se podia notar o que o mesmo pensador chama « a deploravel aptidão de exprimir o que se não sente, nem crê ». Não será talvez este o caso de um Huysmans, por exemplo?

Contra as tendencias, não só malsans mas erradas, desses artistas e da sua arte, acanhada na sua inspiração, estreita no seu alcance, e até fallaciosa na sua expressão, entra a fazer-se pronunciadamente a reacção. Notámol-o ha já um anno, nestes mesmos estudos, e, com grande satisfação, vemos confirmada nos factos literarios e pela critica européa o nosso reparo. Mesmo dentre os jovens escriptores pertencentes ás novas escolas ou tendencias literarias saem os reactores. O que o symbolismo — para reunir nesta vaga denominação taes tendencias — renovou — e sempre, não ha negar, alguma cousa renovou — na plastica, na poesia, na arte da linguagem escripta, o que augmentou de finura e delicadeza na analyse psychologica, na agudeza da nossa sensibilidade, começa a servir a misteres mais altos, não duvido dizer mais uteis, pois são mais sociaes e humanos, que a só cultura esthetica individual e a exclusivamente formal cultura

da arte. Ao puro dilettantismo literario succede, ou melhor, segue, uma literatura mais viva e mais interessada na vida, mais humana, mais social.

E é da mesma França que vem a reacção, e della devia vir, pois a sua literatura é eminentemente social. Nem ali se interrompeu effectivamente a longa e gloriosa tradição da sociabilidade das suas letras; apenas uma tendencia erronea pareceu dominar algum tempo e alguns espiritos. A tradição da literatura franceza segue pois de novo com os novos romancistas, poetas e dramaturgos preoccupados como os seus antapassados da vida e do homem. A mesma rara sociabilidade franceza, os seus habitos, geraes em todas as classes da população, de benevolencia, de facilidade de acolhimento e de relações, o seu espirito de condescendencia e de contentamento, imprimem ás suas observações, aos seus pensamentos e sentimentos certa superficialidade (*glissez, n'appuiez pas* é um preceito francez), que os faz recobrir de elegancia, de finura e de graça os mesmos aspectos tragicos da vida disfarçando-os ou amortecendo-os, mas nem por isso a literatura franceza, que tão bem exprime aquellas feições do caracter nacional, deixa de ser por excellencia uma literatura grandemente social e representativa. Sómente póde-se, talvez sem injustiça,

arguil-a de ser mais social, isto é nacional que humana, e especialmente representativa da mesma França. Este defeito, si defeito é, basta porém para corrigil-o ou attenual-o, considerar que a França é, eminentemente, pela sua larga influencia social e mental sobre toda a humanidade, um centro humano. Num paiz, como ella, cuja literatura teve por qualidade predominante a sociabilidade, não poderá jamais vingar o puro dilettantismo literario; não lh'o consentem as preoccupações sociaes de toda a ordem que lhe tomam o espirito e que ali se reflectem sempre na sociedade, não só politica, mas mundana. Póde ser essa reflexão attenuada, e de facto em regra o é, pelos seus mesmos habitos de civilidade e policia, mas nunca deixa de operar-se e de influenciar a literatura que é, acolá mais que em outra parte, porção integrante da sociedade. A superioridade incontestavel da literatura franceza está justamente na profuuda habilidade com que ella, sem sair da natureza da arte, soube alliar a inspiração social com a composição literaria, soube ser humana, social, mesmo politica, sem deixar de ser literatura, sem sacrificar a arte á prédica, sem cair no sectarismo, sem se amesquinhar no partidarismo, no espirito de facção ou no proselytismo.

Em outras literaturas, como a ingleza, a

allemã, a russa, a ficção em prosa, o drama e o romance, terão visto mais fundo os problemas sociaes, os haverão encarado com olhar mais attento e seguro e representado com mais austeridade e efficacia, mas nem sempre conseguiram escapar áquelles defeitos, e a sua arte a viciou frequentemente o mesmo ardor das convicções dos seus escriptores. A suprema arte, pois, ao menos segundo a concepção que nos vem dos gregos e latinos, fica sendo a franceza. Não possuindo uma originalidade forte e saliente, antes compendiando todas as correntes sentimentaes do mundo, pulindo-as, educando-as, disciplinando-as, as letras francezas, pelas suas virtudes intrinsecas de clareza e de raciocinio, são o resumo mais acabado e perfeito da vida espiritual e humana. A reacção que nellas se faz neste momento contra o dilettantismo literario, vem ao mesmo tempo do seu proprio fundo social e da influencia de literaturas exoticas e impregnadas de humanidade que, como em todos os tempos aconteceu, sobre ella agem.

A critica franceza, aliás, já notou esta reacção, recebendo-a com applausos e os ultimos productos da novellistica e do theatro francez são documentos della. Eis aqui, como exemplo, de fóra parte o valor da obra, o Sr. Marcel Prevost, o autor das *Lettres de femmes* e das *Demi vierges*, o psychologo e o pintor dos cos-

tumes e vicios femininos, com um romance em que é exposta e discutida a questão do feminismo. O feminismo é um producto genuinamente anglo-germanico e, posteriormente, slavo. Em França, onde aliás a mulher, ao menos a mulher de salão, teve sempre tão grande influencia na sociedade, nos costumes, nas letras e na mesma politica, o feminismo é um producto de importação. Não discutirei si esta foi ou não legitima, determinada ou não pelas necessidades sociaes. Baste-nos o facto de saber que o feminismo entrou em França e fórma já ali uma feição consideravel da questão social. Não só resistiu á *blague* franceza, mas conquistou o apoio de intellectuaes de toda especie, romancistas, poetas, dramaturgos, publicistas, philosophos, scientistas. E em França, *ce que femme veut Dieu le veut...*

O feminismo, isto é, a reivindicação pelo sexo desdenhosamente chamado fraco e amavelmente chamado bello de direitos iguaes aos do homem, a sua insurreição contra o que um escriptor francez chamou *la loi de l'homme*, a sua reclamação de um lugar no mundo, perfeitamente igual ao do homem, é apenas um capitulo da questão social, ou, si preferem, das questões sociaes que não só occupam e preoccupam, mas dominam o nosso tempo. Repousa em dous presuppostos, cuja exactidão não dis-

cutirei : a violencia, a tyrannia do homem para com a mulher, e a igualdade organica dos dous sexos. Desta deriva a conclusão que só pela força de costumes, leis, instituições creadas pelo homem em seu beneficio e contra a sua companheira, é esta violentamente mantida na sujeição — as feministas dizem mesmo escravidão — em que jaz. E contra ella revoltam-se. Para competir com o seu tyranno, estudam, fazem-se sabias, literatas, jornalistas, artesans, artistas, mecanicas, medicas, advogadas, reclamam os mesmos cargos e profissões que os homens, emulam com elles nas academias e nos comicios, rivalisam-nos na vida pratica e activa do commercio e da industria, querem concorrer com elles para todas as funcções que elles até agora monopolizavam. Mas si nesta luta nova e aspera para um sexo cuja tradição e educação, sinão cujo organismo, parecia incapacitar para ella, um grande numero dellas conseguia insexualizar-se, perdendo a graça, a delicadeza, o encanto, que o fizeram até aqui precioso ao sexo inimigo, muitissimo maior era o numero das que, cedendo á força inexoravel de attracção que compelle um sexo para o outro, esquecendo o seu programma e as suas reivindicações, se deixavam prender dos « doces laços do amor » o reentregavam os adoraveis pulsos ao duro grilhão masculino. Deserção e

escandalo, contra que era preciso prover. E então surgiu no campo feminista uma nova idéa, a da creação artificial da Virgem forte, da nova Eva, da mulher insexual, vencedora, pela vontade, dos instinctos da especie, dominando o homem pela repulsa de unir-se a elle, igualando-o pelo seu esforço mental, pela sua completa independencia delle. É este o assumpto do Sr. Marcel Prévost nas suas *Virgens fortes*. Nao analysarei, nem o livro, nem a these. Sobre ambos haveria bastante que dizer; eu apenas quiz chamar a attenção para a renovaçao da arte social franceza, de que este livro e os ultimos dos Rosny, de Bourget, de Ed. Rod, de poeta Gregh e de outros são testemunho.

Não seria occasião de notar como, no movimento geral da arte humana e social, a nossa permanece sem caracter nem significação? Os creadores e primeiros cultores da nossa literatura, fizeram-na ao menos nacional, representativa dos nossos aspectos exteriores, da nossa paizagem, dos nossos costumes, mesmo da nossa vida, sob a sua feição pitoresca e indigena. Que sabem fazer os escriptores que, abandonando a corrente nacionalista, a ficção descriptiva e a poesia sentimental, se dizem inspirados por outros e novos ideaes? Impossivel é dizel-o, tanto é incaracteristica e insignificativa a nossa escassa literatura de hoje.

EÇA DE QUEIROZ

A primeira vez que o vi foi em Lisboa, ha justamente vinte annos, no salão do theatro da Trindade, onde se realizava um sarau literario em proveito da familia do escriptor Santos Nazareth, que, voltando do secretariado da India Portugueza, fallecera em viagem, deixando os seus em extrema pobreza. Appareceu-me ao lado de Ramalho Ortigão, como no frontespicio das *Farpas*, alto, esguio, menos magro do que ficaria depois, apuradamente vestido á ingleza, o seu monoculo fixo entre o nariz de aguia e o olho bem aberto, penetrante, impondo á minha juvenil admiração matuta, de provinciano brazileiro recem-chegado. Reconhecio-o, e ao seu *fidus Achates*, através das caricaturas de Bordallo do *Antonio Maria* e do *Album das Glorias*. Seu nome figurava no programma do sarau, sem indicação da parte que faria nelle. Elle e Ramalho estavam de pé, junto á parede

lateral do salão, á direita do estrado destinado aos actores daquella festa de beneficencia litteraria. Um com as suas grandes lunetas, outro com o seu amplo monoculo inspeccionavam a sala. Notei que a entrada de Eça despertára a attenção geral, e as mulheres, que eram numerosas, e da alta roda lisboeta, o examinavam com uma curiosidade especial. Decididamente o autor do *Primo Bazilio* excitava-lhes aquelle sentimento, bem feminino. Ao meu lado uma senhora, abaixando de sobre elle o binoculo, disse á outra, naquella voz doce e cantada das lisboetas : — Sabes? o Eça tambem fala. — E a outra, consultando o programma, com leve commoção na voz, como que receiosa da these que elle haveria escolhido : — Que irá elle dizer?... Mas Eça de Queiroz não falou ; seu nome no programma era uma mentira piedosa dos organizadores da festa ; um chamariz para ganhar aos orphãos de Santos Nazareth mais algumas libras. Falaram ou recitaram versos outros, entre os quaes me lembram Pinheiro Chagas, Antonio Candido, Fernando Caldeira ; Gonçalves Crespo arrebatou verdadeiramente a assembléa dizendo, como nunca antes nem depois ouvi recitar, a *Resposta do Inquisidor* e a *Morte de D. Quixote*. Eça de Queiroz observava apenas e guardava na sua retina a imagem daquelle sarau, que reproduzido pelo

seu *humour*, e enfeitado da sua ironia, havia de ser uma das paginas mais deliciosas dos *Maias*.

Vi-o depois muitas vezes, em Lisboa mesmo, e, nove annos mais tarde, em Pariz; já então mais magro, mais ossudo, como que mais cansado, conservando, porém, a despeito de uma ligeira curvatura, o aprumo da sua fronte intelligente e a fixidez penetrante do seu olhar, que ás vezes algum pensamento intimo amortecia. Amando-o, não quiz jámais conhecel-o pessoalmente, por essa especie de pudor indefinivel que nos afasta de pessoas admiradas e queridas em silencio. Não posso, pois, dar delle sinão as minhas impressões de seu leitor, e essas mesmas sinto que não têm a precisão, que só uma leitura recente e repetida poderia ter.

Depois do periodo do renascimento, que teve por principaes fautores Herculano, Garrett e Castilho, aquelles dous dignos verdadeiramente do commando, este apenas um rapsoda de segunda ordem, mas um sub-chefe cuja influencia foi, em Portugal e aqui, enorme e incontestavel, voltou a literatura portugueza á insipidez do principio do seculo. Della saíu pelos annos de 60, com a reacção do movimento chamado coimbrão. Este movimento, ao mesmo tempo negativo e positivo, critico e creador, qualquer que seja o valor real dos seus principaes autores, e mesmo

das suas obras, foi de fecundos effeitos para a litteratura portugueza contemporanea. Delle procedeu o maior romancista portuguez de todos os tempos : Eça de Queiroz. Não lhe sei minuciosidades biographicas, mas creio não errar dizendo que entrou na literatura com o *Mysterio da Estrada de Cintra* e com as *Farpas*, feitas ambas de parceria com Ortigão. O que distingue o *Mysterio*, na parte que sabidamente lhe pertence, nem precisava que nol-o descobrisse a vasta intelligencia critica de Moniz Barreto, era o « dom de effusão lyrica » desse poeta que fizera de um romance folhetim, de uma novella romanesca, originada de uma brincadeira de rapazes, um doloroso e vivo poema de amor.

É como um romantico que Eça de Queiroz começa, mas o poeta sentimental que havia nelle — e que nunca de todo desappareceu delle — o imaginoso evocador de fórmas e de emoções se transformaria, na funcção critica de collaborador das *Farpas*, no analysta fino, no observador perspicaz, no realista vigoroso do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Bazilio*. Estes dous romances são evidentemente o producto directo, quasi podiamos dizer o reflexo, do movimento naturalista francez de Zola e de Flaubert, deste sobretudo, que será o verdadeiro mestre, o iniciador de Eça no romance natura-

lista e lhe occupará sempre o espirito. Sómente a intensidade do sentimento poetico é talvez maior no romancista portuguez que no francez. Ambos eram dous romanticos retardatarios, ambos procuram intencionalmente libertar-se do romantismo, mas, como o passado pesa sempre sobre nós e não podemos livrar-nos totalmente delle, ambos conservaram, como de si mesmo reconhecia Flaubert, notavel, sensivel, o traço da herança romantica. Em Eça de Queiroz, porém, apezar da sua ironia, apezar da preconcebida frieza que elle quizera dar á sua analyse, da imparcialidade que pretendia impôr á sua observação, esse traço é mais fundo, mais apparente, como o provam os mesmos livros citados, a *Reliquia* e sobretudo os *Maias*. Podem-se dar do facto duas explicações, uma ethnographica, outra psychologica, de modo algum entre si oppostas. Flaubert é um francez do norte, um Normando, pouco sentimental, apezar do que havia de affectuosidade profunda na sua alma : Eça de Queiroz é um puro meridional, um Portuguez, sentimental, amoroso, vagamente idealista e imaginoso como os de sua gente ; as partes de poesia em Flaubert são as do creador poderoso, e só neste sentido o podemos chamar de poeta ; Eça, ao contrario, é verdadeiramente um poeta, um lyrico, repito, um sentimental, um apaixonado, embora sem vontade de o ser, um legitimo filho

da terra dos poetas amorosos dos Cancioneiros, dos cavalleiros namorados, dos lyricos sentidos e chorosos, de Bernardim Ribeiro, do Garrett das *Folhas cahidas* e do Camões dos sonetos e de Ignez de Castro, dos soláos, das xacaras, do fado dolente e amorosamente piegas. Póde ser que estas explicações, que são apenas duas fórmas de uma mesma idéa, não sejam verdadeiras. Ninguem mais que eu desconfia de taes generalizações. Mas, como quer que seja, a approximação destes dous nomes e da obra literaria de cada um delles, produz em mim esta impressão. O naturalismo de Eça de Queiroz, e é uma das suas superioridades, não tem a insensibilidade rebuscada, a falta de sympathia humana, que se nota no naturalismo de Flaubert, e no de Zola áquelle tempo. O sentimento, a piedade ainda se escondem, para seguir os preceitos da escola e o exemplo dos mestres, mas não tanto que os não lobriguemos através da commoção das paginas como as do infanticidio do *Crime do Padre Amaro*, das desillusões, da doença e da morte de Luiza, no *Primo Bazilio*. O que ha de forte e intenso em Eça de Queiroz vem justamente dessa sympathia. Não havia nelle talvez uma grande potencia de invenção, sinão de creação, verdadeiramente original. Um estudo acurado e minucioso da sua obra, comparada com outras das literaturas suas contem-

poraneas, mostraria nella reminiscencias, verdadeiros parallelismos, imitações si quizerem, influencias de outros livros, de outros autores. Mas não receio exagerar dizendo que, sob este aspecto, Eça de Queiroz era de familia dos Shakespeares e dos Molières. A sua cópia, si cópia se póde chamar, era quasi sempre superior, e jámais inferior ao modelo apenas consultado, nunca reproduzido. Sinto neste ponto que preciso explicar-me. Seria estulticie negar ao magnifico creador de Juliana, do Conselheiro Acacio, do Sebastião, do Conego Dias, e de outros typos que vivem na nossa memoria como individuos da vida real, o dom da creação. Toda a sua obra desmentiria quem o fizesse. O que digo é que, na generalidade dessa obra, quer no seu contexto, quer na sua trama, quer nas suas personagens, descobrimos mais de uma parecença, ás vezes frisante, com outras obras.

Quero significar que nelle, como em tantos grandes artistas, iguaes ou superiores a elle, (e já citei Molière e Shahespeare) a faculdade da creação sobreleva a da pura invenção. Isto me parece sobretudo verdade na sua phase de naturalismo estreme. O *Primo Bazilio* é um romance parallelo á *Mme Bovary* de Flaubert, mas profundamente differente da obra prima do escriptor francez e, talvez, de maior intensidade moral. Não duvido em escrever moral,

no sentido de social, segundo o conceito nestes ensaios mais de uma vez expendido. Para mim a literatura, e a arte, só tem valor como um orgão social, como expressão e definição da sociedade; fóra disto os seus productos são apenas obras de curiosidade e paciencia, mais ou menos bonitas, mais ou menos bem trabalhadas, como japonices e chinezices preciosas, mas sem lugar na grande arte.

Quem póde lá imaginar sinceramente que um verdadeiro poeta, um artista, faça uma obra de inspiração e de amor sómente para photographar um aspecto social, uma simples vista do mundo e da vida, despido de toda a commoção, estranho a toda a reflexão, inteiramente impassivel e indifferente a outro sentimento que a impressão material do facto reproduzido? Não ha um fim moral, certo, no *Primo Bazilio;* um artista creador não é um prégador, nem um moralista profissional. Mas no seu odio senil contra o naturalismo, Camillo não errou de todo chamando-lhe « o romance mais doutrinal que já saíu dos prelos portuguezes. » E o reparo de Camillo póde-se conciliar com a analyse que do romance de seu amigo fez o Sr. Ramalho Ortigão nas *Farpas*. Reproducção admiravel da vida portugueza em um dos seus aspectos, o *Primo Bazilio* é tambem a representação viva, exacta até á crueldade, do que é o adulterio na

burguezia, o adulterio posto a nú, em toda a sua indecencia e pelintrice, despido da vistosa trapa-ria romanesca com que o desfiguráram durante annos o romance e o theatro romanticos. A intenção social, e moral portanto, é evidente, mesmo que se pudesse admittir que o autor lhe é pessoalmente alheio. Em Flaubert, apezar das suas denegações, e do seu repudio irracional, por snobismo de artista, da sua obra prima, não é outra, sinão a intenção, a significação de *Mme Bovary*. A mim, porém, me parece mais forte a do *Primo Bazilio*, mais tragico o drama, mais sympathicas as suas victimas. Fazendo de Carlos Bovary um bôbo ridiculo, Flaubert seguiu mais estreitamente a sua esthetica nessa obra, mas falhou ao mesmo effeito esthetico della. Eça de Queiroz augmentou a emoção da sua, dando a Luiza um marido nullo é certo, mas não ridiculo.

Nas duas ha verdade absoluta, mas na do Portuguez ha talvez, com menos belleza de execução, com menor sciencia da expressão literaria, mais intensidade, si se mede a intensidade na obra de arte pela maior commoção que ella de si expande. Apezar dos senões que os preconceitos da escola deixaram nesse livro e no *Crime do Padre Amaro* são elles talvez os mais perfeitos, os mais bellos, e seguramente os mais caracteristicos, os mais expressivos da

obra de Eça de Queiroz e do seu lugar e influencia na literatura da lingua portugueza. Porque não só em Portugal, eminente foi o seu lugar e larga a sua influencia, sinão tambem no Brazil, que principalmente delle aprendeu o naturalismo, sem entretanto haver produzido nenhum naturalista que se lhe equipare. Faltava aos seguidores do naturalismo aqui o que em Eça sobejava, a personalidade para transformar em seu aquillo que acaso lhe não pertencia de proprio e a grande capacidade de transposição para os tons mais originaes e mais variados dos themas que lhes offereciam a literatura e a vida. E com isto, a alliança rara da analyse penetrante e pessimista, a ironia risonha e sceptica, com o lyrismo e a tendencia romanesca da sua indole pessoal e literaria. Elle tinha ao demais, — o possuiu talvez como ninguem depois de Garrett, — o dom da lingua, mesmo quando ainda não a sabia perfeitamente, nem a empregava com a mestria com que acabou por manejal-a. A vida portugueza contemporanea sob o aspecto em que a viu Eça, não deixará de si representações mais perfeitas, quadros mais verdadeiros e mais vivos, e o romance realista, em todas as literaturas, não terá muitas obras superiores a essas.

A fantasia romanesca, o lyrismo congenito de Eça de Queiroz, porém, se não podia encarcerar

para todo o sempre na fórmula naturalista. O realismo fazia evidentemente parte integrante do seu temperamento literario, casando-se harmoniosamente áquellas outras feições da sua indole artistica; o naturalismo segundo os seus mestres francezes, era a parte adventicia delle. Com o *Mandarim*, com a *Reliquia* e, sobretudo, com os *Maias*, elle o vai abandonando, e a fusão entre o analysta, o observador e o lyrico, o romantico, que nelle ha, se completa, e o desenvencilha do canon propriamente naturalista. O drama e os personagens burguezes da *Reliquia*, por exemplo, são do mais acabado realismo, do que elle fez de melhor nessas pinturas exactas e vivas da sociedade portugueza, da qual nos deixou tantos quadros superiores na sua obra. Mas esse drama, e essas personagens os envolveu em uma ficção da mais alta e da mais bella fantasia, soltando á toda a redea a sua imaginação romanesca e lyrica, e dando á lingua portugueza, no sonho de Theodorico, um dos seus mais bellos e mais perfeitos trechos de prosa. Aos que malsinam a insufficiencia da nossa lingua, basta esse trecho para desmentil-os. Os *Maias* completam a sua deserção do naturalismo á moda de *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Bazilio*. Com elles Eça de Queiroz reintegra o romanesco na arte naturalista, que o havia systematicamente excluido e

refugado. Um aspecto da vida portugueza fornece-lhe o assumpto de um novo quadro em que se sente pulsar a realidade, mas que uma luz de romance penetra de um ambiente romanesco, não menos verdadeiro que a realidade da vida que nelle se vive. Não sei si esse livro com todos os senões que uma esthetica apurada lhe poderia notar, não será da obra de Eça de Queiroz a mais representativa da sua personalidade de artista, de poeta ao mesmo tempo sentimental e ironico, nervoso e frio, homem de sensações e homem de analyse, pintor exacto de realidades e fantasista de alta imaginação. Mas raro é que um escriptor se contenha em uma só obra, porque nós não somos sómente complexos e diversos no espaço, sinão tambem no tempo. Mudamos, variamos pelo menos, com os dias que passam, trazendo ou levando, alterando, em summa, as circumstancias da nossa vida.

O romanesco, o lyrismo de Eça de Queiroz, o levaram insensivelmente á nova esthetica nascida da reacção idealista dos trinta ultimos annos. Elle ficará, aliás, alheio ás escolas que se disputam a representação dessa nova e larga e varia corrente artistica. Não é dos que se matriculam e estampilham em escolas. No mesmo naturalismo, conserva a sua independencia, o seu temperamento, a sua personalidade. Mas a sua já indicada indole literaria, ou artistica, se

preferem, devia sympathizar com o que porventura haja de verdadeiro ou pelo menos de bello no movimento symbolista. O symbolo é o eterno elemento da poesia, talvez a sua mesma essencia, e este realista é tambem um poeta de alta fantasia. O lado mystico, sentimental, idealista e idealizador das novas fórmas literarias deviam seduzir a sua fantasia, satisfazer o seu gosto de alliar o real ao imaginario, de recobrir a vida do véo diaphano da sua imaginação creadora. Dahi o *Defunto*, a *Perfeição* e outros contos que ficarão como as suas obras mais acabadas de artista, ou antes de artifice consummado na arte dos lavores subtis e delicados, mas que sabe pôr inspiração e sentido nas mesmas obras secundarias de sua recreação espiritual, como os que fizeram as figurinhas de Tanagra ou os cinzeladores a Benevenuto Cellini ou os ceramistas das ninharias valiosas de Sèvres ou Saxe. Não que elle fosse de nenhum modo um symbolista. Era bastante grande para não supportar um etiqueta. Mas o seu espirito largo, como o de um sceptico, impressionavel como o dos poetas, comprehensivo como o de um analysta, apanhava de cada corrente literaria o que nella havia de consoante ao seu genio — que bastava para manter, na variedade da sua inspiração e da sua fórma, a unidade da sua obra.

Por mal da literatura portugueza e da nossa

— é perante escriptores do seu valor que comprehendemos a solidariedade que a mesma lingua estabelece entre literaturas differentes — essa obra a veiu interromper a « colossal iniquidade da morte », quando porventura novas inspirações pudessem mostrar outras feições do seu talento. Elle, sabe-se pelos seus intimos, sonhava ou imaginava romances de santos, aproveitar para sua a arte as lendas agiographicas de que estão cheias as poeticas tradições da sua patria, reunir em livro os seus contos e novellas, sujeitando-os primeiro a uma escolha rigorosa e a uma revisão severa, dar a ultima fórma a *Fradique Mendes*, e publicar, completamente refeito em um livro novo, a *Illustre Casa de Ramires*.

Destes projectos, nem todos inutilizou a morte — mas desmanchou talvez os mais promettedores delles, parando o movimento do cerebro onde elles se elaboravam e tomariam fórma.

A sua obra publicada, porém, parece já bastante para justificar no futuro a estima e admiração dos seus contemporaneos. Prova que havia nella, apezar das reminiscencias de que falei, uma grande e funda originalidade, é que, apezar de numerosos imitadores, não pôde ser jámais imitada. Houve della nas duas linguas apenas arremedos desageitados.

O que foi Garrett para a lingua portugueza

na primeira metade do seculo, foi Eça de Queiroz na segunda. Os seus ultimos escriptos, e as edições definitivas dos seus primeiros livros, são o mais excellente exemplo de correcção, unida á elegancia, á belleza verdadeiramente artistica, de uma lingua que, conservando a sua pureza, a sua indole, mostra-se plastica bastante para exprimir nas suas mais delicadas e subtis gradações toda a gamma das idéas e sensações modernas.

UM ROMANCE URUGUAYO

La Raza de Cain, por CARLOS REYLES, Montevidéo, 1900.

« Uruguayo » quer aqui dizer apenas, que o autor do romance é do Uruguay e a sua acção ali se passa. Nao tem como o « brazileiro » do nosso romance, a intenção de significar uma representaçao da vida nacional. Tanto quanto posso julgar, ou melhor imaginar dessa vida, no que terá de caracteristico e signicativo, nada, ou quasi nada, ha della no livro do Sr. Carlos Reyles. Noticiando ácima (1) um romance, *Metamorfosis*, do escriptor mexicano F. Gambòa, notei quão secundaria era nelle a feição indigena, o pitoresco local dos homens e das cousas. Si era secundario, porém, lhe não faltava totalmente, como no romance

(1) V. neste livro *Um romance mexicano.*

do Sr. Reyles. Uma das melhores partes do livro do Sr. Gambôa é seguramente a descripção da vida de fazenda no Mexico, da ferra dos novilhos e outros quadros e scenas da vida rural. O mais, embora superiormente feito, lembra sempre alguma cousa já vista nas literaturas européas. Será este inconsciente confronto, esta forçada e natural comparação, o impecilho dos escriptores americanos a uma creação mais universal. O homem não é só filho do seu meio, é tambem seu prisioneiro, além de ser o que elle e o antepassado o fazem. O poeta, o romancista, que, como creador, tambem é poeta, mesmo o philosopho, o historiador, e até o critico, si ha nelles mais alguma cousa que um erudito, tambem um poeta e um artista, todos terão algo da propria alma da sua terra e da sua gente. Mesmo os que superficialmente vistos pareçam mais avêssos e mas emancipados della, lhe pertencem sempre em maior ou menor grau. Eça de Queiroz é, com modalidades contrarias, tão Portuguez como Garrett ou Herculano, e o livro menos portuguez que já se procurou escrever, *Fradique Mendes*, tem infinitos traços que só um Portuguez fôra capaz de lhe dar. O nosso escriptor mais estranho ao pensamento nacional, e ainda portuguez e latino, foi Tobias Barreto, quasi exclusivamente alimentado do pensamento germanico e vivendo sys-

tematicamente delle. Como temperamento, nenhum é mais brazileiro, mais « povo » brazileiro. É, pois, um erro, si não tambem uma ridicularia, o procurar evadirmo-nos ás fatalidades da estirpe e do meio. Só talvez o conseguisse quem lhes fugisse ainda na juventude, não só pelo espirito, mas no espaço. E ainda assim se lhes descobririam traços da origem repellida. Sem fazermos do nacionalismo, principalmente do nacionalismo entendido de uma maneira estreita e superficial, como tambem já o entendeu o escriptor destas linhas, o criterio unico de uma literatura indigena, e, particularizando, verdadeiramente americana, podemos considerar que toda a literatura, sendo a expressão mais geral e mais segura do sentimento de um povo, tem forçosamente, não obstante a universalização dos sentimentos e das concepções humanas, uma forte parte de cada um dos lineamentos, cujo conjunto e travação constitue a feição particular de cada povo.

Uma literatura que a não revelasse seria só por isso um amontoado de obras inexpressivas e, portanto, sem interesse : uma literatura morta.

Obras como aquelle romance mexicano e, sobretudo, como este romance uruguayo, e certamente haverá na America Hespanhola outros similhantes, que desconheço, revelam que nesses

paizes já ha escriptores que procuram sair da phase do que chamarei o indigenismo, porque as suas literaturas se começaram a affirmar. Nestes nossos literariamente mesquinhos paizes latino-americanos, si não erro generalizando o que se passa no Brazil, não podemos comprehender que numa literatura, mesmo una e homogenea, possam existir correntes e modalidades diversas, como existem na franceza, na ingleza, na italiana ou em outras. Espiritos estreitos, queremos tudo catalogar, e pôr em escolas, que declaramos logo antagonicas e incompossiveis. Erro crassissimo ao meu ver de agora. De parte os aspectos exteriores e a intenção, José de Alencar não é mais brazileiro que o Sr. Machado de Assis, nem Gonçalves Dias mais que o Sr. Raymundo Corrêa. E nobre e, mais ainda, legitima a tentativa dos romancistas americanos de sairem do dominio do indigena, do local, para o humano e geral. Para que, porém, se não restrinja a um pronunciamento literario miseravel, como o são de regra os seus pronunciamentos politicos, precisam não ser exclusivistas, condemnando a natural representação da vida e dos costumes locaes, nem perder o sentimento nacional, que só lhes póde dar originalidade e distincção. Ora, como disse, a nossa tendencia é para não admittir compativeis dentro da mesma literatura, essas e outras concepções do

romance, esquecendo que só o talento é talvez a justa medida da obra literaria. Concebamos os nossos themas geraes com o nosso sentimento, as nossas idiosincrazias, a nossa emoção, em summa naturalmente, ingenuamente, segundo o nosso temperamento pessoal, que é já producto da indole nacional, e ficaremos ao mesmo tempo nacionaes e humanos, particulares e universaes. É o caso typico dos Scandinavos, Ibsen e Bjorsen, por exemplo; dos Russos, os Turgueneffs, os Gogols, os Dostoievskys, os Tolstois; do Polaco Sienckiewicz; do Inglez Kippling ou dos Italianos d'Annunzio ou Fogazzaro. Quando estes escriptores e as suas obras entraram a ser conhecidas e estimadas em França, o Sr. Julio Lemaître, já com aquelle sentimento de estreito patriotismo que dentro em breve faria delle um dos proceres do nacionalismo, procurou mostrar que todas as suas idéas sociaes e humanitarias estavam em Rousseau, em Jorge Sand, em Hugo, em Dumas Filho, e outros escriptores francezes. Como facto, nada mais certo; sómente estavam de outra maneira, concebidas e expostas, sentidas e comprehendidas de modo diverso, e o critico não via, ou esquecia, que era justamente o que o temperamento, a indole, o caracter nacional de cada um, o mesmo genio da raça ou do povo, puzera de seu em idéas, concepções e sensações que lhe pareciam antigas na

literatura da sua patria, que as renovavam, dando-lhes um cunho de novidade, de originalidade, que as tornavam preferidas do mesmo publico francez. Apezar dos seus themas, e mesmo das suas theses, mais geraes, esses romances são profundamente da patria dos seus autores, Scandinavos, Russos, Italianos ou Inglezes. Receio se não possa reconhecer o mesmo no do Sr. Carlos Reyles.

O Sr. Carlos Reyles é, se não me engano, o que se chama « um novo ». Aqui um novo quer dizer um indisciplinado, contra toda a tradição literaria e esthetica, um verdadeiro extravagante, no vero sentido da palavra, um revoltado, cuja rebellião começa contra a grammatica e a lingua, e que timbra em se não fazer entender. Neste sentido não é um « novo » o Sr. Reyles, pois, não obstante escrever em uma lingua estrangeira, o entendemos facilmente. A mesma factura e composição do seu romance não tem nada de excepcional e raro. Distingue-o ser, ou pelo menos procurar ser, uma obra de idéas, de sensações finas e exquisitas, alheia a toda preoccupação de nacionalismo ou siquer de côr local, humana, geral, e, finalmente, didactica. Porque não sei si já foi notado que uma das feições das modernas correntes estheticas na ficção, no theatro ou no romance, é ser moral. Não só toda a peça e romance moderno

traz um ensinamento, mas é, na maioria dos casos, escripto com um fim didactico. Já tive eu mesmo occasião de fazer notar que o symbolismo na mão dos seus seguidores mediocres ameaçava cair na pura poesia didactica, de massadora recordação. Ha nelle realmente uma parte de didacticismo. Todo Maeterlinck é no fundo didactico, como toda a moderna obra de theatro, todo o moderno romance encerra, mais ou menos claramente expressa, uma moralidade, em vista da qual foi escripta. Recorde-se a *Belkis* de Eugenio de Castro, e eu não teria sinão o embaraço da escolha das obras a citar. Não sei o que esses artistas pensam da fallaciosa theoria da arte pela arte; que elles a não praticam é evidente. E não era quasi possivel que a praticassem. Que ella é impossivel, por absurda, é cousa cem vezes demonstrada, e comprovada pelo mesmo exemplo dos seus proprios prégadores, mas não podia, caso viavel, coadunar-se com as aspirações sociaes de todos os modernos, que são socialistas, anarchistas, religiosos, humanitarios, nacionalistas, como, por exemplo, um Barrès. D'Annunzio, que póde parecer um puro estheta, dá-se convencido pelo obreiro de um renascimento latino, e á ultima hora nos surgiu como um socialista militante. Será necessario lembrar que Wagner, assim como Nietzche, era um pensador social, e que Ruskin, o apostolo

da religião da Belleza, era mais que um pensador, um agitador social, um homem de acção, um fundador de escolas, de cursos, um mestre de operarios, um conferencista, um creador de instituições artistico-industriaes?

A arte do escriptor uruguayo, segundo a corrente geral da arte contemporanea, não pratende ser a arte inutil que os Gautiers e os Flauberts preconisaram, sem aliás a poderem preticar, sinão amesquinhando a sua propria. Esta é a dedicatoria do seu romance : « Respeitosa e humildemente dedico á mocidade do meu paiz este livro doloroso, mas acaso saudavel. » Esta offerta vale uma profissão de fé : o livro, no seu pensamento, é uma lição. Não é o primeiro do autor. Delle conheço desde 1898 uma novella, *El Estraño*, cujo protagonista entra novamente como uma das personagens principaes na *Raça de Caim*. Já então publicára mais duas novellas, *Beba* e *Primitico*, que desconheço, e annuncia em preparação mais tres. Estas informações são necessarias, tratando-se de uma literatura que nos é tão profundamente desconhecida como a uruguaya. *El Estraño* e *El Primitico* sairam em folhetos sob o titulo geral de *Academias* e o sub-titulo de *Ensayos de modernismo*. Aquelle traz a data de Arcachon e foi publicado em Madrid. Como em geral os escriptores americanos, o autor é, pois, um

homem viajado, que conhece, pelo menos, a Europa, e viveu a sua civilização. Tambem o é o Sr. Gambôa, o romancista americano. O *Estraño* é precedido de uma introducção « ao leitor », na qual faz o Sr. Reyles a sua profissão de fé literaria. Diz-nos elle que se propõe, sob o titulo de *Academias*, de escrever « uma série de novellas curtas, como tentamens ou ensaios de arte, de uma arte que não seja indifferente aos estremecimentos e inquietações da sensibilidade *fim de seculo*, refinada e complexissima, que transmitta o éco das ancias e dôres innumeraveis que experimentam as almas atormentadas de nossa época, e esteja prompta a escutar até os mais debeis latidos do coração moderno, tão gasto e enfermo ». Nem os conceitos, nem as palavras são ineditas. Suppôr que só na nossa época ha almas atormentadas, e que ha um coração moderno differente do antigo é pura illusão. A alma e o coração humanos gritam atormentados em Job, nos prophetas hebreus, nos tragicos gregos e nos seus imitadores latinos, nos mysticos christãos, no Dante e em toda a literatura moderna, desde Shakespeare até nós. Todas as sensações e todas as dôres estão sentidas e ditas, e os que ingenuamente cuidam que ainda restam emoções novas que descobrir e descrever apenas revelam desconhecer o que já foi dito antes delles. Sómente se póde vêl-as

a outra luz, comprehendel-as de outra maneira, interpretal-as segundo a nossa nova consciencia, exprimil-as sob novas fórmas. É isto que ao cabo constitue a renovação literaria; mas para fazer isto basta a obra, dispensam-se as explicações. O defeito e a fraqueza da literatura do dia, são as theorias e as explicações. A arte deve bastar a obra. Explicando-a, commentando-a elle proprio, parece que o mesmo artista não teve confiança na capacidade de expressão que lhe deu. No seu prefacio passa o Sr. Reyles em breve resenha o que se faz em toda a Europa « para multiplicar as sensações de fundo e de fórma e enriquecer com bellezas novas a obra artistica, para encontrar a fórmula preciosa da arte do porvir. »

A mim me assombra esta irracionalidade de procura intencional de uma « arte do porvir ». A arte é uma funcção social, não uma creação individual, a arte será o que a sociedade a fizer, por isso que a sociedade começa por affeiçoar o artista. O que fôr a sociedade do porvir isso será a arte, que evolve com ella e que lhe ha de ser relativa e correlativa. Quem imagína no Uruguay a arte de Pariz, de Roma ou de Berlim? Seria conceber uma palmeira no Spitzberg. O senhor Reyles parece ser dos que julgam incompativeis modalidades diversas de conceber e de realizar a arte em um mesmo

momento historico. Toda a historia literaria, que só nos póde dar sobre a questão noções positivas, desmente esse conceito.

Em cada periodo da vida da humanidade a arte tem uma feição commum e correspondente á feição da sociedade, cuja é a expressão; mas nessa unidade, que variedade infinita! E não fôra assim, não só não exprimiria com verdade a sociedade, que é ao mesmo tempo uma e variada, simples e complexa, como seria insupportavel de monotonia. Acha o senhor Reyles admiravel o *regionalismo* de Pereda e grande o *urbanismo* de Galdós; parece-lhe, porém, que « em arte ha sempre um mais adiante, ou quando menos *outra cousa*, que as gerações novas devem produzir, si não são estereis, como as plantas suas flores typicas ». Bem pensado e bem dito, si isso não significa a condemnação de *outras cousas* que com igual razão e belleza outros artistas, outros modos de conceber ou ver a vida, e o mundo tambem, produzem. Passados cem annos, e feita pelo tempo e pelas gerações a escolha das obras que ficam, quem mais se lembra dessas pueris e tolas questiunculas de escolas, de idéas, de estheticas? « Por outro lado, continúa o senhor Reyles o seu prefacio de *Cromwell*, o publico dos nossos dias é mui outro que o publico de antanho; os filhos espirituaes de Schopenhauer,

Wagner, Stendhal e Renan, os espiritos delicados e complexos, augmentam na Hespanha e na America ; chegou, pois, a hora de pensar nelles, porque seu sentimento está no ar que se respira : são nossos *similhantes.* » E declara que para os seus similhantes escreve, e roga não o leiam os que pedem ás obras de imaginação mera distracção, um agradavel passatempo. Não se propõe entreter, pretende fazer sentir e fazer pensar mediante o livro o que na vida se não póde sentir sem grandes dôres, o que se não possa pensar sinão vivendo, soffrendo e queimando as pestanas sobre os aridos textos dos psychologos ; e isto é muito longo, muito duro... » Temos aqui o artista transformado em pedagogo ; o que elle nos vai dar nos seus romances tral-o dos aridos textos dos psychologos, sobre os quaes queimou as pestanas. O romance entra a fazer parte da literatura didactica : é aos absurdos que levam as theorias estheticas contruidas fóra da realidade dos factos literarios e artisticos.

O novo livro do senhor Reyles, um grosso romance de 440 paginas, uma joia typographica, *La Raza de Cain*, passa-se numa povoação, villa, ou cidadesinha, « un pueblo » perto de Montevideo, e acaba nesta cidade. Não me pareceu que nada haja nelle da vida uruguya, da paizagem, do caracter, das feições

locaes e nacionaes, nem aquelle ambiente necessario á vida dos personagens, numa narrativa ou num quadro. O que ha é pouquissimo, e insufficiente para destacar duma maneira especial as scenas e os actores. Vê-se bem que o autor não teve outro proposito sinão pintar dous estados d'alma, e que o proprio drama não tem para elle mais importancia que a resultante do modo como concorre para definir e explicar aquellas duas personagens : Julio Gusmão e Cacio. Julio é retratado no *El Estraño*, do qual é o heróe, como um sujeito bonito, bem feito, que tinha viajado, lido muito e vivido ás pressas. Graças a isso tinha a sensibilidade muito afinada e o gosto delicado e exigente. Uma acção infame poderia não revoltal-o, mas os equivocos, as tolices, as vulgaridades produziam-lhe verdadeira dôr physica. Tinha intelligencia aristocratica. Como o natural dos outros é serem simples e chãos, o seu era ser complicado e estudado. Amava o singular, o difficil, o que, exigindo certa « intellectualidade » para ser comprehendido e apreciado, « não está ao alcance de todos ». O leitor, que conhece o romance moderno de Balzac para cá, terá comprimentado um sujeito muito seu conhecido, com pena talvez de que o romancista uruguayo lhe não haja antes apresentado um Gaúcho em pleno exercicio das suas fa-

ganhas. Teria, ao menos, o encanto do menos visto, do quasi novo, si não do inedito. O romance *A Raça de Caim* é um estudo desta enfermidade que chamam do seculo, mas que Hamleto já soffria, a doença da vontade. Não é o senhor Reyles o primeiro, nem talvez o centesimo, clinico que a estuda, o que, de boa mente o reconheço, lhe não tira o direito e o merito de fazel-o novamente. A arte é uma eterna repetição; verdadeiramente novo nella só ha a expressão. São dous, como vimos, os doentes da vontade no romance do senhor Reyles, mas em cada um a doença tem aspectos e symptomas diversos. Eu não creio muito nesta doença da vontade, como peculiar ao nosso tempo, nem a aceito por tão geral como nos dizem. É talvez uma das nossas muitas opiniões preconcebidas. Os medicos têm a mania profissional de exagerar os males que são a sua razão de ser. Os poetas que fazem medicina literaria porventura os excedem neste mau vezo profissional. Em que seculo, pergunto a mim mesmo, ha mais demonstração da vontade collectiva da humanidade, ou da vontade pessoal do homem? Acabou-se á descoberta do mundo até alguns kilometros dos pólos. Devassaram-se e conheceram-se as maiores profundezas dos oceanos. Penetraram-se e percorreram-se os mais reconditos sertões, os mais

invios districtos dos continentes exoticos. Furaram-se montanhas de leguas, rasgaram-se isthmos, cavaram-se canaes, cortaram-se de estradas de toda a ordem os continentes. Inventaram-se os vapores, os caminhos de ferro, o telegrapho com fio e sem fio. Fizeram-se descobertas assombrosas em physica, em astronomia, em chimica, em biologia. Melhoraram-se as condições sociaes e politicas do homem e augmentou-se a propria média da sua vida. Nunca a producção intellectual, em todos os generos, foi mais copiosa e, pelo que respeita á sciencia, á historia, á critica, á erudição, mais consideravel. Tudo isto são factos, innegaveis, que não admittem sophismas. Ora, parece que para conseguir tudo isto a cousa mais indispensavel de todas é a vontade. Que me importa a mim que uma duzia, uma centena ou um milhar de pelintras a não tenham, a pretexto de intellectualidade, de esthetica, de uma comprehensão superior das cousas, de Nietzche ou de outro doudo similhante? Estou quasi em dizer, como o nihilista de Kropotkine, que um par de sapatos é mais util ao homem que uma theoria esthetica. E si um Julio de Gusmão me chamar « philisteu », eu limito-me a chamar-lhe vadio.

São de facto dous vadios os herões da *Raça de Caim*, dous sujeitos mal besuntados, como

todos nós latino-americanos de arte e de literatura, imaginando a vida esthetica de uma alta capital européa em um « pueblo » do Uruguay. Um casou-se com uma moça rica, para viver sem trabalhar, outro faz tudo para casar-se com outra, prima della, e um bello dote tambem.

Gusmão e Cassio « padeciam os tormentos das naturezas ao mesmo tempo sensiveis e egoistas : em ambos cumpria-se a terrivel sentença que o Senhor lançou sobre Caim : não sympathisavam com as outras criaturas, perseguia-os o descontentamento e a incerteza, e consideravam-se refugados de toda a parte ». Viam a vida através da literatura e da arte, e com uma concepção errada e malsan da literatura e da arte. Cacio sustentava que o mundo é dos imbecis e duvidava de toda a virtude. Gusmão, sem discordar delle naquella conclusão pessimista, admirava a virtude, o caracter e o que o desesperava era a incapacidade de imitar o que admirava, a impossibilidade de toda a acção. « Crê então você, perguntava ao outro, que eu me orgulhe de mim mesmo porque a minha intelligencia rebaixa o nivel das mais vulgares ? Como se engana ! No fundo desprezo-me, e de bom grado me trocaria por qualquer que tivesse caracter varonil, vontade mascula, ausencia de duvidas. Ha muito tempo suspeito

que o intellectual é esteril, e o que demos em chamar *intellectuaes*, são gente que bem pouco valem..., individuos de mesquinha natureza, egoistas ferozes, perversos, mulheris, entes de pura vaidade e criaturas incapazes de nenhum esforço generoso e viril...

« O que importa é o caracter... » E apontava-lhe como exemplo D. Pedro Crooker, seu sogro, com « o seu poder verdadeiramente prodigioso de perdoar e de soffrer sorrindo todas as miserias da vida, sua potencia de amor » que lhe pareciam « cousas admiraveis e superiores a toda a intelligencia ».

O fundo de bondade, de bondade fraca e inactiva que havia no scepticismo, no pessimismo, na paralysia da vontade de Gusmão, contrastando com a maldade, a inveja, a revolta de Cassio, explica-se pela differença das condições : aquelle nascêra e se creára na opulencia, casára rico, não soffrèra nem necessidades, nem humilhações; este, ao contrario, as experimentára todas, devorava-o a ambição, desvairava-o a vaidade, uma « vaidade pueril e feminina », declarava-se á mulher amada e ambicionada, « um desherdado da fortuna, cuja alma era como a dos poderosos da terra ». A virtude, o caracter, a bondade, que Gusmão admirava em Crooker, a elle lhe pareciam pouco admiraveis, incapazes de resistir a analyse

intelligente, e pergunta : « é virtude ou cegueira não ter duvidas? é bondade ou mangalassa e indifferença o perdoar, o desculpar? são impulsos generosos ou satisfações de necessidades occultas e egoistas que o obrigam a ser activo e laborioso? Finalmente, existe virtude onde não ha luta e esforço? » É um ente miseravel pela viciação profunda que a descorrelação entre as suas ambições e as suas possibilidades poz na sua alma, pela indignidade mesma da sua vida, dos seus instinctos, mas, como no Satan biblico ha neste ambicioso gorado, neste cubiçoso sem vontade, neste forte sem coragem, certa grandeza sinistra e triste. A confissão da sua desgraça a Laura, que o infeliz acabára por amar de amor mas que, sobretudo, desejava pelo dote, pela consideração que lhe traria, a descoberta de que o seu rival odiado, o seu inimigo e perseguidor desde a infancia, o rico, o bizarro, o gentil Arthur Crooker, filho do velho estancieiro, era o amante de sua irmã, as scenas delle com esta, os seus colloquios com Gusmão, *raté* como elle, como elle da raça de Caim, que não ama os homens nem é delles amado, mas de outro genero, são paginas de alto vigor de pensamento e emoção. E outras ha não menos bellas num romance que revela no Uruguay um talento literario dos mais robustos que conheço na America. O desfecho

é, talvez, para o meu gosto, um pouco melodramatico. Cassio envenena Laura na noite dos seus esponsaes com Arthur, e Gusmão, que contratára morrer com a sua antiga amante, mata-a, mas não tem a coragem de matar-se e é preso, junto ao cadaver della, e recolhido á mesma prisão em que já se acha o seu parceiro de theorias desalentadas. A situação de Gusmão, sinceramente resolvido a matar-se sobre o cadaver da bella mulher que tanto o amára e a quem sómente elle amára na vida, e sem a vontade necessaria para disparar-se o revólver, paralysado pela sua eterna irresolução, é tragica e bella, e até certo ponto escusa esse desfecho. Acho-o, entretanto, demasiado « moral », no sentido escolastico. Não que eu reprove á literatura de hoje a tendencia social e moral que assignalei acima. Só ella a póde, na concurrencia com as literaturas passadas, differençar e distinguir, por uma intenção social superior, com a qual se consubstancie com o seu tempo e com o pensamento geral que o anima. O escôlho está em que a obra d'arte não deslise do que deve sobre tudo ser, uma obra de arte. A *Raça de Caim* do Sr. Carlos Reyles o é, e seguramente das mais distinctas das jovens literaturas hispano-americanas. Nesta apreciação deixei perceber certas restricções, que teria de fazer : a falta de ambiente

e a nenhuma novidade do assumpto. Mas ao romancista não faltou talento para disfarçar estes dous senões. O contraste dos dous caracteres de Gusmão e de Cacio é uma feliz invenção. Aquelle era demais um artista gorado pelo « afan » da perfeição ; « queria fazer tão perfeitamente que não fazia de modo algum ». O senhor Reyles terá o mesmo afan, mas não essa ambição irracional, que é um anesthesico da vontade... e a desculpa dos *ratés*.

A REGENERAÇAO DA AMERICA LATINA

I

Nota-se na America latina, ou antes na America hespanhola, um movimento de opinião favoravel a um mais consciente e expressivo sentimento de raça e de nacionalidade, a uma affirmaçao systematica do *eu* ethnico e patrio. Nao sei si nao abuso da expressão referindo-me a « um movimento de opinião » na America latina. Em verdade, absolutamente não creio na existencia de uma « opinião publica » nessa fracção da America. Afóra os caudilhos politico-militares, os dictadores, os tyrannos e tyrannetes, todos mais ou menos « salvadores da patria » — que é o producto mais copioso e mais genuinamente americano que temos, — uma insignificante minoria intellectual, e sem nenhuma importancia ou influencia pratica ou moral, em cada um dos paizes latino-america-

nos, e, se quizerem, o funccionalismo publico, vasto, miseravel, especie de casta neutra, amorpha e sem vontade, enfeudada aos partidos ou aos caudilhos, que ha mais nestes paizes que se posssa chamar povo, capaz de ter uma opinião e de publical-a? De parte o estrangeiro, apenas preoccupado em que haja a ordem material indispensavel á sua exploração industrial, quaesquer que sejam os meios por que essa ordem se obtenha, e seguros da protecção dos seus governos, e as tres classes citadas (as classes armadas entram na dos funccionarios), o que fica é aquillo que a olygarchia chilena chama com menospreço *rotos*, Os *rotos* formam verdadeiramente o immenso fundo das populações latino-americanas, em toda a parte na maioria analphabetas, miseraveis, apezar da tão apregoada riqueza dos nossos paizes, ainda de facto fetichistas, e, que o digam os indios e mestiços dos affluentes do Alto-Amazonas, e os do Perú, da Bolivia, sinão tambem os do Equador, da Colombia e da Venezuela, de facto escravas, ou a igual de escravas tratadas, exploradas systematica e deshumanamente pelos regulos de aldeia, pelos potentados de lugarejos, pelos chefetes politicos, pelos chatins e mercadores nacionaes e estrangeiros, de que o regatão amazonico poderia ser o typo, vivendo fóra da lei e da justiça, que não forem as do mandão

ou autoridade local. Quem póde de boa fé crer que nesta gente, que fórma a enorme porcentagem da população dos paizes latino-americanos, possa haver uma « opinião »? Apenas aos politicantes, que a exploram, se permittiria fingir tal crença. Quando, pois, me refiro a uma corrente ou movimento de opinião existente na America-hespanhola respeito a questões de nacionalidade e de raça, e apontando a uma expansão mais progressiva, mais forte, mais nobre, de uma civilização consciente latino-americana, não é sinão uma só classe, se assim posso dizer, das populações de estirpe iberica, a dos intellectuaes, que tenho em mente.

Dous livros, um argentino, de um publicista e economista, o Sr. A. Rodriguez del Busto, si não me engano professor da Universidade de Cordova, outro uruguayo, de um artista e critico, o Sr. José Henrique Rodó, professor de literatura na de Montevidéo, e, diz o seu prefaciador, o critico hespanhol Leopoldo Alas (Clarin) « um dos jovens criticos mais notaveis da America latina », trouxeram-me a confirmação do que outras leituras e informações me haviam a respeito ensinado. Aquelle mesmo romance, *A Raça de Caim*, do Sr. Carlos Reyles, de que me occupo atrás, obedeceu tambem a esse sentimento.

O Sr. Rodriguez del Busto deu ao seu livro

o titulo geral de « Peligros Americanos » e fez nelle a critica da obra « Ciencia Politica » de Juan N. Burgess, que elle qualifica de « notavel e reputada » e nos diz, para confusão e vergonha minha, que a desconheço, « adoptada como texto em varias nações e divulgada em o Novo e no Velho Mundo », informando-nos mais que Burgess « representa hoje o acume das theorias de sciencia politica » contrarias ás suas. O Sr. Rodriguez del Busto é um sociologo. O seu livro *Perigos Americanos*, é tambem um livro de polemica, mas não daquella polemica nossa, que se parece com a polemica como uma briga de birbantes com um duello de cavalheiros, e menos daquella outra, mãi desta, de que Camillo Castello Branco nos deixou o mais exemplar modelo. Não, a polemica do Sr. Rodriguez del Busto, quer debatendo com um publicista chileno, Dr. Paulino Affonso, as reciprocas opiniões, quer combatendo os conceitos de Burgess, mantem-se sempre, apezar do calor que lhe dá uma convicção segura, e da energia dessa lingua de guerreiros, que é a hespanhola, num elevado plano de boas maneiras e de boa educação.

Na dedicatoria do seu livro ao Congresso Scientifico latino-americano, que se effectuou em 1898 na Republica Argentina, declara que seu « abundante amor á raça » é o seu senti-

mento predominante. Em outros pontos do seu texto repete elle esta confissão. O Sr. Busto é o que a bella phrase biblica chama um « homem de boa vontade ». É confessadamente um pacifico; as divergencias, os conflictos, as malquerenças entre as nações ibero-americanas, como elle prefere chamar, em vez de latino-americanas, o affligem, e vê nos maus sentimentos que as separam, e nos factos que estabelecem entre ellas concurrencias hostis, um perigo. O seu livro é um livro generoso.

Outro perigo que elle enxerga para as nações da sua raça na America, e portanto para a mesma raça, são os Estados-Unidos. Não parece duvidar de modo algum que a grande nação anglo-saxonia do Norte tenha não só o desejo, a ambição, mas ainda o plano de assenhorear-se dos paizes ibero-americanos. Não o acompanha com tanta convicção nestes receios seu contradictor e correspondente chileno. Elle, porém, não póde ter a mesma confiança, não póde crer que quem violentamente arrancou ao Mexico o Novo Mexico, a California e outras regiões indubitavelmente mexicanas, tenha algum escrupulo em arrebatar-lhe o resto. Por isso, para elle o Mexico, com o seu forte exercito organizado por Porfirio Diaz, é o verdadeiro baluarte da raça e das nações ibericas da America. A este perigo só lhe apparece um remedio, é a

confederação, a alliança de todas essas nações, é a fraternidade hispano-americana. O Dr. Paulino Affonso, que me parece ser talvez um coração mais secco e um espirito menos enthusiasta, porém um entendimento mais claro, mais positivo, mais sceptico, mais pratico, não acompanha o seu amigo e contradictor, sinão muito de longe. É dos Chilenos que quizeram a paz e um bom accordo entre as nações hispano-americanos. Mas nessa fraternidade dellas, em que tanto se fala, que é o thema corriqueiro e falso dos encontros festivos entre ellas, elle não crê, o que verdadeiramente exaspera o Sr. del Busto « La America latina, mi querido amigo, la America latina... — escreve-lhe o Dr. Affonso, com o caracteristico e impertinente sentimento de superioridade chilena — cuantas másas inconcientes, cuantos extravios morales! cuantas intenciones predatorias!... » Penso absolutamente com este doutor; as palavras que escrevi ao principio o mostram. Creio que presentemente nada ha esperar de nações que se chamam Mexico, Perú, Bolivia, Guatemala e suas co-irmans da America Central, Paraguay, no fundo menos hespanholas ou ibericas que mestiças; nada, nem mesmo aquella união do escól intellectual que existe em cada uma dellas, imaginada pelo Sr. Joaquim Nabuco no seu livro *Balmaceda*. Nessas, e ainda em outras,

quantas massas ignorantes! como diz o publicista chileno; nas outras, nas melhores, nas mais adiantadas, como o Chile e a Argentina, quantos desvios moraes, quantas intenções predatorias! conforme elle tambem diz. E é justamente na sua patria que talvez se encontrem mais fortes e vivazes essas intenções, que ardem por se traduzirem em facto. Perdoam-me uma manifestação personalissima? Tenho a fraternidade latino-americano, sinto-a intimamente; nunca, desde rapaz, participei do preconceito da minha gente, herdado do portuguez e desenvolvido pelas nossas lutas no Rio da Prata, contra os povos hespanhóes da America. Amo-os a todos e me revoltam as manifestações hostis a qualquer delles; mas não consigo ageitar-me á idéa que elles possam sair tão cedo da miseria economica, social e moral em que, salvo uma ou outra rarissima excepção, vivem. A minha intelligencia, quanto póde alcançar no tempo, se recusa, mau grado meu, a vel-as differentes do que são, ainda num futuro não perto. E si são verdadeiras as chamadas leis biologicas de selecção natural, e fataes como as da astronomia ou da physica — do que me permitto aliás duvidar — esses povos não terão futuro proprio. Outros lh'o farão.

Vê o Sr. Rodriguez del Busto no Brazil um estorvo á realização dos seus generosos ideaes

e um cumplice provavel dos Estados-Unidos na sua obra criminosa contra a raça iberica na America. Referindo-se á possibilidade dos Estados-Unidos conquistarem toda a America, escreve : « Uma só condição se exige para que se dê o facto ; esssa condição é que o Mexico seja subjugado e dominado, as mais nações deste continente não estão em condições de oppor resistencias a uma invasão de tal natureza, e o Brazil serviria de agente e de deposito de provisões ao inimigo commum, que mais tarde o absorveria tambem ». Mais adiante insiste : « As armas dos Estados-Unidos, uma vez vencido o baluarte mexicano, não encontrariam resistencias dignas de menção para chegarem ás fronteiras argentinas e chilenas ; mas, dado ainda o caso que, como V. suppõe, as nações intermedias lhes obstruissem o caminho, nenhuma dificuldade lhes impediria a passagem de suas esquadras até ás costas do Chile ou da Argentina. Não se esqueça V, que o Brazil seria um alliado seguro dos Estados-Unidos, bem que ao mundo intellectual brazileiro nao escape que o Brazil por sua vez será victima do colosso do Norte. » Resalva o escriptor o caso das visitas dos dous Presidentes, da Argentina e do Brazil, produzirem uma alliança defensiva. Á primeira vista parece isto pura fantasia, e os receios do publicista argentino um medo panico. Certo

elle exagera o perigo americano, levando-o até a possibilidade da conquista material e do dominio territorial para toda a America hispano-americana. Tal hypothese não nos parece admissivel. A empreza é superior ás forças e possibilidades de qualquer nação, mesmo da dos arrojados yankees. Os casos dos Boers, das Filippinas a ainda dos Chinezes são argumento poderoso contra a praticabilidade de acções simillhantes áquella que o Sr. del Busto crê nas intenções norte-americanas.

E pela capacidade de resistencia, as populações ibero americanas não valem menos, si não valem mais, que os Boers ou os Filippinos. Aliás a resistencia até o desespero é propria dos povos no seu estado de civilização. Nenhuma nação verdareiramente civilisada será capaz da resistencia dos povos citados ou dos Paraguayos, de 65 a 70. A França de 70 já não soube offerecer á Allemanha a resistencia de 1792. Além da defesa da sua gente, afeita a todas as durezas da guerra pelo uso constante della, seja interna, seja externa, a America do Sul, desde a America Central, offereceria ao invasor a do seu sólo, a do seu clima, a da sua terra em summa, com as suas matas impenetraveis, as suas montanhas insuperaveis, os seus rios invadeaveis. Demais, neste extremo, a America latina recorreria á Europa. Ha ali

mais de uma potencia que suspira por tal emergencia. Que os Estados-Unidos pensem em assenhorar-se de mais algumas porções da America, do resto das Antilhas, das irrequietas e desgraçadas republicas da America Central, de alguma colonia européa do continente, de algum posto de carvão e porto militar na costa do Atlantico ou na do Pacifico da America do Sul, é facil de comprehender. Potencia commercial e potencia naval de primeira ordem, taes pontos lhe são, não só necessarios, mas indispensaveis á segurança do seu commercio, ao abastecimento das suas esquadras e á supremacia absoluta que pretendem ter no mediterraneo antilhano. Que queiram mais exercer praticamente uma hegemonia politica e uma real superintendencia em toda a America, não o escondem siquer, e enganar-se-ia muito quem julgasse o livro do Sr. Kidd, *The Control of the tropics*, como a manifestação singular de uma opinião pessoal e isolada. Depois de assentar a existencia de um sentimento geral entre as potencias européas reconhecendo a immensa importancia futura das regiões tropicaes para as raças energicas, como um dos mais notaveis signaes dos tempos ao cabo do XIX seculo, affirma o sociologo norte-americano : « O mesmo sentimento se descobre nos Estados-Unidos, onde a necessidade do predominio futuro da influencia

dos povos de lingua ingleza sobre os continentes americanos é já reconhecida por uma sorte de instincto nacional, que é de esperar tome, com o andar dos tempos, uma expressão mais definida. » É de ler o que lá se pensa de nós Americanos dos tropicos, que o autor além dos seus conceitos cita o de outros publicistas seus compatriotas. Do Brazil particularmente, diz elle que nós apresentamos « um triste espectaculo » e que somos « um dos melhores exemplos » entre os Estados americanos tropicaes da situação deploravel em que os descreve. A existencia em um continente de nações fracas, de escassa população e cultura, na grande maioria das suas pequenas populações apenas semi-civilizadas, e ainda muitas dellas entre si ciumentas e hostis, de uma só naçao robusta, povoadissima de cerca de metade da população de todas as outras reunidas, por uma gente forte, energica, emprehendedora, ávida, é só por si um perigo, que sandice fòra negar, uma ameaça que para combater se deve começar por verificar. É o que estão fazendo as nações ibericas ou hespanholas da America, talvez com algum exagero de apreciação e de expressão, o que é defeito da raça, mas ao cabo com um sentimento justo das cousas. Mais um exemplo são deste facto o livro, um pouco diffuso do Sr. Rodriguez del Busto, e a brilhante fantasia do Sr. Rodó, *Ariel*.

II

O opusculo do escriptor uruguayo Sr. Henrique Rodó, em vez do seu titulo enigmatico de fantasia artistica, poderia levar o que dei a este artigo. Com effeito, aquelle é o thema do longo discurso com que o « velho e venerado mestre, a quem soiam chamar Prospero, alludindo ao sabio magico da tempestade shakspereana », se despediu dos seus discipulos após um anno de bom trabalho commum. Mestres como aquelle e alumnos como os seus, capazes, uns de discursarem largamente com tal calor e enthusiasmo, com tanto coração e intelligencia, tanto discernimento e agudeza, outros de o ouvirem attentos e sympathicos por tão largo espaço, creio não os haverá na America. Tambem sala como aquella em que alumnos e mestres se reuniam durante anno lectivo e na assembléa final do curso, dominada por um bronze primoroso figurando Ariel, aquelle espirito aereo e multiforme da tragedia shakspereana, não se encontrarão talvez no nosso continente ou alhures. Não querellemos, porém, do autor pelo que elle não quiz fazer. O seu livro é um discurso philosophico á maneira do XVIII seculo, antes mesmo, á maneira dos

gregos e dos seus imitadores latinos e por ultimo á maneira dos dialogos e outras similhantes peças de Renan, que entre os muitos mestres intellectuaes do autor occupa porventura o primeiro e mais distincto lugar, na sua mente e no seu coração. Não procuremos nelle outra realidade que a subjectiva, que lhe deu o autor, ao dispôr o seu scenario, ou a objectiva que está, e forte e viva, na sua concepção da sociedade a que pertence e dos remedios para os males que, ao seu parecer, a atormentam e ameaçam. A idéa inspiradora do velho Professor Prospero, que lh'a soprára o grato Ariel, como outr'ora Javéh com um sopro tambem animára um boneco de barro, para fazer delle, por um capricho de creador, o rei da creação, é que este continente é occupado na sua maxima parte por uma nobre raça, que definha e mingua e degenera falta de educação, de estimulos, da consciencia de si mesma, de energia de viver, de lutar, deixando-se vencer, intimidada por outra differente, antipathica, hostil, que domina arrogante, robusta, esforçada todas estas terras que hespanóes descobriram, conquistaram e provoaram.

O pamphleto do joven escriptor uruguayo é mais um symptoma do despertar do sentimento latino, ou antes do sentimento hespanhol na porção iberica da America. Por occasião da guerra hispano-cubana e da intervenção norte-ameri-

cana nessa pugna, quem escreve estas linhas, com a sua ogerisa pela civilização hespanhola, feita de conquistas sanguinolentas, de inquisição, de fanatismo, e com o seu sincero amor de ver livre o pequeno povo que a vinte e cinco annos estava lutando pela sua independencia uma luta atroz e desigual, commetteu o grave erro de suppor que, recordando o que ellas mesmas soffreram do durissimo dominio hespanhol, e o que lhes custou libertarem-se delle, as nações hispano-americanas veriam, ao menos com indifferença, sinão com satisfação, os Estados-Unidos tomar a parte daquella heroica população, como ellas hispano-americana. Engano completo; desde que os Estados-Unidos entraram na luta, as sympathias dos hispano-americanos, como previra acertadamente Castelar, voltaramse todas para a antiga metropole. Na America só dous povos talvez não estiveram contra os Estados Unidos nessa occasião, nós e os Mexicanos. As razões que punham os outros povos contra os Norte-Americanos bastariam para explicar a nossa dissidencia. Os Mexicanos são, pelo seu proprio governo omnipotente, mas estreidamente affecto ao Norte-Americano, economica e politicamente uma dependencia de facto dos Estados Unidos. Não quero dizer que mesmo sob Porfirio Dias, presidente perpetuo do Mexico, se não possa esta republica inimizar com a sua pode-

rosa amiga de hoje. Mas não será nunca por amor de qualquer outro povo americano da sua raça e civilização. Durante a guerra, o Mexico e o Brazil mostraram, aquelle mais ainda que nós, e a sua só situação explica a differença, uma neutralidade sympathica pelos Estados Unidos. Tambem em nenhum outro paiz da America latina existe como aqui o que um vigoroso publicista nosso chamou tão apropriadamente « a illusão americana ». Já imaginámos levantar uma estatua a Monroe! Essa illusão trabalham por desfazel-a os intellectuaes ibero-americanos. Digo intellectuaes, incluindo alguns homens politicos e de estado, porque ha nelles desde os simples jornalistas e publicistas até os poetas, passando pelos criticos, literatos e historiadores. A guerra hispano-americana despertou no escol das sociedades ibero-americanas um velho odio de raça, a malquerença instinctiva de filhos de antigos e figadaes inimigos, que sentem resuscitar as causas julgadas mortas das brigas avoengas. Simultaneamente, com este sentimento revivia nos Hispano-americanos o sentimento da raça. Desde logo um movimento da opinião ibero-americana surgiu e cresceu nesse sentido, e os Hispanos-americanos não deixaram desde então escapar occasião de a manifestarem; recepções de ministros, de homens notaveis, de navios das marinhas de guerra dos diversas

nações de lingua castelhana, tudo lhes foi bom motivo de manifestações de hespanholismo, manifestações que um proclamado antagonismo da sua raça com a norte-americana inspirava. Destas manifestações a ultima e mais consideravel é o Congresso ibero-americano, que acaba de se realizar em Madrid, e que sob a sua publica feição economica, mal escondia o que nelle havia de um *revival*, como dizem esses mesmos Americanos, contra os quaes intimamente se fazia, do sentimento da raça, que se sente ameaçada pela incomparavel força da sua rival. O Congresso ibero-americano de Madrid foi verdadeiramente uma assentada geral ou antes as côrtes solemnes da raça que andava dispersa e indifferente, sinão hostil, aos seus diversos membros; uma reunião de familia sob a presidencia do velho pai, hontem quasi esquecido, hoje venerado como um patriarcha. Segundo nota um correspondente do *Spectator* ha dez annos atraz as republicas hespanholas não erão completamente desfavoraveis á idéa do pan-americanismo de Blaine; agora esses povos recuam do seu americanismo, e insistem em mostrar que são primeiro hespanhóes e depois americanos, « que assim como o sangue é mais espesso que a agua, o sentimento é mais forte que a geographia, e que, tendo sobrevivido á inimizade da era revolucionaria, reclamam agora

a sua parte do prestigio da familia e marchar tanto quanto possa ser sob a hegemonia da Hespanha. » Que os Norte-Americanos não desconhecem estas disposições dos povos hispano-americanos, nem a importancia das deliberações tomadas no Congresso ibero-americano de Madrid, mostra o alvitre da imprensa nova-yorkina aconselhando o governo a combater por via diplomatica aquellas deliberações, prejudiciaes aos interesses dos Estados-Unidos.

O que estes não poderão talvez, apezar de toda a sua força, é estancar esta corrente que contra o seu predominio se levanta nas nações ibero-americanas, na voz de alguns dos seus politicos e na de seus publicistas, escriptores e poetas. Na massa popular que constitue essas nações não ha a capacidade de uma opinião apta para comprehender a questão; existe, porém, o instincto ethnico, o « inconsciente nacional », como lhe chamou o Sr. Nabuco, para sentir aquelle perigo vago, indefinido, mas não menos real para elles.

Os poetas são os interpretes destes sentimentos intimos, dessas vagas percepções populares — que o povo não sabe exprimir, e apenas sente. São o vate, o propheta, o trugimao, o lingua que vai ao mais fundo e recondito da sua mente rudimentar buscar a pedra bruta da sua imaginação incerta e obscura e fal-a rebrilhar vivida

á luz da sua inspiração. Todos as que em prosa ou verso lhe interpretam assim o sentimento confuso, e que lh'o devolvem capaz de ser delle comprehendido, são poetas. Assim, o Sr. Rodriguez del Busto, grave sociologo, o é pela adivinhação dos sentimentos latentes no intimo da sua raça, pelo seu amor cavalheiresco por ella, e pelo enthusiasmo, pelo generoso ardor que, do nobre sangue de D. Quixote, põe em defender a sua bella amada. Mais o é ainda o Sr. Rodó, pelas mesmas razões, e mais pela melodia do seu canto, cheio em profusão de notas, de acordes, de rimas, de rythmos de varios mas que a sua arte delicada soube transformar em seus, para cantar a regeneração da raça, para dizer a sua superioridade ideal e pôr em relevo os senões, os defeitos, as maculas que afeiam a raça rival, ameaçadora e poderosa.

Foi na sua collecção *La Vida Nueva*, da qual já sairam dous folhetos contendo o primeiro *El que vendrá* e *La novela nueva* e o segundo um estudo ou uma digressão sobre *Ruben Dario*, que appareceu esta terceira ou quarta obra do Sr. Rodó. Ariel representa para o poeta uruguayo, no symbolismo da obra de Shakespeare, a parte nobre e alada do espirito. « Ariel é o imperío da razão e do sentimento, sobre os baixos estimulos da irracionalidade, é o enthusiasmo generoso, o alto e desinteressado movel

de acção, a espiritualidade da cultura, a vivacidade e a graça da intelligencia — o termo ideal a que ascende a selecção humana... » Foi sob as azas meio abertas do genio aereo que o velho mestre falou aos seus discipulos, amigos e attentos.

Disse-lhes nobres e commovidas palavras de alento e de energia. Falou-lhes nos deveres superiores da vida, não como um mestre escola a simples cidadãos, mas a homens. Não alludiu sequer a votarem, a exercerem os seus direitos, reclamarem ou disputarem, sinão só em que a solidariedade humana impunha deveres. Não lhes pediu a respeito da Constituição e das leis, sómente lhes ensinou « que a honra de cada geração deve ella conquistal-a, pela perseverante actividade do seu pensamento, pela esforço proprio, pela sua fé determinada na manifestação do ideal e seu lugar na evolução das idéas ». Não repisou essa cousa immoral que ahi se chama um curso de « educação civica », a nova religião do Estado, mais dura que a antiga, e sem nenhuma das suas altas bellezas, inquisição civil, com que se viola brutalmente as jovens consciencias indefesas; não lhes ensinou que o ideal da vida politica é a monarchia absoluta, como se ensina na Russia, ou apenas moderada, como se ensina na Allemanha, ou a republica democratica, federativa, como se ensina no

Brazil; limitou-se a dizer-lhes que a sua juventude é uma funcção de cuja applicação erão os obreiros e um thesouro por cujo desbarato eram os responsaveis. Não lhes fez a apologia do imposto, mas disse-lhes justas palavras para a educação da energia e da vontade. Não lhes impingiu heróes de rua, de motim, de revolução, de batalha, e menos os recommendou á sua admiração; mas, modesto, desconfiado de si, raro era que não apoiasse os seus conceitos nas palavras dos grandes directores dos povos, homens de sciencia, homens de pensamento, homens de imaginação, homens de poesia, cujo nome, naquelle recinto, ante a imagem risonha de Ariel, devia levantar um murmurio de veneração.

« Sereis uns homens de sciencias; outros, homens de arte; outros, homens de acção. Acima, porém, dos affectos que tenham de vincular-vos individulmente a distinctas applicações e distinctos modos de vida, deve velar, no intimo de vossa alma, a consciencia da unidade fundamental da nossa natureza, que exige que cada individuo humano seja, antes de tudo e sobre tudo, um exemplar não mutilado da humanidade, no qual nenhuma nobre faculdade do espirito fique obliterada e nenhum alto interesse de todos perca a sua virtude communicativa. »

« Quando um falsissimo e vulgar conceito da

educação, que a imagina subordinada exclusivamente ao fim utilitario, se empenha em mutilar, mediante esse utilitarismo e uma especialização prematura, a integridade natural dos espiritos, e procura prescrever do ensino todo o elemento desinteressado e ideal, não repara bastante no perigo de preparar ao futuro espiritos estreitos, que, incapazes de considerar sinão o unico aspecto da realidade com que estão immediatamente em contacto, viverão separados por desertos gelados dos espiritos, que, dentro da mesma sociedade, adherirão a outras manifestações da vida. »

Este mestre ao mesmo tempo ensina a energia, a acção e o ocio nobre, « como a expressão da vida superior á actividade economica » ; doutrina a caridade e a misericordia, a virtude e a arte — que « a virtude é tambem um genero de arte, a arte divina, que sorri maternalmente ás Graças ».

Um pouco precioso, é certo, lecciona que « a perfeição da moralidade humana consistiria em infiltrar o espirito da caridade nos moldes da elegancia grega ». É tambem mestre do bom gosto, e proprias e alheias, que boas cousas diz o sympathico professor! Faz-nos crer, sem custo, na verdade de um accôrdo superior entre o bom gosto e o senso moral. O que faltou talvez principalmente aos maus, aos tyrannos, como Nero

e Rosas, foi o bom gosto. É á essa falha no primeiro que o Patronio do *Quo Vadis* attribue a sua malvadez. O conceito superior dessa verdade formulou-o Merimée, ou quem quer que foi, no seu apophtegma : *Le mauvais goût mène au crime.*

Depois de falar áquelles moços como a homens, que hão de ser sobretudo homens para o serviço da humanidade, fala-lhes o velho mestre na vida nacional, a cuja concepção « fundada no livre e harmonioso desenvolvimento da nossa natureza, e incluindo, portanto, entre seus fins essenciaes o que se satisfaz com a contemplação sentida do bello, se oppõe — como norma da conducta humana — a concepção *utilitaria*, pela a qual a nossa actividade inteira se orienta em relação á immediata finalidade do interesse. »

O velho pedagogo é, porém, um idealista imperterrito. Esta inculpação de utilitarismo feita ao nosso tempo, em nome do idéal, funda-se ao seu ver em parte no desconhecimento dos esforços titanicos para subordinar as forças da natureza á vontade humana e por estender o bem estar material, « são um trabalho necessario que preparará, com o laborioso enriquecimento da terra esgotada, a florescencia de idealismos futuros ». O optimismo romanesco nelle perdeu a dóse de scepticismo e ironia com

que o Grande Encantador, mitigando-o, tornava-o talvez mais seductor. Esse trabalho titanico nao é, como parece ao velho Prospero, dos ultimos cem annos. A humanidade de facto nunca esteve parada. Tem milhares de annos esse labor indefesso e incessante. Sobre os campos que ella lavrou e plantou erguêram-se, vicejaram, produziram mesmo, bastos idealismos, mas essa felicidade social por que elle anceia, e em que Prospero crê, talvez não lhe chegue jámais. Um mestre póde dizer aquillo aos seus discipulos; deve dizer-lhes para deixar na sua mente juvenil e no seu coração adolescente germens de esperança, de generosidade e de ideal. Dar-lhes, porém, esperanças demasiado seguras, ideaes acaso inattingiveis, uma generosidade ingenuamente confiante, não será preparar-lhes desillusões amargas e dolorosos desenganos? O mestre, felizmente, ensinou-lhes tambem a energia e a vontade, mas eu temo sempre que, si os seus discipulos não são de todo espiritos vãos, almas futeis, corações *senza odio e senza amore*, a vida nacional e a vida humana não se lhes apresente, fóra da aula em que sorri Ariel alegre e esperançoso, sob aspectos bem mais tristes e bem mais duros.

Esse velho mestre nascido em uma republica, é um democrata, e responde victoriosamente, e responde com sentimento e commoção aos ata-

ques que tem soffrido a democracia, de philosophos, de pensadores ou de simples literatos. Mas para ter razão na sua resposta elle, por um pio sophisma, não toma a democracia como ella é, e como a malsinaram Comte, Scherer, Renan, Taine e mil outros, seus filhos e seus inimigos, em França e alhures, mas como ao seu sentir devia ser. Ensina que « toda a igualdade de condições é na ordem das sociedades, como toda a homogeneidade na ordem da Natureza, um equilibrio instavel. Logo que a democracia tem realizado a sua obra de negação com alheiar as superioridades injustas, a igualdade conquistada não póde por si mesma indicar um ponto de partida. Fica a affirmação. E o affirmativo da democracia e sua gloria consistiram em suscitar, por estimulos efficazes, a revelação e o dominio das *verdadeiras* superioridades humanas. » Mas então, ainda seria a democracia, a democracia invejosa, ciosa, o reino da mediocridade que, nesta America, sobretudo, é a unica que conhecemos, unica que póde, com a organização social actual, viver e viçar?

Justamente nesta America, proclamou Prospero a seus discipulos, este conceito, que é necessario precisar, relativamente a ella, adquire um duplo imperio. Nações formadas pela affluencia immigratoria, que não só devemos querer, mas acolher, e que só podem fazer de nós

povos numerosos e fortes precisam evitar os perigos « da degeneração democratica que afoga sob a cega força do numero toda a noção de qualidade ». Na America *governar* é *povoar* como disse um publicista americano, mas é mais do que isso : « governar é povoar, assimilando em primeiro lugar; depois educando e seleccionando ».

Na America do Norte domina a grande nação anglo-saxonia, ameaçadora para a integridade, mais talvez moral do que politica, dos demais paizes da America, della para o sul latinos. Nestes mesmos existe a respeito daquella uma inveja, uma mania de imitação, uma admiração imponderada. Quizeram muitos, mesmo com sacrificio do que lhes constitue a distincção como povo, ser como ella. « Ouvir-se-á talvez dizer que não ha, na organização dos nossos povos, um signal proprio e definido, por cuja permanencia, por cuja integridade, devamos pugnar. Falta, talvez, em nosso caracter collectivo o contorno seguro da « personalidade », reconhece o mestre, mas accrescenta logo : « Na ausencia, porém, dessa indole perfeitamente differenciada e autonomica, temos — os Americanos latinos — uma herança de raça, uma grande tradição ethnica que manter, um vinculo sagrado que nos une a immortaes paginas da historia, confiando á nossa honra sua conti-

nuação no futuro. O cosmopolitismo, que temos que acatar como uma irresistivel necessidade da nossa formação, não exclue, nem esse sentimento de fidelidade ao passado, nem a força directriz e plastica com que deve o genio da raça impor-se na refundição dos elementos que constituirão o Americano definitivo do futuro. » Está, porventura, neste trecho todo o pensamento inspirador desta ultima lição do venerado mestre aos seus amados discipulos. A critica arguta, fina, e mesmo sympathica e admirativa que elle faz aos Estados-Unidos, é a contra-prova de tudo o que elle dirá da raça hespanhola ou latina. Não ha em todo este opusculo, obra de arte ao serviço de um nobre ideal social, positivo e pratico, não descendo jamais da serena e luminosa atmosphera da arte, uma só frase, uma só palavra que nos diga expressamente o intuito com que a escreveu o autor. Mas elle todo o diz. Apezar das palavras de fé e de esperança, de amor e de alegria que Ariel inspira ao nobre espirito do mestre provecto e bom, sente-se-lhe no discurso, leve, vaga, quasi imperceptivelmente, que si é grande a sua fé no futuro, o presente lhe parece lobrego e incerto. Ao cabo, tomado da mesma emoção que communica, elle revela emfim o motivo da sua arenga : « Pensai ao menos na vossa America : a honra da vossa fu-

tura historia depende de que tenhais constantemente ante os olhos a alta visão desta America regenerada... »

E quando aquelles moços se arrancam dali, vibrando ainda sob a magica e cordial palavra do seu velho mestre, murmura um delles olhando a noite e a multidão transeunte : — « Emquanto passa a multidão, eu observo que embora ella não olhe para o céo, o céo olha para ella. Sobre a sua massa indifferente e escura, como terra sulcada pelo arado, desce de cima alguma cousa. A vibração das estrellas se parece com o gesto de mãos de semeador. »

NOVO ROMANCE DO CELIBATO

Morte de Homem, por D. João de Castro, Lisboa, 1900.

Não é de hoje que a litteratura é prégadora e doutrinaria. Desde a sua origem o foi. Sómente, como variou de fórma — o fundo conserva-se inalteravelmente o mesmo desde Homero até o Sr. D. João de Castro — variou tambem no modo de ser considerada na sua universalidade, numas épocas o foi mais do que em outras, como com certas escolas o foi mais intencionalmente que com outras. Como ao espirito humano não faltam aberrações de toda a ordem, uma houve que pretendeu não o ser absolutamente e fazer literatura pela literatura, ou como diziam, a arte pela arte. Mas não ha intenção humana capaz de prevalecer contra a natureza das cousas. E a natureza da arte, na sua origem, nos seus fundamentos, na sua

legitimidade, na sua razão de ser, na sua funcção social, não comporta similhante irracional concepção. Morreram já, ou não tardarão a morrer, para a perpetua vida literaria os que se matricularam nessa má escola, e que conseguiram realizar-lhe, mesmo imperfeitamente, os ensinamentos. O maior delles, Flaubert, esse viverá, justamente porque o que ha de eminente na sua obra é a negação clamorosa dos seus principios.

Das questões sociaes, que são o mesmo *substractum*, o motivo e assumpto da literatura, uma das mais interessantes, por mais humana, é a do celibato. A antiguidade, si não erro, a desconheceu, desconhecendo a cousa. Na cidade antiga, o celibato era interdicto pela religião e pela lei. Mesmo o das vestaes era temporario. Introduzindo-o na sua disciplina no seculo XI a Igreja Catholica creou a questão nos povos catholicos, que eram todos os Occidentaes. Talvez seja pura verdade reconhecer que nos tempos de seu estabelecimento obrigatorio para o clero catholico, e nos seculos que se lhe seguiram, não teve a questão importancia real e verdadeiro interesse social. Papas, cardeaes, bispos e padres pouco de facto respeitavam esta determinação ecclesiastica. Não se exagera dizendo que a mancebia do clero, superior e inferior, era geral nas épocas que nós

com bem pouco fundamento chamamos de religiosas. Então o conflicto tremendo entre a paixão humana e o dever religioso tinha a facil solução do concubinato geralmente praticado, admittido, tolerado, si não se ia esconder e perder em algum convento de regra mais severa, pois que na maioria delles viçava e florescia um desmancho de costumes, de que são os papas reformadores, seus legados, e bispos empenhados em manter a pureza da disciplina do clero, que nos dão a noticia e confirmação mais authentica. Não ha maior erro, penso eu, que julgar mais puras que as nossas essas épocas chamadas de fé. Nunca no seio da igreja catholíca houve mais vicios e torpezas do que nellas. Nestes nossos tempos de nenhuma fé sincera e funda, de nenhuma fé que de facto governe a vida, mas apenas de *snobismo* religioso, são impossiveis os papas, os altos dignitarios da igreja, arcebispos, bispos como os houve numerosos naquelles « tempos de religião ». A corrupção que nelles vinha desde o sólio pontificio e do Sacro Collegio até o humilde presbyterio da aldeia, dos paços episcopaes aos conventos e mosteiros, já se não percebe hoje sinão como casos individuaes isolados, que rarissimo se deparam acima do clero inferior, cuja mesma humildade a esconde. Não sei de prova maior da nenhuma influencia da fé, da crença reli-

giosa, sobre a moral, nem de melhor testemunho de que longe de ser a religião que melhora os costumes, é o progresso dos costumes leigos, a cultura moral da sociedade leiga, que influe para moralizar as religiões e seus ministros.

Eis-me aqui a falar como o Miguel Pontes do romance do Sr. D. João de Castro, em vez de falar do livro. É que o livro levanta, ou melhor trata novamente a questão do celibato dos padres, e, correlativamente, põe em scena typos e costumes clericaes, nessa Braga, cidade de padres e, ao que parece de immoralidade, da qual nos deixou Camillo Castello Branco tão vividos quadros. Preferindo a cidade primaz das Hespanhas para palco do seu drama, diz o escriptor que lhe justifica a escolha o mesmo assumpto do livro. Avenha-se Braga, a velha cidade archiepiscopal e devota, com os romancistas seus compatriotas.

A historia, a chronica e o romance portuguezes não são agradaveis ao clero indigena. Por um santo, quantos diabos! Ainda nos tempos ditos de fé viva, da fundação da monarchia, que sucia de bispos e frades e conegos e padres brigões, arruaceiros, chefes de facções, renegados, devassos, simoniacos! Quem nol-o mostra é um escriptor sério até ao lugubre, severo como um asceta, um espirito profundamente religioso, veraz e austero, como um

stoico, e demais sabedor como ninguem da historia portugueza : Alexandre Herculano. E os seus confrades e emulos em historia e em ficção — salvo naturalmente os agiologicos e agiographicos, e os chronistas religiosos — não destoam das suas sabias noticias. Nesse baluarte da fé catholica que foi e parece ainda é Portugal, Braga é o bastião.

Ahi se passa o drama imaginado pelo Sr. D. João de Castro, e que é, mui resumidamente, o seguinte : — Vagou em Braga o lugar de chantre, que a clerezia bracharense encarniçadamente disputa, pondo em jogo toda a sua influencia pessoal com a gente mais grada da terra e a sua influencia politica propria. Em Portugal o clero, curas, abbades, parochos, são o melhor elemento dos pleitos politicos, os melhores cabos de eleição, chefes de partidos, e, si não fosse falar irreverentemente, diria, á brazileira, os melhores espolètas eleitoraes do paiz. São meus informantes nesta materia os romancistas, que são tambem os historiographos ao meu ver mais dignos de credito. Entre os padres que se empenhavam pelo lugar de chantre havia-os diversos do partido do Governo, que arriscava preferindo uns aos outros descontentar alguns prestimosos auxiliares eleitoraes. O Ministro, que devia de fazer a nomeação, evitou o perigo, nomeando um padre, seu primo,

que vivia em Lisboa, na alta roda, e fazendo constar em Braga que cedêra a recommendações do Paço.

Este padre não era um padre como qualquer outro. Além do fidalgo, formado em Coimbra, e de outros predicados intellectuaes e moraes, tinha na sua vida um romance doloroso. Casára cedo, aos vinte annos, por puro amor, com uma joven e formosa prima. Ao cabo de dous ou tres annos de casados, annos de uma lua de mel que promettia ser eterna, morreu-lhe a esposa querida, deixando-lhe dous filhos, um menino e uma menina. Uma dor profunda se apoderou delle, e levou-o a cumprir agora um voto vagamente feito á mãi, monomaniaca religiosa, de ser padre. E ordenou-se, consagrando-se, porém, mais ao culto da morta amada sempre presente á sua saudade, e á criação dos filhos em quem ella revivia, que ás obrigações do sacerdocio. Vivia com elles e com a sogra, e durante vinte annos, apezar da vida social e mesmo mundana que por amor dos filhos teve de levar, a saudade da mulher morta não diminuiu no seu coração, sempre amargurado. Nenhuma outra mulher fel-o jamais bater a um sentimento novo. Com reluctancia accedeu ao pedido do primo Ministro de ir como chantre para Braga. Foram precisas considerações de sua saude, enfraquecida por golpe tão demoradamente sof-

frido, da saude da filha, que lucraria como elle com o ar do campo, de interesses de uma herança que um parente lhe havia deixado em Braga, para o moverem a aceitar o cargo.

Em Braga é recebido e carinhosamente agasalhado por um primo, Barão da Abelheira, ex-Deputado ás Côrtes, chefe politico, tagarella, pai de tres gentis filhas, das quaes uma, a mais velha, formosissima, caracter e temperamento excepcionaes, dispõe-se, com grande desgosto dos pais, do Barão principalmente, cuja é a predilecta, a entrar para uma ordem religiosa.

A principio esquiva-se o novo chantre, mais talvez do que conviria, á frequencia da casa daquelles parentes, que aliás tinham reuniões nocturnas quotidianas. Por fim, a instancias do Barão lá foi jantar um dia, e quasi não faltou mais aos serões diarios, ao voltarête, ao chá, ás sessões musicaes. Elle era um excellente violinista e Constança eximia pianista. Tocaram alguns duos de Schumman e de outras poetas da musica. Mas desde a primeira visita, Constança impressionára singularmente o primo chantre. Elle tambem lhe causára uma impressao singular, como jamáis sentira diante de homem algum. Elle ia ali, a moda geral dos padres portuguezes, â secular; e na sua physionomia ainda moça, fidalga, intelligente, velada por uma tristeza de paixão, mas benevola e sympnthica, e

nas suas maneiras de homem discreto e civilizado, havia com que tocar um espirito como o de Constança, severo, sério, grave, mas em que as paixões só podiam ser ardentes. Não que se amassem logo, nem mesmo que ella nunca chagasse a amal-o. Nelle, apezar da impressão primeira, o amor penetrou pouco a pouco, fazendo-se por isso mais forte. De repente se sentiu preso delle e se lhe apresentou terrivel á consciencia este certeza atrozmente deliciosa : que elle amava, elle padre, aquella joven, sua prima, filha de parentes que o recebiam com tanto carinho e tão cega confiança. Começa então no seu coração a luta tremenda que o ha de levar á morte.

Constança acaba por descobrir que o padre a ama. A sua consciencia se horroriza, mas — ha alguma cousa nella que é excitada por aquella descoberta. Ella o não ama, mas elle não lhe póde ser um estranho, somente talvez por amal-a por aquella maneira. Ella esquiva-se-lhe, elle a busca, com os olhos fitos sempre nella, mas disfarçando quanto póde a paixão que manifestamente o devora. Ella, que já acaso cedêra daquella velleidade de ser freira, volta de novo a esse pensamento, agora decidida, resoluta, apezar das lagrimas e das supplicas do pai. É o unico meio que se lhe offerece de fugir ao amor daquelle homem, que diabolicamente a

persegue com a sua paixão violenta e muda. Seu pai, o Barão, esgotados os recursos proprios, recorre ao chantre pedindo-lhe intervenha com a filha, « sobre a qual tinha muita influencia », para a demover daquelle passo. A collisão em que se vê o padre é difficil; assombra-o a só idéa de similhante entrevista. Procura todas as razões com que se esquive, mas o pai insiste de tal modo que elle acaba por ceder, vencido. Foi para elle uma tortura essa conferencia; Constança, torturada tambem, a supportou, entretanto, de cara alegre, oppondo á paixão do padre, que ella sentia prestes a estalar, uma calma fingida, mas risonha e brincalhona. Sua decisão estava tomada; partiria para a França, nesses dias. « Lourenço, — é o nome do chantre — desde esse dia sentiu que todos os argumentos da sua razão fraquejavam em frente das rebelliões do seu amor. Aquelle caracter de Constança, com todas as delicadezas e todas as fragilidades do seu sexo, encantava-o quasi tanto como a sua luminosa belleza de marmore edenico. Tudo nella lhe parecia superior, de uma desigualdade feliz e impressionadora. E, sentindo-se vagamente adivinhado, a sua paixão flammejava, como si as palavras com que ella condemnara o amor humano, fossem apenas um estimulo para o seu coração impetuoso. Amava-a, queria-a, — e a sua imaginação desnorteada,

sorria á possibilidade de viver com ella numa intimidade mysteriosa alimentada por entrevistas como a de aquelle dia, — mas nas quaes um amor mutuo, sentido e não confessado, agitasse os seus peitos, estreitasse as suas mãos, approximasse os seus labios em deliciosos beijos de irmãos... De irmãos, sim! O delle era tão grande, — pensava, — que se espiritualizava em uma amizade profunda e casta absolutamente insexual!... Repugnava-lhe a idéa de a possuir brutalmente numa subita furia de appetites sensuaes, queria apenas beijal-a, abraçal-a ouvir as consolações da sua boca de anjo, sentir as caricias das suas mãos de santa... » Até aqui nada ha de particular no drama começado desta paixão de um padre, nem mesmo a novidade, a formosura ou excellencia da sua expressão. O leitor não me permittiria que lhe insinuasse a « luminosa belleza de marmore edenico », « uma originalidade feliz » e aquella idéa de « amor de irmãos », — que já acudiu a todos os seductores do romantismo, como rasgos ineditos de genio ou de estylo. O que principalmente realçará este novo romance do celibato clerical, é a situação singular em que o romancista põe o seu heróe, é o ambiente familiar em que o faz viver com a sua paixão. Mais, é a seriedade com que encara a questão, sem o sentimentalismo romantico de Camillo, e sem o scepticismo

ironico de Eça de Queiroz, antes, menos o espirito religioso, com a circumspecção de Herculano. Esse padre apaixonado tem um filho, que chega de Coimbra formado, e que entra, como era naturalissimo, a amar Constança, sendo della immediatamente amado. É este immediato amor de Constança, pelo joven e gentil bacharel filho do padre, que ella sabia a amava ardentemente, e cuja paixão a impressionava, quando tinha já prompto o seu enxoval de religiosa, o lance talvez menos feliz neste romance. O autor não nos soube preparar para elle. O chantre tenta segunda vez dissuadir Constança de ir para freira, e sem mais resultado que da primeira. O filho surprende-os ainda no fim do colloquio e, quando ella fica só, pergunta-lhe o que lhe dizia o pai.

« — Que ella não fosse para freira..., incumbencia do papá.

— E... que lhe respondeu?

— Nada!

— Como?! pois persiste.

— De certo.

Elle calou-se um instante, enervado. (Este adjectivo é um cacoête no autor.)

— E si eu lhe pedisse tambem? — balbuciou.

Christovam viu o corpo de ella (notem este *de ella*) estremecer e uma onda de sangue colorir-lhe a face...

— O primo? — e a voz de Constança era tremula. — Mas que interesse póde ter o primo...

— O maior interesse, creia...

— Por que? por que?...

Elle hesitou um segundo. Depois, com a voz quente do seu enthusiasmo juvenil, murmurou simplesmente :

— Porque a adoro. »

Affirma-nos em seguida o autor que « nessa tarde Constança revivesceu » e que « havia muito que amava Christovam ». A mim ao menos a leitura attenta do seu livro não me deu essa impressão e mesmo não havia muito que Constança o vira pela primeira vez.

Dahi começa para o apaixonado chantre uma existencia de angustiosas torturas. Elle surprehende o amor dos dous; o filho pede-lhe o seu consentimento ao casamento, que elle é obrigado a dar; as precedencias das bodas, os esponsaes, o noivado, a vida commum das duas familias cuja ligação se vai estreitar, sobretudo o ter elle proprio de officiar no acto do casamento, sao outros tantos supplicios cruciantes para o seu coração, cada vez mais apaixonado. Tem um doudo ciume do filho e um ardente desejo da nora. O soffrimento abate-lhe o physico e deprime-lhe o moral. Com grande escandalo da devota Braga, passa dias sem dizer

missa. Toda a familia se assusta, e Constança sente a sua perseguição : amedronta-a a idéa de uma violencia, de que começa a julgal-o capaz. Uma noite, o marido ausente, sente que elle veiu tentar a sua porta. E uma manhã, quando deviam madrugar para irem a algumas leguas da cidade esperar o marido de volta de Lisboa : tendo ella readormecido, acordou quasi nos braços delle, desvairado. Aos seus gritos acudiu a avó, que o levou como um hallucinado, fóra de si, idiota, para o quarto. Encerrou-se ali por dentro, mudo e tetrico. E quando o filho, que chegára antes da hora esperada, batia-lhe alegre á porta : — O' pai! O' pai! ouviu-se dentro um tiro de revólver. Era o Padre que se matára. Dias antes, nas reuniões da casa do Barão da Abelheira, discutira-se o caso de um sujeito, excellente catholico, piedoso devoto, praticante certo de todos os mandamentos da Santa Madre Igreja, mas que para sustentar vicios occultos desfalcára a caixa de um banco, cujo era thesoureiro. Entre os alvitres de como deve proceder um homem em caso tal, disse Christovam, com escandalo daquelle beaterio : « — Todo o homem honesto, que cede a uma paixão vergonhosa de qualquer natureza, e commette crimes sob a influencia de ella (*sic*), deve eliminar-se, ou offerecer-se ao castigo sem reservas. É esta a minha opinião,

e juro que a aconselharia ao meu melhor amigo .. » O padre Lourenço tomou para si aquellas palavras, crendo que o filho sabia já do seu sacrilego amor e, por ellas, lhe indicava um desfecho a dar á sua triste situação. E esta idéa, obsidiando o seu espirito desvairado pela paixão, determinou-o a matar-se.

Tal é, num breve epitome da sua acção principal, este novo romance do celibato religioso. Creio que é o primeiro grande romance (480 paginas) do autor, no qual ha evidentemente um romancista de merecimento. O estylo do Sr. D. João de Castro é que me não parece de todo isento de defeitos, nem com qualidades subidas. A sua lingua está cheia de francezias escusadas. Aliás o Sr. Candido de Figueiredo, nas suas publicações sobre a lingua portugueza, nos tem edificado sobre como se escreve mal em Portugal, ou pelo menos como ali se abusa da frascologia peregrina mais desnecessaria. Num paragrapho de vinte linhas (pag. 216) conto em *Morte d'Homem*, escriptas sem grypho *abat-jour*, *shake-hands* (o Sr. Castro não conhece o portuguez « aperto do mão », usa exclusivamente da expressão ingleza), *toilette*, *fauteuil*, como se fossem palavras lidimamente portuguezas. E não é no dialogo, sinão na sua narração. As palavras francezas gryphadas, mas perfeitamente dispensaveis, que as temos todas,

superabundam ; de uma sobretudo abusa, *maintien*, que si me não engano muito, não tem contemporaneamente entre os Francezes o emprego que lhe dá o escriptor portuguez. Como Eça de Queiroz « perpetrou » o horroroso *goche* — de que depois se arrependeu, assim o Sr. D. João da Camara inventou *reveria*, e pretende naturalizal-a portugueza. Oh, póde estar certo que não pegará. Aliás, só os grandes sabedores da lingua, os mestres na arte de escrevel-a, um Castilho, um Herculano, um Garrett, um Camillo, podem-se affoitar a taes naturalizações, com esperança de lh'as aceitarem. Mas o que mais desagradavel torna por vezes a lingua do Sr. D. João de Castro é a suppressão das contracções da preposição *de* com as determinativas. A invenção, creio, não lhe pertence. Já a vi no Sr. Alberto de Oliveira, o poeta portuguez, e não sei em que outro « novo » de lá. Aqui o Sr. Alphonsus de Guimaraens, com a sua indole imitativa, arremedou-os. Assim o Sr. D. João de Castro escreve *de elle*, *de este*, *de isso*, *de aquelle*, produzindo frases que são verdadeiros horrores, como : « recordava a mão de ella ». « Pois sim, mas aquellas idéas de elle ? » e que taes. Similhante reforma da lingua é irracional, pois o facto contrario e geral, a contracção das vogaes naquelles casos, é um facto phonetico, obedecendo á lei physiologica

do menor esforço. Contra ella não podem prevalecer modas literarias. E é ainda mais absurda em Portugal, onde a indole prosodica é justamente a contraria, de fazer a contracção sempre que haja concurrencia de duas vogaes. Com mais propriedade escreveu Eça de Queiroz nos seus dous derradeiros livros, de accôrdo com a pronuncia do paiz, multiplicando superabundantemente as contracções. Aliás será difficil a Portuguezes lerem, sem contrahil-os, os *de isso*, *de elle*, e *de este* e *de ella*, do Sr. Castro.

O novo romancista portuguez está, me parece, sacrificando a exterioridades de escripta com que certos escriptores pretendem originalizar-se e distinguir-se; abuso de maiusculas, excentricidades orthographicas e até typographicas, revoltas desarrasoadas contra a grammatica e o diccionario, e quejandas. Ora, nada disto póde concorrer para dar valor a uma obra de arte: Para isso só se conhece até hoje um e unico meio, é pôr-lhe talento. E em nenhum desses artificios ha meio de descobrir talento. Admira é como um escriptor que o tem incontestavel, segundo me pareceu o Sr. D. João de Castro, ainda recorra a similhantes artimanhas, recurso dos mediocres.

INDICE

Paris. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 324.1.1902.

EXTRACTO DO CATALOGO

DA

LIVRARIA DE H. GARNIER

RIO DE JANEIRO

71-73, RUA OUVIDOR, 71-73

I. — LITTERATURA

1.° — PROSA

Alfarrabios. Chronica dos tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR ; contendo :
I. **O Garatuja**. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . . 2$000
II. **O Ermitão da Gloria** e a **Alma de Lazaro**. 1. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
Alma (A) e o cerebro, estudos de psychologia e de physiologia. Obras do Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.°. . . . . 8$000
Baroneza (A) de amor, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Brazileiras celebres. por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000
Caça (A) de um baronato. A herança esperada e inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . 1$000
Cartas a um Solitario, pelo Dr. A. C. TAVARES BASTOS. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Casa de pensão, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição, 1 v. in-8° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Casamento de tirar o chapéo. O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600 br. . . 1$000
Carteira (A) de meu tio. 4.ª edição, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000 br. . . . 2$000
Casamento (Um) no arrabalde, por FRANKLIN TAVORA 1 v. in-4.° br . . . . 1$000
Ciganos no Brazil (Os). Contribuição ethnographica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
Cinco minutos. A Viuvinha. Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Commentarios e Pensamentos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.° enc. . . . 4$000
Confederação (A) dos Tamoyos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 3° edição, correcta e accrescentada pelo autor. 1 v. . . . . 8$000

Contos da roça, por Emilio Augusto Zaluar, 2 vs. enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Contos ephemeros, por Arthur Azevedo, 1 v. enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Contos Fluminenses,, contendo Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por Machado de Assis. 1 v. in-8°. enc. 5$000, br. . . . 4$000
Contos possiveis, por Arthur Azevedo, 1 v. in-8°. enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Contos sem pretenção. A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por Luiz Guimarães Junior. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Correr (Ao) da Penna. (Folhetins.) Revista hebdomaearia das paginas menores do « Correio Mercantil », por J. M. de Alencar, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Cortiço (O), por Aluizio Azevedo, 3.ª edição, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Coruja (O), por Aluizio Azevedo, 1 v. in-8.°, enc. 4$000 br. . . . . 3$000
Crime (O) do Padre Amaro, por Eça de Queiroz, 1 gr. v. in-8° br. . . . . 9$000
Culto (O) do Dever. Romance, pelo do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, 1 v. in-8.° enc. 3$000 br. . . . . 2$000
Curiosidades, Noticias e variedades historicas brazileiras, por Moreira de Azevedo. 1 v. in-8°. enc. 3$000, br. 2$000
Curso de litteratura brazileira. Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*. pelo Dr. A. S. de Mello Moraes Filho, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-4.° enc.. . . . . 6$000
Curvas e Zig-Zags. Cantos humoristicos, por Luiz Guimarães Junior. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . . . 2$000
Diva. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. de Alencar. 5.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Dom Casmurro, por Machado de Assis. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Dous (Os) Amores. Romance brazileiro, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . 4$000
Dous dias de felicidade no campo, seguido do Curso de experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie, mas de grande profundidade. O relogio de Gertrudes, por Fausto. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Doutor (O) Benignus, por Emilio Augusto Zaluar. 2 vs. in-8.° enc. 2$000 br. . . . . 3$000
Epochas e Individualidades. Estudos litterarios por Clovis Bevilaqua. 1 v. in-8.° enc. 4$000 br. . . . . 3$000
Ermitão (O) da Gloria, A Alma de Lazaro, por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.° 3$000 br. . . . . 2$000
Ermitão (O) de Muquem, ou a historia da romaria de

Muquem na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Escrava (A) Isaura, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Factos do Espirito Humano, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.° enc. . 8$000

Fantina, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARÓ. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Fatalidades (As) de dous jovens. Recordações dos tempos coloniaes, por TEIXERA E SOUZA. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. 4$000

Favos e Travos, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.° enc 3$000, br. . . . . , 2$000

Foragido (O), por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma noticia biographica, por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Festas e tradiçoes populares do Brazil, pelo Dr. MELLO MORAES Filho, 2.ª edição correcta . . . .

Forasteiro (O), pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . . . . 6$000

Os Francezes no Rio de Janeiro. Romance historico, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Garatuja (O), por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Garimpeiro (O), romance por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Gaucho (O), por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Guarany (O). Episodios da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. Nova edição. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Girandola de Amores já publicado com o titulo. Mysterio da Tijuca, litteratura dos vinte annos, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.° enc. 4$000. br. . . . . 3$000

Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes, por SENIO (J. M. ALENCAR). 2 v. in-8.° enc. 6$000 br. . . 4$000

Helena, romance, por MACHADO DE ASSÍS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Historias Brazileiras, por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Historia da litteratura Brazileira, por SYLVIO ROMERO. 2 grossos v. encadernados. . . . . 20$000

Historias da Meia Noite, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc, 3$000, br. . . . . 2$000

Historias sem data, por MACHADO DE ASSIS. 1 elegante volume in-8.° nitidamente impresso, enc. 3$000, br. 2$000

Holocausto, romance por XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.° enc 4$000, br. . . . . 3$000

Homem (O), por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Ilha (A) maldita. — O pão de Ouro, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Indio (O) Affonso, seguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Instrucção (A) publica no Brazil, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO. 1 v. in-4.° enc. . . . 7$000
Iracema, lenda do Ceará, por J. M. DE ALENCAR, 4.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.°, enc. 3$000, br. . . . . . . 2$000
Livro (O) de uma sogra, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Lobos de Pariz (Os), por JULIO LERMINA. 3 v. br. . 9$000
Lourenço de Mendonça. Episodio dos tempos coloniaes, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Luciola. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 4.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Luneta (A) magica, pelo Dr JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Mãe Tapuia (contos), por MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brazileira). 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . 3$000
Maias (Os), episodios da vida romantica, por EÇA DE QUEIROZ, 2 grossos volumes in-8.° br. . . . . 16$000
Mandarim (O), por ECA DE QUEIROZ, 1 v. in-8.°, br. 4$000
Manuscripto de uma mulher, pelo visconde DE TAUNAY, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Mariposas, romance brazileiro, por EDMUNDO FRANK 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Martyres da vida intima, por PIRES DE ALMEIDA. Photographias. 1 v. in-12 enc. 1$600 br. . . . . 1$000
Martyrio (O) do Tiradentes, ou Frei José do Desterro, lenda brazileira, por NORBERTO DE SOUZA. 1 v. in-12, enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por BERNARDO GUIMARÃES. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . . . 4$000
Memorias posthumas de Braz Cubas, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Memorias da rua Ouvidor, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br . . . . 3$000
Memorias de um condemnado, 2.ª edição, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000 br. . . . . 3$000
Memorias de um Sargento de Milicias (romance de costumes brazileiros), por M. A. DE ALMEIDA, precedido de uma Introducção litteraria, pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia brazileira. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . 2$000

Memorias do Sobrinho de meu Tio, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8° enc. 6$000, br. . . 4$000
Minas (As) de Prata. Complemento do « Guarany ». Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. DE ALENCAR. 3 v. in-8.° enc, 12$000, br. . . . . 9$000
Mocidade de Trajano, por SYLVIO DINARTE. 2 v. in-8.° enc, 6$000, br. . . . . 4$000
Moço (O) Loiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Modernas ideias (As) na Litteratura Portugueza, por THEOPHILO BRAGA. 2 vs. enc. 12$000, br. . . . . . . 10$000
Moreninha (A), pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Morte moral (A). Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 v. in-8.° enc. 16$000, br. . . . . 12$000

Parte primeira. — *Cesar*.
Parte segunda. — *Antonieta*.
Parte terceira. — *Annibal*.
Parte quarta. — *Almerinda*.

Mulato (O). por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Mulheres (As) de Mantilha, romance historico, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Mysterios da Tijuca. Vide *Girandola de Amores*.
Mythos e Poemas. Nacionalismo, pelo Dr MELLO MORAES FILHO. 1 v. nitidamente impresso, enc. 4$000, br. . 3$000
Namoradeira (A). Romance pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . . . . 6$000
Narrativas militares (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Nina. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Noivo (Um) a Duas Noivas. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . 6$000
Nocturnos. Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introducção do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Noivos (Os) de MANZONI, traducção do Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Adademia Brazileira. . . . . 0$0C
Novos estudos de Litteratura Contemporanea, por SYLVIO ROMERO. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . 4$000
Obras do Dr. ANTONIO FERREIRA. 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego FERNANDES PINHEIRO, 2 vs. enc. 8$000, rica enc. . . . . 12$000
Obras de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estran-

geiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 v. in-8.° enc. 9$000, br. 6$000
Opusculos historicos e litterarios, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.° enc. . . . . 8$000
Opusculos recreativos e populares, pelo Dr. HAMVULTANDO. 1 v. in-4.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Ouro sobre azul, pelo visconde DE TAUNAY, 3.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Paginas recolhidas, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Papeis avulsos, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Passeio (Um) pela cidade do Rio de Janeiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.° com numerosas estampas. . . . . 8$000
Pata (A) da Gazella, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Pégadas, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Philomena Borges, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição. 1 v. in 8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Picciola, por X. B. SAINTINE. Obra premiada pelo Instituto de França, versão portugueza de FRANCISCO LADISLAU ALVARES DE ANDRADE. 2.ª edição escrupulosamente revista com a 36.ª do original, unica traducção approvada e consentida pelo autor. 1 v. in-8.° enc. . . . . 4$000
Primo (O) Bazilio episodio domestico, por EÇA DE QUEIROZ, 1 grosso volume in-8.° br. . . . . 8$000
Provinciano (Um) ladino. Onde se encontra a verdadeira felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$500, br. . 1$000
Quadros e chronicas, por MELLO MORAES FILHO, com um Estudo por SYLVIO ROMERO. 1 v. in-8.° enc. 6$000, br. 5$000
Quatro (Os) Pontos Cardeaes. A Mysteriosa. Romances, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 grosso volume in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Quincas Borba, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Reliquia (A), por EÇA DE QUEIROZ. 1 v. in-8.° br. . 6$000
Resurreição. Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Retirada da Laguma (A), pelo Visconde DE TAUNAY, traducção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. . . . . 0$000
Rio (O) do Quarto, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Romances da Semana, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc 2$000, br. . . . . 3$000
Rosa. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Rosaura, A Engeitada, romance brazileiro, por BERNARDO GUIMARÃES, 2 vs. in-8.°, enc. 6$000, br . . . . . . 4$000
Scenas da vida republicana, reminiscencias do feliz tempo escolar, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600 br . . . 1$000
Seminarista (O), romance brazileiro por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Senhora. Perfil de Mulher, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Sertanejo (O), romance brazileiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Sonhos d'Oiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Tronco (O) do Ipé, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Til. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.° enc. 6$000. br. . . . . 4$000
Ubirajara, lenda tupy, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br . . . . 2$000
Uma lagrima de Mulher, por ALUIZIO AZEVEDO. 2.ª edição, enc. 4$000, br . . . . 3$000
Valle (O) do Amazonas, pelo Dr. A. C. TAVARES BASTOS. 1 v. in-4.° enc. 8$000
Vicentina, romance, por JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Victimas Algozes (As). Quadros da Escravidão pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Yáyá Garcia, por MACHADO DE ASSIS. 2.ª edição, 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

2.° — POESIA

Album do Trovador Brazileiro, escolha de lindas modinhas, recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias, etc., etc. 1 vol. in-8.° br. $500
Alcyones, poesias por CARLOS FERREIRA. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Alvoradas, versos de LUCIO DE MENDONÇA. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Americanas, poesias, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Aspasia, poesias, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8.° nitidamente impresso, enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Brazilianas, poesias por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 1 vol. in-8.° enc. . . . . 6$000
Cachoeira (A) de Paulo Affonso. Poema original brazileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*, por CASTRO ALVES. 1 v. in-4.° enc. 3$000, br. 2$000

Cancioneiro dos Ciganos. Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e superstições d'esse povo, pelo Dr. Mello Moraes Filho. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Cancioneiro do Brazil, pelo Dr. Mello Moraes Filho. Collecção escolhida de poesias, lendas e cancões populares do Brazil. E composta dos tres volumes seguintes, que se vendem separadamente :

I. — *Tradicionaes :* Bailes pastoris.
II. — *Actualidades :* Scenas comicas, monologos e cançonetas, recitativos ao piano ou ao violão.
III. — *Hymnos :* Modinhas e lundús, seneratas, barcarolas.

Canticos Funebres, pelo Dr. J. G. de Magalhães, visconde de Araguaya 1 v. in-4.° enc. . . . . 8$000

Cantora brazileira (**A**.) Nova collecção de Poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. E composta dos tres volumes seguintes :

Modinhas brazileiras. 1 v. in-12 enc. 2$000 br . 1$500
Recitativos. 1 v. in-12 enc. 2$000, br. . . . . . 1$500
Hymnos, Canções e Lundús. 1 v. in-12 enc. 2$000, br. . . . . 1$500

Cantos do Equador, por Mello Moraes Filho. Edição definitiva com estudos literarias de Sylvio Romero e Xavier Marques. 1 v. in-12 enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Caramuru poema epico do descobrimento da Bahia, por Fr. José de Santa-Rita Durão.

Nova edição brazileira, precedida da biographia do autor pelo Visconde de Porto Seguro, 1 vol. in-8.° enc. 3$000

Chrysalidas, poesias por Machado de Assis. com um prefacio do Dr. Caetano Filgueiras. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Colombo, poema por Manoel de Araujo Porto-Alegre. 2 v. in-4.° enc. . . . . 8$000

Corymbos. Poesias por Luiz Guimaraes Junior. 1 v. in-4.° br. . . . . 3$000

Espumas fluctuantes, por Castro Alves. Nova edição, 1 v. enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Filagranas, por Luiz Guimarães Junior. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Flóres e Fructos, poesias por Bruno Seabra. 1 v. in-8.° enc. 3$000 br . . . . 2$000

Flôres entre espinhos, contos poeticos, por J. Norberto de Souza e Silva. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Flôres Silvestres. Poesias, por F. L. Bittencourt Sampaio. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Folhas do Outomno, collecção de primorosas poesias, por Bernardo Guimarães. 1 v. in-8.° enc. 3$000. br. . 2$000

Hugonianas, poesias de Victor Hugo, traduzidas por poetas

brazileiros, collegidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.° enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Iliada de Homero. Trad. em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.° enc. . . . . 6$000

Os Lusiadas, por LUIZ DE CAMÕES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego Dr. J.-C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões e os Lusiadas* pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brazileira. 1 v. in-12, dourado 5$000, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Lyra do trovador. Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc. 1 v. in-8.° br. . . . . 1$000

Marilia de Dirceu, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.° enc. . . . . 6$000

Moniz Barretto, o repentista, estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Nebulosa (A). Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-4.° enc. . . . . 4$000

Novas Poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° 3$000, br. . . . . 2$000

Obras completas de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Obras poeticas, de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO E SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Obras poeticas de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° nitidamente impresso, enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Obras poeticas, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.° enc. . . . . 6$000

O outomno, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Opalas, poesias por FONTOURA XAVIER. 1 v. in-8.° br. 2$000

Paraiso Perdido (O), epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.° enc. . . . . 12$000

Parnaso Brazileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr.

Mello Moraes Filho. 2 grossos vs. in-8.° enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Parnaso Juvenil ou **poesias moraes**, colleccionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por Antonio Maria Barker. 8.ª edição 1 v. in-8.° enc . . . . 3$000

Obras posthumas de A. Gonçalves Dias, precedidas de uma noticia de sua vida e obras pelo Dr. Antonio Henriques Leal. 6 vs. in-4.° enc. . . . . 25$000

Phalenas, por Machado de Assis. Poesias : Varia, Lyra chineza. Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Poesias : Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por Bernardo Guimarães. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br . . . . 3$000

Poesias avulsas, pelo Dr. J. G. de Magalhães, visconde de Araguaya. 1 v. in-4.° enc. . . . . 8$000

Poesias, de A. Gonçalves Dias, 8.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive os Tymbiras, e cuidadosamente revista por J. Norberto de Souza e Silva, precedida da biographia do autor, pelo Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000

Poesias de Francisco de Paula Brito, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. Moreira de Azevedo. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Poesias, por Alberto Oliveira. Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assio, Araupe Junior e Affonso Celso (todos da Academia Brazileira) com o retrato do autor. 1 vol. nitidamente impresso em Paris, enc. 6$000, br. . . . . 5$000

Poesias posthumas de Faustino Xavier de Novaes. 1 vol. in-4.° enc. . . . . 6$000

Primeiros versos, por Julio de Castilho. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Quadros, Poesias, de Joaquim Serra. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Revelações, poesias de Augusto Emilio Zaluar. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4.° enc . . . . 5$000

Suspiros Poeticos e Saudades, pelo Dr. J. G. de Magalhães, visconde de Araguaya. 1 v. in-8.° enc. . . . 8$000

Urania. Collecção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. de Magalhães, visconde de Araguaya. 1 vol. in-4.° nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado. . . . . 8$000

Vesperas, poesias dispersas, por Thomaz Ribeiro, 1 v. in-4.° br. . . . . 7$000

3.° — THEATRO

Azas (As) de um Anjo. Comedia em um prologo, 4 a. e 1 epilogo, por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Cincinato Quebra-Louça. Comedia en 5 actos, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 1 v. in-8.° br. . . . . . 2$000

Comedias de Martins Penna, com um estudo critico sobre o autor e o theatro no Rio de Janeiro por Mello Moraes Filho e Sylvio Romero, enc. 5$000, br. . . . . . 4$000

Demonio (O) Familiar. Comedia em 4 a. por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.° br. . . . . 2$000

D. Ignez de Castro. Drama em 5 actos e em verso, por Julio de Castilho. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . 3$000

Jesuita (O). Drama em 4 a., por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Mãe. Drama en 4 actos, por J. M. de Alencar. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Moleiro de Alcalá (O). Operetta em 3 actos e 4 quadros, por Eduardo Garrido; musica de J. Clerice. 1 v. br. . . . . 3$000

Olgiato. Tragedia em 5 actos, pelo Dr. J. G. de Magalhães, visconde de Araguay. 1 v. in-4.° br. . . . . 2$000

Peccados Velhos, farça em um acto, por Eduardo Garrido 1 vol. in-8.°. . . . . 3$000

A Pera de Satanaz, magica por Eduardo Garrido. 1 vol. in-8.°, br. . . . . 3$000

O Primo da California. Opera em 2 actos, pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, 1 v. in-8,° br. . . . . 1$000

Scenas e Cançonetas em prosa e em verso, por Eduardo Garrido. 1 vol. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Scenas e Monologas, em prosa e em verso, por Eduardo Garrido. 1 vol. in-8°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Theatro alegre, comedias, operetas, magicos, etc., por Eduardo Garrido, tomo I. O moleiro d'Alcalá, opereta. A pera de Satanaz, magica e Peccados velhos farça. 1 vol. in-8°, enc. . . . . 5$000

Theatro do Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 3 vs. in-8.° nitidamente impressos, enc. 9$000, br. . . . . 6$000

Volume I : Luxo é Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.

Volume II : A Torre em Concurso, o Cégo, Cobé, Abrahão.

Volume III : Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.

As seguintes peças tambem vendem-se separadamente :

A Torre em concurso. . . . . 1$500
Lusbella. . . . . 1$500
Fantasma Branco. . . . . 1$500
Novo Othelo. $500

Tragedias: Antonio José, Olgiato, Othelo, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° enc. 8$000
Verso e Reverso. Comedia em 2 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. br. 1$000

4.° VIAGENS

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 1860-1861, 1 v. in-4.°. . . . . 6$000
Viagem ao redor do Brazil, por Severiano da FONSECA. 2 vols. enc. (raro). . . . . 25$000
Viagem Imperial, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° br. $400

5.° — HISTORIA

Memorias do meu tempo, pelo Conselheiro, J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 v. in-4.° enc. 14$000, br. . . . . 10$000
Apontamentos para a Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil, por M. E. DE CAMPOS PORTO. 1 v. in-4.° enc. 8$000, br. . . . . 5$000
Criminosos celebres. Episodios historicos : Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, os Salteadores da Ilha da Caqueirada, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Estadistas parlamentares, ou biographias de 24 notaveis parlamentares brazileiros, por TIMON. 1 v. in-folio br. contendo 7 retratos. . . . . 4$000
Galeria historica da Revolução Brazileira, pelo Dr. URIAS DA SILVEIRA. 1 v. in-4.° gr. enc. . . . . 6$000
Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupira, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000
Historia da Guerra do Paraguay por TH. FIX, traduzida por J. FERNANDES DOS REIS. e annotada por ***. 1 v. in-4.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Historia da Republica jesuitica do Paraguay desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo CONEGO JOÃO PEDRO GAY, 1 grosso volume in-4.° enc. 12$000, br. . . . . 10$000
Historia Geral do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, seguida de uma noticia biographica do estado actual do Paraguay, por DEMERSAY 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Historia dos Jesuitas, por A. J. DE MELLO MORAES. 2 vs. in-4.° enc. . . . . 16$000
Historia dos Martyres da Liberdade. por A. ESQUIROS, vertida da lingua franceza por A. GALLO, e augmentada

com episodios tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4.° enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Historia Universal da Egreja, pelo Dr. João Alzog; traducção de José Antonio de Freitas; obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brazileiro. 4 v. in-4°. enc. . . . . 40$000

Homens do passado, chronicas dos seculos XVIII e XIX; pelo Dr. Moreira de Azevedo. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Jeronymo Côrte-Real. Chronica dos seculo XIV, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Manoel de Moraes. Chronica do seculo XVI, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Marquez (O) de Pombal. Obra commemorativa do centenario de sua morte, mandada publicar pelo Club de regatas Guanabarense do Rio de Janeiro, ornada de um retrato do Marquez. 1 grosso vol. br. . . . . 6$000

Memorias do Marquez de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Primeiras linhas da Historia da Republica dos Estades Unidos do Brazil, pelo Dr. Joaquim José de Carvalho. 1 v. in-8.° br. . . . . 2$000

Primero (O) Reinado estudado á luz da sciencia, ou a revolução de 7 Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia, por L. F. da Veiga. 1 grosso volume in-4.° gr. enc. 8$000, br. . . . . 6$000

Resumo da Historia Contemporanea, desde 1814-1865, pelo Conego Dr. J G. Fernandes Pinheiro. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Resumo da Historia Litteraria, pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 grossos volumes in-4.° nitidamente impressos, enc. 17$000, br. . . . . 14$000

Rio (O) de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, pelo Dr. Moreira de Azevedo. 2 vs. in-4.° enc. 15$000, br. . . . . 12$000

Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo, sua vida, suas opiniões e sua epoca, por seu filho Joaquim Nabuco.
Tomo primeiro 1817-1852, enc. 15$000, br. . . . 10$000
— segundo 1857-1866, enc. 15$000, br. . . . 10$000
— terceiro, 1866-1879, enc. 15$000, br. . . . 10$000
Vendem-se separadamente cada volume.

Varões (Os) illustres do Brazil durante os tempos coloniaes, pelo Conselheiro Pereira da Silva. 3.ª edição, augmentada e correcta. 2 v. in-8.°. . . . . 8$000

Viagens em Marrocos, por Ruy da Camara, com illustrações. 1 v. in-4.° br. . . . . 5$000

Vida do grande cidadão brazileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde, marquez, duque de Caxias, desde o seu nascimento, em 1803, até 1878, pelo Padre Pinto de Campos. Ornado de um bello retrato do Duque de Caxias. 1 v. in-4.° br. . . . . 5$000

6.° — POLITICA

Attribuições dos Presidentes da Provincia, por Caetano José de Andrade Pinto, juiz de direito. Estudo dividido em duas partes : 1.ª. O commentario á lei n. 38 de 3 de outubro de 1834, 2.ª. Nomenclatura dos serviços administrativos pertencentes aos presidentes de provincia. 1 v. in-4°. . . . . 6$000

Brazil em 1870 (O). Estudo politico, pelo Dr. A. A. de Souza Carvalho. 1 v. in-8.° br. . . . . 1$000

Brazil Social e Politico (O), ou o que fomos e o que somos, com trechos analogos extrahidos do sermonario do famoso politico Padre Antonio Vieira por A. J. de Mello Moraes. 1 v. in-4.° br. . . . . 1$000

Discursos proferidos nas sessões do parlamento brazileiro de 1870 e 1871, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva. 1 v. in-4.° br. . . . . 3$000

Discursos proferidos na Camara dos Deputados e no Senado na sessão de 1869, por J. M. de Alencar. 1 v. in-4.° br. (G.). . . . . 2$000

Discursos proferidos na sessão de 1871 da Camara dos Deputados, por J. M. de Alencar. 1 v. in-4.° br . . . 3$000

Discursos Parlamentares, proferidos nas sessões de 1867-1869, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br. 3$000

Empire du Brésil (L'), situation sociale, politique et économique, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Imperialismo (O) e a Reforma, pelo Dr. A. A. de Souza Carvalho. 1 v. in-8.° br. . . . . 1$000

Liberdade (A) da Industria, nas suas relações com a politica e com a historia da civilisação, por Candido de Figueiredo. 1 v. in-4.° br. . . . . 1$000

Obras Litterarias e Politicas. Recordações de viagens e esboços historicos, pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva. 2 vs. in-4.° enc. . . . . 10$000

Repertorio da Constituição politica do Imperio do Brazil e do Acto addicional, com a citação das leis, decretos e avisos relativos da mesma Constituição organisado por J. P. M. Portella. 1 v. in-8.° enc. . . 3$000

Systema (O) representativo, por J. M. de Alencar. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

7.° — OBRAS DIVERSAS DE INSTRUCÇAO E ESPIRITISMO

Alcorão (O), escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.° grande enc 25$000, enc. de luxo. . . . . 30$000

De Foë : Aventuras de Robinson Crusoé, traduzidas do original Inglez. Dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. . . . . 10$000

Bertoldo e Familia. 1 v. in-12 enc. perc. . . . . 2$000

Confissão de um badense, seguida de : **O Coronel Happetaler**. Lembrança da guerra Franco-Prussiana ; Estudos humoristicos sobre o genio, temperamento, caracter, inclinações, usos e costumes dos Allemães, pintados á imitação da natureza, por A. ASSOLANT. Versão de A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Depois da morte ou a vida futura, segundo a sciencia por LUIZ FIGUIER, versão do Dr. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.° enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Deus na Natureza, por CAMILLO FLAMMARION, traduzido da 14.ª edição. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . . 4$000

Diccionario abreviado da fabula, por CHAMPRÉ, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc. . . . . 3$000

Dr. Judassohn (O). Estudo sobre o caracter allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. 1$000

Evolução Animica (A), por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . 4$000

Grandes Invenções (As) antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes : a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidre, os Oculos de alcance, o Telescopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applicações da electricidade estatistica, Applicações da electricidade dynamica, os diversos systemas de illuminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, a Drenagem, por LUIZ FIGUIER, 1 v. in-4.° enc. . . . . 25$000

Homem primitivo (O), por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuaes das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.° enc. 16$000

Os mundos Imaginarios e os mundos Reaes. Viagem pit-

toresca pelo céo, por C. FLAMMARION. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso volume in-8.° enc. 5$000, br. 4$000

Narrações do infinito. — Lumen. — Historia de um Alma. — Historia de um Cometa. — A vida Universal e Eterna, por C. FLAMMARION. 1 grosso volume in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Nos templos de Himalaya, por VAN DER NAILLEN. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. enc. 5$000, br.. . . 4$000

Phenomeno Espirita (O). Testemunhos dos Sabios com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA, por GABRIEL DELANNE. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br.. . . . . 4$000

Pluralidade dos Mundos Habitados. Estudo em que se expõe as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por C. FLAMMARION. Traduzida da 23.ª edição por M. VAZ PINTO COELHO e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . . 4$000

Paulo e Virginia, por BERNARDIN DE SAINT-PIERRE, com estampas. 1 v. in-18.° enc. . . . . 2$500

As Raças humanas, por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.° enc. . . . . 22$000

Os Sabios illustres (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER, traducção de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.° br. . . . . 2$500

Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas; por EMM. LIAIS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

II. — MISCELLANEA

1.° — OBRAS DE UTILIDADE PRATICA. — ECONOMIA DOMESTICA, ETC.

Arte (A) do Alfaiate, por E. COMPAING, director do « Jornal dos Alfaiates. » Traducção completa do córte do vestuario. 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. . . . 4$000

Conselheiro (O) da Familia Brazileira, encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica. Um grosso volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre : habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrasas viciosas, receitas culinarias, etc., etc., pelo Dr. FELIPPE NERY COLLAÇO, bem encadernado. . . . . 6$000

Conselheiro (O) secreto das damas, segredos de toucador e receitas infalliveis para conservar e embellecer as diversas partes do corpo 1 v. in-32. . . . . 2$000

Correspondencia commercial (A), contendo mais de 300 cartas, circulares, offerecimentos de serviços, cartas de introducção et de recommendação, cartas de credito, pedido de informações, ordens de bolsa, operações de cambio, negocios em participação, consignações, transportes, seguros, transacções geraes, etc., etc., por HENRIQUE PAGE. 1 v. in-8.° enc.. . . . . 5$000

Cozinheiro nacional ou collecção das melhores receitas das cozinhas brazileira e européas, para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixe, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobremesa, etc. etc., acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar. 1 grosso vol. in-8.° ornado com numerosas e finas estampas . . . . 3$000

Cultura das abelhas, tratado completo e pratico de apicultura. por A PAULO SALLES. 1 v. in-8.° enc. . . 2$500

Doceiro Nacional ou Arte de fazer toda a qualidade de doces. Obra contendo 1,200 receitas conhecidas e ineditas acompanhada dos diversos processos usados para a depuração e extracção do assucar contido nas plantas saccharinas. Ornado com numerosas estampas. 1 v. impresso em Pariz . . . . 3$000

Encyclopedia popular (leituras uteis). Noções escriptas e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos; noticias relativas ás cousas e instituições do Brazil; apontamentos historicos, geographicos, estatisticos, biographicos, industriaes, litterarios, etc.; por BERNARDO SATURNINO DA VEIGA. 1 v. in-4.° grande enc. . . . . 16$000

Guia pratico do distillador por E. ROBINET 1 v. in-8.° enc.. . . . . 6$000

Jardineiro brazileiro, por PAULO SALLES. 4.ª edição. 1 v. in-8.° com numerosas gravuras. . . . . 4$000

Manual de Arboricultura. Tratado theorico e pratico da cultura das arvores fructiferas com 100 estampas, por A. DE SOUZA FIGUEIREDO. 1 v. in-4° enc. . . . . 8$000

Manual do Capitalista, por BONNET. 1 v. in-4.° enc. percalina . . . . 6$000

Com alguma pratica em compulsar este livro, pratica que aliás se adquire facilmente, o negociante, o banqueiro, o guarda-livros, o empregado de fazenda ficam habilitados a effectuar a mais complicada operação de juros, de conta corrente, de porcentagem, emquanto o diabo esfrega um olho...

Manual do Gallinheiro. Arte de melhorar e tratar as gallinhas e mais **aves domesticas**, contendo regras e conselhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e producção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestias e

seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 nitido vol. in-8.- com gravuras, enc. . . . . 3$000

Manual pratico de Viticultura, por GUSTAVO FOEX. 1 v. in-8.° enc. 4$000

Memoria sobre a sericultura no Brazil, por JOSÉ PEREIRA TAVARES. 1 v. in-4.° com 5 grandes estampas explicativas, br. . . . . 4$000

Novo manual do cozinheiro, ou Arte da cozinha posta ao alcance de todos, por CONSTANTIN CARNEIRO, chefe de cozinha. 1 v. in-18 com estampas, enc. . . . . 2$500

Novo manual epistolar, ou Arte de Escrever todo o genero de cartas segundo o gosto actual. 1 v. in-18 enc. . 2$000

Orador popular, por JOSÉ ALVES CASTILHO. 1 v. in-8.° enc . . . . 3$000

Este livro contém modelos de discursos, uma infinidade de modelos, desde o de « duas palavras » que se dizem á sobremesa, em dia de annos, até a oração funebre, que se pronuncia á beira de um tumulo aberto. E de grande utilidade pratica.

Secretario brazileiro. 1 v. in-8.° enc . . . . 3$000

O *Secretario* é um livro que contém nada menos de 306 modelos de cartas; ha n'elle cartas para o que a gente precisar, desde pedir desculpa de não ir a uma festa, até rogar ao senhorio mais alguns dias de praso para o pagamento da casa. O *Secretario* não é um livro — é um thesouro.

O *Secretario* e com o *Orador*, tendo-se boa memoria, um homem póde rir desdenhosamente das cartas em que ha *amigo* com dous *mm* e dos discursos interrompidos frequentes vezes por aquillo a que chamam « caroço ».

Thesouro das familias ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. Collecção de 1952 receitas utilissimas e necessarias a todas as classes da sociedade, sobre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, etc., etc. Obra extrahida e compilada dos autores os mais afamados e os mais modernos de todos os paizes e augmentada de muitas e variadas receitas privadas e ineditas; por VICTOR RENAULT. 1 grosso v. nitidamente impresso e enc.. . . . . 6$000

Tratado completo sobre o porco, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *molestias e seu tratamento*, seguida da **criação do coelho** e dos differentes modos de accommodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *cupivara*, a *paca* a *cutia* e o *porquinho da India*, acompanhado do **Charcuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como : presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc., por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.° ornado de numerosas gravuras, enc. . . . . 3$000

Tratado de cultura da Canna de assucar, trad. ophes-

panhol por REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4.° enc. 6$000, br. . . . . . . 4$000

Tratado pratico de Medicina veterinaria. Arte da prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o cão; e contendo a Anatomia, a Physiologia e Hygiene, Symptomas, o Tratamento das doenças, a Therapeutica, o modo de administrar os remedios e a inoculaçao preventiva por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura. Obra traduzida da ultima ediçao franceza, ornada de 35 gravuras. 1 vol. in-8.°, enc. , broché. . . . .

Tratado pratico da fabricação do queijo e da manteiga, acompanhado de um tratado sobre as *vaccas*, *cabras e carneiros* meios praticos sobre a criação, reproducção e e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc. . . . . 3$000

Trado do mundo (**O**), por DUFAUX DE LA JONCHÈRE, traducção de SIMÕES DA FONSECA. 1 v. in-8.° enc. . . 5$000

Util Cultivador (**O**) instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima, pelo Dr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO. 1 v. in-4.° enc. . . . . 5$000

OBRAS DE SAMUEL SMILES

Ajuda-te, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de***, 1.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Caracter (**O**), traduzido por D. ADELAIDE PEREIRA. 1 grosso v. in-8.° enc. 4$000, br . . . . 3$000

Dever (**O**), com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Economia Domestica Moral ou a felicitação e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.° br. 3$000,

Poder da Vontade, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad, de A. J. FERNANDES DOS REIS, 2.° edição. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Vida (**A**) **e o Trabalho**, traducção de CORINNA COARACY. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br . . . . 3$000

HYGIENE DA GERACAO

Pelo Dr. P. GARNIER

O Matrimonio considerado nos seus deveres, relaçõeceo effeitos conjugaes desde o ponto de vista legal, hygienni,. physiologico e moral, 1 v. in-8.°, com 36 gravuras, ecs 5$000, br. . . . . 4$000

A Geração Universal, Leis, Segredos e Mysterios no homem e na mulher, 1 vol. in 8.° numerosas gravuras no texto, enc. 5$000, br. . . . . 4$000
O Onanismo só e a dois, desde todas as fórmas e consequencias, 1 gr. v. in-8.° . . . .
Impotencia physica e moral nos dois sexos. Causas signaes, remedios, 1 v. in-8.°, com gravuras. enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Hypnotismo e suggestão, esboço de estudo por Mont'Alverne de Sequeira, 1 v. in-4° enc. . . . . 10$000
Medicina domestica homœopathica ou Guia pratica da arte de curar homœopathicamente, contendo tudo quanto de mais util se póde encontrar nos autores homœopathas Hahneman, Hering, Currie, Dunsford, Laurie, Hartmaan, Bœnningnausen, Ruoff, Hartlaub e outros ; pelo Dr. Thomas Cochrane. 2 grossos vs. in-4° enc. . . . . . . 16$000
Phytographia ou Botanica Brazileira applicada ás artes e industrias, seguida de um supplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades pelo Dr. J. A. de Mello Moraes. Um grosso volume in-4°, com 550 paginas, em bom papel e nitida impressão, enc. . . . . . . 15$000
Revista da Exposição Anthropologica, pelo Dr. Mello Moraes Filho. Obra illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-folio enc. . . . . 10$000

Em preparação :

A Esterilidade humana e o hermaphrodismo no homem e na mulher. 1 vol. in-8.° com gravuras, enc. 5$000, br. . . . . 4$000
O Celibato e os celibatarios, caracteres, perigos e hygiene nos dois sexos, 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
As Anomalias sexuaes, apparentes e occultas, com 230 observações, 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
O Males de Amor, contagio, preservativos e remedios com 112 observações, 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

OBRAS RECREATIVAS, HUMORISTICAS, ETC.

BIBLIOTHECA POPULAR

Cada vol. 500 reis.

Historia da Princeza Magalona. Novissima edição, 1 v. br.
Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br.

Historia de João de Calais. Novissima edição, 1 v. br.

Historia do Pelle de Asno, ou a **Vida do Principe Cyrillo** Novissima edição, 1 v. br.

Historia jocosa dos Tres corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se descreve o equivoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br

Historia do GrandeRoberto do Diabo, Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, pelo que mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, pelo que mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br.

Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Ladonio de Roma. Novissima edição, 1 v. br.

Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos **Doze pares de França,** contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br.

Confissão geral do Marujo Vicente por via das rogativas que lhe fez sua mulher **Joanna** e sua aparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br.

Despedida de João Brandão a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da **Resposta de Corolina Augusta**. Novissima edição, 1 v. br.

Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquertejou sua propria mãi Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848. 1 v. br.

Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcofia, sua mãi. Novissima edição, 1 v. br.

Vida de Cacasseno, filho de simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição, 1 v. br.

A noite na Taverna, cantos phantasticos por ALVARES DE AZEVEDO. Precedido de um esboço biographico pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. br.

Galatéa. *Egloga*. 1 v. br.

Vozes d'Africa. **O Navio negreiro,** tragedia no mar. 1 v. br.

Disputa divertida das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para e pessoa que fôr casada. 1 v. br.

Os Escravos. *Manuscriptos de Stenio*. 1 v. br.

Bom (O) do Sr. Leitão, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12°, enc 1$600, br . . . . 1$000

Cartas Fatidicas, respostas infalliveis a todos os problemas

da vida humana. As respostas são sempre certas. Alexandre, Cesar, Annibal e Napoleão as consultaram, e a ellas deveram os seus triumphos. Com estas cartas adivinha-se a sorte de qualquer pessoa, 100 cartões nitidamente impressos . . . . 1$600

Cartas Magicas. Adivinhações faceis por meio da leitura de amenos versos. Novissimo entretenimento de imaginação para desenfado da gente séria nas noites de reuniões da sociedade brazileira. Um estojo com 32 cartas comprehendendo os quatro naipes, bem impressos e dignas do fim a que se destinam. . . . . 1$600

Conselheiro dos Amantes (O). Collecção de differentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos, seguido de um appendice contendo a linguagem das flôres, emblema das côres, terminando pelo telegrapho amatorio, ou modo de fazer signaes, nova edição. 1 v. in-8° br. 500

Contos Jocosos, por Kock Junior. 1 v. in-12° enc. 1$600, br . . . . 1$000

Cornucopia dos Salões. Livro indispensavel a todos quantos desejem passar e mplena alegria. Mil noites festivas. Contendo completa collecção de sortes, jogos de sociedades, perguntas enygmaticas, charadas, cartomancia, meio facil de adivinhar o futurc, prestidigitação e subtilezas, jogos de cartas, solo, voltarete, marimbo, besigue, emprestimo, diabrete, quatro reis, tontinha, venda, etc. 1 v. in-8° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Dados da Fortuna. Modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brazileira, nas noites de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna, contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas. Edição apropriada tanto á côrte como ás provincias do Imperio. 1 v. in-8°, br. 1$600

Diccionario das Flôres, folhas, fructas, hervas e objectos mais usuaes, com significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 v. br. . 500

Esphinge (A). Palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias a aguçaro espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brazileiras, e para desenfado, recreio e passatempo sempre agradavel nas noites de fogueiras de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. Publicado para a felicidade de quem o possuir comprando-o. 1 v. bem impresso, in-8°. . . . . 1$600

Jogo da Conversação bello entretenimento de perguntas e respostas ou disparates e acertos engraçados para passatempo das familias brazileiras, 2 estujos com 100 perguntas e 100 respostas . . . . 3$200

Letras Mysteriosas. — Adivinhações faceis por meio da leitura de trechos em prosa. Novissimo entretenimento da imaginação para desenfado das noites de reuniões da sociedade brazileira. Um elegante estojo com 25 bonitos cartões nitidamente impressos. . . . . 1$600

Livro des Sonhos, no qual se encontra a sua explicação ao alcance de qualquer pessoa. 1 v. in-12, br. 500

Livro (O) dos Sonhos, ou Explicação clara e facil das visões e inspirações nocturnas, segundo os mais famosos cabalistas gregos, arabes, egypcios e persas, seguido da Cartomancia, ou Arte de ler o futuro nas cartas. Nova edição revista e corrigida, illustrada. 1 v. in-18°. . 2$000

Adivinhador. Livro feiticeiro das Senhoras, ou Novissimo oraculo de donas e donzellas, contendo 70 perguntas e 1,120 respostas de fazer pasmar pelo seu acerto, por O ADIVINHADOR. 1 v. in-8°, nitida edição. . . . . . 1$600

Cartões de amor. Jogo dialogado e em versos entre damas e cavalleiros para desenfado das noites de inverno. Um estojo com 100 cartões. . . . . 1$600

Um marido por um pé de meia, por KOCK JUNIOR, 1 v. in-12°, enc. 1$600 . . . . 1$000

Mata-Horas (O) Aborrecidas. Nova e interessantissima collecção de jogos de sociedade, comprehendendo 127 jogos de prendas e de espirito ou imaginação, de dansa, de musica, de penitencia e de mystificação. 1 volume in-8°, bem impresso. . . . . 1$600

Mensageiro dos amantes, ou Arte de agradar e obter successos em amores. Contêm modelos de correspondencia galante em todos os casos possiveis. 1 estampa. 1 volume in-18° . . . . 2$000

Mosaico Brazileiro, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8°, enc . . . . 3$000

Novissimo e completo Manual de dança, tratado theorico e pratico das danças de sociedade, por ALVARO DIAS PATRICIO. 1 v. in-8°. enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Novo manual de Jogos de sociedade e de prendas. 1 estampa. 1 v. in-18° . . . . 2$000

Pandego (O), por KOCK JUNIOR. 1 volume in-12° enc. 1$600, br. . . . . 1$000

« O Pandego » é uma narrativa cheia de interesse que, sobretudo, se recommanda pela proveitosa lição de moralidade que encerra; n'ella se vê o quanto se torna prejudicial ao futuro dos filhos a demasiada solicitude paterna, e como as maiores provações e contratempos da vida, em vez de alquebrar, retemperam e engrandecem os caracteres nobres, embora da infima condição.

Oraculo das familias. 1 v. br. . . . . 1$600

Pequeno Diccionario dos nomes proprios mais usados no Brazil e em Porgal, com a respectiva significação; por L. F. DA VEIGA. 1 v. in-12 br. 1$000, enc. . . . . . 1$500

Prestidigitação, por ROBERT. br. 2$000, enc. . . . 3$000

Roda do Destino. Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brazileiras nas noites de fogueiras, composto segundo as melhores indagações philosophicas, physiologitas e astrologicas, feitas no horoscopo da humanidade e debaixo das inspirações somnambulisticas, contendo 51 perguntas de novos e interessantes assumptos, e 128 respostas em 4992 versos! Acompanhada de um mechanismo expressemente inventado para se tirar as sortes com toda a certeza e infaillibilidade. 1 v. . . . . 3$500

Segredo de triumphar das mulheres e fixal-as, seguido dos signaes que annunciāo propensāo ao amor. 1 v. in-18° 2$500

Sortes de physica recreativa. 1 v. br. 2$000, enc. 3$000

Sortes de Cartas. 1 v. br. 2$000, enc. . . . . 3$000

Verdadeiro oraculo dos maridos e dos amantes, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas. 1 v. in-12°. . . . . 1$500

Verdadeiro oraculo das damas e donzellas, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas relativas ás epochas e successos mais notaveis da vida. 1 volume in-12° . . . . 1$500

Verdadeiro livro de S. Cypriano (O.). Edição a mais completa, por Possidonio Tavares. 1 vol. in-8°, br. 3$000

DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO
ILLUSTRADO
DA
LINGUA PORTUGUEZA

CONTENDO

Vocabulario portuguez. — Historia. — Biographia.
Geographia. — Mythologia.

POR

SIMÕES DA FONSECA

Antigo professor de Litteratura portugueza em Pariz; Membro e antigo Secretario da Associação litteraria e artistica internacional.

Terceira edição melhorada

1 vol. gr. in-18 encadernado. . . . . 8$000

Paris — Typ. Garnier Irmãos, 6, rue des Saints-Pères.

PARIS. — TYP. GARNIER IRMÃOS, 6, RUA DOS SAINTS-PÈRES — 4266